

I

A aventura do Estrela do Ocidente

EU ESTAVA PARADO NA JANELA da sala de Poirot, olhando ociosamente para a rua lá embaixo.

— Mas que coisa estranha! — murmurei de repente.

— O que é, mon ami? — perguntou Poirot, placidamente, das profundezas de sua confortável poltrona.

— Quero ver a dedução que tira dos fatos, Poirot. Estou vendo uma jovem, ricamente vestida, com um chapéu elegante e uma pele suntuosa. Está subindo a rua lentamente, olhando para os números das casas. Ela não sabe, mas está sendo seguida por três homens e uma mulher de meia idade. Um pequeno mensageiro acaba de se juntar ao grupo, aponta para a jovem, gesticula. Que drama estará ocorrendo lá embaixo? Será que a jovem é uma vigarista e os seguidores são detetives preparando-se para prendê-la? Ou será que são criminosos, planejando atacar uma vítima inocente? O que o grande detetive tem a dizer? — O grande detetive, mon ami, escolhe como sempre o caminho mais simples. Ele se levanta para ver pessoalmente o que se passa.

E meu amigo veio postar-se também à janela. Um instante depois, soltou uma risadinha divertida.

— Como sempre, mon ami, os seus fatos estão impregnados de um romantismo incurável. Aquela é Mary Marvell, estrela de cinema. Está sendo seguida por um bando de admiradores que a reconheceram. E, em passant, (*concorrido,*) meu caro Hastings, devo dizer que ela está perfeitamente a par da ocorrência! Soltei uma risada.

— Está tudo explicado! Mas não merece aplausos por isso, Poirot. Foi uma simples questão de reconhecimento.

— En vérité! (*Realmente!*) E quantas vezes já viu Mary Marvell nas telas, mon cher? (*meu caro?*) Pensei um pouco.

— Talvez uma dúzia de vezes.

— E eu a vi apenas uma vez! Mas, apesar disso, eu a reconheci e você, não.

— Mas ela parece tão diferente...

— Ah! Sacré! (*Consagrado!*) Estava esperando que ela passeasse pelas ruas de Londres com um chapéu de cowboy ou descalça e com cabelos

cacheados como uma garota irlandesa? Só percebe as coisas não essenciais, meu amigo! Lembre-se do caso daquela dançarina, Valerie Saintclair.

Dei de ombros, ligeiramente aborrecido.

— Mas console-se, mon ami. Nem todos podem ser como Hercule Poirot. Sei disso perfeitamente.

— Nunca vi ninguém ter tão boa opinião a respeito de si mesmo! — exclamei, dividido entre o divertimento e a irritação.

— O que estava querendo? Quando se é único, não se pode ignorar o fato. E há outros que partilham dessa opinião... inclusive, se não estou enganado, até a Sra. Mary Marvell.

— Como assim?

— Não tenho a menor dúvida de que ela está vindo procurar-me.

— E como pode saber disso? — É muito simples. Esta rua não é aristocrática, mon ami. Não tem um médico ou um dentista em moda... nem mesmo uma chapeleira em moda! Mas tem um detetive em moda. Oui, *(Sim,)* meu amigo, é verdade... estou em moda, sou o dernier cri! *(último grito!)* Uma pessoa diz a outra: Comment? *(Como?)* Perdeu sua lapiseira de ouro? Pois vá procurar o pequeno belga! Ele é maravilhoso! Todo mundo vai! Courex! *(Corram!)* E as pessoas vêm chegando! Aos bandos, mon ami! E com os problemas mais tolos que se podem imaginar! Uma sineta soou lá embaixo, e Poirot acrescentou: — Eu não disse? É a Sra. Marvell.

Como sempre, Poirot estava certo. Depois de um breve intervalo, a jovem estrela do cinema americano foi introduzida na sala, e levantamos para recebê-la. Mary Marvell era indubitavelmente uma das atrizes mais populares do cinema. Chegara recentemente à Inglaterra, em companhia do marido, Gregory B. Rolf, que também era ator de cinema. O casamento ocorrera cerca de um ano antes, nos Estados Unidos, e aquela era a primeira visita do casal à Inglaterra. Havia tido uma grande recepção. Todos estavam preparados para se deslumbrar com Mary Marvell, suas roupas maravilhosas, suas peles, suas joias, uma delas em especial: o grande diamante que fora batizado, para combinar com a dona, de Estrela do Ocidente. Muitas coisas, algumas verdadeiras, outras inverídicas, já haviam sido escritas a respeito da famosa pedra, que se dizia estar segura pela fabulosa quantia de cinquenta mil libras. Todos esses detalhes passaram-me rapidamente pela cabeça, ao cumprimentar, junto com Poirot, nossa linda cliente. Era pequena e esguia, muito loura, de ar infantil e olhos azuis, grandes e inocentes como os de uma criança. Poirot puxou uma cadeira para ela, e a moça começou a falar imediatamente: — Provavelmente vai me achar uma tola, M. Poirot. Mas, ontem à noite, Lorde

Cronshaw contou-me como o senhor foi maravilhoso ao esclarecer a morte do sobrinho dele. Concluí que deveria pedir seu conselho. Talvez seja apenas uma brincadeira de mau gosto (Gregori afirma que não passa disso), mas mesmo assim estou terrivelmente preocupada.

Ela parou para respirar. Poirot sorriu, encorajando-a.

— Continue, por gentileza, madame. Afinal, ainda estou completamente no escuro.

— Aqui estão as cartas — disse Mary Marvell, abrindo a bolsa e tirando três envelopes, que entregou a Poirot.

Meu amigo examinou-os atentamente, comentando: — Envelopes comuns... o nome e o endereço escritos cuidadosamente em letras de fôrma. Vamos ver o que está dentro.

Poirot abriu o primeiro envelope. Eu estava atrás dele, olhando por cima de seu ombro. A mensagem era constituída por uma única frase, cuidadosamente escrita em letras de fôrma, bem como o envelope. E essa única frase era a seguinte: “O grande diamante, que é o olho esquerdo do deus, deve voltar para o lugar de onde veio”.

O segundo envelope continha uma mensagem exatamente igual. Mas a terceira mensagem era mais explícita: “Já foi avisada. Não obedeceu. Agora, o diamante lhe será tomado. Na lua cheia, os dois diamantes, que são o olho esquerdo e o olho direito do deus, voltarão. Assim está escrito”.

— Encarei a primeira carta como uma brincadeira explicou Mary Marvell. — Quando recebi a segunda, comecei a me perguntar se seria mesmo. A terceira chegou ontem. E achei que, no final das contas, podia ser algo muito mais sério do que eu imaginara a princípio.

— Estou vendo que as cartas não foram despachadas pelo correio.

— Tem razão. Foram entregues pessoalmente... por um chinês. E é justamente isso o que me assusta.

— Por quê? — Porque Gregory comprou o diamante, a três anos, de um chinês em San Francisco. — Estou vendo, madame, que acredita que o diamante a que se referem às mensagens é o ...

— Estrela do Ocidente — arrematou Mary Marvell.

— É isso mesmo. Gregory recorda que havia alguma história ligada ao diamante. Mas o chinês não deu qualquer informação. Gregory diz que ele parecia estar apavorado e com pressa de se livrar logo do diamante. Pediu apenas um décimo do valor. Foi o presente de casamento que Greg me deu.

Poirot assentiu, pensativo.

— A história parece ser de um romantismo inacreditável, madame. Mas... quem sabe? Por gentileza, Hastings, pegue meu pequeno almanaque.

Atendi prontamente.

— Voyons! (*Vejamos!*) — disse Poirot, folheando rapidamente o almanaque. — Vamos ver quando é a próxima lua cheia ... Ah, aqui está! Será na sexta-feira. Ou seja, dentro de três dias. Eh bien, (*bem,*) madame, veio pedir meu conselho... e vou dá-lo. Essa belle histoire (*bela história*) pode ser uma brincadeira... e pode não ser! Portanto, eu a aconselho a colocar o diamante sob minha guarda até a próxima sexta-feira. Depois, poderemos adotar as medidas que julgarmos necessárias.

Uma ligeira expressão de contrariedade se estampou no rosto da jovem atriz, que respondeu, constrangida: — Receio que isso seja impossível.

— O diamante está com a senhora... hein? Poirot observava-a atentamente. A jovem hesitou por um momento, antes de enfiar a mão dentro do vestido e retirar uma corrente fina e comprida. Inclinou-se para frente, abrindo a mão. Na palma, estava uma pedra que parecia de fogo, engastada delicadamente em platina, faiscando solenemente para nós. Poirot aspirou fundo, com um longo silvo.

— Étonnant! (*Espantoso!*) Permite, madame? Ele pegou a joia, examinou-a atentamente e depois devolveu-a, com uma pequena mesura.

— Uma pedra magnífica... sem a menor falha. Ah, cent tonnerres! (*Raios!*) E a leva com a senhora, comme ça! (*desse modo!*) — Isso não acontece normalmente, M. Poirot. Sou realmente cuidadosa. O diamante sempre fica trancado em minha caixa de joias, que guardo no cofre do hotel. Estamos hospedados no Magnificent. Só o trouxe comigo hoje para mostrá-lo ao senhor.

— E vai deixá-lo comigo, n'est-ce pas? (*não é?*) Vai seguir o conselho de Papa Poirot? — Deixe-me explicar-lhe, M. Poirot. Na sexta-feira, vamos para Yardly Chase, onde passaremos alguns dias com Lorde e Lady Yardly.

As palavras dela despertaram uma recordação vaga em minha mente. Algum boato... O que seria? Pouco antes, Lorde e Lady Yardly haviam visitado os Estados Unidos, e correra o rumor de que ele andara saindo da linha por lá, com a prazerosa assistência de algumas jovens amigas. Mas havia algo mais, algum rumor ligando o nome de Lady Yardly ao de um astro de cinema da Califórnia... Ora, mas era isso mesmo! Recordei-me subitamente. O tal artista de cinema não fora outro senão Gregory B. Rolf.

— Vou revelar-lhe um pequeno segredo, M. Poirot — continuou a atriz. — Estamos fazendo um acordo com Lorde Yardly. É possível que nosso próximo filme seja rodado na propriedade de seus ancestrais.

— Em Yardly Chase? — falei, interessado. — É uma das propriedades mais famosas da Inglaterra! A Sra. Marvel assentiu.

— Acho que é de fato uma antiga mansão feudal e tudo o mais. Porém, Lorde Yardly está pedindo um preço muito alto, e ainda não sei se o negócio será fechado. Mas Greg e eu sempre gostamos de misturar negócios com prazer.

— Mas... (peço perdão se estou sendo obtuso, madame) não poderia visitar Yardly Chase sem levar o diamante? Uma expressão dura e astuciosa apareceu nos olhos de Mary Marvell, totalmente em desacordo com a aparência infantil.

— Quero usar o Estrela do Ocidente em Yardly.

— Não há joias famosas na coleção Yardly, entre as quais um imenso diamante? — indaguei, subitamente.

— Há, sim — respondeu a Sra. Marvel, laconicamente.

Ouvi Poirot murmurar baixinho: — Ah, c'est comme ça! — E um instante depois, acrescentou, com a sua fantástica sorte habitual de acertar sempre na mosca (o que procura dignificar dando o nome de psicologia): — Quer dizer que já conhecia Lady Yardly? Ou era seu marido que a conhecia?

— Gregory conheceu-a quando ela esteve na Califórnia, há três anos. — Mary Marvell hesitou por um momento e depois indagou, um tanto bruscamente: — Algum dos dois costuma ler Society Gossip?

Ambos nos declaramos culpados, um pouco envergonhados.

— Fiz a pergunta por que no número desta semana saiu um artigo sobre joias famosas bastante curioso... Levantei-me, fui até a mesa, do outro lado da sala, e voltei com o referido jornal. Ela pegou-o, encontrou o artigo e começou a lê-lo, em voz alta: — "Entre outras pedras famosas, podemos citar o Estrela do Oriente, um diamante que pertence à família Yardly. Foi trazido da China por um ancestral do atual Lorde Yardly. Há uma história romântica em torno desse diamante. Teria sido outrora o olho direito da estátua de um deus, num templo chinês. Outro diamante, exatamente do mesmo formato e tamanho, era o olho esquerdo. Segundo a lenda, também teria sido roubado, posteriormente. 'Um olho irá para o Ocidente, o outro para o Oriente, até que se encontrem novamente. E, quando isso acontecer, ambos voltarão em triunfo para o deus.' É uma curiosa coincidência o fato de existir atualmente uma pedra similar, pelas descrições que se tem. Trata-se do Estrela do Ocidente, pertencente a uma famosa atriz de cinema, Mary Marvell. Seria muito interessante, se fosse possível, fazer uma comparação entre esses dois diamantes".

Parou de ler.

— Épatant! — murmurou Poirot. — Não resta a menor dúvida de que é uma história de primeira! E não sente o menor receio, madame? Não se

sente dominada por terrores supersticiosos? Não teme reunir esses dois gêmeos siameses, para que um chinês apareça e, presto!, os leve de volta para a China?

Seu tom era meio zombeteiro, mas tive a impressão de que havia alguma seriedade por trás dele.

— Não creio que o diamante de Lady Yardly seja tão bom quanto o meu, M. Poirot. Mas, de qualquer maneira, pretendo verificar.

Não sei o que Poirot poderia ter dito a esse comentário, pois nesse momento a porta se abriu e um homem de aparência excepcional entrou na sala. Dos cabelos pretos, cacheados, às pontas dos sapatos de couro envernizado, era um herói digno de um romance.

— Eu disse que viria procurá-la, e aqui estou, Mary — declarou Gregory Rolf. — O que M. Poirot acha do nosso pequeno problema? Será que tem a mesma opinião que eu, ou seja, de que tudo não passa de uma brincadeira de mau gosto? Poirot sorriu para o grande ator. Os dois faziam um contraste ridículo.

— Brincadeira ou não, Sr. Rolf — disse ele, secamente —, aconselhei sua esposa a não levar a joia para Yardly Chase, na sexta-feira.

— Concordo plenamente com essa providência, meu caro senhor. E já disse a mesma coisa a Mary. Mas acontece que ela é mulher, e acho que não pode suportar a ideia de que outra mulher a suplante em matéria de joias.

— Não diga bobagem, Gregory! — protestou Mary Marvell, rispidamente. Mas a verdade é que ela corou, com uma expressão furiosa.

Poirot deu de ombros.

— Já lhe dei meu conselho, madame. Não posso fazer mais nada. C'est fini. Fez uma mesura e acompanhou os dois até a porta. Ao voltar, exclamou: — Ah! Histoire de femmes! O bom marido está querendo fazer o que é certo... Tout de même, ele não teve o menor tato. Absolutamente nenhum! Falei-lhe sobre minhas vagas recordações, e ele assentiu vigorosamente.

— Era o que eu já estava imaginando. Seja como for, há algo de estranho por trás dessa história. Com sua permissão, mon ami, vou sair para respirar um pouco de ar fresco. Peço que me espere. Não vou demorar.

Eu estava meio adormecido na poltrona quando a senhoria bateu na porta e abriu-a.

— Há uma outra dama querendo falar com o Sr. Poirot. Eu disse que ele tinha saído, mas ela falou que vai esperar, já que veio do campo.

— Mande-a entrar, Sra. Murchison. Talvez eu possa ajudá-la de alguma forma.

Um momento depois, a mulher entrou na sala. Senti meu coração disparar ao reconhecê-la. O retrato de Lady Yardly já havia aparecido vezes demais nas colunas sociais dos jornais para que ela pudesse permanecer no anonimato.

— Sente-se, por gentileza, Lady Yardly — disse eu, puxando uma cadeira. — Meu amigo Poirot saiu, mas não deve demorar.

Ela agradeceu e sentou-se. Era muito diferente de Mary Marvell. Uma mulher alta, morena, de olhos faiscantes, rosto pálido e uma expressão orgulhosa e altiva. Mas havia algo ansioso e triste transparecendo nas curvas de sua boca. Senti um desejo de me mostrar à altura da ocasião. Por que não? Na presença de Poirot, eu me sentia frequentemente constrangido, parecia incapaz de demonstrar o que podia fazer. Contudo, não tenho a menor dúvida de que também possuo uma grande capacidade de dedução.

Inclinei-me para frente, num impulso súbito, e disse: — Lady Yardly, sei por que veio aqui. Recebeu cartas ameaçadoras a respeito do diamante.

Não houve a menor dúvida de que eu tinha acertado em cheio. Ela ficou me olhando, boquiaberta, e toda a cor desapareceu de suas faces.

— Já sabe? Mas como?

Sorri.

— Por um processo perfeitamente lógico. Se a Sra. Marvel também recebeu cartas ameaçadoras...

— A Sra. Marvel? Ela esteve aqui? — Acabou de sair. Como eu estava dizendo, se ela recebeu uma série de cartas ameaçadoras, como possuidora de um dos diamantes gêmeos, o mesmo não podia, necessariamente, deixar de acontecer com a senhora, a proprietária da outra pedra. Está vendo como é simples? Estou certo, não é mesmo? Também recebeu os estranhos e misteriosos avisos? Ela hesitou por um momento, como se estivesse em dúvida se deveria ou não confiar em mim. Depois, abaixou a cabeça e assentiu, com um sorriso.

— Recebi ...

— E foram também entregues pessoalmente... por um chinês? — Não. Recebi os avisos pelo correio. Mas quer dizer que a Sra. Marvel teve a mesma experiência? relatei o encontro daquela manhã. Lady Yardly escutou atentamente e depois comentou: — Tudo se ajusta. As mensagens que recebi são exatamente iguais. É verdade que chegaram pelo correio, mas estavam impregnadas de um perfume estranho... que faz pensar em bastão de incenso, e imediatamente sugeriu-me o Oriente. O que significa tudo isso? Sacudi a cabeça.

— É o que precisamos descobrir. Por acaso trouxe as cartas? Talvez possamos descobrir alguma coisa pelos carimbos postais.

— Infelizmente, eu as destruí. Na ocasião, pareceu-me que tudo aquilo não passava de uma brincadeira de mau gosto. Será que é mesmo possível que uma quadrilha de chineses esteja tentando recuperar os diamantes? Mas isso parece incrível! Repassamos todos os fatos novamente, mas não consegui dar um passo adiante na solução do mistério. Lady Yardly finalmente se levantou.

— Não posso mais esperar por M. Poirot. Pode contar-lhe tudo, não é mesmo? Muito obrigado, Sr...

Ela hesitou, com a mão estendida.

— Capitão Hastings.

— Mas é claro! Que esquecimento de minha parte! É amigo dos Cavendishes, não é mesmo? Foi Mary Cavendish quem me encaminhou a M. Poirot.

Quando meu amigo voltou, tive o maior prazer em relatar-lhe o que acontecera durante sua ausência. Ele interrogou-me um tanto bruscamente a respeito dos detalhes da conversa. Percebi que não estava lá muito satisfeito por não ter estado presente. Mas imaginei que fosse apenas um acesso de ciúme. Poirot sistematicamente subestima minha capacidade, e calculei que estivesse se sentindo triste por não ter encontrado qualquer falha. Fiquei secretamente satisfeito comigo mesmo, embora procurasse disfarçar, com receio de irritá-lo. Apesar de suas idiossincrasias, eu era profundamente afeiçoado a meu exótico amigo.

— Bien! — disse Poirot finalmente, com uma curiosa expressão. — A trama vai se ampliando. Por gentileza, pegue aquele livro sobre o pariato, na última prateleira.

Ele folheou-o rapidamente.

— Ah, aqui está! "Yardly... décimo visconde, participou da Guerra dos Bôeres, na África do Sul"... Tout ça n'a pas d'importance... "casou-se em 1907 com Maude Stopperton, quarta filha do terceiro barão de Cotteril" ... hum, hum, hum... "teve duas filhas, nascidas em 1908 e 1910 ... clubes ... residências" ... Voilà, isso tudo nos diz muita coisa. Mas amanhã de manhã iremos conversar com esse milorde!

— Como assim?

— Mande um telegrama.

— Pensei que tivesse se retirado do caso.

— Não estou trabalhando para a Sra. Marvel, já que ela se recusa a aceitar meu conselho. O que eu fizer daqui por diante será para minha

própria satisfação... a satisfação de Hercule Poirot! Decididamente, não posso ficar fora dessa história.

— E calmamente passa um telegrama para Lorde Yardly, pedindo-lhe que venha correndo até aqui, só para atender à sua própria conveniência! Tenho certeza de que ele não vai ficar nada satisfeito.

— Au contraire! Se eu salvar o diamante da família, ele ficará profundamente grato.

— Acha realmente que há alguma possibilidade de os diamantes serem roubados? — indaguei, ansiosamente.

— Isso é quase certo — respondeu Poirot, placidamente. — Tudo indica tal possibilidade.

— Mas como ...

Poirot deteve minhas perguntas ansiosas com um gesto de mão.

— Agora não, por gentileza. Não vamos criar qualquer confusão. E veja como colocou o livro na estante! Os livros mais altos estão na prateleira de cima, aqueles que são um pouco menores estão na de baixo, e assim por diante. Precisamos ter ordem, método! É o que sempre lhe digo, Hastings...

— Tem toda a razão — murmurei apressadamente, indo pôr o livro em seu devido lugar.

Lorde Yardly era um homem jovial, que falava alto e tinha o rosto um tanto vermelho. Possuía uma bonomia extremamente simpática, que compensava qualquer falta de inteligência.

— É uma história extraordinária, M. Poirot. Não consigo entender absolutamente nada. Parece que minha esposa andou recebendo algumas cartas esquisitas, e a Sra. Marvel também. O que significa tudo isso? Poirot estendeu-lhe o exemplar do Society Gossip.

— Em primeiro lugar, milorde, gostaria que me dissesse se esses fatos são substancialmente corretos.

Lorde Yardly pegou o jornal e leu o artigo, contraindo o rosto de raiva.

— Mas que história absurda! Nunca houve nada disso em relação ao diamante. E, se não me engano, ele veio originalmente da Índia. Nunca ouvi falar desse negócio de deus chinês.

— Mesmo assim, a pedra é conhecida como Estrela do Oriente?

— E se for? — indagou ele, furioso.

Poirot sorriu, mas não deu nenhuma resposta direta.

— O que desejo pedir, milorde, é que se coloque em minhas mãos. Se o fizer, sem nenhuma reserva, tenho muita esperança de evitar a catástrofe.

— Quer dizer que, em sua opinião, pode haver alguma coisa por trás dessas histórias absurdas? — Vai fazer o que estou lhe pedindo? — Claro

que vou! Mas...

— Bien! Nesse caso, permita que eu lhe faça algumas perguntas. O caso da cessão de Yardly Chase para a filmagem já foi acertado com o Sr. Rolf?

— Ele lhe falou a respeito disso? Não, ainda não há nada acertado. — Lorde Yardly hesitou por um momento, e o vermelho de seu rosto acentuou-se ainda mais. — Mas seria ótimo para mim, se tudo ficasse acertado. Tenho sido um idiota em muitas coisas, M. Poirot. Neste momento, estou afundado em dívidas até o pescoço. Mas quero me recuperar. Gosto das meninas, e tenho que endireitar minha vida, voltar a viver na mansão da família. Gregory Rolf está me oferecendo um bom dinheiro... o suficiente para liquidar todas as minhas dívidas. Mas não estou querendo lhe ceder Yardly Chase, pois detesto pensar em toda aquela gente andando por lá, mexendo em tudo. Infelizmente, talvez não me reste alternativa, a menos que... Ele parou de falar subitamente. Poirot fitava-o, atento, e perguntou: — Quer dizer que tem outra perspectiva? Permite que eu dê um palpite? Está pensando em vender o Estrela do Oriente, não é mesmo? Lorde Yardly assentiu.

— É isso mesmo. Pertence à família há gerações, mas não é inalienável. Contudo, não é nada fácil arrumar um comprador. Hoffberg, o homem da Hatton Garden, está procurando um cliente. Mas se não o encontrar muito em breve, será um desastre para mim.

— Só mais uma pergunta, permettez... Qual alternativa Lady Yardly prefere?

— Ela se opõe encarniçadamente à venda da joia. O senhor sabe como são as mulheres. Ela defende ardorosamente a cessão de Yardly Chase para as filmagens.

— Entendo... — Poirot ficou calado um momento, imerso em seus pensamentos, depois se levantou abruptamente. — Vai voltar para Yardly Chase imediatamente? Bien! Não diga nada a ninguém ... a ninguém mesmo. E fique esperando nossa chegada esta tarde, pouco depois das cinco horas.

— Está certo. Mas não entendo ...

— Ça n'a pas d'importance — falou Poirot, afavelmente. — Sabe que vou proteger seu diamante, n'est-ce pas?

— Sei, sim. Mas ...

— Então faça o que estou dizendo.

Foi um nobre desconcertado e deprimido o que saiu da sala. Já passava das cinco e meia da tarde quando chegamos a Yardly Chase. Seguimos o distinto mordomo até o salão antigo, revestido de madeira, com achas ardendo na lareira. Deparamos com uma cena admirável: Lady Yardly e as

duas filhas, a cabeça morena da mãe inclinada sobre as outras, louras. Lorde Yardly estava de pé, ao lado, contemplando-as com um sorriso.

— M. Poirot e o capitão Hastings — anunciou o mordomo.

Lady Yardly levantou a cabeça, com um sobressalto. O marido adiantou-se, indeciso, suplicando com os olhos alguma instrução a Poirot. Meu pequeno amigo mostrou-se à altura da situação: — Mil desculpas pelo incômodo! Vim até aqui porque ainda estou investigando o caso que me foi levado pela Sra. Marvel. Ela virá para cá na sexta-feira, não é mesmo? Eu gostaria de dar uma volta pela propriedade, a fim de verificar a segurança. E desejava também perguntar-lhe, Lady Yardly, se por acaso recorda alguma coisa dos carimbos postais das cartas que recebeu.

Lady Yardly sacudiu a cabeça, com uma expressão desolada.

— Lamento, mas não me lembro de nada. Sei que foi uma estupidez de minha parte. Mas é que jamais me passou pela cabeça que devesse levar os avisos a sério.

— Vão passar a noite aqui? — perguntou Lorde Yardly.

— Não precisa se incomodar, milorde. Deixamos a bagagem na estalagem.

— Não será incômodo algum — declarou Lorde Yardly, percebendo a deixa. — Mandarei buscar a bagagem. Não, não recuse nossa hospedagem. Asseguro-lhe que não será incômodo algum.

Poirot deixou-se persuadir. Foi sentar-se perto de Lady Yardly e começou a fazer amizade com as meninas. Não demorou muito para que também estivesse participando das brincadeiras. Assim que as meninas se retiraram, relutantemente, levadas por uma babá de ar severo, Poirot fez uma pequena mesura para a mãe e declarou: — Vous êtes bonne mère.

Lady Yardly ajeitou os cabelos desmanchados. — Adoro as duas — murmurou ela, com a voz um pouco embargada.

— Elas também a adoram ... e com toda a razão!

Poirot fez uma nova reverência. Nesse momento, soou o gongo avisando que estava na hora de nos prepararmos para o jantar. Todos nos levantamos, a fim de subir para os respectivos aposentos. O mordomo apareceu, trazendo um telegrama numa salva de prata. Entregou-o a Lorde Yardly, que nos pediu desculpas e abriu-o. Ficou visivelmente tenso ao lê-lo. Soltando uma exclamação, entregou-o à esposa. Depois, olhou para meu amigo e disse: — Espere um momento, M. Poirot. Acho que deve tomar conhecimento do telegrama. É de Hoffberg. Ele encontrou um cliente para o diamante... um americano, que voltará amanhã para os Estados Unidos. Esta noite mesmo, um perito virá até aqui avaliar a pedra. Ah, se tudo ficar

resolvido ...

Lady Yardly tinha virado a cabeça. Ainda estava segurando o telegrama e disse, em voz baixa: — Gostaria que não vendesse, George. Está com a família há tanto tempo... — Ficou esperando alguma resposta. Mas como não houve nenhuma, sua expressão tornou-se subitamente dura. Ela deu de ombros e acrescentou: — Vou me vestir agora. E creio que deverei exibir a "mercadoria". — Virou-se para Poirot com a cara amarrada e comentou: — É um dos colares mais horrendos que já se fizeram. George sempre prometeu que iria mandar pôr o diamante num novo engaste, mas nunca chegou a fazê-lo.

E, com isso, a senhora retirou-se. Meia hora depois, estávamos todos reunidos no salão, esperando Lady Yardly. Já se haviam passado alguns minutos da hora do jantar. Subitamente, ouvimos um farfalhar suave, e Lady Yardly apareceu na porta, uma figura esplêndida, num espetacular vestido branco. Tinha um filete de fogo em torno do pescoço. Ficou parada na porta, mal tocando no colar com uma das mãos. E disse de modo jovial, aparentemente dissipando o mau humor.

— Contemplem o sacrifício! Esperem até que eu apague a luz para que possam admirar devidamente o mais horrendo colar que já existiu na Inglaterra! Os interruptores ficavam do lado de fora da porta. No momento em que ela estendeu a mão na direção deles, o incrível aconteceu. De repente, inesperadamente, todas as luzes se apagaram, a porta bateu, e do outro lado veio um grito prolongado e lancinante de mulher.

— Santo Deus! — gritou Lorde Yardly. — Foi Maude quem gritou! O que terá acontecido?

Corremos para a porta, esbarrando uns nos outros na escuridão. Levamos alguns minutos para conseguir encontrá-la. E uma cena terrível nos esperava do outro lado. Lady Yardly estava caída no chão de mármore, sem sentidos, com um vergão vermelho no pescoço muito branco, indicando o lugar de onde o colar fora arrancado. Todos nos inclinamos sobre ela, sem saber se estava viva ou morta. E nesse momento seus olhos se entreabriram, e a ouvimos sussurrar, angustiada: — O chinês ... o chinês ... a porta lateral ...

Lorde Yardly levantou-se, soltando uma imprecação. Acompanhei-o, com o coração batendo descompassadamente. O chinês outra vez! A porta lateral era pequena, quase no ângulo da parede, a não mais de doze metros do local da tragédia. Soltei um grito ao chegarmos ali. É que no limiar estava caído o colar refulgente, que o ladrão evidentemente deixara cair, no pânico da fuga. Abaixei-me para pegá-lo. E soltei outro grito, que foi ecoado

por Lorde Yardly. Bem no meio do colar, havia um espaço vazio. O Estrela do Oriente desaparecera! — Isso esclarece tudo — murmurei. — Não eram ladrões comuns. Só queriam o diamante.

— Mas como conseguiram entrar?

— Pela porta.

— Mas está sempre trancada!

Sacudi a cabeça.

— Não está trancada agora. Pode verificar.

E abri a porta enquanto falava. Ao fazê-lo, algo flutuou até o chão. Inclinei-me para pegá-lo. Era um pedaço de seda, e o bordado era inconfundível. Fora arrancado de uma túnica chinesa.

— Na pressa, a túnica ficou presa na porta — expliquei. — Vamos atrás dele. Não pode estar muito longe.

Mas procuramos em vão. Na escuridão da noite, o ladrão conseguira escapar com a maior facilidade. Voltamos para casa relutantemente, e Lorde Yardly despachou um dos seus empregados para chamar a polícia. Lady Yardly, eficientemente ajudada por Poirot, que é tão bom quanto uma mulher nessas coisas, já se havia recuperado o suficiente para poder contar a história.

— Eu já ia apagar a luz quando um homem pulou em cima de mim, por trás. Arrancou-me o colar do pescoço com tanta força que acabei caindo. E, ao cair, vi-o desaparecer pela porta lateral. Foi então que percebi, pelo rabicho e pela túnica, que era um chinês.

Ela parou de falar, estremecendo. O mordomo apareceu nesse momento e disse em voz baixa a Lorde Yardly: — Chegou um cavalheiro que veio da parte do Sr. Hoffberg, milorde. Disse que o senhor está à espera dele.

— Santo Deus! — exclamou Lorde Yardly, visivelmente desolado. — Acho que não tenho outro jeito senão recebê-lo. Não, aqui não, Mullings. Leve-o para a biblioteca.

Puxei Poirot para um lado.

— Escute aqui, companheiro, não acha melhor voltarmos para Londres?

— É o que pensa, Hastings? Por quê? Tossi delicadamente.

— As coisas não correram muito bem, não é? Você disse a Lorde Yardly que, se ele se colocasse em suas mãos, não haveria qualquer problema ... mas o diamante desapareceu debaixo do seu nariz!

— Tem razão — murmurou Poirot, abatido. — Não foi um dos meus triunfos admiráveis.

Essa maneira de descrever os acontecimentos quase me fez sorrir, mas mantive-me firme.

— Assim, já que fez, se me perdoa a expressão, uma tremenda mixórdia, não acha que seria mais delicado partirmos imediatamente? — E o jantar... o jantar certamente excelente que o chef de Lorde Yardly preparou? — Ora, o jantar! — exclamei, impacientemente.

Poirot levantou as mãos com uma expressão horrorizada.

— Mon Dieu! Será possível que em seu país os assuntos gastronômicos sejam tratados com essa indiferença criminosa? — Há uma outra razão para que voltemos a Londres imediatamente, Poirot.

— E qual é, meu amigo?

— O outro diamante — respondi, baixando a voz. O da Sra. Marvell.

— Eh bien, o que há com ele?

— Será que não percebe? — A inesperada obtusidade de Poirot irritou-me. O que acontecera com sua inteligência, habitualmente ativa e atenta? — Se eles já pegaram um diamante, Poirot, certamente vão agora buscar o outro!

— Tiens! — exclamou Poirot, dando um passo para trás e fitando-me com admiração. — Seu cérebro está funcionando às mil maravilhas, meu amigo! Imagine que eu ainda não tinha pensado nisso! Mas temos muito tempo. Só na sexta-feira é que teremos lua cheia.

Meneei a cabeça, ainda em dúvida. A teoria da lua cheia não me impressionava absolutamente. Consegui afinal impor minha opinião a Poirot, e partimos imediatamente, deixando um bilhete de explicação e um pedido de desculpas a Lorde Yardly. Minha ideia era seguirmos sem demora para o Magnificent, a fim de relatarmos o que acontecera. Mas Poirot vetou o plano, alegando que poderíamos fazê-lo perfeitamente pela manhã. Acabei cedendo, contrariado. Pela manhã, Poirot parecia estranhamente avesso a sair de casa. Comecei a desconfiar que, tendo cometido um erro inicial, não estivesse disposto a continuar no caso. Em resposta a meus argumentos, ele ressaltou, com extremo bom senso, que a notícia do roubo em Yardly Chase já devia ter sido publicada pelos jornais matutinos, e que os Rolfs sabiam tudo o que poderíamos contar-lhes. Cedi também dessa vez igualmente contrariado.

Os acontecimentos comprovaram que meus pressentimentos eram justificados. O telefone tocou por volta das duas horas da tarde. Poirot ouviu por um momento e depois disse, laconicamente: — Bien, j'y serai. — Desligando, virou-se para mim e acrescentou, parecendo meio envergonhado, meio excitado: — O que acha que aconteceu, mon ami? O diamante de Mary Marvell também foi roubado!

— O quê? — gritei, levantando-me de um pulo. — E o que me diz agora

daquela história de "lua cheia"?

Poirot baixou a cabeça.

— Quando aconteceu, Poirot?

— Esta manhã, pelo que entendi.

Sacudi a cabeça, tristemente.

— Se ao menos tivesse me escutado ... Pode ver agora que eu estava certo.

— É o que parece, mon ami — disse Poirot, cautelosamente. — As aparências enganam, como se costuma dizer, mas não resta a menor dúvida de que é justamente o que está parecendo neste momento.

Ao seguirmos de táxi para o Magnificent, apressei-me em esclarecer a verdadeira essência do plano dos ladrões: — Aquela ideia da "lua cheia" foi muito inteligente. O objetivo era fazer com que concentrássemos nossos esforços na sexta-feira, deixando-nos desprevenidos antes. É uma pena que não tenha percebido isso, Poirot.

— Ma foi! (*De fato!*) — exclamou Poirot jovialmente, com a despreocupação restaurada, depois de um breve eclipse. — Afinal, não se pode pensar em tudo! Senti pena dele. Meu amigo detestava o fracasso de qualquer tipo. E disse-lhe, procurando consolá-lo: — Ânimo, meu caro! Terá mais sorte da próxima vez.

Chegando ao Magnificent, fomos encaminhados ao escritório do gerente. Gregory Rolf ali se encontrava, juntamente com dois homens da Scotland Yard. O gerente estava sentado diante deles, de rosto muito pálido. Rolf meneou a cabeça quando entramos.

— Estamos chegando ao fundo da história — disse ele. — Mas é quase inacreditável. Porém, ainda não consigo entender como o sujeito teve tamanha coragem.

Alguns minutos foram suficientes para nos revelar todos os fatos. O Sr. Rolf saíra do hotel às onze horas e quinze minutos. Por volta das onze e meia, entrou ali um homem extremamente parecido com ele, a ponto de ser confundido por todos. Pediu a caixa de joias que estava no cofre. Assinou o recibo necessário, comentando na ocasião: "A assinatura parece um pouco diferente porque machuquei a mão no táxi". O recepcionista sorriu e respondeu que não estava notando muita diferença. Rolf riu e disse: "Só quero que não me confunda com um escroque. Venho recebendo cartas ameaçadoras de um chinês, e o pior é que eu mesmo pareço com um china ... por causa dos olhos". E o recepcionista, convocado para nos contar a história, declarou: — Contemplei-o e percebi imediatamente o que estava querendo dizer. Os olhos dele eram ligeiramente enviesados nos cantos,

como os de um oriental. Eu nunca tinha percebido aquilo.

— Mas que diabo, homem! — gritou Gregory Rolf, inclinando-se para a frente. — Está percebendo alguma coisa agora? O recepcionista fitou-o atentamente, com um sobressalto.

— Não, senhor, não estou vendo nada de diferente agora.

E não havia realmente nada de sequer remotamente oriental nos olhos castanhos de Rolf. Um dos homens da Scotland Yard comentou: — O sujeito era muito esperto. Achou que poderiam perceber que seus olhos eram diferentes e tratou de agarrar o touro pelos chifres, estancando qualquer suspeita no nascedouro. Ele devia estar observando quando saiu do hotel, Sr. Rolf. Esperou um pouco, para certificar-se de que ia demorar, e depois entrou.

— O que aconteceu com a caixa de joias? — indaguei.

— Foi encontrada num corredor do hotel. E, só uma coisa foi tirada: o Estrela do Ocidente. Ficamos olhando uns para os outros, aturdidos. Toda a história parecia extremamente bizarra, irreal. Poirot levantou-se bruscamente.

— Lamento não ter sido de muita serventia — murmurou ele, pesaroso. — Posso falar com madame?

— Acho que ela está prostrada pelo choque — explicou Rolf.

— Nesse caso, poderia falar-lhe a sós por um momento, monsieur?

— Claro!

Poirot voltou cerca de cinco minutos depois e disse-me jovialmente: — E agora, meu amigo, vamos para uma agência de correio. Tenho que mandar um telegrama.

— Para quem? — Lorde Yardly. — Ele evitou as minhas indagações, passando o braço pelo meu e dizendo: — Vamos, vamos, mon ami! Já sei tudo o que pensa a respeito deste triste caso. Não consegui distinguir-me! Em meu lugar, você poderia ter-se distinguido! Bien! Admito tudo isso! E agora vamos esquecer o caso e tratar de almoçar.

Voltamos para os aposentos de Poirot por volta das quatro horas da tarde. Um homem se levantou de uma cadeira junto à janela. Era Lorde Yardly. Parecia exausto e angustiado.

— Recebi seu telegrama e vim imediatamente. Estive com Hoffberg, que nada sabe a respeito do homem que esteve em Yardly Chase ontem à noite nem do telegrama. Acha que...

Poirot levantou a mão.

— Peço desculpas. Fui eu que contratei o homem e passei o telegrama.

— O senhor? Mas por quê? Lorde Yardly estava atarantado. Poirot

explicou, placidamente: — Foi minha pequena ideia para fazer com que a história chegasse a um desenlace.

— Chegar a um desenlace? Ó Deus!

— E a artimanha deu certo! — exclamou Poirot, vivamente. — Portanto, milorde, tenho o prazer de devolver-lhe... isto!

Com um gesto dramático, Poirot tirou do bolso um objeto reluzente. Era um imenso diamante.

— O Estrela do Oriente! — balbuciou Lorde Yardly. — Mas não compreendo ...

— Não? — disse Poirot. — Mas isso não tem importância. Pode estar certo de que era necessário que o diamante fosse roubado. Prometi que iria guarda-lo e cumpri a palavra. Peço que me permita manter em segredo minha pequena ideia. E peço também que apresente a Lady Yardly meus protestos do mais profundo respeito e diga-lhe que é com imenso prazer que lhe devolvo o diamante. Quel beau temps, (*Bom tempo,*) não é mesmo? Bom dia, milorde.

E, sorrindo e falando, o espantoso homenzinho levou o nobre aturdido até a porta. Voltou um instante depois, esfregando as mãos.

— Poirot, diga-me um coisa: será que fiquei louco?

— Não, mon ami. Mas está envolvido, como sempre, num nevoeiro mental.

— Como obteve o diamante?

— Do Sr. Rolf.

— Rolf?

— Mais oui! As cartas ameaçadoras, o chinês, o artigo no Society Gossip, tudo saiu do cérebro engenhoso do Sr. Rolf! Os dois diamantes, que seriam milagrosamente iguais... bah!, simplesmente não existiam. Havia apenas um único diamante, meu amigo! Originalmente da coleção Yardly, estava há três anos em poder do Sr. Rolf. Ele roubou-o esta manhã, com a ajuda de um pouco de tinta amarela nos cantos dos olhos. Ah, tenho que vê-lo no cinema. Celui-là é realmente um artista!

— Mas por que ele roubou seu próprio diamante? — indaguei, perplexo.

— Por muitas razões. Para começar, Lady Yardly estava ficando inquieta.

— Lady Yardly?

— Ela ficou muito sozinha na Califórnia. O marido estava longe, divertindo-se. O Sr. Rolf era um homem bonito, com um ar romântico. Mas, ele é muito prático, ce monsieur! Conquistou Lady Yardly e depois começou a fazer chantagem com ela. Exigi-lhe a verdade na noite passada e ela

acabou admitindo. Jurou que fora apenas imprudente e que o caso não tivera maior gravidade. E devo dizer que acredito nela. Mas, indubitavelmente, Rolf tinha cartas comprometedoras dela, que poderiam levar a uma interpretação diferente. Apavorada com a ameaça do divórcio e a perspectiva de ser separada das filhas, acabou concordando com tudo o que Rolf desejava. Como não tinha dinheiro próprio, permitiu que ele substituísse o diamante verdadeiro por uma réplica. A coincidência da data do aparecimento do Estrela do Ocidente imediatamente me atraiu a atenção. Mas tudo estava correndo bem. Lorde Yardly estava querendo mudar, assentar a cabeça. E foi então que surgiu a ameaça da possível venda do diamante. A substituição seria descoberta. Desesperada, Lady Yardly escreveu para Gregory Rolf, que tinha acabado de chegar à Inglaterra. Ele tratou de tranquilizá-la, garantindo que daria um jeito ... e preparou-se para o duplo roubo. Dessa maneira, ele conseguiria acalmar Lady Yardly, a qual poderia contar tudo ao marido, o que absolutamente não interessava ao chantagista, receberia as cinquenta mil libras do seguro (ah, tinha esquecido isso!) e ainda continuaria com o diamante! E foi nesse momento que decidi entrar em cena. Lady Yardly, como eu suponha, providenciou imediatamente um roubo ... e com excelente encenação, diga-se de passagem. Mas Hercule Poirot só vê os fatos. O que realmente aconteceu? Lady Yardly apagou as luzes, bateu a porta, arrancou o colar do pescoço e jogou-o no corredor, ao mesmo tempo em que gritava. Já tinha tirado antes o falso diamante, em seu quarto, com um alicate...

— Mas vimos o colar intacto no pescoço dela, Poirot!

— Está enganado, meu amigo. A mão dela escondia a parte do colar onde apareceria o vazio do diamante retirado. E deixar um pedaço de seda na porta por onde se dera a suposta fuga era muito fácil. Assim que soube da história do roubo, Rolf imediatamente encenou também sua pequena comédia. E, diga-se de passagem, representou de maneira extraordinária!

— O que disse a ele? — indaguei com a maior curiosidade.

— Falei que Lady Yardly já contara tudo ao marido, que eu estava autorizado a recuperar a pedra e que, se ele não a devolvesse, seria iniciada imediatamente uma ação judicial. E também disse mais algumas pequenas mentiras que me ocorreram. E ele se derreteu como cera em minhas mãos! Pensei um pouco em todo o caso.

— Parece-me que há uma pequena injustiça quanto a Mary Marvell. Afinal, ela acabou perdendo seu diamante, sem ter nenhuma culpa.

— Bah! — exclamou Poirot, brutalmente. — Ela teve uma magnífica publicidade, e isso é tudo o que lhe interessa! Já a outra é inteiramente

diferente. Bonne mère, très femme!

— É possível — murmurei, ainda em dúvida, não partilhando inteiramente as opiniões de Poirot a respeito da feminilidade. — Suponho que tenha sido Rolf quem mandou as cartas em duplicata para Lady Yardly.

— Pas du tout! A conselho de Mary Cavendish, ela veio pedir minha ajuda para tentar solucionar o dilema em que se encontrava. Foi quando soube que Mary Marvell, que ela sabia ser sua inimiga, já estivera aqui antes. E mudou prontamente de ideia, aproveitando um pretexto que você mesmo, meu amigo, lhe proporcionou. Umas poucas perguntas foram suficientes para que eu constatasse que fora você e não ela quem contara a história das cartas. Ela achou que não podia perder a excepcional oportunidade que lhe era apresentada.

— Não acredito nessa história! — protestei, mortificado.

— Si, si, mon ami, é pena que não se interesse por psicologia. Ela lhe disse que as cartas foram destruídas, não é mesmo? Oh, la la, uma mulher nunca destrói uma carta, se puder evitá-lo! Nem mesmo quando é mais prudente fazê-lo! Senti a raiva crescer dentro de mim.

— Está tudo muito bem, mas você me fez bancar o idiota! Do princípio ao fim! E não importa que tenha explicado toda a história depois! Há um limite para tudo! — Mas estava se divertindo tanto, meu amigo! Confesso que não tive coragem de destruir suas ilusões.

— Não adianta desculpar-se agora, Poirot! Desta vez, você foi longe demais!

— Mon Dieu! Mas como você fica furioso por nada, mon ami!

— Estou farto!

E saí, batendo a porta. Poirot me forçara a assumir um papel ridículo. Decidi que ele estava precisando de uma boa lição. Deixaria passar algum tempo antes de perdoá-lo. Afinal, ele me estimulara a bancar um tolo rematado!

FIM

II

A tragédia de Marsdon Manor

EU PRECISARA ME AUSENTAR DE LONDRES durante alguns dias. Ao voltar, encontrei Poirot terminando de arrumar sua pequena valise.

— À la bonne beure, (Até que enfim,) Hastings. Receava que não voltasse a tempo de acompanhar-me.

— Foi chamado para investigar algum caso? — Exatamente. Mas devo admitir que, aparentemente, não é dos mais promissores. A Companhia de Seguros Northern Union pediu-me para investigar a morte de um certo Sr. Maltravers, que há poucas semanas fez um seguro de vida no valor de cinquenta mil libras.

— E o que mais sabe? — indaguei, já bastante interessado.

— É claro que a apólice continha a cláusula habitual sobre suicídio. Caso ele se suicidasse no prazo de um ano, o seguro não seria pago. O Sr. Maltravers foi devidamente examinado pelo próprio médico da companhia. Embora já tivesse passado do chamado vigor dos anos, o médico declarou que gozava de saúde excelente. Contudo, na última quarta-feira, ou seja, anteontem, o Sr. Maltravers foi encontrado morto no jardim de sua propriedade, Marsdon Manor, em Essex. A causa da morte foi descrita como alguma espécie de hemorragia interna. O caso em si nada teria de extraordinário, se não tivessem surgido rumores sinistros sobre a situação financeira do Sr. Maltravers. A Northern Union verificou, além de qualquer dúvida, que ele estava à beira da bancarrota. O que muda consideravelmente o caso. Maltravers tinha uma esposa linda e jovem, e insinuou-se que reunira todo o dinheiro de que podia dispor a fim de pagar os prêmios de um seguro de vida em benefício da esposa, suicidando-se em seguida. Tal fato não é tão raro quanto se possa imaginar. Seja como for, meu amigo Alfred Wright, que é diretor da Northern Union, pediu-me que eu investigasse o caso. Mas não tenho muita esperança de sucesso, como disse a ele. Se a causa da morte tivesse sido um enfarte, eu estaria mais otimista. O diagnóstico de enfarte sempre pode ser interpretado como uma incapacidade do médico do lugar em descobrir do que o paciente realmente morreu. Mas uma hemorragia parece algo bem definido. Mesmo assim, ainda podemos fazer umas indagações necessárias. Tem cinco minutos para arrumar sua mala, Hastings, e depois pegaremos um táxi para a

Liverpool Street.

Cerca de uma hora depois, desembarcamos de um trem da Great Eastern na pequena estação de Marsdon Leigh. Indagamos na estação e descobrimos que Marsdon Manor ficava a cerca de um quilômetro e meio de distância. Poirot decidiu ir a pé, e saímos caminhando pela rua principal.

— Qual é o seu plano de ação, Poirot? — Em primeiro lugar, irei visitar o médico. Já verifiquei que só há um médico em Marsdon Leigh, o Dr. Ralph Bernard. Ah, eis a casa dele! Era um chalé estilizado, um pouco recuado da rua. O nome do médico estava numa placa de latão no portão. Subimos até a casa e tocamos a campainha. Tivemos sorte na visita. Era o horário que o Dr. Bernard reservava para consultas, e, no momento, não havia nenhum paciente à espera. O médico era já idoso, de ombros um pouco curvados, com um jeito distraído que o tornava extremamente simpático. Poirot apresentou-se e explicou o objetivo de nossa visita, acrescentando que as companhias de seguro normalmente investigam os casos daquele tipo.

— Claro, claro... — murmurou o Dr. Bernard. — Como ele era um homem rico, sua vida estava segurada por uma quantia apreciável, não é mesmo?

— Considerava-o um homem rico, doutor?

O médico pareceu ficar um tanto surpreso.

— E por acaso não era? Tinha dois carros, e Marsdon Manor é uma propriedade bem grande, cuja manutenção não deve ser barata. É verdade que ele a comprou por uma pechincha, pelo que me contaram.

— Ouvi dizer que ele sofreu grandes prejuízos ultimamente — comentou Poirot, observando o médico atentamente.

O Dr. Bernard, no entanto, limitou-se a menear a cabeça, tristemente.

— É mesmo? Eu não sabia disso. Nesse caso, foi uma sorte para a esposa ele ter feito um seguro de vida. É uma jovem muito bonita e simpática, mas está terrivelmente abalada com essa catástrofe lamentável. A pobre coitada está com os nervos à flor da pele. Tentei poupar-lhe o máximo de aborrecimentos, mas é claro que o choque não podia deixar de ser considerável.

— Vinha tratando do Sr. Maltravers ultimamente?

— Meu caro senhor, nunca tratei dele.

— Como?

— Pelo que sei, o Sr. Maltravers era um cientista-cristão ... ou algo parecido.

— Mas examinou o corpo? — Claro! Fui chamado por um dos jardineiros.

— E a causa da morte era clara?

— Totalmente. Havia um pouco de sangue nos lábios, mas a hemorragia deve ter sido interna.

— Ele ainda estava caído no lugar onde foi encontrado?

— Estava. Não haviam mexido no corpo. Estava caído à beira de um pequeno pomar. Obviamente, estivera atirando nos corvos, porque havia uma espingarda ao lado. A hemorragia deve ter ocorrido subitamente. Uma úlcera gástrica, sem a menor dúvida.

— Não há possibilidade de ele ter sido baleado?

— Ora, meu caro senhor, como pode dizer uma coisa dessas?

— Peço que me perdoe — falou Poirot, humildemente. — Mas, se minha memória não falha, num caso recente de homicídio, o médico deu inicialmente um diagnóstico de enfarte ... alterando-o mais tarde, quando o comissário de polícia local declarou que isso era impossível, pois a vítima estava com um ferimento de bala na cabeça.

— Não encontrará nenhum ferimento de bala no corpo do Sr. Maltravers — retrucou o Dr. Bernard, secamente. — E agora, cavalheiros, se não têm mais nada ...

Compreendemos a insinuação.

— Muito bom dia e obrigado por ter respondido tão amavelmente a nossas perguntas, doutor. Ah, sim, só mais uma coisa... Achou que não havia necessidade de autópsia?

— Claro que não! — gritou o médico, quase apoplético. — A causa da morte era evidente, e, em minha profissão procuramos não afligir desnecessariamente os parentes de um paciente falecido.

E, virando as costas, o médico entrou em casa e bateu a porta em nossa cara, violentamente. Seguimos para Marsdon Manor. No caminho, Poirot perguntou-me: — O que achou do Dr. Bernard, Hastings?

— Pareceu-me um velho idiota.

— Exatamente. Seus julgamentos de caráter são sempre profundos, meu amigo.

Fitei-o, apreensivo, mas Poirot parecia estar falando sério. Porém, um brilho súbito surgiu em seus olhos, e ele acrescentou, maliciosamente: — Isto é, quando não está em cena uma mulher bonita! Meu olhar tornou-se extremamente frio. Chegando à casa, a porta nos foi aberta por uma criada de meia-idade. Poirot entregou-lhe um cartão seu e uma carta da companhia de seguros para a Sra. Maltravers. A mulher nos conduziu a uma pequena sala e depois foi avisar a patroa. Cerca de dez minutos depois, a porta se abriu e uma mulher esguia, de luto, apareceu.

— M. Poirot? — balbuciou ela.

— Madame! — exclamou Poirot, levantando-se de maneira galante e avançando rapidamente na direção dela. Não tenho palavras para dizer o quanto lamento incomodá-la desse jeito. Mas o que se vai fazer? Les affaires ...(*Os negócios...*) Eles não têm a menor compaixão!

A Sra. Maltravers deixou que Poirot a conduzisse até uma cadeira. Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar, mas a desfiguração momentânea não era suficiente para ocultar sua extraordinária beleza. Devia ter vinte e sete ou vinte e oito anos, era loura, de olhos azuis muito grandes, tinha a boca linda, de lábios carnudos.

— Veio falar sobre o seguro de vida de meu marido, não é mesmo? Mas era indispensável me incomodar agora... tão cedo?

— Coragem, madame, coragem! Seu falecido marido fez um seguro de vida elevado. Em casos assim, a companhia sempre verifica alguns detalhes. Autorizaram-me a fazer tudo o que for necessário. E pode estar certa de que farei tudo o que estiver a meu alcance para que tais providências regulares não lhe sejam por demais desagradáveis. Pode relatar-me, sucintamente, os tristes acontecimentos da quarta-feira?

— Eu estava mudando de roupa para o chá, quando minha criada subiu... um dos jardineiros acabara de chegar correndo. Ele havia encontrado...

Ela não conseguiu continuar. Poirot apertou-lhe a mão, num gesto de simpatia.

— Compreendo, madame... Não precisa contar mais nada! Tinha visto seu marido durante a tarde?

— Não, não o tinha visto desde o almoço. Eu havia ido até a aldeia para comprar selos, e ele tinha saído para dar uma volta pela propriedade.

— Estava atirando em corvos, não é?

— Isso mesmo. Ele geralmente saía com a espingarda. Ouvi alguns tiros à distância.

— E onde está essa espingarda?

— Creio que no vestíbulo.

Ela saiu da sala na frente, encontrou a arma e entregou-a a Poirot, que a examinou superficialmente.

— Estou vendo que foram disparados dois tiros comentou ele, — devolvendo-lhe a arma. — E agora, madame, se me permite, eu gostaria de ver...

Fez uma pausa, delicadamente. Desviando a cabeça, a Sra. Maltravers murmurou: — A criada irá levá-lo até lá em cima.

A mesma criada de meia-idade foi chamada, e conduziu Poirot ao segundo andar. Fiquei com a linda e infeliz mulher, sem saber se devia falar ou permanecer calado. Experimentei uma ou duas reflexões de ordem geral, e ela respondeu distraidamente. Poirot desceu em poucos minutos.

— Agradeço-lhe a cortesia, madame. Creio que não precisarei mais incomodá-la. A propósito, sabe alguma coisa a respeito da situação financeira de seu marido? Ela sacudiu a cabeça.

— Não, M. Poirot, não sei de nada. Confesso que nunca me preocupei com isso, e ignoro totalmente os negócios de meu marido.

— Entendo. Sendo assim, não pode nos explicar por que ele decidiu subitamente fazer um seguro de vida, não é mesmo? Ao que eu saiba, ele nunca pensara nisso.

— Não posso dizer coisa alguma em relação ao período anterior, pois estávamos casados há apenas pouco mais de um ano. Mas sei que ele fez um seguro de vida agora porque estava absolutamente convencido de que não iria viver muito tempo. Tinha uma premonição muito forte da própria morte. Tenho a impressão de que já havia sofrido uma hemorragia e sabia que a próxima poderia ser fatal. Ainda tentei dissipar esses temores horríveis, mas em vão. E, infelizmente, ele estava certo!

Com lágrimas nos olhos, ela se despediu de nós, com extrema dignidade. Ao descermos pelo caminho, Poirot teve uma reação característica: — Eh bien, não há mais o que fazer! Vamos voltar para Londres, meu amigo. Parece que não há nenhum rato nesta ratoeira. E, no entanto ...

— E, no entanto, o quê?

— Uma pequena discrepância, mais nada. Também percebeu, não é mesmo? Ainda não? Mas a verdade é que a vida é cheia de discrepâncias, e certamente o homem não iria acabar com a própria vida ... Além do mais, não há nenhum veneno que pudesse encher-lhe a boca de sangue. Não, não, devo resignar-me ao fato de que está tudo bem claro neste caso, não há nada de suspeito... Mas quem será esse rapaz? Um jovem alto estava subindo pelo caminho e passou por nós sem fazer qualquer cumprimento. Observei que sua aparência nada tinha de feia. Ao contrário, seu rosto era fino e bastante bronzeado, o que indicava ter vivido num clima tropical. Um jardineiro que estava ajuntando folhas caídas interrompeu seu trabalho por um momento, e Poirot aproximou-se rapidamente dele. — Poderia informar-me, por gentileza, quem é esse cavalheiro? Por acaso o conhece?

— Não me lembro do nome dele, senhor, embora já o tenha ouvido. Ele esteve hospedado aqui na semana passada, por uma noite. Foi na terça-feira.

Poirot virou-se para mim: — Depressa, mon ami, vamos segui-lo.

Voltamos a subir pelo caminho, apressadamente, atrás do jovem, que se afastava rapidamente. Um vulto todo de preto estava no terraço ao lado da casa. O rapaz desviou-se para lá, e fomos atrás. Assim, pudemos testemunhar o encontro. A Sra. Maltravers cambaleou onde estava, e seu rosto ainda ficou perceptivelmente mais pálido. Balbuciou: — Você aqui? Mas não estava no mar... a caminho da África oriental? — Recebi uma notícia de meus advogados que me fez adiar a viagem. Meu velho tio da Escócia morreu inesperadamente e deixou-me algum dinheiro. Nas circunstâncias, achei melhor adiar a viagem. Depois, vi a terrível notícia nos jornais, e decidi vir até aqui para ajudar no que fosse possível. Talvez precise de alguém para cuidar das providências necessárias.

Nesse momento, os dois perceberam nossa presença. Poirot adiantou-se e, pedindo mil desculpas, explicou que esquecera a bengala no vestíbulo. Um tanto relutantemente, segundo me parece, a Sra. Maltravers fez a apresentação necessária.

— M. Poirot, capitão Black.

Conversamos por uns poucos minutos, tendo Poirot verificado que o capitão Black estava hospedado na Anchor Inn. Como a bengala desaparecida não fosse encontrada (o que não era de surpreender), Poirot pediu mais desculpas, e fomos embora. Voltamos rapidamente para a aldeia, e Poirot seguiu diretamente para a Anchor Inn.

— Vamos ficar aqui até a volta de nosso amigo, Hastings. Notou que fiz questão de ressaltar que íamos voltar para Londres no primeiro trem? Talvez tenha pensado que eu falava sério. Mas não! Observou a reação da Sra. Maltravers ao avistar o jovem Black? Ela ficou visivelmente abalada! E ele ... não acha que ele se mostrou muito devotado? E esteve aqui na noite de terça-feira... o dia anterior à morte do Sr. Maltravers. Temos que investigar os passos do capitão Black, Hastings.

Cerca de meia hora depois, observamos nossa presa aproximar-se da estalagem. Poirot saiu ao seu encontro, e, dali a pouco, levou-o ao quarto que tínhamos alugado.

— Conte ao capitão Black a natureza da missão que nos trouxe até aqui, Hastings. Deve compreender, monsieur le capitaine, como estou ansioso em determinar o estado de espírito do Sr. Maltravers imediatamente antes de sua morte. Não desejo afligir ainda mais a Sra. Maltravers fazendo-lhe perguntas dolorosas. Mas como esteve aqui pouco antes da ocorrência, pode nos dar informações igualmente valiosas. — Pode estar certo de que farei tudo o que estiver a meu alcance para ajudar — respondeu o jovem

militar. Mas, infelizmente, não notei nada de anormal. Embora Maltravers fosse um velho amigo de minha família, eu mesmo não o conhecia muito bem.

— Quando chegou aqui?

— Na tarde de terça-feira. Segui para Londres no início da manhã de quarta-feira, pois meu navio deveria partir de Tilbury por volta do meio-dia. Mas, como certamente me ouviu explicar à Sra. Maltravers, recebi notícias que mudaram meus planos.

— Ia voltar para a África oriental, não é mesmo?

— Exatamente. Estou lá desde que a guerra terminou. É uma região maravilhosa, diga-se de passagem.

— Sei disso. Sobre o que conversaram durante o jantar, na noite de terça-feira? — Não me lembro muito bem. Falamos sobre os temas habituais. Maltravers perguntou como estava minha família, depois debatemos a questão das reparações alemãs, a Sra. Maltravers fez muitas perguntas sobre a África oriental, e contei algumas histórias. Acho que foi tudo.

— Obrigado.

Poirot ficou calado por um momento e depois disse, gentilmente: — Com sua permissão, eu gostaria de fazer uma pequena experiência. Já nos contou tudo o que seu consciente sabe, mas eu gostaria agora de interrogar seu subconsciente.

— Psicanálise? — indagou Black, visivelmente alarmado.

— Claro que não! — respondeu Poirot, procurando tranquilizá-lo. — É algo muito simples. Eu digo uma palavra, e o senhor me responde com outra, a primeira que lhe passar pela cabeça. E assim por diante. Podemos começar?

— Está certo — consentiu Black, embora ainda parecesse bastante apreensivo.

— Anote as palavras, por favor, Hastings — pediu Poirot. Depois, tirou do bolso o relógio imenso, cujo mostrador tinha o formato de um nabo, colocando-o na mesa, a seu lado. — Vamos começar. Dia.

Houve um momento de silêncio, e depois Black respondeu: — Noite.

A medida que Poirot foi falando, as respostas dele foram se tornando mais rápidas.

— Nome — disse Poirot.

— Lugar.

— Bernard.

— Shaw.

- Terça-feira.
- Jantar.
- Viagem.
- Navio.
- País.
- Uganda.
- História.
- Leões.
- Espingarda.
- Fazenda.
- Tiro.
- Suicídio.
- Elefantes.
- Presas.
- Dinheiro.
- Advogados.

— Obrigado, capitão Black. Poderia dispensar-me alguns minutos de seu tempo dentro de aproximadamente meia hora? — Claro! O jovem militar fitou-o com uma expressão curiosa, enxugando o suor da testa ao se levantar. Assim que a porta se fechou, Poirot virou-se para mim, sorrindo, e disse: — E agora, Hastings, já percebeu tudo, não é mesmo? — Não tenho a menor ideia do que está querendo insinuar.

— Será que essa relação de palavras não lhe disse nada? Examinei a lista meticulosamente, mas acabei sacudindo a cabeça em negativa, desolado.

— Vou ajudá-lo, Hastings. Antes de mais nada, quero ressaltar que Black respondeu às perguntas dentro do limite de tempo normal, sem pausas demoradas. Assim sendo, podemos presumir que ele mesmo não tem qualquer consciência de culpa. "Dia" e "noite" e "lugar" e "nome" são associações perfeitamente normais. Comecei a sondá-lo com "Bernard", que poderia ter indicado o médico do lugar, se ele por acaso o tivesse encontrado. Evidentemente, isso não aconteceu. Depois de nossa conversa, ele respondeu "jantar" quando falei "terça-feira". Mas "viagem" e "país" foram respondidos com "navio" e "Uganda", indicando claramente que sua viagem para o exterior é que é importante, e não a que fizera até aqui. "História" recordou-lhe as histórias de "leões" que deve ter contado durante o jantar. Quando falei "espingarda", ele respondeu inesperadamente com "fazenda". Quando falei "tiro", ele imediatamente respondeu "suicídio". A associação parece evidente. Um homem que ele

conhece se suicidou com uma dessas espingardas de atirar em passarinhos, em alguma fazenda. Lembre-se de que ele ainda estava pensando nas histórias que contara durante o jantar. Creio que há de concordar em que chegaremos mais perto da verdade se eu chamar novamente o capitão Black e lhe pedir que repita a história de suicídio que contou durante o jantar naquela noite de terça-feira. Black não teve a menor hesitação: — Tem toda a razão. Agora que falou nisso, lembro-me de que realmente contei uma história de suicídio durante o jantar. Um homem se matou lá em Uganda, numa fazenda, com uma dessas espingardas de ar comprimido, de caçar passarinhos. Enfiou o cano na boca e disparou. A bala foi alojarse no cérebro. Os médicos ficaram desconcertados, pois o único indício era um pouco de sangue na boca. Mas o que... — O que tem isso a ver com o Sr. Maltravers? Estou vendo que ainda não sabe que encontraram uma espingarda de pressão ao lado do corpo dele.

— Está querendo dizer que minha história lhe sugeriu ... Oh, não, isso é terrível! — Não se aflija, por favor. Ele teria de qualquer maneira se suicidado, mais cedo ou mais tarde, de um jeito ou de outro. Bem, agora tenho que telefonar para Londres.

Poirot teve uma conversa prolongada pelo telefone, e voltou com uma expressão pensativa. Passou a tarde inteira sozinho, e somente às sete horas da noite é que anunciou que não poderia adiar por mais tempo, tinha que dar a notícia à jovem viúva. A essa altura, toda a minha simpatia já estava do lado dela incondicionalmente. Ficar sem dinheiro, sabendo que o marido se suicidara, era um fardo grande demais para qualquer mulher. Mas ela acalentava a esperança secreta de que o jovem Black pudesse consolá-la devidamente, depois de passada a dor inicial. Era evidente que ele a admirava intensamente. Nossa entrevista com a Sra. Maltravers foi dolorosa. Ela se recusou categoricamente a acreditar nos fatos que Poirot apresentou. Quando finalmente se convenceu, desatou a chorar, incontrolavelmente. Um exame do corpo converteu a suspeita em certeza. Poirot sentiu muita pena da viúva. Mas, afinal, era contratado pela companhia de seguros. O que mais poderia fazer? Quando já se preparava para ir embora, disse à Sra. Maltravers, gentilmente: — Madame, deve saber mais do que as outras pessoas que não existem mortos!

— Como assim? — balbuciou ela, arregalando os olhos.

— Nunca participou de nenhuma sessão espírita? Pois a senhora é médium e sabe disso.

— Já tinham me falado. Mas acredita mesmo em espiritismo, M. Poirot?

— Já vi coisas muito estranhas, madame. Sabe que corre na aldeia o

comentário de que esta casa é mal-assombrada? Ela assentiu. Nesse momento, a criada apareceu para anunciar que o jantar estava servido.

— Não querem ficar para jantar?

Acabamos aceitando. Achei que nossa presença poderia ajudá-la a esquecer um pouco o sofrimento que a dominava. Tínhamos acabado de tomar a sopa quando ouvimos um grito lá fora e o barulho de louça se quebrando. Levantamo-nos imediatamente. A criada apareceu na porta, com a mão no coração.

— Havia um homem ... parado no corredor ...

Poirot saiu correndo e voltou um instante depois.

— Não há ninguém lá.

— Não há mesmo, senhor? — sussurrou a criada. — Fiquei tão assustada!

— Por quê?

A voz dela era quase inaudível ao responder: — Pensei ... pensei que fosse o patrão ... era parecido com ele...

Vi a Sra. Maltravers estremecer, aterrorizada. Recordei-me da velha superstição de que um suicida não pode repousar. Tenho certeza de que ela também pensou nisso, pois um minuto depois agarrou o braço de Poirot, soltando um grito.

— Não ouviu três batidas na janela? Era assim que ele costumava bater, quando dava uma volta em torno da casa!

— Foi apenas a hera que bateu contra a janela! — argumentei.

Mas uma espécie de terror começou a dominar a todos nós. A criada estava obviamente abalada. Quando o jantar terminou, a Sra. Maltravers suplicou a Poirot que não partisse imediatamente. Era evidente que estava apavorada com a perspectiva de ficar sozinha. O vento era cada vez mais forte e gemia em torno da casa de uma maneira lúgubre. Fomos nos sentar na sala. Por duas vezes, a porta se desprende e se abriu lentamente. Nas duas ocasiões, a Sra. Maltravers se agarrou a mim, com exclamações de terror.

— Ah, mas parece que esta porta está enfeitiçada! — gritou Poirot finalmente, irritado. Levantou-se e foi fechar a porta, virando a chave na fechadura. — melhor deixa-la logo trancada!

— Não faça isso! — gritou a Sra. Maltravers. — Se a porta se abra agora ...

E, no momento mesmo em que ela falava, o impossível aconteceu: a porta trancada se abriu lentamente. Do lugar onde eu estava sentado, não dava para avistar o final do corredor. Mas a Sra. Maltravers e Poirot

estavam de frente para ele. Ela soltou um grito estridente e balbuciou depois para Poirot: — Também o viu ... no corredor?

Poirot fitou-a com uma expressão aturdida, depois sacudiu a cabeça, lentamente.

— Eu o vi ... meu marido ... não o viu também?

— Não vi nada, madame. Não está se sentindo bem, o choque deixou-a abalada ...

— Estou perfeitamente bem! Eu... Oh, meu Deus! Subitamente, sem que o esperássemos, as luzes faiscaram e depois se apagaram. E, na escuridão, soaram três batidas rápidas na janela. Ouvi o gemido da Sra. Maltravers. E foi então que... eu vi! O homem que eu já vira antes, estendido na cama lá em cima, estava agora parado à nossa frente, irradiando uma claridade fraca, fantasmagórica. Havia sangue em seus lábios, e sua mão direita estava levantada, apontando algo. De repente, uma luz intensa pareceu irradiar-se dele. Passou por Poirot e por mim e foi incidir na Sra. Maltravers. Olhei para o rosto terrivelmente pálido e apavorado dela... e vi também algo mais!

— Santo Deus, Poirot! — gritei. — Olhe só para a mão direita dela! Está toda vermelha! Ela olhou para a própria mão e caiu no chão, gritando histericamente: — Sangue! Isso mesmo, é sangue! Eu o matei! Fui eu! Ele estava me mostrando como podia ser feito, inclinei-me rapidamente e puxei o gatilho! Salvem-me dele! Salvem-me! Ele veio me pegar! — Sua voz sumiu num gorgolejo horrível.

— Luzes! — gritou Poirot.

E as luzes se acenderam, como num passe de mágica.

— Está acabado. Ouviu tudo, não é mesmo, Hastings? E você também, Everett? Ah, por falar nisso, Hastings, esse é o Sr. Everett, um insigne ator teatral. Telefonei-lhe esta tarde. Não acha que a maquilagem dele está muito boa? Muito parecido com o falecido! E com uma lanterna elétrica e a fosforescência necessária, consegui causar a impressão apropriada. Se eu fosse você, Hastings, não tocaria na mão direita dela. A tinta vermelha mancha muito. Quando as luzes se apagaram, derramei tinta vermelha em sua mão. E, agora, temos que nos apressar, se não quisermos perder o trem. O inspetor Japp está lá fora e pode cuidar do resto. Está uma noite horrível... mas ele pôde ajudar a fazer o tempo passar mais depressa batendo de vez em quando na janela.

Ao caminharmos apressadamente sob o vento e a chuva, Poirot foi me explicando tudo: — Havia uma pequena incoerência, Hastings. O médico parecia pensar que o falecido era um cientista-cristão. Quem poderia ter

lhe dado tal impressão senão a Sra. Maltravers? Mas, para nós, ela declarou que o marido andava bastante apreensivo com sua saúde. E por que ela ficou tão aturdida com o reaparecimento do jovem Black? Finalmente, embora eu saiba que as convenções exigem que uma mulher demonstre um profundo pesar pela morte do marido, não havia motivo para que ela passasse tanto ruge nas pálpebras! Não tinha reparado nisso, Hastings? Como sempre lhe digo, você não repara em coisa alguma! "Pois eram esses os fatos, meu amigo. Havia duas possibilidades. Ou a história de Black sugerira um engenhoso método de suicídio ao Sr. Maltravers, ou a outra pessoa que ouvira a história, a esposa, vira nela um engenhoso meio de cometer um assassinato. Cheguei à conclusão de que só podia ser a segunda hipótese. A espingarda de ar comprimido, como você também verificou, era muito comprida. Para suicidar-se daquele jeito, o falecido teria que puxar o gatilho com o dedo do pé. Ora, se Maltravers tivesse sido encontrado sem uma das botas, certamente alguém nos teria falado. Afinal, um detalhe tão insólito não poderia deixar de ser lembrado. "Não devia ser isso. Assim, como eu já disse, a conclusão era de que se tratava de um homicídio e não de um suicídio. Mas compreendi também que não dispunha absolutamente de qualquer prova que confirmasse minha teoria. E foi por isso que encenamos a pequena comédia a que você assistiu esta noite."

Fiz meu primeiro comentário desde que Poirot iniciara as explicações: — Confesso que, até agora, ainda não estou entendendo muito bem como o crime foi cometido.

— Vamos começar pelo princípio, meu caro Hastings. Temos uma mulher inteligente e astuta. Sabe da *débâcle* (*ruína*) financeira do marido, um homem mais velho, com quem se casou apenas por dinheiro. Convence-o a fazer um seguro de vida vultoso e depois começa a procurar uma maneira segura de executar o plano de matá-lo, a fim de receber esse dinheiro. E o acaso lhe proporciona isso, através da estranha história contada por um jovem militar. Na tarde seguinte, quando monsieur le capitaine já está em alto-mar, segundo ela pensa, sai com o marido a passear pela propriedade. "Que história estranha, a que o capitão contou ontem à noite!", comenta ela. "Será que um homem poderia atirar em si mesmo dessa maneira? Mostre-me, que eu quero ver se é possível! " E o pobre do marido ... concorda em mostrar! Coloca o cano da espingarda na boca. Ela se abaixa e encosta o dedo no gatilho, rindo para ele. E diz, jovialmente: "E agora, meu caro, o que aconteceria se eu puxasse o gatilho?" — Poirot fez uma breve pausa e arrematou: — E depois... e depois, Hastings... ela puxou o gatilho!

FIM

III

A aventura do apartamento barato

NOS CASOS QUE REGISTREI ATÉ AGORA, as investigações de Poirot começaram a partir do fato central, quer tenha sido assassinato ou roubo, seguindo a partir daí, por um processo de dedução lógica, até a triunfante solução final. No caso que vou relatar agora, houve uma sucessão extraordinária de circunstâncias, a partir de incidentes aparentemente triviais, que atraíram a atenção de Poirot, levando a acontecimentos sinistros, que constituíram um crime dos mais insólitos. Eu estava passando a noite com um velho amigo, Gerald Parker. Além de nós, havia provavelmente mais meia dúzia de pessoas presentes. A conversa acabou recaindo, como sempre acontecia quando Parker estava presente, no problema da procura de moradia em Londres. A procura de casas e apartamentos era o passatempo preferido de Parker. Desde o término da guerra, ele já morara em pelo menos meia dúzia de apartamentos e pequenas casas. Mal estava instalado em algum lugar, mudava-se inesperadamente, de malas e bagagens, para outro. As mudanças eram quase sempre acompanhadas de um pequeno ganho pecuniário, pois Parker tinha uma boa cabeça para negócios. Mas era o puro amor ao esporte que o levava a agir assim, não o desejo de ganhar algum dinheiro. Ficamos ouvindo Parker por algum tempo, com o respeito dos noviços pelas palavras do perito. Depois, foi nossa vez de falar, e irrompeu então uma verdadeira babel de vozes. Finalmente, a palavra ficou com a Sra. Robinson, uma jovem encantadora, recém-casada, que estava ali junto com o marido. Eu não os conhecera antes, já que Robinson era um amigo recente de Parker.

— Por falar em apartamentos, Sr. Parker, já soube do nosso extraordinário golpe de sorte? Conseguimos finalmente arrumar um apartamento, em Montagu Mansions!

— É o que eu sempre disse! — declarou Parker. — Há muitos apartamentos para se alugar ... desde que se esteja disposto a pagar o preço! — Tem toda a razão. Mas acontece que o preço que estamos pagando é barato demais. Apenas oitenta libras por ano!

— Mas ... mas Montagu Mansions fica perto da Knightsbridge, não é mesmo? É um prédio grande e bonito. Ou será que está falando de algum prédio com o mesmo nome localizado no meio dos cortiços?

— Não, é mesmo o prédio perto da Knightsbridge. É isso o que torna nosso achado maravilhoso.

— Maravilhoso não é a palavra certa! É um milagre espetacular! Mas deve haver alguma armadilha aí. As luvas são muito altas?

— Não há luvas!

— Não há... Oh, Deus, isso é demais! — gemeu Parker.

— Mas tivemos que comprar a mobília — acrescentou a Sra. Robinson.

— Ah! Eu sabia que tinha de haver alguma coisa! — exclamou Parker, reanimando-se.

— Por cinquenta libras. E o apartamento está muito bem mobiliado.

— Desisto! Os atuais ocupantes devem ser lunáticos com tendências para a filantropia.

A Sra. Robinson estava parecendo um pouco perturbada. Franziu a testa ligeiramente.

— Não é estranho? Será que... o apartamento é mal-assombrado?

— Nunca ouvi falar de um apartamento mal-assombrado — declarou Parker, categoricamente.

— Tem razão... — murmurou a Sra. Robinson, longe de estar convencida. — Más há várias coisas que me atraíram a atenção, coisas um tanto... esquisitas.

— Por exemplo? — indaguei.

— Ah, a atenção do nosso criminologista foi despertada! — exclamou Parker. — Conte-lhe tudo, Sra. Robinson. Hastings é um grande decifrador de mistérios.

Soltei uma risada, um tanto embaraçado, mas não de todo insatisfeito com o papel que me era atribuído.

— Não chega a ser nada realmente estranho, capitão Hastings, apenas... esquisito. Fomos procurar os agentes imobiliários Stosser Paul. Não os tínhamos procurado antes porque normalmente eles só têm apartamentos muito caros, em Mayfair. Mas achamos que não haveria mal algum em tentar. Eles só tinham apartamentos de quatrocentas ou quinhentas libras por ano, ou então com luvas muito altas. Quando já íamos embora, o homem que nos atendeu informou que tinha um apartamento de oitenta libras por ano. Acrescentou que duvidava muito de que nossa ida até lá pudesse ser de algum proveito. O apartamento já estava registrado ali há bastante tempo, e tinham enviado diversas pessoas para vê-lo. Provavelmente já devia estar ocupado, mas eles não tinham sido avisados. Não gostavam de mandar pessoas lá, pois as pessoas costumam irritar-se ao visitar um apartamento já alugado.

A Sra. Robinson teve que fazer uma pausa para recuperar o fôlego, antes de continuar: — Agradecemos e declaramos que compreendíamos perfeitamente que o apartamento talvez já estivesse alugado. Mesmo assim, não custava nada ir até lá para verificar. O homem nos deu uma autorização, e seguimos de táxi para o apartamento. Afinal, pensamos, não custava nada tentar. O apartamento número 4 ficava no segundo andar. Estávamos esperando o elevador quando Elsie Ferguson (é uma amiga minha, capitão Hastings, que também está procurando apartamento) desceu a escada e disse, ao me ver: "Para variar, cheguei na sua frente, minha cara. Mas nem adianta subir. Já está alugado". Aquilo parecia encerrar o caso. Mas, como disse John, o apartamento estava muito barato, podíamos pagar um pouco mais. Quem sabe, se oferecêssemos luvas ... Sei que isso é uma coisa horrível e sinto-me envergonhada por contar, mas sabe como é difícil encontrar-se um bom apartamento e o que se precisa fazer para consegui-lo.

Assegurei-lhe que sabia perfeitamente que, na luta em busca de moradia, o lado inferior da natureza humana frequentemente triunfava sobre o superior, e que a lei tão conhecida do lobo que devora a ovelha sempre prevalecia.

— Subimos para ver o apartamento. E descobrimos que não estava alugado. Uma criada nos mostrou todos os cômodos, e depois falamos com a patroa dela. Ficou tudo acertado. Ocuparíamos o apartamento imediatamente, pagando cinquenta libras pelos móveis. Assinamos o contrato no dia seguinte e vamos mudar amanhã! — A Sra. Robinson parou de falar, triunfante.

— E o que me diz da Sra. Ferguson? — perguntou Parker. — Vamos ouvir suas deduções, Hastings.

— Elementar, meu caro Watson. Ela foi ao apartamento errado.

— Oh, capitão Hastings, mas só pode ter sido isso mesmo! — exclamou a Sra. Robinson, admirada.

Desejei que Poirot estivesse presente naquele momento. As vezes, tenho a impressão de que ele subestima minha capacidade. O episódio era divertido, e resolvi apresentá-lo a Poirot na manhã seguinte, como um falso problema. Ele pareceu ficar interessado, e interrogou-me minuciosamente a respeito dos aluguéis de apartamentos em diversos bairros.

— Uma história curiosa... — comentou ele, quando terminei. — Com licença, Hastings, mas preciso dar uma volta.

Quando Poirot voltou, cerca de uma hora depois, seus olhos brilhavam com um excitamento peculiar. Pôs a bengala em cima da mesa e escovou o

chapéu com o cuidado habitual, antes de falar: — Ainda bem, mon ami, que não temos nenhum caso em nossas mãos no momento. Assim, podemos nos dedicar inteiramente à atual investigação.

— De que investigação está falando? — Do preço extraordinariamente barato do apartamento alugado por sua amiga, a Sra. Robinson.

— Ora, Poirot, não pode estar falando sério.

— Ao contrário, meu amigo, ao contrário! Sabia que o verdadeiro aluguel daquele apartamento é de trezentos e cinquenta libras? Verifiquei pessoalmente com os agentes do senhorio. E, no entanto, aquele apartamento em particular está sendo sublocado por oitenta libras. Por quê?

— Deve haver alguma coisa errada com ele. Talvez seja mal-assombrado, como a Sra. Robinson supôs.

Pairar meneou a cabeça, com uma expressão insatisfeita.

— Há também outro fato estranho. A amiga dela disse que o apartamento já estava alugado, mas a Sra. Robinson foi verificar e descobriu que não era o caso.

— Mas certamente concorda comigo em que a outra mulher deve ter ido ao apartamento errado, a única explicação possível.

— Pode ou não estar certo com relação a esse ponto, Hastings. Mesmo assim, ainda resta o fato de que diversos outros candidatos foram enviados ao apartamento, e, apesar do preço extremamente barato, ele ainda estava para alugar quando a Sra. Robinson apareceu.

— Isso confirma que deve haver algo errado com o apartamento.

— Pelo que contou, a Sra. Robinson não percebeu nada de errado. Não acha isso muito curioso? E qual a sua opinião a respeito dela, Hastings? Acha que é uma mulher sincera? — Uma criatura maravilhosa!

— Évidemment! (*Evidentemente!*) Já que o deixou incapaz de responder à minha pergunta. Descreva-a para mim, por gentileza.

— Ela é alta e loura... isto é, seus cabelos têm um tom castanho-avermelhado.

— Ah, meu caro Hastings, sempre teve uma queda por cabelos assim! Mas continue.

— Olhos azuis, pele branca e suave e... acho que é tudo — concluí, confuso.

— E o marido dela?

— Um sujeito simpático.., sem nada de excepcional.

— Moreno ou louro?

— Não me lembro.., acha que era um meio-termo, com um rosto do tipo

mais comum.

Poirot assentiu.

— Estou entendendo. É verdade que existem centenas de homens comuns, que se situam num meio-termo. De qualquer maneira, você sempre dá mais ênfase e demonstra mais prazer na descrição das mulheres. Sabe alguma coisa a respeito do casal? Será que Parker os conhece bem?

— Pelo que sei, são conhecidos recentes de Parker. Mas certamente, Poirot, não está pensando...

Poirot levantou a mão.

— Tout doucement, mon ami. Por acaso eu disse que estava pensando alguma coisa? Falei apenas que é... uma história curiosa. E não há coisa alguma que nos possa ajudar a lançar um pouco de luz no enigma. A não ser o nome da jovem em questão, não é mesmo, Hastings?

— O nome dela é Stella. Mas não vejo o que...

— Devagar, meu amigo. — Poirot interrompeu-me com uma tremenda risada. Algo parecia diverti-lo imensamente. — E Stella significa “estrela”, não é mesmo? Extraordinário!

— Mas que diabo.

— E as estrelas dão luz! Voilà! Acalme-se, Hastings. Não fique com essa cara de dignidade ferida. Vamos até Montagu Mansions para fazer algumas indagações.

Acompanhei-o, embora contrariado. O prédio era grande e simpático, em excelente estado de conservação. Um porteiro uniformizado estava tomando sol na entrada, e foi a ele que Poirot se dirigiu: — Pardon, (*Perdão,*) mas poderia informar-me se o Sr. e a Sra. Robinson residem aqui? O porteiro era um homem de poucas palavras, e aparentemente mal-humorado ou desconfiado. Mal olhou para nós, limitando-se a resmungar: — Apartamento 4. Segundo andar.

— Obrigado. Sabe dizer-me há quanto tempo eles moram aqui? — Seis meses.

Dei um passo à frente, atônito, percebendo o sorriso malicioso de Poirot.

— Impossível! — gritei. — Deve estar cometendo um engano! — Seis meses.

— Tem certeza? A mulher a que estou me referindo é alta, de cabelos avermelhados.

— É ela mesma — interrompeu-me o porteiro. — Vieram de Michaelmas. Há apenas seis meses.

Ele pareceu perder o interesse por nós e retirou-se lentamente para o saguão do prédio. Afastei-me com Poirot.

— Eh bien, (bem) Hastings? — indagou meu amigo, maliciosamente. — Ainda está convencido de que as mulheres deslumbrantes sempre dizem a verdade? Não respondi. Poirot já havia se encaminhado para a Brompton Road antes que eu tivesse tempo de lhe perguntar o que ia fazer e para onde estávamos indo.

— Vamos procurar a imobiliária do prédio, Hastings. Tenho o maior desejo de ter um apartamento em Montagu. Se não estou enganado, muitas coisas interessantes vão acontecer por lá, antes que se passe muito tempo.

Tivemos sorte em nossa busca. O apartamento 8, no quarto andar, estava para alugar, mobiliado, a dez guinéus por semana. Poirot prontamente o alugou por um mês. Ao sairmos para a rua, ele tratou de silenciar meus protestos: — Mas estou ganhando dinheiro suficiente agora, Hastings! Por que não poderia satisfazer um pequeno caprice? (Capricho?) Por falar nisso, por acaso tem um revólver?

— Tenho, sim... em algum lugar, não me lembro direito onde o deixei... — respondi prontamente, um pouco excitado. — Acha que...

— Que irá precisar usá-lo? É bem possível. Estou vendo que a ideia lhe agrada. Ah, o espetacular e o romântico o atraem invariavelmente! No dia seguinte, fomos nos instalar em nossos aposentos temporários. O apartamento era agradavelmente mobiliado. Ocupava a mesma posição no prédio que o apartamento dos Robinsons, só que dois andares acima. O dia seguinte ao da nossa mudança foi um domingo. De tarde, Poirot deixou a porta da frente entreaberta e chamou-me apressadamente assim que souu a batida de uma porta em algum lugar lá embaixo.

— Dê uma olhada por cima da balaustrada, Hastings. São os seus amigos? Torne cuidado para que não o vejam.

Estiquei a cabeça e sussurrei: — São eles mesmos.

— Ótimo! Vamos esperar um pouco.

Cerca de meia hora depois, uma jovem saiu do apartamento, em roupas vistosas. Com um suspiro de satisfação, Poirot voltou para o nosso apartamento na ponta dos pés.

— C'est ça. Depois que os patrões saem, é a vez da empregada. O apartamento deve estar vazio agora.

— E o que vamos fazer? — indaguei, apreensivo.

Poirot fora até a copa e estava puxando a corda do elevador de carvão. E explicou, jovialmente: — Vamos descer pelo mesmo caminho do lixo. Ninguém nos irá observar. O concerto de domingo, o "passeio" de domingo

e, finalmente, o cochilo de domingo, depois do tradicional almoço de domingo inglês... lo rosbif... tudo isso irá impedir que alguém repare nas ações de Hercule Poirot. Vamos, meu amigo.

Ele entrou na pequena plataforma de madeira e eu o segui, cautelosamente.

— Vamos arrombar o apartamento? — indaguei, desconfiado.

A resposta de Poirot não foi nada tranquilizante: — Hoje não.

Puxando a corda, descemos lentamente até o segundo andar. Poirot soltou uma exclamação de satisfação ao verificar que a porta de madeira da copa estava aberta.

— Está vendo, Hastings? Ninguém se lembra de trancar essas portas durante o dia. E, no entanto, qualquer um pode subir ou descer, como fizemos. De noite costumam trancar, embora nem sempre. Mas vamos tomar as providências necessárias para evitar que isso aconteça.

Ele tirou algumas ferramentas do bolso, enquanto falava, e começou a trabalhar imediatamente, com extrema habilidade. Seu objetivo era dar um jeito no ferrolho, de maneira a que pudesse ser aberto do elevador. Toda a operação durou apenas três minutos. Depois, Poirot guardou as ferramentas no bolso, e subimos de volta a nossos domínios. Poirot passou toda a segunda-feira fora. Ao voltar, no fim da tarde, afundou-se numa poltrona com um suspiro de satisfação.

— Gostaria de ouvir uma pequena história, Hastings? Uma história do tipo que aprecia e que o fará recordar-se de um dos seus filmes prediletos?

— Pode contar. — respondi, rindo. — Presumo que seja uma história verdadeira e não apenas mais um dos seus esforços de imaginação.

— A história é verídica. O inspetor Japp, da Scotland Yard, pode confirmá-la, já que foi através de seus bons ofícios que dela tomei conhecimento. E agora, Hastings, vamos à história. Há pouco mais de seis meses, alguns planos navais de grande importância foram roubados de uma repartição do governo americano. Mostravam as posições de algumas defesas costeiras essenciais e valeriam uma soma considerável para qualquer potência estrangeira.. como o Japão, por exemplo. As suspeitas recaíram num jovem chamado Luis Valdarno, italiano de nascimento, funcionário subalterno do departamento de onde sumiram os documentos. Ele desapareceu na mesma ocasião. Quer fosse ele ou não o ladrão dos documentos, o fato é que dois dias depois encontraram o corpo de Luigi Valdarno no East Side, em Nova York, morto com um tiro. Os documentos não estavam em seu poder. Algum tempo antes, Luigi Valdarno vinha saindo com uma jovem cantora Elsa Hardt, que aparecera recentemente e

morava com um irmão num apartamento em Washington. Nada se sabia a respeito do passado de Elsa Hardt, que desapareceu subitamente, na mesma ocasião da morte de Valdarno. Há razões para se acreditar que ela era na realidade uma consumada espiã internacional, que já realizara diversas missões infames, sob vários pseudônimos. Ao mesmo tempo em que se empenhava em localizá-la, o serviço secreto americano também vigiava alguns cavalheiros japoneses, aparentemente sem a menor importância, que viviam em Washington. Eles tinham certeza de que Elsa Hardt, assim que despistasse seus perseguidores, iria procurar os referidos cavalheiros. Há quinze dias, um deles partiu subitamente para a Inglaterra.

Assim, ao que tudo indica, Elsa Hardt encontra-se neste momento aqui na Inglaterra. — Poirot fez uma pausa e depois acrescentou, suavemente: — A descrição oficial de Elsa Hardt é a seguinte: um metro e setenta de altura, olhos azuis, cabelos castanho-avermelhados, pele alva, nariz reto, sem quaisquer marcas características.

— E a Sra. Robinson! — É possível que seja — corrigiu-me Poirot. — E eu soube também que um homem moreno, um estrangeiro, andou fazendo perguntas esta manhã a respeito dos moradores do apartamento 4. Portanto, mon ami, receio que terá que renunciar a seu sono esta noite e me acompanhar numa vigília no apartamento lá de baixo., armado com aquele seu bom revólver, bien entendu (*naturalmente.*)

— Mas claro! — gritei, entusiasmado. — Quando começaremos?

— Meia-noite é uma hora ao mesmo tempo solene e apropriada. Não é probable (*provável*) que ocorra alguma coisa antes disso.

Precisamente à meia-noite, descemos no elevador de carvão até o segundo andar. Poirot abriu rapidamente a porta de madeira e entramos no apartamento. Passamos para a cozinha, onde nos acomodamos confortavelmente em duas cadeiras, deixando a porta para o vestíbulo entreaberta.

— E agora só nos resta esperar disse Poirot, visivelmente satisfeito, — fechando os olhos.

Para mim, a espera pareceu interminável, pois fiquei apavorado com a possibilidade de acabar dormindo. Quando me parecia que já estava ali há mais de oito horas, embora se tivesse passado apenas uma hora e vinte minutos, conforme verifiquei mais tarde, ouvi um barulho muito fraco. A mão de Poirot tocou na minha. Levantei-me e, juntos, nos encaminhamos para o vestíbulo. Era de lá que vinha o barulho. Poirot quase encostou os lábios em meu ouvido e sussurrou: — Do lado de fora da porta da frente. Estão arrombando a fechadura. Quando eu der um aviso, não antes, caia em

cima dele por trás e segure-o depressa. Tome cuidado, pois ele estará armado de faca.

Dali a pouco, ouvimos um ruído mais forte. Um pequeno círculo de luz surgiu através da porta. Extinguiu-se imediatamente, e a porta foi aberta devagar. Poirot e eu ficamos colados contra a parede. Ouvi a respiração do homem quando ele passou por trás de nós, tornando a acender a lanterna. E foi nesse momento que Poirot sussurrou ao meu ouvido: — Agora! Avançamos juntos. Com um movimento rápido, Poirot envolveu a cabeça do intruso com um cachecol de lã, enquanto eu lhe imobilizava os braços. Toda a ação foi rápida e silenciosa. Arranquei uma faca da mão dele, enquanto Poirot lhe baixava o cachecol dos olhos para a boca. Saquei o revólver e brandi-o diante do rosto do homem, para que ele compreendesse que qualquer tentativa de resistência era absolutamente inútil. Quando o homem finalmente cessou de se debater, Poirot aproximou os lábios de seu ouvido e começou a sussurrar rapidamente. Um minuto depois, o homem assentiu. Depois, pedindo silêncio com um gesto da mão, Poirot saiu do apartamento e desceu a escada. Fomos atrás dele. Eu ia por último, empunhando o revólver. Ao chegarmos à rua, Poirot virou-se para mim: — Há um táxi esperando logo depois da esquina. Pode dar-me o revólver, Hastings. Não vamos mais precisar dele.

— E se o sujeito tentar escapar?

Poirot sorriu.

— Ele não tentará.

Voltei logo depois, com o táxi. Poirot tirara o cachecol do rosto do estrangeiro, e deixei escapar uma exclamação de surpresa ao vê-lo. E sussurrei para Poirot: — Mas ele não é japonês!

— A observação sempre foi o seu ponto forte, Hastings. Nada lhe escapa. Tem razão, o homem não é japonês. Ele é italiano.

Entramos no táxi, e Poirot deu ao motorista um endereço em St. John's Wood. Aquela altura, eu estava totalmente aturdido. Não queria perguntar a Poirot para onde estávamos indo na presença do prisioneiro e esforcei-me em vão em tentar esclarecer por mim mesmo o que acontecera. Saltamos diante de uma casa pequena e bastante recuada. Algum retardatário; ligeiramente embriagado, estava cambaleando pela calçada e quase esbarrou em Poirot, que lhe disse algo rispidamente. Não consegui ouvir direito. Subimos os degraus da casa. Poirot tocou a sineta e fez sinal para que ficássemos esperando de lado. Ninguém atendeu. Ele tocou novamente e depois bateu com a aldraba por alguns minutos, vigorosamente. Uma luz apareceu na bandeira da porta, que foi

cautelosamente entreaberta.

— Que diabo está querendo a esta hora? — perguntou uma voz de homem, rispidamente.

— Quero falar com o médico. Minha esposa está muito doente.

— Não há nenhum médico aqui!

O homem já ia fechar a porta, mas Poirot rapidamente enfiou o pé na abertura. E tornou-se, subitamente, a caricatura perfeita de um francês enfurecido.

— Como não há médico? Vou chamar a polícia! Tem que vir comigo! Vou ficar aqui e tocar e bater a noite inteira ...

— Meu caro senhor...

A porta foi novamente aberta. O homem estava de chambre e chinelos. Adiantou-se, para apaziguar Poirot, lançando um olhar apreensivo ao redor.

— Vou chamar a polícia!

Poirot fez menção de descer os degraus.

— Não! Não faça isso, pelo amor de Deus!

O homem saiu atrás dele. Com um empurrão súbito, Poirot fê-lo descer os degraus, cambaleando. Um instante depois, nós três estávamos dentro da casa, fechando a porta e passando a tranca.

— Depressa ... vamos entrar ali! — Poirot seguiu na frente, para a sala mais próxima, acendendo a luz na passagem. — E você... fique atrás da cortina!

— Si, signore — disse o italiano, indo rapidamente esconder-se atrás da cortina de veludo rosa que cobria a janela.

E foi bem a tempo. No momento exato em que ele desaparecia, uma mulher entrou correndo na sala. Era alta, de cabelos avermelhados, e um quimono vermelho lhe envolvia o corpo esguio.

— Onde está meu marido? — gritou ela, com uma expressão assustada. — Quem são vocês?

Poirot deu um passo à frente, seguido por um gesto cortês.

— É de se esperar que seu marido não vá apanhar um resfriado. Pude observar que ele calçava chinelos e que seu roupão era bem grosso.

— Quem é você? O que está fazendo em minha casa?

— É verdade que nenhum de nós teve o prazer de conhecê-la pessoalmente até agora, madame. E isso é ainda mais lamentável porque um dos nossos veio especialmente de Nova York para encontrá-la.

A cortina se abriu, e o italiano avançou. Para minha surpresa e consternação, vi que ele estava brandindo meu revólver, que Poirot,

inadvertidamente, devia ter deixado no assento do táxi. A mulher soltou um grito desesperado e virou-se para fugir. Mas Poirot estava parado diante da porta fechada.

— Deixe-me sair! — gritou a mulher. — Ele vai me matar!

— Quem foi que matou Luigi Valdarno? — indagou o italiano, com voz áspera. Ele brandia o revólver ameaçadoramente, apontando alternadamente para os três. Não nos atrevíamos a fazer nenhum movimento.

— Santo Deus, Poirot! — gritei. — Isso é terrível! O que vamos fazer agora? — Você me faria um favor se se abstivesse de falar, Hastings. Posso assegurar-lhe que nosso amigo não irá atirar, a menos que eu lhe diga para fazê-lo.

— Tem certeza disso? — perguntou o italiano, com um olhar que me provocou um calafrio.

A mulher virou-se bruscamente para Poirot.

— O que está querendo? Poirot fez uma mesura.

— Não creio que seja necessário insultar a inteligência de Elsa Hardt dizendo-lhe isso explicitamente.

Com um movimento rápido, a mulher pegou um gato preto de veludo que servia como cobertura para o telefone.

— Estão costurados no forro deste gato! — Muito hábil — comentou Poirot, em tom de admiração, dando em seguida um passo para o lado. — Boa noite, madame. Vou deter seu amigo de Nova York enquanto a senhora dá um jeito de escapar.

— Mas que idiota! — rugiu o italiano. E, levantando o revólver, disparou à queima-roupa na mulher, que já começava a se afastar, antes que eu tivesse tempo de me lançar em cima dele. Porém a arma simplesmente fez um clique inofensivo, e a voz de Poirot soou numa censura suave: — Nunca confia em seu velho amigo, Hastings. Não me importo que meus amigos portem armas carregadas, mas jamais permito que um mero conhecido o faça. Não, não, mon ami! — As últimas palavras foram dirigidas ao italiano, que estava praguejando furiosamente. Poirot continuou a falar com ele: — Espero que compreenda o que fiz por você. Salvei-o de ser enforcado. E não pense que nossa bela dama irá escapar. A casa está sendo vigiada, na frente e nos fundos. Os dois vão cair diretamente nas mãos da polícia. Não acha esse pensamento agradável e confortador? Está bem, pode deixar a sala agora. Mas tome cuidado ... muito cuidado. Eu... ah, ele já foi! E meu amigo Hastings me olha com uma expressão de censura. Mas era tudo tão simples! Era tudo evidente desde o início. Entre inúmeros candidatos,

provavelmente centenas, ao apartamento número 4 de Montagu Mansions, somente os Robinsons foram considerados apropriados. Por quê? O que havia para distingui-los de todos os outros... e praticamente ao primeiro olhar? Seria a aparência? Possivelmente, embora ela nada tivesse de extraordinária. Nesse caso, só podia ser o nome deles! — Mas não há nada de extraordinário no nome Robinson, Poirot. Ao contrário, é um nome bastante comum.

— Ah, sapristi! Mas é justamente essa questão, meu amigo. Elsa Hardt e o marido, irmão ou o que quer que o homem fosse, chegaram de Nova York e alugaram um apartamento sob o nome de Sr. e Sra. Robinson. E subitamente descobriram que uma dessas sociedades secretas, a Máfia ou a Camorra, à qual Luigi Valdarno certamente pertencia, estava atrás deles. O que fizeram? Imaginaram um plano de extrema simplicidade. Evidentemente, sabiam que seus perseguidores não conheciam pessoalmente nenhum dos dois. O que poderia ser mais simples? Ofereceram o apartamento por um aluguel absurdamente baixo. Entre os milhares de jovens casais que neste momento procuram moradia em Londres, não podia deixar de haver vários Robinsons. Era simplesmente uma questão de esperar um pouco. Se der uma olhada no catálogo telefônico, vai verificar que era inevitável o aparecimento de uma Sra. Robinson, mais cedo ou mais tarde. O que iria então acontecer? O vingador chega. Conhece o nome, conhece o endereço. E ataca! Está tudo terminado, a vingança está consumada... E Elsa Hardt mais uma vez escapou por um triz. Por falar nisso, Hastings, você deve me apresentar à verdadeira Sra. Robinson... essa criatura maravilhosa e sincera! O que eles irão pensar quando descobrirem que o apartamento foi arrombado? Devemos voltar o mais depressa possível. Ah, parece que Japp e seus amigos estão voltando! Bateram vigorosamente com a aldraba.

— Como descobriu este endereço? — indaguei, enquanto seguia Poirot até o vestíbulo. — Ora, é claro que mandou seguir a primeira Sra. Robinson quando ela deixou o apartamento!

— À la bon heure, Hastings. Está finalmente usando sua massa cinzenta. E, agora, vamos preparar uma pequena surpresa para Japp.

Abrindo devagarzinho a porta, Poirot enfiou para fora a cabeça do gato e soltou um estridente "miau". O inspetor da Scotland Yard, que estava parado do lado de fora, em companhia de outro homem, teve um sobressalto.

— Oh, é apenas M. Poirot com mais uma de suas brincadeiras! — exclamou ele, quando a cabeça de Poirot apareceu atrás do gato. — Vamos

entrar.

— Nossos amigos estão bem seguros? — Pegamos os dois sem maiores dificuldades. Mas não estavam com a mercadoria.

— Entendo. E por isso resolveu vir dar uma busca na casa. Bem, já estou de partida com meu amigo Hastings. Mas, antes de ir embora, gostaria de fazer-lhe uma pequena preleção sobre a história e os hábitos do gato doméstico.

— Pelo amor de Deus, M. Poirot, será que ficou inteiramente doido?

— O gato era adorado pelos antigos egípcios — disse Poirot, em tom professoral. — Ainda é considerado um símbolo de boa sorte o fato de um gato preto cruzar nosso caminho. Este gato cruzou seu caminho esta noite, Japp. Sei que não é considerado polido, na Inglaterra, falar do interior de qualquer animal ou pessoa. Mas o interior deste gato é perfeitamente delicado. Estou me referindo ao forro.

Com um grunhido súbito, o segundo homem arrancou o gato da mão de Poirot.

— Ah, esqueci de apresentá-lo — disse Japp. — M. Poirot, este é o Sr. Burt, do serviço secreto dos Estados Unidos.

Os dedos hábeis do americano já haviam sentido o que ele estava procurando. Estendeu a mão e, por um instante, faltou-lhe a palavra. Mas logo se mostrou à altura da ocasião.

— Prazer em conhecê-lo — disse o Sr. Burt.

FIM

IV

O mistério de Hunter's Lodge

— NO FINAL DAS CONTAS, É BEM POSSÍVEL que eu não morra desta vez — declarou Poirot.

Recebi esse comentário, impregnado de um otimismo benéfico, de um convalescente de uma forte gripe. Eu fora o primeiro a pegar a gripe, e Poirot a contraíra logo depois. Ele agora estava sentado na cama, apoiado em travesseiros, com a cabeça envolta por um xale de lã, tomando lentamente uma tisane particularmente insalubre, que eu preparara de acordo com suas instruções meticulosas. Contemplou, com evidente satisfação, a fileira de vidros de remédio impecavelmente arrumados sobre a cornija da lareira.

— É isso mesmo — continuou meu pequeno amigo. — Mais uma vez, voltarei a ser eu mesmo, o grande Hercule Poirot, o terror dos malfeitores! Imagine só, mon ami, que há uma pequena nota a meu respeito no Society Gossip.

Isso mesmo! E aqui está! "Depressa, criminosos, podem sair às ruas! Hercule Poirot (e acreditem, meninas, ele é de fato um Hércules!), nosso detetive predileto da sociedade, não está em condições de agarrá-los! E querem saber por quê? Ora, porque ele próprio foi agarrado ... por la gripe!" Não pude deixar de soltar uma risada.

— Isso é ótimo para você, Poirot. Está se tornando uma personagem pública. E, felizmente, não perdeu nenhum caso interessante durante esse período.

— Tem toda a razão. Os poucos casos que fui obrigado a recusar não me causam o menor arrependimento.

Nesse momento, nossa senhoria enfiou a cabeça pela porta entreaberta e disse: — Há um cavalheiro lá embaixo que deseja falar com M. Poirot ou com o capitão Hastings. Como ele estava muito nervoso (mas nem por isso deixou de se comportar como um cavalheiro), resolvi trazer seu cartão.

Ela me entregou o cartão, e eu o li em voz alta: — Sr. Roger Havering.

Poirot sacudiu a cabeça na direção da estante, e obedientemente fui pegar o Quem É Quem. Poirot folheou-o rapidamente.

— Segundo filho do quinto barão Windsor. Casado em 1913 com Zoe, quarta filha de William Crabb.

— Hum... — murmurei. — Imagino que seja a jovem que se apresentava no Frivolity com o nome de Zoe Carrisbrook. Lembro-me de que ela se casou pouco antes da guerra.

— Não gostaria de descer e ouvir o problema do nosso visitante, Hastings? Apresente-lhe minhas desculpas por não poder recebê-lo pessoalmente.

Roger Haverling era um homem com cerca de quarenta anos, aprumado e vestido com elegância. Mas sua expressão era angustiada, indicando intenso nervosismo.

— Capitão Hastings? Pelo que me disseram, é o sócio de M. Poirot, não? É indispensável que ele me acompanhe hoje mesmo até Derbyshire. — Lamento, mas isso é impossível. Poirot está de cama, com uma gripe muito forte.

O homem ficou desolado.

— Oh, Deus, mas isso é terrível! — O assunto sobre o qual deseja consultá-lo é muito grave? — Sim! Meu tio, o melhor amigo que tive no mundo, foi assassinado ontem à noite! — Aqui em Londres? — Não. Em Derbyshire. Eu estava aqui e recebi esta manhã um telegrama de minha esposa. E decidi procurá-los imediatamente, para suplicar a M. Poirot que cuide do caso.

Tive uma ideia súbita e falei: — Pode esperar um momento? Haverling assentiu, e subi correndo a escada. Em poucas palavras, expus a situação a Poirot. E não precisei explicar o resto, pois Poirot comentou: — Estou entendendo, meu amigo. Deseja ir até lá sozinho, não é mesmo? Por que não? A esta altura, já deve conhecer bastante bem os meus métodos. Só lhe peço que me informe diariamente de tudo o que acontecer e que siga ao pé da letra as instruções que eu lhe mandar por telegrama.

Concordei prontamente com o pedido. Uma hora depois, eu estava sentado diante de Roger Haverling, num compartimento de primeira classe de um trem da Midland Railway, que se afastava rapidamente de Londres.

— Antes de mais nada, capitão Hastings, quero que saiba que Hunter's Lodge, o lugar em que ocorreu a tragédia, é apenas isso, um refúgio para caça no coração das charnecas de Derbyshire. Nossa verdadeira casa fica perto de Newmarket, e geralmente alugamos um apartamento em Londres durante a estação. Hunter's Lodge fica aos cuidados de uma governanta, que normalmente faz tudo o que precisamos, nos fins de semana ocasionais que lá passamos. Durante a temporada de caça, quando permanecemos por mais tempo em Hunter's Lodge, sempre levamos alguns dos nossos criados de Newmarket. Meu tio, Harrington Pace (como talvez já saiba, minha mãe

era uma Pace de Nova York), mora conosco há três anos. Ele nunca se deu muito bem com meu pai nem com meu irmão mais velho. E como sou também uma espécie de filho pródigo, creio que isso contribuiu para aumentar a afeição dele em relação a mim, ao invés de diminuí-la. Mas como sou um homem pobre e meu tio era um homem rico ... Em outras palavras, era ele que pagava as despesas. Embora meu tio fosse um homem exigente e difícil em muitas coisas, nós três vivíamos harmoniosamente. Há dois dias, um pouco cansado de nossas festas em Londres, ele sugeriu que fôssemos passar uns poucos dias em Derbyshire. Minha esposa telegrafou para a Sra. Middleton, a governanta, avisando que seguiríamos na mesma tarde. Ontem de tarde, fui obrigado a voltar a Londres para um compromisso inadiável. Mas minha esposa e meu tio ficaram em Hunter's Lodge. E esta manhã recebi este telegrama.

Havering entregou-o a mim, e ele dizia: "Venha imediatamente tio Harrington assassinado ontem à noite traga um bom detetive se puder mas venha de qualquer maneira — Zoe".

— Quer dizer que ainda não sabe dos detalhes? — Não. Mas imagino que a notícia seja publicada pelos jornais vespertinos. Sem dúvida a polícia já está cuidando do caso.

Eram quase três horas quando chegamos à pequena estação de Elmer's Dale. Uma viagem de oito quilômetros levou-nos a uma pequena casa de pedras cinzentas, no meio das charnecas.

— Um lugar muito solitário — comentei, sentindo um calafrio.

Havering assentiu.

— Acho que vou tentar livrar-me dele. Nunca mais conseguirei viver aqui.

Abrimos o portão e subimos por um caminho estreito até a porta de carvalho, de onde saiu, para nos receber, um vulto que me era familiar.

— Japp! — exclamei.

O inspetor da Scotland Yard sorriu-me amistosamente, antes de se dirigir a meu companheiro: — Sr. Havering, não é mesmo? Fui enviado de Londres para tomar conta deste caso e gostaria de falar-lhe por um momento, se não se incomoda.

— Minha esposa...

— Já conversei com sua esposa, senhor ... e também com a governanta. Não vou retê-lo por muito tempo. É que estou ansioso por voltar para a aldeia, agora que já vi tudo o que havia para se ver por aqui.

— Ainda não sei coisa alguma a respeito ...

— Isso não é problema — disse Japp, suavemente. — Mesmo assim, há

alguns pontos sobre os quais gostaria de saber sua opinião. O capitão Hastings, que já me conhece, poderá entrar na casa e informar que já chegou. Por falar nisso, capitão Hastings, onde está o homenzinho? — Está de cama, com uma forte gripe.

— É mesmo? Lamento saber disso. Sua presença aqui sem a companhia dele parece até a história da carroça sem o cavalo.

E depois desse gracejo de mau gosto e inoportuno, não me restava alternativa senão seguir até a casa e tocar a sineta, enquanto Japp se afastava com o Sr. Havering. Um momento depois, a porta foi aberta por uma mulher de meia-idade, toda de preto.

— O Sr. Havering estará aqui dentro de mais um momento — expliquei. — Foi detido pelo inspetor. Vim com ele de Londres para investigar o caso. Talvez possa contar rapidamente o que aconteceu ontem à noite.

— Entre, por favor, senhor. — A mulher fechou a porta assim que entrei, e ficamos parados no vestíbulo mal iluminado. — Foi logo depois do jantar, ontem à noite, que o homem apareceu. Pediu para falar com o Sr. Pace. Verificando que ele falava do mesmo jeito, imaginei que fosse um amigo americano do patrão. Levei-o à sala de armas e fui avisar o Sr. Pace. O cavalheiro não quis me dizer seu nome, o que agora acho bastante estranho. Avisei o patrão e ele pareceu ficar um pouco espantado com a visita, mas disse à patroa: "Com licença, Zoe. Vou ver o que esse sujeito está querendo". Ele foi para a sala de armas, enquanto eu voltava para a cozinha. Pouco depois, ouvi gritos, como se eles estivessem discutindo. Vim para o vestíbulo. Na mesma hora, a patroa veio também. E foi então que ouvimos um tiro e depois um silêncio terrível. Corremos as duas para a sala de armas, mas a porta estava trancada, e tivemos que dar a volta até a janela. Estava aberta, e pudemos avistar o Sr. Pace lá dentro, ferido a bala e sangrando muito. — O que aconteceu com o tal homem? — Deve ter saído pela janela antes de nossa chegada, senhor.

— E o que aconteceu em seguida? — A Sra. Havering mandou-me chamar a polícia. É uma caminhada de oito quilômetros. Eles voltaram comigo, e o inspetor passou a noite inteira aqui. E esta manhã chegou esse outro inspetor de Londres. — Como era o homem que pediu para falar com o Sr. Pace? A governanta pensou um momento, antes de responder: — Tinha barba preta, senhor, era um homem de meia idade, usava um sobretudo leve. Além do fato de ele falar como um americano, não notei muita coisa mais.

— Está certo. Será que posso falar com a Sra. Havering? — Ela está lá em cima. Quer que eu vá avisá-la? — Por gentileza. Diga que o Sr. Havering

está lá fora, com o inspetor Japp, e que o cavalheiro que veio junto com ele de Londres deseja lhe falar o mais depressa possível.

— Está certo, senhor.

Eu estava ansioso e impaciente por saber logo de todos os fatos. Japp tinha duas ou três horas de dianteira, e a ansiedade dele em ir embora dali levava-me a querer sair em seu encalço. A Sra. Havering não me deixou esperando muito tempo. Poucos minutos depois, ouvi passos leves descendo a escada. Levantei a cabeça e avistei uma jovem muito bonita vindo em minha direção. Usava uma blusa vermelha, que acentuava ainda mais seu corpo esguio e infantil. Sobre os cabelos pretos havia um pequeno chapéu de couro, também vermelho. Nem mesmo a tragédia recente pudera reduzir a vitalidade de sua personalidade. Apresentei-me, e ela assentiu, num gesto rápido de reconhecimento.

— Claro que já ouvi falar muitas vezes a seu respeito e de seu colega, M. Poirot. Já fizeram coisas maravilhosas juntos, não é mesmo? Meu marido agiu muito bem ao procurá-los imediatamente. Deseja me fazer alguma pergunta? É a maneira mais fácil de saber de tudo a respeito deste caso horrível, não é mesmo? — Obrigado, Sra. Havering. E, agora, poderia me dizer a que horas o tal homem apareceu? — Deve ter sido pouco antes das nove horas. Tínhamos acabado de jantar e estávamos tomando café e fumando.

— Seu marido já tinha partido para Londres?

— Já, sim. Pegou o trem das seis e quinze.

— Ele foi de carro ou a pé até a estação?

— Nosso carro não está aqui. Veio um da garagem de Elmer's Dale para levá-lo a tempo de pegar o trem.

— O Sr. Pace estava se comportando da maneira habitual?

— Estava absolutamente normal sob todos os aspectos.

— Poderia descrever-me o visitante?

— Infelizmente, não. Não cheguei a vê-lo. A Sra. Middleton levou-o diretamente para a sala de armas e depois veio avisar meu tio.

— O que disse seu tio?

— Ele pareceu ficar um pouco aborrecido, mas foi imediatamente falar com o visitante. Cinco minutos depois, ouvi o barulho de vozes alteradas. Saí para o vestíbulo, quase esbarrando na Sra. Middleton. Foi nesse momento que ouvimos o tiro. A porta da sala de armas estava trancada por dentro, e tivemos que sair e dar a volta pela casa até a janela. É claro que isso levou algum tempo, e o assassino pôde escapar. Meu pobre tio ... — Fez uma breve pausa, visivelmente perturbada, antes de acrescentar: — tinha

levado um tiro na cabeça. Percebi imediatamente que estava morto. Mandei a Sra. Middleton chamar a polícia. Tomei a precaução de não tocar em nada na sala, deixando tudo como havia encontrado.

Assenti, em aprovação.

— E o que pode me dizer a respeito da arma?

— Acho que sei qual foi, capitão Hastings. Havia um par de revólveres de meu marido na parede. Um deles desapareceu. Disse isso à polícia, e eles levaram o outro. Acho que poderão saber com certeza, depois que extraírem a bala.

— Posso ir até a sala de armas?

— Certamente. A polícia já terminou suas investigações. E também já removeram o corpo.

Ela me acompanhou até o local do crime. No momento em que nos aproximávamos da porta, Havering entrou na casa. Ela me pediu desculpas e correu ao encontro dele. Fiquei sozinho para fazer minhas investigações. Acho melhor confessar logo de uma vez que foram um tanto desapontadoras. Nos romances policiais, as pistas sempre são abundantes. Mas ali não encontrei coisa alguma que pudesse considerar fora do comum, a não ser uma grande mancha de sangue no tapete, onde devia ter caído o homem assassinado. Examinei tudo meticulosamente e tirei duas fotografias da sala com minha pequena câmara, que tomara o cuidado de levar. Examinei também o terreno lá fora, nas proximidades da janela. Mas fora pisado por tantos pés que cheguei à conclusão de que era inútil perder mais tempo a examiná-lo. Já tinha visto tudo o que Hunter's Lodge tinha para mostrar. Estava na hora de voltar para Elmer's Dale e entrar em contato com Japp. Assim, despedi-me dos Haverings e voltei no mesmo carro que nos trouxera da estação. Encontrei Japp no Matlock Arms, e ele me levou imediatamente para ver o corpo. Harrington Pace era um homem baixo e magro, de barba raspada e aparência tipicamente americana. Levava um tiro na nuca, disparado quase à queima-roupa.

Japp comentou: — Ele se virou por um momento, e o outro sujeito pegou rapidamente o revólver e alvejou-o. O revólver que a Sra. Havering nos indicou estava carregado, e suponho que o mesmo acontecia com o outro. curioso o que as pessoas tolas costumam fazer. Como se pode deixar dois revólveres carregados na parede?

Ao sairmos da câmara mortuária, perguntei a Japp: — O que acha do caso?

— Meu primeiro suspeito foi Havering. — Japp fez uma breve pausa. Notando minha expressão de espanto, logo acrescentou: — Isso mesmo!

Havering tem alguns incidentes escusos em seu passado. Quando estava em Oxford, houve um caso meio confuso. Parece que ele assinou um cheque do próprio pai. É claro que o caso foi abafado. E não podemos esquecer que, no momento, ele está bastante endividado. Diga-se de passagem, são dívidas que o tio provavelmente não ia gostar de saldar. Ao mesmo tempo, sabemos que o testamento do tio é a favor dele. Por tudo isso, suspeitei dele e quis falar-lhe antes que se encontrasse com a esposa. Mas a história que me contou se ajusta perfeitamente ao que eu já sabia. Estive na estação, e parece não haver a menor dúvida de que ele realmente embarcou no trem das seis e quinze. Assim, deve ter chegado a Londres por volta das dez e meia da noite. Ele disse que foi diretamente para o seu clube. Se isso for confirmado, não haveria a menor possibilidade de ele estar aqui às nove horas, para, disfarçado com uma barba preta, matar o tio. — Eu estava mesmo querendo falar a respeito disso. O que acha dessa barba preta? Japp piscou-me o olho.

— Acho que cresceu muito depressa ... nos oito quilômetros entre Elmer's Dale e Hunter's Lodge. Quase todos os americanos que tenho conhecido costumam raspar o rosto. É isso mesmo, acho que teremos de procurar o assassino entre os americanos ligados ao Sr. Pace. Interroguei a governanta primeiro e depois a Sra. Havering. Os depoimentos das duas se coadunam. Só lamento que a Sra. Havering não tenha visto o homem. É uma mulher inteligente, e poderia ter percebido alguma coisa que nos desse uma pista.

Escrevi um relato longo e meticuloso para Poirot. E pude acrescentar mais algumas informações adicionais, antes de despachar a carta. A bala foi extraída, e verificou-se que havia sido disparada por um revólver idêntico ao que a polícia apreendera em Hunter's Lodge. Além disso, os movimentos do Sr. Havering na noite do crime foram devidamente verificados e confirmados. Não havia a menor dúvida de que ele chegara a Londres no trem que passara por Elmer's Dale às seis e quinze. E havia ocorrido ainda outro fato sensacional. Naquela manhã, um homem que vivia em Ealing, Londres, ao atravessar Haven Green para chegar à estação ferroviária, avistara um embrulho de papel pardo caído entre os trilhos. Ao abri-lo, descobriu que continha um revólver. Entregou-o à delegacia de polícia do lugar. Antes que a noite caísse, já estava constatado que se tratava do revólver que estávamos procurando, idêntico ao que a Sra. Havering entregara à polícia. Uma bala fora disparada. Acrescentei tudo isso ao meu relatório. Na manhã seguinte, na hora do café, recebi um telegrama de Poirot: "Claro que homem de barba preta não era Havering. Só você ou Japp

podiam ter tal ideia. Mande por telegrama descrição da governanta e que roupas ela usava esta manhã. O mesmo da Sra. Havering. Não perca tempo tirando fotografias de interior. Estavam subexpostas e nada tinham de artísticas".

Achei o estilo de Poirot desnecessariamente jocoso. Tive também a impressão de que ele estava um pouco ciumento da minha posição no local do crime, com todas as facilidades para resolver o caso. O pedido de uma descrição das roupas das duas mulheres pareceu-me simplesmente ridículo, mas atendi-o mesmo assim, como não podia deixar de fazer, já que eu não passava de um simples mortal. As onze horas, recebi outro telegrama de Poirot: "Aconselho Japp prender governanta antes que seja tarde demais".

Aturdido, fui mostrar o telegrama a Japp, que soltou uma imprecisão.

— M. Poirot sabe o que faz. Se ele está dando tal conselho, é porque tem algum motivo. Eu mal olhei para a mulher! Não sei se posso prendê-la, mas pelo menos mandarei vigiá-la. E vamos imediatamente ter outra conversa com ela.

Mas já era tarde demais. A Sra. Middleton, aquela tranquila mulher de meia-idade, que parecia ser absolutamente normal e respeitável, desaparecera misteriosamente. Deixara seu baú. Mas continha apenas roupas, sem a menor indicação de sua identidade ou paradeiro. Arrancamos todos os fatos possíveis da Sra. Havering: — Contratei-a há cerca de três semanas, quando a Sra. Emery, nossa antiga governanta, foi embora. A Sra. Middleton foi-me enviada pela agência da Sra. Selbourne, na Mount Street, um estabelecimento dos mais conhecidos e respeitáveis. É lá que procuro todos os criados. Apareceram diversas candidatas ao lugar, mas a Sra. Middleton foi a que me pareceu melhor. Além disso, era a que tinha as melhores referências. Contratei-a imediatamente e comuniquei o fato à agência. Não posso acreditar que ela tenha feito alguma coisa. Era uma mulher tão afável e quieta! O caso era realmente misterioso. Embora fosse evidente que a Sra. Middleton não pudesse ela mesma ter cometido o assassinato, pois estava no vestíbulo com a Sra. Havering no momento em que o tiro foi disparado, parecia não haver a menor dúvida de que tinha alguma ligação com o crime. Se assim não fosse, por que iria desaparecer tão abruptamente? Telegrafei as últimas notícias para Poirot e dispus-me a voltar a Londres, a fim de fazer investigações na agência de empregos. A resposta de Poirot foi imediata: "Inútil perguntar na agência porque nunca ouviram falar dela. Descubra que veículo ela pegou ao chegar pela primeira vez a Hunter's Lodge".

Embora desconcertado com o pedido, atendi-o obedientemente. Os meios de locomoção em Elmer's Dale eram bastante limitados. A empresa de transporte só tinha dois Fords um tanto avariados, e havia duas charretes de aluguel na estação. Nenhum desses veículos fora usado na ocasião. Interrogada, a Sra. Havering explicou que dera à mulher dinheiro suficiente para a passagem até Derbyshire e para alugar um carro ou uma charrete a fim de levá-la a Hunter's Lodge. Um dos Fords geralmente ficava parado na estação, para o caso de desembarcar algum passageiro que desejasse alugá-lo. Levando-se em consideração o fato adicional de que ninguém na estação percebera a chegada de um estranho de barba preta na noite do crime, tudo parecia apontar para a conclusão de que o assassino viera em seu próprio carro, que deixara à espera nas proximidades, para servir-lhe como meio de fuga. Provavelmente fora esse mesmo carro que levara a misteriosa governanta a seu novo emprego. Devo acrescentar que as investigações na agência de empregos, em Londres, tiveram o resultado já previsto por Poirot. Nenhuma mulher como o nome de "Sra. Middleton" jamais estivera registrada na agência. Havia recebido um pedido de governanta da Sra. Havering e tinham enviado diversas candidatas. Quando ela mandou o pagamento pelos serviços prestados, esqueceu de mencionar qual das mulheres escolhera para o lugar. Um tanto desolado, voltei para Londres. Encontrei Poirot sentado numa poltrona, diante da lareira, metido num chambre de cores berrantes. Ele me saudou com o maior afeto. — Mon ami Hastings! Como estou contente em vê-lo! Sabia que sinto a maior afeição por você? E então, divertiu-se muito? Andou correndo de um lado para outro com nosso bom Japp? Interrogou e investigou até ficar plenamente satisfeito?

— O caso é um tremendo mistério, Poirot! Nunca será resolvido!

— É verdade que provavelmente não nos cobriremos de glória neste caso.

— Tem toda a razão, Poirot. É um osso duro de roer.

— Para dizer a verdade, meu amigo, sou muito bom nessas coisas. Sempre consigo chegar ao tutano. Mas não é isso o que está me embaraçando. Sei perfeitamente quem matou o Sr. Harrington Pace.

— Sabe? E como descobriu?

— Suas respostas esclarecedoras a meus telegramas revelaram-me a verdade. Vamos examinar os fatos metodicamente e em ordem, Hastings. O Sr. Harrington era um homem consideravelmente rico. Não resta a menor dúvida de que, com sua morte, toda a fortuna ficará para o sobrinho. Esse é o ponto número um. Sabe-se que o sobrinho está precisando

desesperadamente de dinheiro. Eis o ponto número dois. Sabe-se também que o sobrinho é, podemos dizer, um homem de fibra moral um tanto frouxa, não? Eis o ponto número três.

— Mas sabemos que Roger Havering seguiu diretamente para Londres! Isso já foi confirmado!

— Précisément ... O Sr. Havering deixou Elmer's Dale às seis e quinze. Como o Sr. Pace não poderia ter sido morto antes da partida dele, pois nesse caso o médico, ao examinar o corpo, teria verificado que a hora do crime fora indicada erroneamente, chegamos à conclusão absolutamente certa de que o Sr. Havering não atirou no tio. Mas ainda resta a Sra. Havering, Hastings.

— Mas isso é impossível! A governanta estava junto dela, quando o crime foi cometido!

— Ah, sim, a governanta ... Mas ela desapareceu, não é mesmo?

— Tenho certeza de que acabará sendo encontrada, mais cedo ou mais tarde.

— Não creio. Não acha que há algo bastante misterioso nessa governanta, Hastings? Percebi isso imediatamente.

— Imagino que ela tivesse um papel a desempenhar, tendo escapado em seguida, no momento preciso.

— E qual foi o papel dela?

— Presumivelmente, abrir a porta para seu cúmplice, o homem de barba preta.

— Oh, não, não foi esse o papel mais importante dela. Foi justamente o que você acabou de mencionar. Ou seja, proporcionar um álibi para a Sra. Havering no momento em que o tiro foi disparado. E ninguém jamais a encontrará, mon ami, simplesmente porque ela não existe! "Não há tal pessoa", como disse o seu grande Shakespeare.

— Foi Dickens quem escreveu isso — murmurei, incapaz de reter um sorriso. — Mas o que está querendo insinuar, Poirot?

— Zoe Havering era uma atriz antes de se casar. Você e Japp viram a governanta apenas num vestíbulo mal-iluminado, uma mulher aparentemente de meia-idade, vestida de preto, de voz contida. Nenhum dos dois, nem mesmo a polícia local, viu a Sra. Middleton e a patroa juntas, em nenhuma ocasião. Foi uma brincadeira de criança para aquela mulher esperta e audaciosa. Sob o pretexto de chamar a patroa, ela subiu correndo a escada, vestiu uma blusa berrante e pôs um chapéu de couro, prendendo cachos pretos sobre os cabelos grisalhos com que se disfarçara. Removeu rapidamente a maquilagem, passou um pouco de ruge no rosto. E, em

poucos minutos, quem desceu a escada foi a esfuziante Zoe Havering, com sua voz vibrante. Ninguém se preocupou em examinar mais atentamente a governanta. Por que alguém haveria de fazer isso? Não existia coisa alguma a ligá-la ao crime. Além do mais, ela também tinha um álibi.

— E o que me diz do revólver que foi encontrado em Ealing? A Sra. Havering não poderia tê-lo levado até lá.

— Tem razão. Foi Roger Havering quem deixou o revólver lá. Mas isso foi um erro da parte deles. Foi o que me levou à pista certa. Um homem que cometesse um assassinato com um revólver encontrado no local do crime certamente o jogaria fora imediatamente, não o levaria até Londres. O motivo para isso era evidente: os criminosos desejavam desviar a atenção da polícia para longe de Derbyshire. Queriam afastar a polícia das vizinhanças o mais depressa possível. É claro que o revólver encontrado em Ealing não foi aquele com que o Sr. Pace foi morto. Roger Havering deu um tiro com esse revólver e levou-o para Londres. Foi direto para o seu clube, a fim de estabelecer o álibi, saiu em seguida para Ealing, uma viagem de menos de vinte minutos, deixando ali o embrulho com o revólver, e voltou imediatamente. Enquanto isso, aquela criatura encantadora, sua esposa, matava calmamente o Sr. Pace, logo depois do jantar. Está lembrado de que o tiro foi disparado pelas costas? Depois, e é um ponto muito importante, ela tornou a carregar o revólver e pendurou-o na parede, iniciando então sua pequena representação.

— É inacreditável! — murmurei, fascinado. — E, no entanto...

— E, no entanto, é verdade. Bien, meu amigo, é absolutamente verdadeiro. Mas não será nada fácil levar os dois à justiça. Nosso bom Japp deve fazer o que puder. Já lhe escrevi contando tudo. Mas receio muito, meu caro Hastings, que sejamos obrigados a deixá-los aos cuidados do destino ou do bon Dieu, como preferir.

— Os maus florescem como um loureiro — comentei.

— Mas a um certo preço, Hastings, sempre a um bom preço!

As previsões de Poirot foram confirmadas. Japp, embora convencido da teoria do meu pequeno amigo, não conseguiu reunir as provas necessárias para obter uma condenação. A imensa fortuna do Sr. Pace passou às mãos de seus assassinos. Não obstante, eles acabaram sendo punidos pelo crime cometido. Quando li no jornal que o Sr. e Sra. Roger Havering estavam entre os mortos num acidente do correio aéreo para Paris, compreendi que a justiça finalmente prevalecera.

FIM

V

O roubo de um milhão de dólares em obrigações do Tesouro

— Mas como tem ocorrido roubo de títulos ultimamente! — comentei certa manhã, largando o jornal que estava lendo. — Poirot, acho que seria uma boa ideia largarmos a ciência da investigação criminal e, em vez disso, nos dedicarmos ao crime.

— Está querendo ... como é mesmo que se diz? ... ah, sim, ficar rico depressa, mon ami?

— Veja só esse último coup, Poirot, o roubo de obrigações do Tesouro no valor de um milhão de dólares, que estavam sendo despachadas para Nova York pelo Banco de Londres e da Escócia, e que desapareceram de maneira misteriosa a bordo do Olympia.

— Se não fosse pelo mal de mer e dificuldade de se praticar o excelente método de Laverguier por mais tempo que as poucas horas da travessia do canal da Mancha, eu bem que gostaria de viajar num desses imensos transatlânticos — murmurou Poirot, em tom sonhador.

— Deve ser realmente maravilhoso — concordei, entusiasmado. — Alguns devem ser verdadeiros palácios flutuantes, com piscinas, salões, restaurantes ... não deve ser fácil o passageiro acreditar que está em pleno mar.

— Pois eu sempre sei quando estou no mar — comentou Poirot, tristemente. — E todas essas bagatelas que você acaba de enumerar não me dizem nada. Mas pense por um momento, meu amigo, nos gênios que devem viajar incógnitos. A bordo desses palácios flutuantes, como acabou de chamá-los com toda a justiça, diga-se de passagem, certamente irá encontrar-se a elite, a haute noblesse (*alta nobreza*) do mundo do crime! Não pude conter uma risada.

— Então é esse o seu motivo, hem? Bem que gostaria de ter enfrentado o homem que roubou os títulos, não é mesmo?

A senhoria interrompeu-nos nesse momento: — Uma jovem dama deseja falar-lhe, Sr. Poirot. Aqui está o cartão dela.

O cartão continha o nome da srta. Esmée Farquhar. Depois de se abaixar para pegar um pedaço de papel embaixo da mesa e jogá-lo no cesto, Poirot disse à senhoria que a fizesse subir. Pouco depois, uma das mais encantadoras jovens que já vi na vida foi introduzida na sala. Tinha um

metro e setenta de altura, grandes olhos castanhos e um corpo perfeito. Estava bem vestida e seus modos demonstravam segurança e classe.

— Sente-se, por gentileza, mademoiselle. Esse é o meu amigo capitão Hastings, que me ajuda em meus pequenos problemas.

— Receio que o problema que estou lhe trazendo hoje seja bem grande, M. Poirot — disse a jovem, fazendo uma pequena mesura ao sentar-se. — Creio que já leu a respeito dele nos jornais. Estou me referindo ao roubo dos títulos no Olympia. — Alguma surpresa deve ter transparecido no rosto de Poirot, pois ela se apressou em acrescentar: — Certamente deve estar se perguntando o que tenho a ver com uma instituição tão circunspecta quanto o Banco de Londres e da Escócia. De certa forma, nada tenho a ver com isso. Mas, em outro sentido, posso dizer que tudo. É que estou noiva do Sr. Philip Ridgeway ...

— Ah! E o Sr. Philip Ridgeway ...

— Estava encarregado de levar os títulos que foram roubados. É claro que não lhe podem atribuir culpa alguma, pois não foi absolutamente responsável pelo que aconteceu. Não obstante, ele ficou bastante abalado, e seu tio insiste em dizer que ele deve ter mencionado a alguém, negligentemente, que estava de posse dos títulos.

— Quem é o tio dele?

— O Sr. Vavasour, gerente-geral do Banco de Londres e da Escócia.

— Pode fazer a gentileza de me relatar toda a história, Sra. Farquhar?

— Pois não. Como foi noticiado pelos jornais, o banco estava querendo ampliar seus créditos nos Estados Unidos. Para isso, decidiu enviar para lá um milhão de dólares em obrigações do Tesouro. Para realizar a missão, o Sr. Vavasour escolheu o sobrinho, que ocupava uma posição de confiança no banco há muitos anos e estava a par de todos os negócios da organização em Nova York. O Olympia zarpou de Liverpool no dia 23. Os títulos foram entregues a Philip, na manhã desse dia, pelos srs. Vavasour e Shaw, que são os gerentes-gerais conjuntos do Banco de Londres e da Escócia. Foram devidamente contados, arrumados e colocados num pacote lacrado, na presença de Philip. Em seguida, ele pôs o pacote dentro de sua valise.

— Uma valise de fechadura comum?

— Não. O Sr. Shaw insistiu em que a Hubb's adaptasse uma fechadura especial à valise. Como eu disse, Philip guardou o pacote dentro dela. O roubo ocorreu algumas horas antes da chegada a Nova York. Realizou-se uma busca meticulosa por todo o navio, sem qualquer resultado. Os títulos parecem ter literalmente desaparecido em pleno ar.

Poirot franziu o rosto.

— Mas acontece que não desapareceram, pois imagino que começaram a ser vendidos, em pequenas quantidades, depois que o Olympia atracou. Agora, no entanto, a próxima providência é um encontro meu com o Sr. Ridgeway.

— Eu ia sugerir que fossem almoçar comigo no Cheshire Cheese. Philip está me esperando lá. E ainda não sabe que decidi consultá-lo por conta dele.

Concordamos prontamente com a sugestão e seguimos de táxi para o restaurante. O Sr. Philip Ridgeway já estava esperando, e ficou um tanto surpreso ao ver a noiva chegar em companhia de dois estranhos. Era um rapaz simpático, alto e elegante, e seus cabelos começavam a ficar grisalhos nas têmporas, embora ele não devesse ter mais de trinta anos.

A Sra. Farquhar pôs a mão no braço dele e disse: — Espero que me perdoe por ter agido sem consulta-lo, Philip. Deixe-me apresentar-lhe M. Poirot, de quem já deve ter ouvido falar muitas vezes, e seu amigo, o capitão Hastings.

Ridgeway ficou atônito e disse, enquanto nos apertávamos as mãos: — É claro que já ouvi falar muito a seu respeito, M. Poirot. Mas não tinha a menor ideia de que Esmée estivesse pensando em consultá-lo a respeito do meu ... do nosso problema.

— Tive receio de que não me permitisse fazê-lo se eu lhe dissesse, Philip — disse a srta. Farquhar, gentilmente.

— Preferiu então não correr nenhum risco — comentou ele, com um sorriso. — Espero que M. Poirot possa lançar alguma luz sobre esse enigma extraordinário, pois confesso francamente que estou quase louco de tanta preocupação e ansiedade.

E, realmente, seu rosto estava vincado e sua expressão era angustiada, indicando claramente a tensão em que estava vivendo.

— Pois vamos almoçar — sugeriu Poirot. — E, durante o almoço, poremos nossas cabeças a trabalhar juntas, para vermos o que se pode fazer. Gostaria de ouvir toda a história diretamente do Sr. Ridgeway. Enquanto comíamos o excelente bife do restaurante, Philip Ridgeway relatou todas as circunstâncias que culminaram com o desaparecimento dos títulos. A história dele concordava, sob todos os aspectos, com a que a srta. Farquhar já nos contara. Assim que ele acabou de falar, Poirot assumiu o comando da situação com uma pergunta: — O que exatamente o levou a descobrir que os títulos haviam sido roubados, Sr. Ridgeway? Ele riu, amargamente.

— A coisa saltava aos olhos, M. Poirot. Eu não poderia deixar de perceber. Apenas metade da valise estava debaixo do beliche, toda arranhada e cortada no ponto em que haviam tentado arrombar a fechadura.

— Mas não tinha sido aberta com uma chave?

— Exatamente. Tentaram arrombá-la, mas não conseguiram. Ao final, devem ter conseguido encontrar um meio qualquer de abri-la.

— Estranho ... — murmurou Poirot, e seus olhos brilharam com aquela tonalidade esverdeada que eu conhecia tão bem. — Muito estranho... Desperdiçam tanto tempo tentando arrombar a fechadura e depois... sapristi!, descubrem que estavam com a chave desde o início ... embora cada fechadura da Hubb's seja única.

— É justamente por isso que eles não poderiam ter a chave. Nunca a larguei, em momento algum, de dia ou de noite.

— Tem certeza absoluta?

— Posso até jurar. Além do mais, se eles tivessem a chave ou uma duplicata, por que iriam perder tempo tentando arrombar uma fechadura obviamente inviolável?

— Ah, eis justamente a pergunta que temos de nos fazer! Arrisco-me a profetizar que a solução para o mistério, se é que a encontraremos, dependerá da explicação desse fato estranho. Peço que não fique zangado comigo por mais uma pergunta que não posso deixar de lhe fazer: está absolutamente certo de que não deixou a valise destrancada? Philip Ridgeway limitou-se a olhar fixamente para Poirot, que fez um gesto de desculpas.

— Ah, mas posso lhe assegurar que essas coisas podem perfeitamente acontecer! Está certo, os títulos foram roubados da valise. O que o ladrão fez com eles? Como conseguiu levá-los para terra?

— Mas é esse o problema! — gritou Philip. — Como? As autoridades alfandegárias foram avisadas e todas as pessoas que deixaram o navio foram meticulosamente revistadas!

— E imagino que os títulos constituíssem um pacote volumoso, não é mesmo?

— Exatamente. Dificilmente poderiam ser escondidos a bordo. Além do mais, sabemos que não estavam no navio, porque foram postos à venda meia hora depois da chegada do Olympia, muito antes que eu recebesse os cabogramas que informavam os números e séries. Um corretor jura que comprou alguns dos títulos antes mesmo de o Olympia atracar. Mas não se pode mandar títulos pelo telégrafo sem fio!

— Tem toda a razão. Nenhum rebocador se aproximou do navio?

— Só as embarcações oficiais chegaram perto do Olympia, e mesmo assim depois que o alarme tinha sido dado, quando todos já estavam de vigia. Eu mesmo fiquei observando, para ver se os títulos não seriam transferidos para uma dessas embarcações. Essa história está me deixando maluco, M. Poirot! Já estão começando a dizer que fui eu quem roubou os títulos!

— Mas também foi revistado ao desembarcar, não é mesmo? — indagou Poirot, suavemente.

— Fui, sim.

O jovem estava um tanto perplexo, e Poirot acrescentou, com um sorriso enigmático: — Estou vendo que não percebeu o sentido da minha pergunta. Mas não faz mal. Agora, eu gostaria de fazer algumas indagações no banco.

Ridgeway tirou um cartão do bolso e escreveu rapidamente algumas palavras.

— Apresente este cartão, e meu tio o receberá imediatamente.

Poirot agradeceu, e nos despedimos de ambos. Seguimos diretamente para a Threadneedle Street, onde ficava a matriz do Banco de Londres e da Escócia. Apresentamos o cartão de Ridgeway e fomos levados por um labirinto de balcões e escrivaninhas, contornando caixas recebedoras e pagadoras, até um pequeno escritório no segundo andar, onde os dois gerentes-gerais nos receberam. Eram dois cavalheiros sisudos, que tinham ficado de cabelos brancos a serviço do banco. O Sr. Vavasour usava uma barba branca aparada e o Sr. Shaw tinha o rosto raspado.

— Pelo que sei, são investigadores particulares, não é mesmo? — disse o Sr. Vavasour. — Está certo. É claro que já entregamos o caso aos cuidados da Scotland Yard. O inspetor McNeil é que está encarregado das investigações. Segundo ouvi dizer, trata-se de um policial muito competente.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso — disse Poirot, polidamente. — Mas permite que eu lhes faça algumas perguntas, por conta de seu sobrinho? Obrigado. Poderiam informar-me quem encomendou a fechadura especial na Hubb's?

— Fui eu que a encomendei pessoalmente — informou o Sr. Shaw. — Não poderia confiar num funcionário, em assunto de tamanha importância. Quanto às chaves, o Sr. Ridgeway ficou com uma, e as outras duas ficaram uma comigo e a outra com meu colega.

— E nenhum funcionário teve acesso a essas chaves?

O Sr. Shaw virou-se para o Sr. Vavasour com uma expressão inquisitiva.

— Creio que posso garantir que as chaves permaneceram no cofre onde as colocamos no dia 23 — declarou o Sr. Vavasour. — Infelizmente, meu colega ficou doente há cerca de quinze dias. Para ser mais exato, ele caiu doente no mesmo dia em que Philip partiu. Acaba de se recuperar.

— Bronquite aguda não é brincadeira na minha idade — disse o Sr. Shaw, tristemente. — Minha ausência acarretou uma sobrecarga de trabalho para o Sr. Vavasour, especialmente depois que ocorreu essa catástrofe inesperada.

Poirot fez mais algumas perguntas. Tive a impressão de que estava querendo avaliar o grau de intimidade entre tio e sobrinho. As respostas do Sr. Vavasour foram breves e escrupulosas. O sobrinho era um funcionário de confiança do banco, não tinha dívidas nem dificuldades financeiras, ao que ele soubesse. Já realizara antes missões similares. Finalmente, despedimo-nos.

Ao chegarmos à rua, Poirot comentou: — Estou desapontado.

— Esperava descobrir mais alguma coisa? São dois velhos difíceis de tratar, talvez um tanto obtusos.

— Não é isso o que me desaponta, mon ami. Não estava esperando encontrar num gerente de banco "um financista astucioso, com um olho de águia", como costumam dizer as suas obras de ficção prediletas. Estou desapontado é com o caso. É fácil demais!

— Fácil!

— Exatamente. Não o achou infantilmente simples?

— Está querendo dizer que já sabe quem roubou os títulos?

— Claro que sei.

— Mas então ... devemos ... por quê ...

— Não fique tão confuso e aturdido, Hastings. Não vamos fazer coisa alguma, por enquanto.

— Mas por quê? O que estamos esperando?

— Pela volta do Olympia. Deve voltar de Nova York na próxima terça-feira.

— Mas se sabe quem roubou os títulos, por que esperar? O homem pode fugir.

— Para uma ilha dos mares do sul, que não tenha nenhum tratado de extradição? Não, meu amigo, o ladrão descobriria que a vida por lá não é nada agradável. Quanto ao motivo para a espera ... eh bien, para a inteligência de Hercule Poirot, o caso está perfeitamente esclarecido. Mas em benefício dos outros, que não foram tão bem dotados pelo bom Deus,

como é o caso, por exemplo, do inspetor McNeil, será necessário efetuar algumas indagações adicionais. É preciso sempre ter alguma consideração com aqueles que são menos dotados.

— Santo Deus, Poirot! Sabe que eu daria um bom dinheiro para vê-lo bancar o idiota rematado, por uma vez que fosse? Nunca vi ninguém tão abominavelmente presunçoso!

— Não fique tão furioso, Hastings. Já observei que há algumas ocasiões em que você quase me detesta. Ai de mim! Tenho que sofrer os inconvenientes resultantes da grandeza!

O homenzinho estofou o peito e suspirou, tão comicamente que não pude deixar de rir. Seguimos na terça-feira para Liverpool, num compartimento de primeira classe do trem. Poirot se recusara obstinadamente a contar-me tudo a respeito de suas suspeitas ... ou certezas. Limitou-se a manifestar sua surpresa por eu não estar igualmente au fait da situação. Recusei-me a argumentar, escondendo minha curiosidade por detrás de uma indiferença simulada. Chegando ao cais onde estava atracado o imenso transatlântico, Poirot tornou-se imediatamente ativo e alerta. Nosso trabalho consistiu em interrogar quatro camaroteiros, indagando por um amigo de Poirot que partira para Nova York no dia 23.

— É um cavalheiro já idoso, que usa óculos. Está quase inválido e praticamente não deve ter saído do camarote.

A descrição parecia ajustar-se à do Sr. Ventnor, que ficara no camarote C 24, ao lado daquele que Philip Ridgeway ocupara. Embora incapaz de perceber como Poirot descobrira a existência e a aparência do Sr. Ventnor, fiquei bastante excitado. — Esse cavalheiro foi um dos primeiros a desembarcar quando o navio chegou a Nova York? — perguntei ao camaroteiro.

O homem sacudiu a cabeça.

— Não, senhor. Ao contrário, foi um dos últimos a deixar o navio.

Fiquei desolado, mas percebi que Poirot estava sorrindo. Ele agradeceu ao camaroteiro, uma nota trocou de mãos, e fomos embora.

— Está tudo muito bem, mas a última resposta deve ter liquidado com sua teoria, por mais que se esforce em sorrir, Poirot!

— Como sempre, Hastings, não consegue perceber coisa alguma. A última resposta, ao contrário, foi o coroamento da minha teoria.

Levantei os braços num gesto de desespero e exclamei — Desisto!

No trem de volta para Londres, Poirot passou alguns minutos escrevendo rapidamente. Depois, colocou a carta num envelope e fechou-o.

— Isto é para o bom inspetor McNeil. Vamos deixá-lo na Scotland Yard, de passagem. E iremos direto para o Rendez-vous Restaurant, onde marquei encontro com a srta. Esmée Farquhar, a quem pedi que nos desse a honra de jantar em nossa companhia.

— E o que me diz de Ridgeway?

— O que há com ele? — perguntou Poirot, com os olhos faiscando.

— Ora, certamente não está pensando... não pode...

— O hábito da incoerência está se tornando cada vez mais intenso em você, Hastings. Se quer mesmo saber, claro que pensei. Se Ridgeway tivesse sido o ladrão, o que era perfeitamente possível, teria sido um caso extraordinário, um trabalho metódico e impecável.

— Mas não tão agradável para a srta. Farquhar.

— Provavelmente, você está certo. Assim, foi melhor que tal não tivesse acontecido. E agora, Hastings, vamos repassar o caso. Percebo que está morrendo de curiosidade. O pacote foi retirado da valise e desapareceu em pleno ar, para repetir as palavras da srta. Farquhar. Vamos eliminar a teoria do desaparecimento em pleno ar, já que isso não é possível no atual estágio da ciência. Vamos procurar imaginar o que provavelmente pode ter acontecido. Todo mundo garante que é impossível que os títulos tenham sido contrabandeados para terra...

— Mas sabemos ...

— Você pode saber, Hastings. Mas eu não sei. Assumo a posição de que isso é realmente impossível, já que assim parece. Restam duas possibilidades: os títulos ficaram escondidos a bordo, o que também era praticamente impossível, ou foram jogados no mar.

— Dentro de uma boia?

— Sem nenhuma boia.

Fiquei perplexo.

— Mas, se os títulos foram jogados no mar, não poderiam ter sido vendidos em Nova York!

— Admiro sua mente lógica, Hastings. Os títulos foram vendidos em Nova York. Portanto não foram jogados no mar. Está percebendo aonde isso nos leva?

— Aonde estávamos quando começamos?

— Jamais de la vie! Se o pacote foi lançado ao mar, e os títulos foram vendidos em Nova York, então o referido pacote não poderia contê-los. Há alguma prova de que os títulos estivessem dentro dele? Lembre-se, o Sr. Ridgeway jamais o abriu, desde que lhe foi entregue em Londres.

— Sim. Mas, neste caso ...

Poirot gesticulou, impaciente.

— Permita-me continuar, Hastings. Os títulos foram vistos pela última vez no escritório do Banco de Londres e da Escócia, na manhã do dia 23. Reapareceram em Nova York, meia hora depois que o Olympia atracou. Segundo um corretor, a quem ninguém deu maior atenção, já estavam sendo vendidos antes mesmo de o navio atracar. E se os títulos nunca estiveram a bordo do Olympia? Havia algum outro meio pelo qual pudessem ter chegado a Nova York? Havia. O Gigantic partiu de Southampton no mesmo dia em que o Olympia zarpou. É o navio que detém o recorde da travessia do Atlântico. Levados pelo Gigantic, os títulos teriam chegado a Nova York um dia antes do Olympia. Tudo está bem claro, e o caso começa a ficar esclarecido. O pacote lacrado que Philip Ridgeway levava era falso. O momento da substituição só pode ter ocorrido no escritório do banco. Seria muito fácil para qualquer um dos três homens presentes preparar um pacote exatamente igual, que pudesse ser substituído pelo original. Três bien, os títulos são despachados para um cúmplice em Nova York, com instruções para que sejam vendidos assim que o Olympia atraque. Mas alguém deve ter viajado no Olympia, para forjar as circunstâncias do falso roubo.

— Mas por quê?

— Porque se Ridgeway simplesmente abrisse o pacote e descobrisse que era falso, as suspeitas imediatamente recairiam em alguém em Londres. Assim, o homem do camarote ao lado fingiu arrombar a valise, para atrair imediatamente a atenção de todos para o roubo, depois abriu-a com a duplicata da chave, pegou o pacote e jogou-o no mar. E foi um dos últimos a desembarcar. Evidentemente, usava óculos, para esconder os olhos. E bancava o inválido, já não queria correr o risco de se encontrar com Ridgeway. Desembarcou em Nova York e tratou de voltar para Londres, pelo primeiro navio.

— Mas quem era ele?

— O homem que tinha a outra chave da fechadura especial da valise, o homem que não estava de cama com bronquite em sua casa de campo ... enfim, aquele "velho" Sr. Shaw! Algumas vezes, meu amigo, vamos encontrar criminosos também nos altos escalões. Ah, chegamos. Já resolvi tudo, mademoiselle! Permite?

E, radiante, Poirot beijou a atônita jovem de leve, nas duas faces!

FIM

VI

A aventura da tumba egípcia

SEMPRE CONSIDEREI QUE UMA DAS MAIS EMOCIONANTES e dramáticas das muitas aventuras que tenho partilhado com Poirot foi a investigação da estranha sucessão de mortes que se seguiram à descoberta e à abertura da tumba do faraó egípcio Men-her-Ra.

Logo depois de descoberta da tumba de Tutancâmon por Lorde Carnavon, Sir John Willard e o Sr. Bleibner, de Nova York, realizando escavações não muito longe do Cairo, nas proximidades das pirâmides de Gisé, depararam inesperadamente com uma série de câmaras mortuárias. A descoberta despertou o maior interesse.

A tumba parecia ser de Men-her-Ra, um daqueles faraós pouco conhecidos da oitava dinastia, quando o Antigo Império entrava em decadência. Pouco se sabe a respeito desse período, e a descoberta das câmaras mortuárias foi amplamente noticiada pelos jornais.

Não demorou muito para que ocorresse algo que impressionou a opinião pública. Sir John Willard morreu subitamente, de um ataque cardíaco.

Os jornais mais sensacionalistas aproveitaram imediatamente a oportunidade para ressuscitar todas as antigas histórias supersticiosas relativas ao azar atribuído a determinados tesouros egípcios. A história da múmia fatídica foi prontamente contestada pelo Museu Britânico, mas mesmo assim esteve em voga por algum tempo.

Quinze dias depois, o Sr. Bleibner também morreu, de envenenamento de sangue. Alguns dias depois, um sobrinho dele foi mortalmente baleado em Nova York. A "multidão de Men-her-Ra" tornou-se o assunto do dia, e o poder mágico do antigo Egito passou a ser exaltado a um ponto quase fetichista.

Foi nessa ocasião que Poirot recebeu um bilhete de Lady Willard, viúva do arqueólogo falecido, pedindo-lhe que fosse visitá-la em sua casa, na Kensington Square. Acompanhei-o.

Lady Willard era uma mulher alta e magra, e estava de luto fechado. O rosto encovado era um testemunho eloquente de sua dor recente.

— É muita bondade da sua parte ter atendido tão prontamente ao meu pedido, M. Poirot.

— Estou ao seu inteiro dispor, Lady Willard. Desejava consultar-me a respeito de algum problema? — Sei perfeitamente que é um detetive. Mas não é apenas como detetive que desejo consultá-lo. Sei também que é um homem de opiniões originais, dotado de imaginação, com experiência do mundo ... Diga-me uma coisa, M. Poirot: quais são suas opiniões a respeito do sobrenatural? Poirot hesitou um momento antes de responder. Parecia estar considerando a resposta. Mas finalmente disse: — Não vamos deixar que fique qualquer mal-entendido, Lady Willard. Não está me fazendo uma pergunta de caráter geral. Tem uma aplicação pessoal, não é mesmo? Está se referindo indiretamente à morte de seu marido? — Exatamente.

— Deseja que eu investigue as circunstâncias da morte dele?

— Quero que verifique o que não passa de conversa dos jornais e o que exatamente está baseado nos fatos. Foram três mortes, M. Poirot. Cada uma delas é perfeitamente explicável por si mesma. Mas, juntas, constituem uma coincidência quase inacreditável. E todas ocorreram no prazo de um mês depois da abertura da tumba! Pode ser mera superstição, e pode ser alguma poderosa maldição do passado, que opera através de meios nem sequer sonhados pela ciência moderna. Seja como for, permanece o fato de que ocorreram três mortes. E estou com medo, M. Poirot, com um medo terrível! Talvez ainda não tenha terminado.

— Por quem está temendo?

— Por meu filho. Eu estava doente quando recebi a notícia da morte de meu marido. Meu filho, que tinha acabado de sair de Oxford, foi até lá. Trouxe ... o corpo de volta. Mas agora partiu novamente, apesar de minhas preces e súplicas. Está tão fascinado pelo trabalho de arqueologia que pretende tomar o lugar do pai e prosseguir nas escavações. Pode me julgar uma mulher tola e crédula, M. Poirot, mas a verdade é que estou com muito medo. E se o espírito do faraó morto ainda não estiver apaziguado? Talvez lhe pareça que estou dizendo bobagens ...

— Absolutamente, Lady Willard — disse Poirot rapidamente. — Também acredito na força da superstição, uma das maiores forças que o mundo já conheceu.

Fitei-o, espantado. Nunca antes imaginara que Poirot fosse supersticioso. Mas era evidente que meu pequeno amigo não estava brincando.

— O que está realmente querendo é que eu proteja seu filho, não é mesmo? Pois farei tudo o que estiver ao meu alcance para impedir que algo de mau lhe aconteça.

— Pelos meios comuns, é possível. Mas o que poderá fazer contra as

influências ocultas?

— Em livros da Idade Média, Lady Willard, encontram-se muitas maneiras de neutralizar a magia negra. Talvez eles soubessem mais do que nós, homens modernos, com toda a nossa ciência, de que tanto nos gabamos. Agora, vamos aos fatos, a fim de que eu possa ter algo para me orientar. Seu marido sempre foi um egiptólogo devotado? — Sempre, desde a juventude. Era uma das maiores autoridades vivas no assunto.

— Mas o Sr. Bleibner, pelo que sei, não era mais ou menos um amador?

— Isso mesmo. Era um homem muito rico, que volta e meia se dedicava com afinco a qualquer coisa que lhe atraísse a fantasia. Meu marido conseguiu interessá-lo em egiptologia. E o dinheiro dele foi extremamente útil no financiamento da expedição.

— E o que me diz do sobrinho? Conhece por acaso os interesses dele? O rapaz também participou da expedição? — Creio que não. Para dizer a verdade, eu não sabia de sua existência até o momento em que li a notícia de sua morte nos jornais. Também não creio que fosse muito chegado ao Sr. Bleibner, que nunca nos falou sobre nenhum parente.

— Quem eram os outros membros da expedição?

— Há o Dr. Tosswill, funcionário subalterno do Museu Britânico; o Sr. Schneider, do Museu Metropolitano de Nova York; um jovem secretário americano; o Dr. Ames, que acompanhou a expedição, em caráter profissional; e Hassan, o devotado criado nativo de meu marido.

— Lembra-se do nome do secretário americano?

— Harper, se não me engano. Mas não tenho certeza. Sei que ele não estava há muito tempo com o Sr. Bleibner. Pareceu-me um rapaz extremamente simpático.

— Obrigado, Lady Willard.

— Se houver mais alguma coisa ...?

— No momento, não há mais nada. Deixe tudo em minhas mãos, e pode estar certa de que farei o que for humanamente possível para proteger seu filho.

Não eram palavras das mais tranquilizadoras, e observei que Lady Willard estremeceu ao ouvi-las. Contudo, o fato de Poirot não ter escarnecido de seus temores pareceu representar um alívio imenso para ela.

De minha parte, devo dizer que nunca antes suspeitara de que Poirot possuísse um veio supersticioso tão profundo em sua natureza. Abordei o assunto quando voltamos para casa. A atitude dele foi extremamente grave e compenetrada.

— Claro que acredito nessas coisas, Hastings. Não deve subestimar a força da superstição.

— O que vamos fazer?

— Toujours pratique, o bom Hastings! Eh bien, para começar, vamos passar um cabograma para Nova York, pedindo mais detalhes a respeito da morte do jovem Bleibner.

Poirot passou o cabograma. A resposta foi completa e detalhada. O jovem Rupert Bleibner estava em péssima situação havia vários anos. Vagabundeara pelas ilhas dos mares do sul durante muito tempo. Voltara para Nova York dois anos antes e rapidamente afundara ainda mais. O fato mais significativo, em minha opinião, é o dinheiro que conseguira emprestado, necessário para ir ao Egito. "Tenho um bom amigo lá no Egito que me poderá arrumar muito dinheiro", alegara ele.

Nisso, porém, seus planos tinham saído errado. Ele voltara para Nova York amaldiçoando o tio avaro, que se importava mais com os ossos de reis há muito mortos e enterrados do que com sua própria carne e seu próprio sangue. Fora durante sua estada no Egito que ocorrera a morte de Sir John Willard. Rupert mergulhara novamente numa vida desregrada em Nova York. E inesperadamente se suicidara, deixando uma carta que continha algumas frases estranhas. Parecia ter sido escrita num súbito acesso de remorso.

Referia-se a si mesmo como um leproso e um pária, encerrando a carta com a declaração de que pessoas como ele estavam melhor quando mortas.

Uma teoria insinuou-se rapidamente em minha mente.

Eu nunca tinha acreditado mesmo na possibilidade de vingança de um faraó egípcio morto há séculos. Para mim, tratava-se de um crime mais moderno. O rapaz decidira matar o tio, de preferência com veneno. Por engano, fora Sir John Willard quem ingerira a dose fatal. O rapaz voltara para Nova York, atormentado pelo crime. Recebera a notícia da morte do tio. Compreendera que seu crime fora desnecessário e, abalado pelo remorso, acabara se suicidando.

Expus minha teoria a Poirot, que se mostrou bastante interessado.

— É uma teoria engenhosa... realmente engenhosa. Pode até mesmo ser verdade. Mas não está levando em consideração a influência fatal da tumba egípcia.

Dei de ombros. — Ainda acha que isso tem alguma coisa a ver com os acontecimentos?

— Estou tão convencido disso, mon ami, que vamos partir para o Egito amanhã.

— O quê? — gritei, atônito.

— É isso mesmo. — Uma expressão de heroísmo consciente estampou-se no rosto de Poirot. Depois, ele resmungou e se lamentou: — Ah, o mar! O abominável mar! Uma semana se havia passado. Sob os nossos pés, as areias douradas do deserto. O sol ardente despejava-se sobre nossas cabeças. Poirot era a própria imagem do sofrimento, todo encolhido e abatido. O homenzinho não era um bom viajante. A viagem de quatro dias, a partir de Marselha, fora uma terrível agonia para ele. Desembarcara em Alexandria como uma caricatura do que era normalmente, nem mesmo continuava a ser impecável. Chegáramos ao Cairo e seguíramos imediatamente para o Hotel Mena House, à sombra das pirâmides.

O encanto do Egito prontamente me fascinara. Mas o mesmo não acontecera com Poirot. Vestido precisamente da mesma maneira que em Londres, sempre levava no bolso uma pequena escova de roupa, travando uma batalha incessante contra a poeira que se acumulava em sua roupa escura.

— E minhas botas! — lamentava-se ele, a todo instante. — Olhe só para elas, Hastings! Minhas botas de couro preto envernizado, geralmente tão elegantes e reluzentes! Mas, agora, há areia por dentro, o que é doloroso, e também por fora, o que constitui um ultraje à vista. E há também este calor infernal, que faz com que meu bigode penda para baixo!

— Contemple a Esfinge, Poirot. Até eu posso sentir o mistério e o encanto que ela irradia.

Poirot olhou, contrafeito. — A Esfinge não tem um ar feliz, meu amigo. E como poderia ter, semienterrada na areia de forma tão desleixada? Ah, esta maldita areia!

— Ora, Poirot, há também muita areia na Bélgica falei, recordando alguns dias que passara em Knokke-mer, no meio das "dunes impeccables", segundo o guia turístico.

— Não em Bruxelas — declarou Poirot, olhando pensativo para as pirâmides e acrescentando: — É verdade que elas pelo menos possuem uma forma sólida e geométrica, mas a superfície é irregular, de maneira extremamente desagradável. E não gosto absolutamente das palmeiras. Eles nem mesmo as plantam em fileiras!

Interrompi as lamentações dele, sugerindo que partíssemos imediatamente para o acampamento. Fomos até lá em camelos. Os animais se ajoelharam pacientemente, esperando que montássemos, sob os cuidados de diversos meninos pitorescos, comandados por um loquaz intérprete.

Não vou me deter no espetáculo de Poirot sobre um camelo. Ele começou com resmungos e lamentações e terminou com gritos, gesticulações e invocações à Virgem Maria e a todos os santos do calendário. Ao final, acabou desmontando do camelo ignominiosamente e concluiu a viagem num minúsculo jumento. Tenho de reconhecer que montar um camelo não é brincadeira de amador. Passei vários dias com os músculos doloridos e com a maior dificuldade em me mexer.

Finalmente, chegamos ao local das escavações. Um homem queimado de sol, de barba grisalha e roupas brancas, usando um capacete, veio ao nosso encontro.

— M. Poirot e capitão Hastings? Recebemos o cabograma que mandaram. Lamento que não houvesse ninguém para recebê-los no Cairo, mas é que ocorreu um acontecimento imprevisto, que alterou inteiramente nossos planos.

Poirot empalideceu. Sua mão, que estava se encaminhando para a escova de roupa, parou no meio do caminho.

E ele balbuciou: — Houve outra morte?

— Exatamente.

— Sir Guy Willard? — gritei.

— Não, capitão Hastings. Foi meu colega americano, o Sr. Schneider.

— E qual foi a causa? — indagou Poirot.

— Tétano.

Desta vez, fui eu que empalideci. Tudo ao meu redor parecia exalar uma atmosfera maléfica, sutil e ameaçadora. Um pensamento horrível me ocorreu. E se eu fosse o próximo?

— Mon Dieu, não consigo compreender isso! — disse Poirot, em voz muito baixa. — É horrível! Diga-me, monsieur, não resta a menor dúvida de que foi mesmo tétano?

— Creio que não. Mas o Dr. Ames poderá dizer-lhe mais do que eu.

— Ah, sim, não é médico...

— Não. Meu nome é Tosswill.

Era o perito que Lady Willard descrevera como um funcionário subalterno do Museu Britânico. Havia algo ao mesmo tempo grave e resoluto no homem que imediatamente me atraiu a atenção. O Dr. Tosswill acrescentou: — Se quiserem me acompanhar, eu os levarei a Sir Guy Willard. Ele pediu para ser informado assim que chegassem.

Atravessamos o acampamento até uma tenda quente.

O Dr. Tosswill puxou a abertura da tenda e entramos. Três homens estavam sentados lá dentro.

— M. Poirot e o capitão Hastings chegaram, Sir Guy — anunciou Tosswill.

O mais jovem dos três homens levantou-se imediatamente e adiantou-se para nos cumprimentar. Havia uma certa impulsividade em suas maneiras que me lembrava a mãe. Não estava tão queimado de sol quanto os outros. Isso e mais os olhos fundos faziam com que parecesse ter mais que seus vinte e dois anos. Era evidente que estava se esforçando ao máximo para se manter firme, sob uma tremenda tensão mental.

Apresentou-nos a seus dois companheiros, o Dr. Ames, um homem que aparentava competência, de trinta e poucos anos e com têmporas grisalhas, e o Sr. Harper, o secretário, um jovem magro e simpático, que usava óculos de aros de tartaruga.

Depois de alguns minutos de conversa superficial, o secretário saiu, e o Dr. Tosswill logo o seguiu. Ficamos a sós com Sir Guy e o Dr. Ames.

— Por favor, pode fazer quaisquer perguntas que desejar, M. Poirot — disse Willard. — Estamos terrivelmente estarecidos com essa estranha sucessão de desastres, mas tenho certeza de que não ... não pode ser algo mais do que uma horrível coincidência.

Havia um certo nervosismo na atitude dele que parecia contradizer inteiramente suas palavras. Percebi que Poirot o estava examinando atentamente.

— Seu coração está realmente empenhado neste trabalho, Sir Guy?

— Claro que está! Não importa o que possa acontecer ou quais as consequências, o trabalho vai continuar. Não tenha a menor dúvida quanto a isso.

Poirot virou-se para o outro homem.

— E o que me diz quanto a isso, monsieur le docteur?

— Eu também não vou largar o trabalho.

Poirot exibiu uma daquelas suas carrancas expressivas, antes de dizer: — Neste caso, évidemment, temos que descobrir exatamente qual é a situação. Quando ocorreu a morte do Sr. Schneider?

— Há três dias.

— Tem certeza de que foi mesmo tétano?

— Absoluta.

— Não poderia ser, por exemplo, um caso de envenenamento por estricnina?

— Não, M. Poirot. Percebo aonde está querendo chegar. Mas foi um caso claro de tétano.

— Não injetou o soro antitetânico?

— Claro que injetei — respondeu o médico, secamente. — Foi tentado tudo o que era possível.

— Tinha o soro antitetânico aqui?

— Não. Mandamos buscá-lo no Cairo.

— Houve outros casos de tétano no acampamento?

— Nenhum.

— Tem certeza de que a morte do Sr. Bleibner não foi causada por tétano?

— Certeza absoluta. Ele arranhou o polegar, o ferimento infeccionou e sobreveio a septicemia. Eu diria que pode parecer a mesma coisa para um leigo, mas são inteiramente diferentes.

— Isso significa que temos quatro mortes, e todas totalmente diferentes: uma por ataque cardíaco, uma por envenenamento do sangue, uma por suicídio e uma por tétano.

— Exatamente, M. Poirot.

— Tem certeza de que não há nada que possa ligar as quatro mortes?

— Não estou entendendo.

— Vou ser mais claro. Houve algum ato cometido por esses quatro homens que pudesse ser considerado um desrespeito ao espírito de Menher-Ra?

O médico ficou atônito.

— Está dizendo um disparate, M. Poirot. Não me diga que também acredita em toda essa conversa tola!

— Tudo isso não passa de um absurdo! — murmurou Willard, visivelmente furioso.

Poirot permaneceu placidamente impassível, piscando ligeiramente os olhos verdes de gato.

— Quer dizer que não acredita, monsieur le docteur?

— Não, não acredito — declarou o médico, taxativamente. — Sou um homem de ciência, e acredito apenas no que a ciência ensina.

— E não havia ciência no antigo Egito? — indagou Poirot, suavemente. Ele não esperou a resposta, que certamente iria demorar, pois o Dr. Ames parecia momentaneamente confuso. — Não precisa me responder, Dr. Ames. Só gostaria que me dissesse uma coisa: o que pensam de tudo isso os trabalhadores nativos? — Creio que, quando os homens brancos perdem a cabeça, os nativos não ficam muito atrás. Reconheço que eles estão ficando o que se poderia classificar de apavorados... mas não há a menor causa para isso.

— Tenho minhas dúvidas — murmurou Poirot, calmamente.

Sir Guy inclinou-se para a frente, incrédulo: — Mas não pode acreditar nessas coisas! É absurdo demais! Se pensa assim, não conhece nada do antigo Egito! Como resposta, Poirot tirou do bolso um livro pequeno, já antigo e meio esfrangalhado. Quando ele o mostrou, pude ler o título: A magia dos egípcios e caldeus.

Depois, virando-se bruscamente, meu pequeno amigo saiu da tenda. O médico ficou olhando para mim, aturdido.

— Que ideia luminosa terá tido ele?

A expressão, tão familiar nos lábios de Poirot, fez-me sorrir, ao ouvi-la de outro.

— Não sei exatamente. Mas tenho a impressão de que ele tem um plano para exorcizar os espíritos do mal.

Saí à procura de Poirot e encontrei-o conversando com o jovem de rosto encovado que fora secretário do falecido Sr. Bleibner.

— Não. Estou com a expedição há apenas seis meses — estava dizendo o Sr. Harper. — Eu realmente conhecia bastante bem todos os negócios do Sr. Bleibner.

— Poderia me contar tudo o que sabe a respeito do sobrinho dele?

— O rapaz apareceu aqui um belo dia, inesperadamente. Até que era simpático. Eu nunca o tinha visto antes, mas alguns dos outros já o conheciam... creio que Ames e Schneider. O velho não ficou nada satisfeito com a presença do sobrinho. E não demoraram a ter uma discussão violenta. "Não lhe vou dar um só centavo!", gritou o velho. "Nem agora nem depois que eu estiver morto! Tenciono deixar todo o meu dinheiro para financiar o trabalho da minha vida. Hoje mesmo conversei com o Sr. Schneider a esse respeito". E continuou a falar mais algum tempo, repisando as mesmas coisas. O jovem Bleibner voltou imediatamente para o Cairo.

— Ele gozava de saúde perfeita na ocasião?

— O velho?

— Não, o rapaz.

— Tenho a impressão de que mencionou haver alguma coisa errada com ele. Mas não devia ser nada sério, caso contrário eu me lembraria agora.

— Só mais uma coisa: o Sr. Bleibner deixou testamento?

— Não, pelo que sabemos.

— Vai ficar com a expedição, Sr. Harper?

— Não, senhor. Partirei para Nova York assim que deixar tudo aqui acertado. Pode rir, se quiser, mas não pretendo ser a próxima vítima desse maldito Men-her-Ra. Vai acabar me pegando, se eu continuar por aqui.

O jovem secretário enxugou o suor da testa. Poirot virou-se e começou a se afastar. Parou por um momento, virou a cabeça para trás e comentou, com um sorriso estranho: — Não se esqueça de que ele foi pegar uma de suas vítimas em Nova York.

— Oh, diabo! — exclamou o Sr. Harper, angustiado.

Assim que nos afastamos, Poirot disse, pensativo: — O rapaz está nervoso ... muito nervoso ...

Olhei para Poirot, curioso, mas seu sorriso enigmático nada me disse.

Em companhia de Sir Guy Willard e do Dr. Tosswill, demos uma volta pelas escavações. Os principais achados tinham sido transferidos para o Cairo, mas alguns dos ornamentos da tumba que ainda restavam eram extremamente interessantes. O entusiasmo do jovem baronete era evidente, mas tive a impressão de perceber uma sombra de nervosismo em sua atitude, como se ele não conseguisse livrar-se inteiramente da sensação de ameaça que pairava no ar. Ao entrarmos na tenda que nos fora designada, para nos lavarmos antes da refeição vespertina, um homem alto e moreno, numa túnica branca, deu um passo para o lado, a fim de nos deixar passar, com um gesto gracioso e murmurando um cumprimento em árabe. Poirot parou.

— Você é Hassan, o criado do falecido Sir John Willard?

— Servi a Sir John e agora sirvo ao filho dele. Deu um passo em nossa direção e acrescentou, baixando a voz: — Dizem que é um homem sábio, que sabe lidar com os espíritos do mal. Faça com que o jovem amo vá embora daqui. O mal está no ar, ao nosso redor.

E com um gesto abrupto, sem esperar resposta, afastou-se.

— O mal está no ar... — murmurou Poirot. — Isso mesmo, estou sentindo ...

A refeição não foi das mais animadas. O Dr. Tosswill falou durante a maior parte do tempo, discorrendo sobre as antiguidades egípcias. No momento em que estávamos prestes a sair, para repousar um pouco, Sir Guy segurou Poirot pelo braço e apontou. Um vulto sorrateiro estava se deslocando entre as tendas. Não era humano. Reconheci nitidamente a cabeça de cachorro que já vira esculpida nas paredes da tumba.

Senti o sangue literalmente congelar nas veias.

— Mon Dieu! — exclamou Poirot, fazendo o sinal da cruz vigorosamente. — Anúbis, o cabeça de chacal, o deus das almas que partem! — Alguém está querendo nos enganar! — gritou o Dr. Tosswill, indignado, levantando-se rapidamente.

— Entrou em sua tenda, Harper — murmurou Sir Guy, com o rosto

terrivelmente pálido.

— Não — disse Poirot, sacudindo a cabeça —, entrou foi na tenda do Dr. Ames.

O médico ficou olhando para ele por um momento, com uma expressão de incredulidade. E, depois, repetiu as palavras do Dr. Tosswill: — Alguém está querendo nos enganar! Vamos até lá pegar o camarada! Saiu correndo atrás da aparição furtiva, e eu o segui.

Por mais que procurássemos, no entanto, não conseguimos encontrar o menor vestígio de qualquer coisa viva que tivesse passado por ali. Ao voltarmos, um tanto perturbados, descobrimos que Poirot estava tomando medidas drásticas, à sua maneira, para garantir a própria segurança pessoal.

Estava ativamente cercado nossa tenda com diversos diagramas e inscrições, que desenhava na areia. Reconheci a estrela de cinco pontas, muitas vezes repetida. Como era seu hábito, estava ao mesmo tempo proferindo um discurso de improviso sobre feitiçaria e magia em geral, discorrendo sobre a magia branca em oposição à magia negra, entremeando esses assuntos com diversas referências ao Ka e ao Livro dos Mortos.

Isso despertou o mais profundo desprezo do Dr. Tosswill, que me puxou para um lado, literalmente grunhindo de raiva. E exclamou, furioso: — Nunca vi tanto disparate em minha vida! O homem não passa de um impostor! Não tem a menor ideia da diferença entre as superstições da Idade Média e as crenças do antigo Egito! Nunca vi tamanha demonstração de ignorância e credulidade.

Tratei de acalmar o irado egiptólogo, e depois fui juntar-me a Poirot na tenda. Meu pequeno amigo estava radiante, e declarou jovialmente: — Agora podemos dormir em paz. E bem que estou precisando de algum sono! Minha cabeça está doendo terrivelmente. Ah, o quanto eu não daria agora por uma boa tisane! Como em resposta a sua prece, a abertura da tenda foi empurrada para o lado, e Hassan apareceu, trazendo uma xícara fumegante, que ofereceu a Poirot. Era chá de camomila, algo que Poirot apreciava particularmente. Depois que ele agradeceu a Hassan e eu recusei a oferta de uma xícara para mim, ficamos mais uma vez a sós. Logo que me despi, fiquei parado por algum tempo à entrada da tenda, contemplando o deserto.

— Um lugar e um trabalho maravilhosos! — comentei, em voz alta. — Posso sentir todo o fascínio. Ah, a vida no deserto, à procura dos vestígios de uma civilização desaparecida ... Não sente também esse fascínio, Poirot?

Não obtive resposta. Virei-me, um pouco aborrecido.

E meu aborrecimento imediatamente se transformou em preocupação.

Poirot estava deitado de costas no catre tosco, com o rosto horrivelmente convulsionado. A seu lado estava a xícara vazia. Corri para o lado dele, depois saí quase voando da tenda e atravessei o acampamento até a tenda do Dr. Ames.

— Dr. Ames! Venha imediatamente!

— O que aconteceu? — perguntou o médico, aparecendo na entrada da tenda, de pijama.

— Meu amigo caiu doente! Está morrendo! Foi o chá de camomila! Não deixem Hassan sair do acampamento!

Como um relâmpago, o médico correu para a nossa tenda. Poirot continuava deitado da maneira como eu o deixara.

— Extraordinário! — gritou Ames. — Parece um acesso ... ou ... o que foi mesmo que ele bebeu? Abaixando-se, o médico pegou a xícara vazia. E, nesse momento, uma voz plácida disse: — Só que eu não bebi.

Viramo-nos, espantados. Poirot estava sentado no catre, sorrindo. E acrescentou, suavemente: — Isso mesmo, não bebi o chá. Enquanto meu bom amigo Hastings estava contemplando a noite, aproveitei a oportunidade para despejar a beberagem, não por minha garganta, mas sim num pequeno vidro. E esse pequeno vidro será entregue para uma análise química. — O médico fez um movimento súbito, e Poirot disse: — Não, meu caro, não faça isso. Como um homem sensato, deve compreender que a violência de nada adiantará. Durante a breve ausência de Hastings, para ir buscá-lo, tive tempo suficiente para guardar o vidro num lugar seguro. Ah, depressa, Hastings, agarre-o!

Interpretei erroneamente a ansiedade de Poirot. Preocupado em salvar meu amigo, joguei-me na frente dele. Mas o movimento rápido do médico tinha outro objetivo. Ele levou a mão à boca, e um cheiro de amêndoas impregnou o ar. Um momento depois, o Dr. Ames cambaleou para a frente e caiu.

— Outra vítima — disse Poirot, solenemente. — Mas é a última. Talvez seja melhor assim. Ele já tinha três mortes na consciência.

— O Dr. Ames? — gritei, atordoado. — Mas pensei que você acreditasse em influências ocultas!

— Creio que me entendeu mal, Hastings. Declarei que acredito na força terrível da superstição. A partir do momento em que está solidamente determinado que uma série de mortes é sobrenatural, pode-se quase apunhalar um homem em plena luz do dia, e isso será atribuído a alguma

maldição, tão forte é o instinto do sobrenatural na raça humana. Desconfiei desde o início que algum homem estivesse tirando proveito desse instinto. Creio que a ideia lhe ocorreu com a morte de Sir John Willard. Surgiu imediatamente uma onda de superstições. Pelo que pude verificar, ninguém tiraria qualquer proveito da morte de Sir John. O mesmo já não acontecia com a morte do Sr. Bleibner, que era um homem muito rico. A informação que recebi de Nova York continha diversos pontos bastante sugestivos. Para começar, o jovem Bleibner dissera que tinha um bom amigo no Egito, de quem poderia tomar dinheiro emprestado. Tacitamente, todos encararam tal declaração como uma referência ao tio. Mas pareceu-me que, se assim fosse, ele o teria dito expressamente. As palavras pareciam indicar algum amigo generoso que ele tinha aqui. Outra coisa: ele conseguiu arrumar dinheiro suficiente para viajar até o Egito; chegando aqui, o tio recusou dar-lhe um só centavo que fosse; mesmo assim, conseguiu pagar a passagem de volta para Nova York. Alguém devia ter emprestado o dinheiro necessário.

— Mas tudo isso é muito superficial, Poirot!

— Havia mais. Muitas vezes, Hastings, palavras pronunciadas metaforicamente são encaradas literalmente. O inverso também pode acontecer. Neste caso, as palavras que são ditas literalmente podem ser encaradas como uma metáfora. O jovem Bleibner escreveu claramente: "Sou um leproso". Mas ninguém percebeu que ele se suicidou porque pensava ter realmente contraído essa terrível doença.

— O quê?

— Foi uma ideia astuciosa de uma mente diabólica. O jovem Bleibner estava sofrendo de alguma doença de pele sem maior importância. Vivera nas ilhas dos mares do sul, onde tais doenças são bem frequentes. Ames era um velho amigo dele e um médico famoso. O jovem Bleibner jamais poderia duvidar das palavras dele. Quando cheguei aqui, minhas suspeitas se dividiam entre Harper e o Dr. Ames. Mas não demorei a compreender que somente o médico poderia ter cometido e ocultado os crimes. E descobri também, por intermédio de Harper, que o Dr. Ames já conhecia anteriormente o jovem Bleibner. Não resta a menor dúvida de que o jovem Bleibner deve ter feito um testamento ou um seguro de vida a favor do médico. E este viu sua grande oportunidade de ficar rico. Não teve a menor dificuldade em inocular os germes fatais no Sr. Bleibner. Depois, o sobrinho, esmagado pelo desespero diante da terrível notícia que o amigo lhe dera, acabou se matando com um tiro. O Sr. Bleibner, quaisquer que fossem suas intenções, não tinha feito testamento. Toda a sua fortuna

passaria para o sobrinho, e dele para o Sr. Ames.

— E o que me diz do Sr. Schneider?

— Não podemos ter certeza sobre o papel que ele desempenhou na história. Mas não nos esqueçamos de que também já conhecia o jovem Bleibner. Talvez tenha desconfiado de alguma coisa. Mas é possível também que o Dr. Ames tenha chegado à conclusão de que mais uma morte, sem motivo e sem sentido, iria reforçar a aura de superstição. Além do mais, Hastings, há um fato psicológico dos mais interessantes. Um assassino é invariavelmente dominado pelo desejo intenso de repetir seu crime bem-sucedido. Era esse o motivo de minhas apreensões pelo jovem Willard. O vulto de Anúbis que você viu esta noite era Hassan, assim vestido por ordens minhas. Eu queria ver se conseguia assustar o Dr. Ames. Mas seria preciso muito mais do que o sobrenatural para assustá-lo. Percebi que ele não acreditava inteiramente em minha simulação de crença nos poderes ocultos. Desconfiei que ele tentaria fazer de mim a próxima vítima. Ah, mas apesar de la mer maudite, do calor abominável e dos incômodos da areia, as pequenas células cinzentas ainda funcionam!

Todas as suposições de Poirot foram confirmadas.

Alguns anos antes, num auge de embriaguez, o jovem Bleibner fizera de brincadeira um testamento, deixando "minha cigarreira que ele tanto admira e tudo o mais que eu possuir ao morrer, o que consiste principalmente em dívidas, para o meu bom amigo Robert Ames, que certa ocasião me salvou de um afogamento".

O caso foi abafado ao máximo possível. Até hoje, as pessoas ainda comentam a estranha sucessão de mortes relacionadas com a tumba de Men-her-Ra como uma prova incontestável da vingança de um faraó do passado contra os profanadores. Tal crença, segundo Poirot me ressaltou, é absolutamente contrária a todas as crenças e pensamentos dos antigos egípcios.

FIM

VII

O roubo das joias no Grand Metropolitan

— POIROT, ESTOU ACHANDO QUE UMA MUDANÇA de ares lhe faria bem.

— Acha mesmo, mon ami?

— Tenho certeza.

— Hã... ?

— murmurou meu amigo, sorrindo. Quer dizer que já está tudo acertado, não é mesmo?

— E você irá?

— Para onde pretende me levar?

— Para Brighton. Se quer mesmo saber, um amigo meu da City deu-me uma boa informação sobre o mercado financeiro e... Para resumir, estou com dinheiro bastante para jogar fora, como se costuma dizer. Acho que um fim de semana no Grand Metropolitan nos faria muito bem.

— Obrigado, meu amigo. Aceito o convite, profundamente grato. Teve o bom coração de se lembrar de um velho. E um bom coração, afinal, vale todas as pequenas células cinzentas. Isso mesmo, meu amigo. Este que lhe fala neste momento de vez em quando corre o perigo de esquecer isso.

Não fiquei muito satisfeito com as implicações do comentário. Tenho a impressão de que Poirot fica às vezes propenso a subestimar minha capacidade mental. Mas o prazer dele era tão intenso e evidente que tratei de esquecer minha contrariedade e apressei-me em dizer: — Ótimo!

E na noite de sábado estávamos jantando no Grand Metropolitan, em meio a uma alegre multidão. Parecia que o mundo todo estava em Brighton, acompanhado da esposa. Os vestidos eram suntuosos e as joias, usadas algumas vezes mais pelo amor à exibição do que com bom gosto, constituíam um espetáculo deslumbrante.

— É uma vista e tanto, hein? — murmurou Poirot. — Esta é a casa dos tubarões, não é mesmo, Hastings?

— Parece que sim. Mas vamos torcer para que eles não tenham os mesmos hábitos dos outros tubarões.

Poirot olhou ao redor, placidamente.

— A vista de tantas joias me faz desejar ter nascido para concentrar meu cérebro no crime, ao invés de me dedicar à sua investigação. Que magnífica oportunidade para um ladrão de classe! Olhe só para aquela

mulher bem-nutrida, perto da coluna, Hastings! Como você diria, ela está recoberta de joias da cabeça aos pés! Acompanhei o olhar dele.

— Ora, aquela é a Sra. Opalsen!

— Você a conhece?

— Ligeiramente. O marido dela é um rico corretor, que recentemente ganhou uma fortuna na alta do petróleo.

Depois do jantar, esbarramos com os Opalsens no salão. Apresentei Poirot. Conversamos alguns minutos e acabamos por tomar o café juntos. Poirot elogiou algumas das joias mais caras do colo amplo da Sra. Opalsen, que imediatamente se animou.

— É um passatempo meu, Sr. Poirot. Simplesmente adoro joias. Ed conhece minha fraqueza. Todas as vezes em que tudo está correndo bem, ele me compra uma nova joia. Também se interessa por pedras preciosas?

— Já lidei muito com joias, em diversas ocasiões, madame. Minha profissão levou-me a entrar em contato com algumas das joias mais famosas do mundo.

Poirot passou a narrar, discretamente, usando pseudônimos, a história das antigas e famosas joias de uma casa reinante da Europa. A Sra. Opalsen ouviu atentamente, fascinada. Quando Poirot terminou, ela exclamou: — Mas que coisa! Parece até um filme! Sabe, Sr. Poirot, tenho algumas pérolas que também possuem uma história. Creio que meu colar de pérolas é considerado um dos melhores do mundo. As pérolas são lindas e iguais, de cor perfeita. Acho que vou subir agora mesmo para buscar o colar.

— Oh, madame, é muito amável! — disse Poirot. Por favor, não se incomode!

— Mas faço questão de mostrar-lhe o colar!

A robusta senhora deslizou rapidamente até o elevador. O marido, que estava conversando comigo, olhou para Poirot inquisitivamente.

— A senhora sua esposa é tão amável que insistiu em mostrar-me seu colar de pérolas — explicou Poirot.

— Ah, as pérolas! — Opalsen sorriu, visivelmente satisfeito, antes de acrescentar: — Pode estar certo de que vale a pena vê-las. E custaram os olhos da cara! Mas não tenho a menor dúvida de que foi um dinheiro bem empregado. Posso conseguir de volta o que paguei a qualquer hora, talvez até mais. E é possível que daqui a pouco não me reste alternativa senão vendê-las, do jeito que as coisas estão indo. Está cada vez mais difícil ganhar dinheiro na City.

E passou a discorrer sobre os problemas do mercado financeiro, assunto em que não me aventurei a acompanhá-lo.

Foi interrompido por um garoto de recados, que se aproximou e murmurou alguma coisa em seu ouvido.

— Como... o quê? Irei imediatamente. Não aconteceu nada de grave com ela, não é? Com licença, cavalheiros.

O homem deixou-nos abruptamente. Poirot recostou-se e acendeu um dos seus pequenos cigarros russos. Depois, cuidadosa e meticulosamente, ajeitou as xícaras de café vazias numa fileira perfeita. Contemplou o resultado com uma expressão radiante. Os minutos foram se passando. Os Opalsens não voltavam.

— É estranho — comentei, finalmente. — Quando será que eles vão decidir-se a voltar?

Poirot observou as espirais ascendentes de fumaça e depois disse, pensativo: — Eles não vão voltar.

— Por quê?

— Porque alguma coisa aconteceu, meu amigo.

— Que espécie de coisa? E como sabe?

Poirot sorriu.

— Há poucos minutos, o gerente saiu apressadamente do escritório e subiu a escada quase correndo. Estava visivelmente nervoso. O rapaz do elevador está entretido numa conversa com um dos garotos de recados. A sineta do elevador já tocou três vezes, mas ele não deu a menor atenção. Em terceiro lugar, até mesmo os garçons estão distraídos. E para fazer com que um garçom fique distraído... — Poirot meneou a cabeça, com um ar categórico, antes de arrematar: — O assunto deve ser realmente muito sério. Ah, era como eu estava pensando! Aí vem a polícia! Dois homens tinham acabado de entrar no hotel, um de uniforme, o outro à paisana. Falaram com um dos funcionários e foram imediatamente levados lá para cima. Alguns minutos depois, o mesmo funcionário desceu e se aproximou do lugar em que estávamos sentados.

— O Sr. Opalsen envia seus cumprimentos e solicita a presença dos dois cavalheiros lá em cima.

Poirot levantou-se agilmente. Um observador diria certamente que ele estava esperando aquele chamado. Eu o segui com um entusiasmo igual. O apartamento dos Opalsens ficava no segundo andar. Depois de bater na porta, o funcionário retirou-se, e atendemos ao chamado de "Entrem!" Deparamos com uma cena estranha. Era o quarto da Sra. Opalsen, e, bem no meio, derreada numa poltrona, estava a própria, soluçando desesperadamente. Por si só, ela constituía um espetáculo extraordinário, pois lágrimas abriam imensos sulcos no pó-de-arroz que revestia

generosamente suas faces. O Sr. Opalsen andava de um lado para outro, furioso. Os dois policiais estavam parados no meio do quarto, um deles com um caderninho de anotações nas mãos. Uma camareira, visivelmente apavorada, estava parada junto à lareira. Do outro lado do quarto, uma francesa, obviamente a criada pessoal da Sra. Opalsen, estava chorando e retorcendo as mãos, com um sofrimento tão intenso que chegava mesmo a rivalizar com o desespero da patroa. Foi nesse pandemônio que Poirot entrou, impecável e sorridente. No mesmo instante, com uma energia surpreendente para uma pessoa tão volumosa, a Sra. Opalsen saltou da poltrona, na direção dele.

— Pronto! Ed pode dizer o que quiser, mas acredito na sorte. E foi a sorte que me fez encontrá-lo esta noite! Tenho a impressão de que, se o senhor não puder recuperar minhas pérolas, ninguém mais será capaz de fazê-lo!

— Por gentileza, madame, acalme-se — murmurou Poirot suavemente, afagando a mão dela. — Fique tranquila. Tudo vai acabar bem. Hercule Poirot está aqui para ajudá-la.

O Sr. Opalsen virou-se para o inspetor da polícia.

— Espero que não faça qualquer objeção ao fato de eu ter chamado este cavalheiro.

— Absolutamente, senhor — respondeu o inspetor polidamente, mas com a mais completa indiferença. — Talvez agora sua esposa se sinta um pouco melhor e nos possa relatar todos os fatos.

A Sra. Opalsen olhou para Poirot, desorientada. Ele levou-a de volta à poltrona.

— Sente-se, madame, e conte-nos toda a história, sem ficar nervosa.

Assim tratada, a Sra. Opalsen enxugou os olhos cautelosamente e começou a falar: — Subi logo depois do jantar para buscar as pérolas, a fim de mostrá-las ao Sr. Poirot. A camareira e Célestine estavam no quarto, como de hábito...

— Com licença, madame, mas o que exatamente está querendo dizer com esse "como de hábito"?

Foi o Sr. Opalsen quem se encarregou de explicar: — Determinei que ninguém entrasse neste quarto a menos que Célestine, a criada, também estivesse presente. A camareira arruma o quarto pela manhã na presença de Célestine, e volta logo depois do jantar para preparar as camas, nas mesmas condições. Afora isso, ela nunca entra no quarto.

Assim que ele terminou de falar, a Sra. Opalsen retomou o relato: — Como eu estava dizendo, subi para o quarto. Fui até o gaveteiro... — fez

uma breve pausa, apontando para as gavetas, do lado direito da penteadeira — tirei a caixa de joias e abri-a. Parecia tudo normal... mas as pérolas tinham desaparecido!

O inspetor, muito ocupado com suas anotações, perguntou: — Quando viu as pérolas pela última vez?

— Estavam na caixa, quando desci para o jantar.

— Tem certeza?

— Absoluta. Estava indecisa, sem saber se usava ou não o colar de pérolas. Mas acabei me decidindo pelo de esmeraldas, e tornei a guardar o outro na caixa de joias.

— Quem trancou a caixa de joias?

— Fui eu mesma. Uso a chave pendurada em uma corrente no pescoço.

Ela suspendeu a chave, enquanto falava. O inspetor examinou-a rapidamente, e deu de ombros.

— O ladrão deve ter uma duplicata da chave. Não é coisa difícil, pois se trata de uma fechadura das mais simples. O que fez depois de trancar a caixa de joias?

— Guardei-a na última gaveta, como sempre.

— Não trancou o gaveteiro?

— Não. É algo que nunca faço. Minha criada permanece no quarto até minha volta. Por isso, não há necessidade.

A expressão do inspetor tornou-se subitamente solene: — Quer dizer que as joias estavam ali quando desceu para o jantar e desde então a criada não saiu deste quarto?

Subitamente, como se somente então percebesse todo o horror da situação em que se encontrava, Célestine soltou um grito estridente e lançou-se sobre Poirot, despejando uma torrente de palavras em francês, de maneira quase incompreensível. A insinuação era infame! Como podiam desconfiar de que ela tivesse roubado madame? Mas todo mundo sabia que os policiais eram de uma estupidez inacreditável! Mas monsieur, que era francês...

— Belga — interveio Poirot.

Mas Célestine não deu a menor atenção à correção e continuou a falar. Monsieur não ia ficar de braços cruzados e permitir que ela fosse falsamente acusada, enquanto aquela infame camareira escapava impunemente. Ela jamais gostara da camareira, uma coisa ruim, atrevida, de rosto vermelho, uma ladra nata. Dissera desde o início que aquela mulher não era honesta. E ficava vigiando-a atentamente, sempre que ela vinha arrumar o quarto de madame! Aqueles idiotas da polícia tinham que

revistá-la. E seria de surpreender se não encontrassem em poder dela o colar de pérolas de madame!

Embora toda essa arenga fosse pronunciada num francês rápido e virulento, Célestine a entremeara com uma profusão de gestos. A camareira não demorou a perceber pelo menos uma parte do sentido. E ficou vermelha de raiva, declarando com a maior veemência: — Se essa estrangeira está dizendo que fui eu que roubei as pérolas, ela está mentindo descaradamente! Nunca cheguei sequer a ver essas pérolas!

— Revistem-na! — gritou a outra. — Vão descobrir as pérolas com ela! — Sua mentirosa! — gritou a camareira, avançando na direção de Célestine. — Roubou as pérolas e quer lançar a culpa em mim! Ora, eu estava no quarto há apenas uns três minutos, quando madame subiu! E durante todo esse tempo você ficou sentada aí, como sempre faz, como um gato observando um rato!

O inspetor olhou para Célestine.

— Isso é verdade? Não deixou o quarto em momento algum?

— Claro que não ia deixá-la sozinha aqui — admitiu Célestine, relutantemente. — Mas fui duas vezes ao meu próprio quarto, por aquela porta ali, a primeira para apanhar um pouco de algodão e a outra para buscar uma tesourinha. Ela deve ter aproveitado uma dessas ocasiões para roubar as pérolas.

— Em nenhuma das duas vezes estive fora daqui mais de um minuto! — reagiu a camareira, furiosa. — Simplesmente saiu e voltou logo depois! Eu ficaria contente se a polícia me revistasse. Nada tenho a temer.

Nesse momento, houve uma batida na porta. O inspetor foi atender. Seu rosto se iluminou ao ver quem era.

— Ah, estamos com sorte! Mandei buscar uma das nossas auxiliares, e ela acaba de chegar. Espero que não se incomodem de passar para o quarto ao lado.

Ele olhou para a camareira, que empinou a cabeça e passou para o quarto contíguo, seguida pela auxiliar da polícia. A jovem francesa afundara, soluçando, numa cadeira. Poirot estava correndo os olhos pelo quarto. Fiz um desenho indicando as principais características do quarto.

Penteadeira-cômoda-guarda-roupas-cama-quarto de criada-corredor — Para onde dá aquela porta? — perguntou ele, acenando com a cabeça na direção da porta ao lado da janela.

— Creio que para a suíte contígua — respondeu o inspetor. — Seja como for, está com o ferrolho passado deste lado.

Poirot foi até a porta e tentou abri-la. Depois, puxou o ferrolho e tentou

novamente. Em vão.

— Está trancada também do outro lado. Bem, isso parece excluir essa possibilidade.

Aproximou-se das janelas, examinando-as meticulosamente.

— E aqui também ... nada. Nem mesmo uma sacada do lado de fora.

— Mesmo que houvesse — disse o inspetor, impacientemente —, não vejo como isso poderia nos ajudar, já que a criada não se afastou do quarto.

— Évidemment — respondeu Poirot, sem parecer absolutamente desconcertado. — Como mademoiselle declara positivamente que não deixou o quarto...

Foi interrompido pelo reaparecimento da camareira e da mulher da polícia, que disse laconicamente: — Nada.

— Eu já sabia que não iam encontrar nada! — declarou a camareira, indignada. — E essa sirigaita francesa devia envergonhar-se de manchar assim o caráter de uma moça honesta!

— Calma, calma, minha jovem — disse o inspetor, abrindo a porta. — Ninguém desconfia de você. Pode voltar para seu trabalho.

A camareira saiu, contrafeita. — Não vai revistá-la? — perguntou a mulher, apontando para Célestine.

— Vou, sim! — Ele fechou a porta e passou a chave.

Célestine acompanhou a mulher da polícia até o quarto contíguo. As duas voltaram alguns minutos depois. Nada foi encontrado. A expressão do inspetor tornou-se ainda mais grave.

— Lamento, mas tenho de pedir-lhe que me acompanhe de qualquer maneira, moça — disse ele, virando-se em seguida para a Sra. Opalsen.

— Sinto muito, madame, mas tudo está apontando para sua criada. Se as pérolas não estão com ela, então deve tê-las escondido em algum lugar do quarto.

Célestine soltou novamente um grito lancinante e agarrou-se ao braço de Poirot. Meu pequeno amigo inclinou-se e sussurrou alguma coisa no ouvido dela. Ela fitou-o, desconfiada.

— Si, si, mon enfant ... asseguro-lhe que é melhor não resistir — disse Poirot, virando-se em seguida para o inspetor e acrescentando: — Permite, monsieur? Gostaria de fazer uma pequena experiência ... só para minha satisfação.

— Depende do que for — respondeu o policial, evitando assumir qualquer compromisso.

Poirot voltou a se dirigir a Célestine: — Contou que foi até seu quarto para buscar um pouco de algodão. Onde estava esse algodão?

— Na gaveta de cima da cômoda, monsieur.

— E a tesourinha?

— Também.

— Seria demasiado incômodo, mademoiselle, pedir-lhe que repita essas duas ações? Disse que estava sentada aqui na ocasião, não é mesmo?

Célestine sentou-se. Depois, a um sinal de Poirot, levantou-se e foi para o quarto contíguo, pegou um objeto na cômoda e retornou imediatamente. Poirot dividiu sua atenção entre os movimentos dela e um imenso relógio, em sua mão.

— Outra vez, por gentileza, mademoiselle.

Quando ela terminou o segundo desempenho, ele fez uma anotação em seu caderninho e tornou a guardar o relógio no bolso.

— Obrigado, mademoiselle. E também lhe agradeço, monsieur... — fez uma mesura para o inspetor — por sua cortesia.

O inspetor pareceu achar graça na polidez excessiva. Célestine partiu em meio a um fluxo de lágrimas, acompanhada pela mulher da polícia e pelo guarda. Depois, pedindo desculpas à Sra. Opalsen, o inspetor começou a vasculhar o quarto. Puxou as gavetas, abriu os armários, desarrumou toda a cama, bateu no chão. O Sr. Opalsen fitava-o com uma expressão cética.

— Pensa realmente que encontrará as pérolas aqui?

— Exatamente, senhor. É a conclusão lógica. Ela não teve tempo de tirar o colar do quarto. A descoberta prematura do roubo pela senhora transtornou inteiramente os planos dela. O colar só pode estar aqui. Uma das duas deve tê-lo escondido ... e é bastante improvável que tenha sido a camareira.

— Mais do que improvável... é impossível! — declarou Poirot, calmamente.

— Como assim? — perguntou o inspetor, desconcertado.

Poirot sorriu, modestamente.

— Vou demonstrar. Hastings, meu bom amigo, pegue meu relógio... com cuidado. É uma herança de família! Acabei de marcar o tempo dos movimentos de mademoiselle. A primeira ausência dela deste quarto durou doze segundos, a segunda foi de quinze. Agora, por gentileza, observem minhas ações. Quer ter a bondade de emprestar-me a chave da caixa de joias, madame? Obrigado. Meu amigo Hastings, queira ter a bondade de dizer "Agora! "

— Agora! — falei.

Com uma rapidez quase inacreditável, Poirot abriu a gaveta do lado direito da penteadeira, tirou a caixa de joias, enfiou a chave na fechadura,

abriu, pegou uma joia ao acaso, fechou a caixa, passou a chave, tornou a guardá-la na gaveta, fechou a gaveta. Seus movimentos eram rápidos como um raio.

— E então, mon ami? — perguntou-me ele, ofegante.

— Demorou quarenta e seis segundos.

— Estão vendo? — disse Poirot, olhando ao redor.

— Não haveria tempo sequer para que a camareira tirasse o colar, muito menos para escondê-lo.

— Neste caso, a criada é de fato a culpada — disse o inspetor. E continuou em sua busca. Um momento depois, passou para o quarto da criada. Poirot estava de cenho franzido, pensativo. Subitamente, fez uma pergunta para o Sr. Opalsen: — O colar... estava no seguro, não é mesmo?

O Sr. Opalsen pareceu ficar um tanto surpreso com a pergunta, e hesitou um pouco em responder: — Estava, sim.

— Mas que importância tem isso? — interveio a Sra. Opalsen, em lágrimas. — É o meu colar que estou querendo! Não existe outro igual! Nenhum dinheiro pode compensar sua perda! — Compreendo, madame, compreendo perfeitamente — disse Poirot, gentilmente. — Para la femme (*a mulher*), o sentimento é tudo... não é mesmo? Mas monsieur, que não possui tanta suscetibilidade, sem dúvida encontrará algum consolo no fato.

— Claro, claro ... — murmurou o Sr. Opalsen, visivelmente indeciso. — Mesmo assim ...

Foi interrompido por um grito de triunfo do inspetor, que apareceu na porta que dava para o outro quarto, balançando alguma coisa entre os dedos. Soltando um grito, a Sra. Opalsen levantou-se da poltrona. Era uma mulher totalmente mudada.

— Oh, o meu colar!

Ela apertou o objeto contra o colo com as duas mãos. Todos nos agrupamos ao seu redor.

— Onde estava? — perguntou Opalsen.

— Na cama da criada, entre as molas do colchão. Ela deve tê-lo roubado e escondido antes que a camareira aparecesse.

— Permite, madame? — disse Poirot, gentilmente.

Tirou o colar das mãos dela e examinou-o atentamente. Depois devolveu-o com uma mesura.

— Receio, madame, que terá de nos entregar o colar por algum tempo — disse o inspetor. — Vamos precisar dele como prova para a acusação. Mas será devolvido assim que for possível.

O Sr. Opalsen franziu o rosto.

— Isso é realmente necessário?

— Infelizmente, sim, senhor. Trata-se de uma formalidade que não podemos deixar de cumprir.

— Deixe-o levar o colar, Ed! — gritou a Sra. Opalsen. — Eu me sentirei mais segura sabendo que o colar está sob a guarda da polícia. Não conseguiria dormir pensando que alguém mais poderia tentar roubá-lo. Ah, aquela garota miserável! E eu, que não podia acreditar que ela fosse culpada!

— Calma, calma, minha querida. Não fique tão transtornada.

Senti um leve aperto no braço. Era Poirot.

— Vamos embora, meu amigo? Acho que nossos serviços não são mais necessários.

Mas assim que saímos do quarto, Poirot hesitou um momento e depois comentou: — Eu gostaria de dar uma olhada no quarto ao lado.

A porta não estava trancada, e entramos. O quarto, que tinha uma cama de casal, estava desocupado. Havia bastante poeira, e meu sensível amigo fez uma carranca característica ao passar o dedo em torno de uma marca retangular, na mesa perto da janela.

— O serviço aqui deixa a desejar — disse ele, secamente.

Poirot ficou olhando pela janela, parecendo absorvido em profunda meditação.

— E então? — indaguei, impaciente. — Por que queria vir até aqui?

Ele me fitou, aturdido por um instante.

— Je vous demande pardon, mon ami. Desejava verificar se a porta estava realmente trancada também por esse lado.

Olhei para a porta de comunicação com o outro quarto, que acabáramos de deixar.

— Pois agora já viu que está.

Poirot assentiu. Ainda parecia estar imerso em meditação.

— Além do mais, que importância pode ter isso, Poirot? O caso está encerrado. Gostaria que você tivesse uma oportunidade melhor de demonstrar seu talento. Mas foi o tipo de caso que até mesmo um idiota empertigado como o inspetor não poderia deixar de resolver.

Poirot sacudiu a cabeça.

— O caso ainda não está encerrado, meu amigo. E não estará até descobrirmos quem roubou as pérolas.

— Mas foi a criada que roubou!

— Por que diz isso?

— Ora... o colar foi encontrado no colchão dela!

— Ta, ta, ta! — disse Poirot, impacientemente. — Aquelas pedras não eram as pérolas.

— Como?

— Não passavam de imitações, mon ami.

A declaração me deixou sem fôlego. Poirot sorria, placidamente.

— É óbvio que o bom inspetor nada conhece a respeito de pérolas. Mas daqui a pouco vai haver o maior tumulto.

— Vamos! — gritei, puxando-o pelo braço.

— Para onde?

— Temos que avisar imediatamente os Opalsens!

— Acho melhor não fazê-lo.

— Mas aquela pobre mulher...

— Eh bien, aquela pobre mulher, como a chama, terá uma noite muito melhor se pensar que suas pérolas estão em segurança.

— Mas o ladrão pode escapar com as pérolas!

— Como sempre, meu amigo, fala sem pensar. Como sabe que as pérolas que a Sra. Opalsen tão cuidadosamente guardou esta noite não eram as falsas e que o verdadeiro roubo não ocorreu muito antes desta data?

— Oh! — exclamei, aturdido.

— Exatamente! — disse Poirot, radiante. — Vamos começar mais uma vez.

Ele saiu do quarto. Parou um momento no corredor, como se decidisse o que ia fazer em seguida. Depois, foi até a extremidade do corredor, parando diante da pequena alcova onde ficavam as respectivas camareiras e valetes de cada andar. Nossa camareira particular parecia estar realizando um pequeno comício, descrevendo suas experiências recentes para uma audiência embasbacada. Parou de falar no meio de uma frase. Poirot fez uma mesura, com a polidez habitual.

— Desculpe incomodá-la, mas agradeceria se pudesse abrir-me a porta do quarto do Sr. Opalsen.

A mulher levantou-se prazerosamente, e nós a seguimos pelo corredor. O quarto do Sr. Opalsen ficava do outro lado do corredor, e a porta era bem em frente do quarto da esposa. A camareira abriu-a com a chave-mestra, e entramos. Poirot deteve-a quando ela já ia se afastando: — Um momento, por gentileza. Por acaso viu um cartão igual a este entre os pertences do Sr. Opalsen?

Ele estendeu um cartão branco, liso, que parecia vitrificado, de aparência incomum. A camareira pegou-o e examinou-o cuidadosamente.

— Não, senhor, não me lembro de ter visto. De qualquer maneira, é o valete que cuida de quase tudo nos aposentos dos cavalheiros.

— Está certo. Obrigado.

Poirot pegou novamente o cartão. A mulher foi embora. Meu amigo ficou imóvel por um momento, pensativo. Depois, sacudiu a cabeça bruscamente.

— Por gentileza, Hastings, toque a sineta três vezes, para chamar o valete.

Obedeci, dominado por intensa curiosidade. Enquanto isso, Poirot despejava no chão o cesto de papéis e examinava rapidamente o seu conteúdo. Momentos depois, o valete atendeu ao chamado. Poirot fez-lhe a mesma pergunta e entregou-lhe o cartão para que o examinasse. Mas a resposta foi a mesma. O valete nunca vira um cartão como aquele entre os pertences do Sr. Opalsen. Poirot agradeceu, e o homem retirou-se, sem muita vontade, lançando um olhar para o cesto virado e o lixo espalhado pelo chão. Não pôde deixar de ouvir o comentário pensativo de Poirot, que voltara a remexer nos papéis amarrotados, espalhados pelo chão: — E o colar estava no seguro ...

— Estou percebendo agora, Poirot!

— Não está percebendo nada, meu amigo, como sempre. Absolutamente nada! É inacreditável... mas é isso mesmo. Vamos voltar para os nossos aposentos.

Voltamos em silêncio. Assim que chegamos, para minha intensa surpresa, Poirot mudou de roupa rapidamente.

— Vou para Londres esta noite, meu amigo. É indispensável.

— O quê?

— É absolutamente indispensável. O verdadeiro trabalho, o do cérebro (ah, essas pequenas e maravilhosas células cinzentas!), já está feito. Mas tenho que buscar a confirmação. E irei encontrá-la! É impossível enganar Hercule Poirot!

— Um dia desses ainda vai acabar levando um tombo e tanto — comentei, um pouco irritado com a vaidade dele.

— Peço-lhe que não fique zangado comigo, mon ami. Conto com você para prestar-me um serviço ... um serviço de amigo.

— Claro, claro — declarei ansiosamente, envergonhado do meu mau humor. — O que é?

— A manga do casaco que acabei de tirar ... pode escová-la? Como está vendo, um pouco de pó branco ficou grudado na manga. Certamente observou-me passar o dedo em torno da gaveta da penteadeira, não é

mesmo?

— Não, não observei.

— Deveria observar minhas ações, meu amigo. Foi assim que fiquei com um pouco de pó branco na ponta do dedo. Como estava muito excitado, esfreguei o dedo na manga, uma ação sem método, que deploro profundamente, contrária a todos os meus princípios.

— Mas o que era esse pó? — indaguei, não muito interessado nos princípios de Poirot.

— Posso garantir-lhe que não era o veneno dos Bórgias — respondeu Poirot, piscando os olhos, maliciosamente. — Estou vendo sua imaginação alçar voo. Eu diria que era giz de alfaiate.

— Giz?

— Isso mesmo. Os fabricantes de móveis usam-no para fazer as gavetas correrem suavemente.

Soltei uma risada.

— Ah, seu velho pecador! Pensei que estivesse me apresentando algo emocionante.

— Au revoir, meu amigo. Já estou indo. E escaparei daqui!

A porta foi fechada por Poirot. Sorrindo, meio por desdém, meio por afeição, peguei o casaco e estendi a mão para a escova. Na manhã seguinte, como não tivesse recebido qualquer notícia de Poirot, saí para dar uma volta, encontrei alguns amigos e fui almoçar no hotel deles. De tarde, fomos dar outra volta. Um pneu furado nos atrasou, e já passavam das oito horas quando voltei ao Grand Metropolitan. A primeira pessoa que avistei foi Poirot, que parecia ainda menor, espremido entre os Opalsens, radiante, num estado de plácida satisfação.

— Mon ami Hastings! — gritou ele, adiantando-se para receber-me. — Abrace-me, meu amigo! Tudo saiu às mil maravilhas!

Felizmente, o abraço foi apenas simbólico ... não um abraço de verdade, como sempre se pode esperar de Poirot.

— Está querendo dizer, Poirot.

— Ele foi simplesmente maravilhoso! — interveio a Sra. Opalsen, com um sorriso radiante no rosto gordo. Eu não lhe disse, Ed, que, se ele não pudesse recuperar minhas pérolas, ninguém mais poderia?

— Disse, minha cara, disse... E estava certa.

Olhei para Poirot, aturdido, e ele imediatamente compreendeu.

— Meu amigo Hastings está totalmente por fora, como vocês costumam dizer. Mas sente-se, e lhe contarei todo o caso, que terminou muito bem.

— Terminou?

— Exatamente. Eles estão presos.

— Eles, quem?

— A camareira e o valete, clair! Não tinha desconfiado? Nem mesmo com aquela insinuação a respeito do giz que fiz ao partir?

— Disse que era usado pelos fabricantes de móveis.

— Claro que sim ... para fazerem as gavetas deslizarem suavemente. Alguém queria que aquela gaveta deslizasse para fora e para dentro sem fazer nenhum barulho. Quem poderia ser? Obviamente, só a camareira. O plano era tão engenhoso que não saltou aos olhos imediatamente ... nem mesmo aos olhos de Hercule Poirot!

"Escute, que lhe vou contar como eles agiram. O valete estava no quarto vazio ao lado, esperando. A criada francesa saiu do quarto. Rápida como um relâmpago, a camareira abriu a gaveta, tirou a caixa de joias, puxou o ferrolho da porta, abriu-a e passou a caixa para o outro quarto. O valete abriu a caixa de joias facilmente, com a duplicata da chave que providenciara anteriormente, tirou o colar e ficou esperando. Célestine saiu novamente do quarto e a caixa voltou prontamente para o outro quarto e para a gaveta.

"Madame chegou, o roubo foi descoberto. A camareira exige praticamente que a revistem, exibindo a indignação apropriada. E depois sai do quarto, sem qualquer mácula em sua reputação. O colar de imitação, que eles tinham providenciado, havia sido escondido na cama da jovem francesa naquela manhã, pela camareira ... um golpe de mestre, ça!"

— Mas o que você foi fazer em Londres?

— Lembra-se daquele cartão?

— Claro que me lembro. Fiquei um pouco confuso... e ainda estou. Pensei...

Hesitei, por delicadeza, olhando para o Sr. Opalsen. Poirot riu, deliciado.

— Une blague! Especialmente para o valete. O cartão tinha uma superfície especialmente preparada ... para gravar impressões digitais. Fui direto para a Scotland Yard, procurei nosso velho amigo, o inspetor Japp, e expus-lhe os fatos. Como eu já desconfiava, as impressões digitais foram verificadas, e descobrimos que eram de dois conhecidos ladrões de joias, que há algum tempo eram procurados pela polícia. Japp veio para cá comigo, e os ladrões foram presos. O colar estava com o valete. Uma dupla muito esperta. Mas eles fracassaram por lhes faltar método. Eu já lhe disse, Hastings, pelo menos trinta e seis vezes, que sem método...

— Pelo menos trinta e seis mil vezes! — interrompi-o. — Mas onde foi que eles falharam no "método"?

— Mon ami, é um bom plano passar por camareira ou valete ... mas a pessoa não deve esquivar-se ao trabalho. Eles deixaram um quarto vazio todo sujo de poeira. Assim, quando o homem pôs a caixa de joias em cima da mesinha, perto da porta de comunicação com o outro quarto, deixou uma marca retangular.

— Estou lembrado agora!

— Antes, eu estava indeciso. A partir desse momento ... tive certeza! Houve um momento de silêncio, que foi rompido pela Sra. Opalsen, como uma espécie de coro grego: — E eu recuperei minhas pérolas!

— Acho que está na hora de eu ir jantar — falei.

Poirot acompanhou-me.

— Este caso deve ter-lhe proporcionado uma grande glória, Poirot — comentei.

— Pas du tout — respondeu meu amigo, tranquilamente. — Japp e o inspetor local vão dividir todo o crédito entre si. — Poirot fez uma pausa, bateu no bolso do paletó e acrescentou: — Mas tenho aqui um cheque do Sr. Opalsen. O que acha disso, meu amigo? Este fim de semana não transcorreu de acordo com nossos planos. Vamos voltar no próximo ... e dessa vez à minha custa?

FIM

VIII

O primeiro-ministro sequestrado

AGORA QUE A GUERRA E SEUS PROBLEMAS SÃO COISAS DO PASSADO, creio que posso seguramente me arriscar a revelar ao mundo o papel que meu amigo Poirot desempenhou num momento de crise nacional. O segredo tem sido bem guardado. Nem um simples rumor chegou aos ouvidos da imprensa. Mas agora que a necessidade de sigilo já desapareceu, sinto que é um ato de justiça fazer com que a Inglaterra saiba da dívida que tem para com meu exótico amigo, cujo cérebro maravilhoso tão habilmente evitou uma catástrofe de grandes proporções.

Uma noite, depois do jantar — não vou indicar a data precisa, basta dizer que foi na ocasião em que a máxima "Paz através das negociações" tornou-se insistente entre os inimigos da Inglaterra —, meu amigo e eu estávamos sentados em seus aposentos. Logo depois que dei baixa do exército, por semi-invalidez, passando a desempenhar uma função burocrática nos serviços de recrutamento, adquiri o hábito de passar todas as noites pelo apartamento de Poirot, após o jantar, a fim de conversar sobre os casos interessantes que ele pudesse estar investigando. Eu estava tentando conversar com ele a respeito da notícia sensacional daquele dia, nada menos que a tentativa de assassinato do Sr. David MacAdam, o primeiro-ministro da Inglaterra. Era evidente que o relato dos jornais fora cuidadosamente censurado. Não tinham sido publicados detalhes, exceto que o primeiro-ministro escapara por um triz, tendo a bala apenas raspado seu rosto. Comentei que nossa polícia devia ter sido vergonhosamente negligente, para que tamanho ultraje fosse possível. Podia perfeitamente compreender que os agentes alemães na Inglaterra estivessem dispostos a arriscar tudo em tal empreitada. "Mac, o Lutador", como seu próprio partido o apelidara, combatia obstinada e inequivocamente a influência pacifista que estava se tornando predominante. Ele era mais do que o primeiro-ministro da Inglaterra, era a própria Inglaterra. Removê-lo de sua esfera de influência seria um golpe terrível, que certamente iria paralisar a Inglaterra.

Poirot estava ocupado, limpando um terno cinza com uma minúscula esponja. Nunca existiu alguém tão dândi quanto Hercule Poirot. Ele tinha verdadeira paixão pela arrumação e pela ordem. Naquele momento, como o

ar estivesse impregnado de odor de benzina, ele era incapaz de me dispensar maior atenção. — Dentro de um minuto estarei com você, meu amigo. Estou quase acabando. A mancha de gordura... não é boa coisa ... e por isso a removi ... pronto! E Poirot brandiu a pequena esponja, triunfante. Sorri, enquanto acendia outro cigarro. Depois de um ou dois minutos, perguntei: — Está cuidando de algum caso interessante?

— Estou ajudando uma... como é mesmo que se chama? ... ah, sim, uma faxineira a encontrar o marido. É um caso difícil, que exige muito tato. Pois tenho a impressão de que ele não ficará nada satisfeito ao ser encontrado. O que mais poderia fazer? Não posso deixar de admitir que minha simpatia está toda com ele. Mostrou ser um homem de muito juízo ao se perder.

Não pude deixar de soltar uma risada.

— Ah, finalmente! A mancha desapareceu por completo. Estou agora à sua disposição.

— Perguntei o que você achava dessa tentativa de assassinar Mac Adam.

— Infantillage! Não se pode levar a tentativa a sério. Atirar com um rifle ... nunca dá certo. Isso é coisa do passado.

— Mas quase deu certo desta vez.

Poirot sacudiu a cabeça, impacientemente. Já ia responder quando a senhoria abriu a porta e informou-o de que dois cavalheiros estavam lá embaixo, desejando falar-lhe.

— Não quiseram dizer seus nomes, mas falaram que o assunto é muito importante.

— Mande-os subir — disse Poirot, dobrando cuidadosamente a calça cinza.

Os dois visitantes foram introduzidos poucos minutos depois. Senti o coração disparar quando reconheci Lorde Estair em pessoa, líder do governo na Câmara dos Comuns. Seu companheiro era o Sr. Bernard Dodge, também membro do gabinete de Guerra, e que eu sabia ser amigo pessoal e íntimo do primeiro-ministro.

— M. Poirot? — disse Lorde Estair.

Meu amigo fez uma pequena reverência. O grande homem olhou para mim, hesitante.

— O assunto de que vim tratar é estritamente particular.

— Pode falar livremente na presença do capitão Hastings — declarou Poirot, fazendo um gesto com a cabeça para que eu permanecesse na sala. — Ele não possui meus talentos, mas garanto sua discrição!

Lorde Estair ainda estava hesitante, mas o Sr. Dodge interveio,

abruptamente: — Ora, vamos parar de rodeios! Pelo que estou imaginando, toda a Inglaterra saberá muito em breve da enrascada em que estamos metidos! O tempo é tudo!

— Sentem-se, por favor — disse Poirot, polidamente. — Não prefere esta poltrona, milorde?

Lorde Estair estremeceu ligeiramente.

— O senhor me conhece?

Poirot sorriu.

— Certamente. Costumo ler os pequenos jornais ilustrados. Como poderia deixar de conhecê-lo?

— M. Poirot, vim consultá-lo sobre um assunto de urgência vital. E devo pedir-lhe sigilo absoluto.

— Tem a palavra de Hercule Poirot ... Não posso dizer mais nada! — declarou meu amigo, grandiloquente como sempre.

— É um problema que envolve o primeiro-ministro. Estamos numa tremenda dificuldade.

— Estamos no mato sem cachorro! — interveio o Sr. Dodge.

— Quer dizer que o ferimento é sério? — indaguei.

— Que ferimento?

— O ferimento a bala.

— Ah, isso! — exclamou o Sr. Dodge, desdenhosamente. — Ora, isso já é história antiga!

Lorde Estair retomou o comando da conversa: — Como disse meu colega, esse caso já está resolvido. Felizmente, fracassou. Eu gostaria de poder dizer a mesma coisa sobre o segundo atentado.

— Quer dizer que houve outro atentado?

— Houve, só que não da mesma natureza. M. Poirot, o primeiro-ministro desapareceu.

— Como assim?

— Foi sequestrado!

— Impossível! — gritei, atônito.

Poirot lançou-me um olhar fulminante, uma indicação clara de que eu deveria ficar de boca fechada.

— Infelizmente, por mais impossível que possa parecer, é verdade — continuou Lorde Estair.

Poirot olhou para o Sr. Dodge.

— Disse que o tempo era tudo, monsieur. O que estava querendo dizer com isso?

Os dois homens se entreolharam, e foi Lorde Estair quem falou:

— Já ouviu falar da iminente Conferência Aliada, M.Poirot?

Meu amigo assentiu.

— Por motivos óbvios, não foram divulgados os detalhes a respeito do local e da data em que deverá ser realizada. Embora a informação não tenha sido revelada para os jornais, é amplamente conhecida nos círculos diplomáticos. A conferência deverá ser realizada amanhã, terça-feira, à noite, em Versalhes. Pode compreender agora a terrível gravidade da situação. Não lhe esconderei o fato de que a presença do primeiro-ministro na conferência é uma necessidade vital. A propaganda pacifista, desencadeada e insuflada pelos agentes alemães infiltrados aqui, tem sido bastante ativa. A opinião geral é de que a tônica da conferência será determinada pela forte personalidade do primeiro-ministro. Sua ausência poderá acarretar consequências da maior gravidade... possivelmente uma paz prematura e desastrosa. E não temos ninguém para enviar no lugar dele. Somente o primeiro-ministro pode representar a Inglaterra.

A expressão de Poirot era muito grave.

— Quer dizer que considera o sequestro do primeiro-ministro uma tentativa direta de impedir sua presença na conferência?

— Exatamente. E ele já estava a caminho da França quando isso aconteceu.

— E quando começará a conferência? — Às nove horas da noite de amanhã. Poirot tirou um relógio enorme do bolso.

— Faltam quinze minutos para as nove horas.

— Ou seja, dispomos de vinte e quatro horas — disse o Sr. Dodge, pensativo.

— E quinze minutos — corrigiu-o Poirot. — Não se esqueça desse quarto de hora, monsieur... pode ser extremamente útil. E agora vamos aos detalhes. O sequestro ocorreu na Inglaterra ou na França?

— Na França. O Sr. MacAdam fez a travessia para a França esta manhã. Deveria passar a noite como hóspede do comandante supremo, seguir amanhã para Paris. Atravessou o canal da Mancha num contratorpedeiro. Em Boulogne-sur-Mer, havia um carro do quartel-general à sua espera, com um dos ajudantes-de-ordens do comandante supremo.

— Eh bien?

— Eles partiram de Boulogne ... mas nunca chegaram ao quartel-general.

— Como assim?

— Era um falso carro e um falso ajudante-de-ordens. O verdadeiro veículo foi encontrado numa estrada secundária, com o motorista e o

ajudante-de-ordens amarrados e amordaçados.

— E o falso carro? — Ainda está desaparecido.

Poirot fez um gesto de impaciência.

— Incrível! Mas o carro não pode escapar à atenção por tanto tempo, não é mesmo? — Foi o que também pensamos. Parecia ser meramente uma questão de dar uma busca meticulosa. Aquela parte da França está sob lei marcial. Estávamos absolutamente convencidos de que o carro não poderia ir muito longe sem ser descoberto. A polícia francesa, agentes da nossa Scotland Yard e os militares estão vasculhando tudo. Como acabou de dizer, é incrível... mas ainda não se descobriu coisa alguma! Neste momento, soou uma batida na porta e um jovem oficial entrou, com um envelope lacrado, entregando-o a Lorde Estair.

— Acaba de chegar da França, senhor. Trouxe-o imediatamente para cá, como tinha determinado.

O ministro abriu rapidamente o envelope e soltou uma exclamação. O jovem oficial retirou-se.

— Aqui está finalmente uma notícia! O telegrama acabou de ser decifrado. Encontraram o falso carro e também o secretário do primeiro-ministro, Daniels, cloroformizado, amarrado e amordaçado, numa fazenda abandonada perto de C ... Ele não se recorda de coisa alguma, exceto de que algo foi comprimido por trás, contra sua boca e seu nariz, e ele se debateu para se desvencilhar. A polícia está convencida de que o depoimento dele é genuíno.

— E não descobriram mais nada?

— Não.

— Nem o cadáver do primeiro-ministro? Sendo assim, ainda resta uma esperança. Mas é muito estranho. Por que, depois de tentarem matá-lo a tiros esta manhã, estão agora se dando a tanto trabalho para mantê-lo vivo?

Dodge meneou a cabeça.

— Só tenho certeza de uma coisa: eles estão determinados a impedir de qualquer maneira a presença do primeiro-ministro na conferência.

— Se for humanamente possível, o primeiro-ministro estará presente. Só peço a Deus que não seja tarde demais. E agora, messieurs, contem-me tudo... desde o início. Gostaria que me falassem também desse atentado contra a vida dele.

— Ontem à noite, o primeiro-ministro, acompanhado por um dos seus secretários, o capitão Daniels ...

— O mesmo que o acompanhou à França?

— Exatamente. Como eu estava dizendo, os dois foram de carro até

Windsor, onde o primeiro-ministro teve uma audiência. Ele voltou para Londres no início desta manhã. A tentativa de assassinato ocorreu no caminho.

— Um momento, por gentileza. Quem é esse capitão Daniels? Tem o dossiê dele?

Lorde Estair sorriu.

— Imaginei que fosse me pedir isso. Não sabemos muita coisa a respeito dele. Não é de nenhuma família importante. Integra o exército e é um secretário extremamente capaz, sendo, inclusive, um poliglota excepcional. Creio que fala fluentemente sete línguas. Foi justamente por isso que o primeiro-ministro o escolheu para acompanhá-lo à França.

— Ele tem parentes na Inglaterra?

— Duas tias, a Sra. Everard, que vive em Hampstead, e uma certa srta. Daniels, que vive perto de Ascot.

— Ascot? Não fica próximo a Windsor?

— Não esquecemos esse detalhe. Mas as investigações não levaram a nada.

— Quer dizer que considera o capitão Daniels acima de qualquer suspeita?

Uma insinuação de amargura surgiu na voz de Lorde Estair quando ele respondeu: — Não, M. Poirot. Nos dias atuais, eu hesitaria antes de declarar qualquer um acima de suspeita.

— Vamos adiante. Presumo, milorde, que o primeiro-ministro estivesse sob permanente proteção policial, a fim de tornar impossível qualquer atentado, não é mesmo?

Lorde Estair baixou a cabeça.

— É isso mesmo. O carro do primeiro-ministro era seguido de perto por outro automóvel, que levava detetives à paisana. O Sr. MacAdam nada sabia a respeito dessas precauções. É um homem de grande bravura pessoal, e poderia sumariamente dispensar a proteção. Mas é claro que a polícia tomou todas as providências. O próprio motorista do primeiro-ministro, O'Murphy, é um homem do serviço de segurança.

— O Murphy? Não é um nome irlandês?

— É, sim. Ele é irlandês.

— De que parte da Irlanda?

— Creio que do condado de Clare.

— Tiens! Mas continue, por favor, milorde.

— O primeiro-ministro rumou para Londres. O carro era fechado. Ele e o capitão Daniels estavam sentados no banco traseiro. O segundo carro

seguiu-o, como de hábito. Mas, infelizmente, por algum motivo ignorado, o carro do primeiro-ministro desviou-se da estrada principal...

— Num ponto em que a estrada faz uma curva? — indagou Poirot.

— Isso mesmo ... mas como soube?

— Oh, c'est évident! (*Oh, é evidente!*) Continue, por favor.

— Por algum motivo desconhecido, o carro do primeiro-ministro deixou a estrada principal. O carro da polícia, alheio a isso, continuou a seguir pela estrada principal. Pouco depois de entrar na estrada de pouco movimento, o carro do primeiro-ministro foi detido por um bando de homens mascarados. O motorista...

— Ah, o bravo O'Murphy! — murmurou Poirot, pensativo.

— O motorista, momentaneamente aturdido, pisou no freio. O primeiro-ministro pôs a cabeça para fora da janela. E imediatamente soou um tiro ... depois outro. O primeiro disparo roçou no rosto do primeiro-ministro, o outro felizmente passou longe do alvo. O motorista, percebendo então o perigo, prontamente acelerou o carro, dispersando o bando de atacantes.

— Uma fuga por um triz! — exclamei, sentindo um calafrio.

— O Sr. MacAdam recusou-se a dar qualquer importância ao ferimento que tinha recebido. Declarou que não passava de um arranhão. Parou num pequeno hospital das proximidades, onde fez um curativo, sem revelar sua identidade. E depois seguiu direto para Charing Cross, onde um trem especial estava à espera para levá-lo a Dover. Depois que o capitão Daniels relatou rapidamente a ocorrência aos preocupados policiais, os dois partiram para a França. Em Dover, o primeiro-ministro embarcou no contratorpedeiro. Em Boulogne-sur-Mer, como já falei, um falso carro estava à sua espera, com a bandeira inglesa e tudo o mais.

— Isso é tudo o que tem a contar-me?

— Sim.

— Não há nenhuma outra circunstância que tenha omitido, milorde?

— Há um outro fato um tanto estranho.

— E qual é?

— O carro do primeiro-ministro não voltou para a garagem depois que o deixou em Charing Cross. A polícia estava ansiosa para interrogar O'Murphy, e por isso foi iniciada uma busca imediatamente. O carro foi encontrado diante de um restaurante pequeno e fétido no Soho, que é conhecido como um ponto de encontro de agentes alemães.

— E o motorista?

— O motorista não foi encontrado em parte alguma. Também desapareceu.

— O que significa que há dois desaparecidos: o primeiro-ministro, na França, e O'Murphy, em Londres.

Poirot olhou atentamente para Lorde Estair, que fez um gesto de desespero.

— Posso apenas dizer, M. Poirot, que, se alguém tivesse sugerido ontem que O'Murphy era um traidor, eu teria rido na cara dele.

— E hoje?

— Hoje já não sei o que pensar.

Poirot assentiu, muito sério. Consultou novamente o relógio e disse: — Presumo que tenho carta branca, messieurs... em tudo, não é mesmo? É indispensável que eu possa ir para onde quiser e como quiser.

— Perfeitamente. Há um trem especial prestes a partir para Dover, com um contingente adicional da Scotland Yard. Será acompanhado por um oficial do exército e por um agente do serviço secreto, que ficarão inteiramente à sua disposição. O arranjo é satisfatório?

— É, sim. Só mais uma pergunta antes de irem embora, messieurs. Por que vieram procurar-me? Afinal, sou um desconhecido, um sujeito obscuro, nessa sua grande Londres.

— Nós o procuramos com a recomendação expressa e o desejo de um grande homem de seu próprio país.

— Comment? Meu velho amigo, o préfet ...

Lorde Estair sacudiu a cabeça. — Alguém mais alto que o préfet. Alguém cuja palavra já foi lei na Bélgica... e que voltará a ser! E isso é um juramento solene da Inglaterra!

A mão de Poirot se levantou rapidamente numa saudação dramática.

— Amém a isso! Ah, meu mestre não esquece... Messieurs, eu, Hercule Poirot, irei servi-los fielmente. Só peço que ainda haja tempo. Mas estamos no escuro... Não consigo enxergar coisa alguma.

Assim que os dois ministros se retiraram e a porta se fechou, gritei para Poirot, impacientemente: — E então, Poirot, o que acha?

Meu amigo estava ocupado, arrumando uma valise pequena, com movimentos rápidos e hábeis. Meneou a cabeça, pensativo.

— Ainda não sei o que pensar. Meu cérebro me abandona.

— Por que sequestrá-lo, como você disse, se uma pancada na cabeça teria o mesmo resultado?

— Perdoe, mon ami, mas eu não disse exatamente isso. Não resta a menor dúvida de que sequestrá-lo interessa muito mais a eles.

— Mas por quê?

— Porque a incerteza cria pânico. Esse é um dos motivos. Se o primeiro-

ministro estivesse morto, seria uma terrível calamidade, mas a situação teria que ser enfrentada. Nas presentes circunstâncias, o que temos é a paralisia. O primeiro-ministro irá ou não reaparecer? Será que está morto ou vivo? Ninguém sabe, e, até que se tenha certeza, não se poderá tomar nenhuma providência concreta. Como eu disse, a incerteza gera o pânico, e é exatamente o que os boches estão querendo. Além do mais, se os sequestradores o estão mantendo secretamente em algum lugar, têm a vantagem de poder negociar com os dois lados. O governo alemão não é um pagador generoso, como regra geral, mas não resta a menor dúvida de que é possível arrancar-lhe somas substanciais num caso como este. E não podemos esquecer que o sequestro não os faz correr o risco de um encontro com o laço do carrasco. Por tudo isso, Hastings, pode ver que o sequestro era realmente a melhor coisa para eles.

— Mas, nesse caso, por que tentaram primeiro assassinar o primeiro-ministro a tiros?

Poirot fez um gesto de raiva.

— Ah, é justamente isso o que não consigo compreender! É inexplicável... estúpido mesmo! Eles já tinham tudo providenciado (e muito bem providenciado, diga-se de passagem) para o sequestro. No entanto, arriscaram tudo com um ataque melodramático, digno do cinema e inteiramente irreal. É quase impossível acreditar nisso, em tal bando de homens mascarados, a menos de trinta quilômetros de Londres!

— Não teriam sido dois atentados separados, independentes um do outro?

— Ah, não, isso seria uma grande coincidência! Além do mais... quem é o traidor? Teria que haver um traidor... pelo menos no primeiro atentado. Mas quem foi, Daniels ou O'Murphy? Só pode ter sido um dos dois. Ou, então, por que o carro do primeiro-ministro deixou a estrada principal? Não podemos imaginar que o primeiro-ministro fosse conivente numa tentativa e assassinar a si próprio. Será que O'Murphy saiu da estrada principal por sua própria iniciativa ou foi Daniels quem lhe deu a ordem para tanto?

— É claro que só pode ter sido coisa de O'Murphy.

— Exatamente. Se fosse culpa de Daniels, o primeiro-ministro teria ouvido a ordem e pediria uma explicação. Mas a verdade é que existem muitos porquês neste caso, e eles se contradizem. Sendo O'Murphy um homem honesto, por que deixou a estrada principal? Mas, se não o era, por que arrancou com o carro novamente, quando apenas dois tiros haviam sido disparados ... salvando assim, segundo as probabilidades, a vida do

primeiro-ministro? E se ele era honesto, por que foi, logo depois de deixar Charing Cross, para um conhecido ponto de encontro de espiões alemães?

— A situação parece muito difícil e grave.

— Vamos examinar o caso com método. O que temos a favor desses dois homens e contra eles? Vamos começar por O'Murphy. Contra: seu comportamento ao deixar a estrada principal foi suspeito; ele é um irlandês do condado de Clare; desapareceu de maneira altamente suspeita. A favor: a presteza com que arrancou novamente com o carro, salvando a vida do primeiro-ministro; o fato de ser um homem da Scotland Yard, obviamente, pela função que lhe foi confiada, um agente digno de confiança. Agora, vamos a Daniels. Não há muita coisa contra ele, a não ser que pouco se sabe a respeito de seus antecedentes e que fala línguas demais para um bom inglês! (Perdoe, mon ami, mas vocês, ingleses, são deploráveis como políglotas!) A favor dele, temos o fato de que foi encontrado amordaçado, amarrado e cloroformizado ... o que parece indicar que ele nada tinha a ver com o sequestro.

— Ele poderia ter amordaçado e amarrado a si mesmo, para desviar as suspeitas.

Poirot meneou a cabeça.

— A polícia francesa não cometeria um erro desse tipo. Além do mais, a partir do momento em que ele atingiu seu objetivo, com o sequestro do primeiro-ministro, não haveria proveito algum em ficar para trás. É claro que os cúmplices poderiam tê-lo amordaçado, amarrado e cloroformizado, mas não consigo perceber qual o objetivo que poderiam ter para isso. Daniels não poderia ter muita utilidade para os sequestradores a partir desse momento, já que inevitavelmente passaria a ser atentamente vigiado, até serem esclarecidas devidamente todas as circunstâncias do desaparecimento do primeiro-ministro.

— Será que o objetivo não era possibilitar a Daniels lançar a polícia numa falsa pista?

— Então por que ele não o fez? Limitou-se a dizer que alguma coisa fora comprimida contra seu rosto e sua boca e que não se lembrava de mais nada. Não há nenhuma pista falsa nessa declaração. Ao contrário, ela soa extraordinariamente verdadeira.

Olhei para o relógio e comentei: — Acho que é melhor seguirmos logo para a estação. Você pode descobrir mais pistas na França.

— Possivelmente, mon ami. Mas duvido muito. Ainda acho inacreditável que o primeiro-ministro não tenha sido descoberto naquela área restrita, onde as dificuldades de escondê-lo devem ser tremendas. Se os militares e

as polícias de dois países não conseguiram descobri-lo, que possibilidades tenho eu? Em Charing Cross, fomos recebidos pelo Sr. Dodge.

— Este é o detetive Barnes, da Scotland Yard, e este é o major Norman. Eles estão inteiramente à sua disposição, M. Poirot. Boa sorte. A situação é desesperadora, mas ainda não perdi de todo as esperanças. E agora... adeus! — O ministro afastou-se rapidamente.

Conversamos superficialmente com o major Norman. No centro do pequeno grupo, na plataforma, reconheci o rosto de furão do sujeito que conversava com um homem alto e louro. Era um velho conhecido de Poirot, o inspetor-detetive Japp, considerado um dos mais capazes agentes da Scotland Yard. Ele se aproximou e cumprimentou meu amigo efusivamente.

— Soube que também está neste caso. Foi um bom trabalho. Até agora, eles conseguiram esconder direitinho a mercadoria. Mas não creio que consigam ocultá-la por muito mais tempo. Nossos homens estão vasculhando a França com um pente-fino, e o mesmo estão fazendo os franceses. Tenho certeza de que, agora, é apenas uma questão de horas.

— Se ele ainda estiver vivo ... — comentou sombriamente o detetive.

A expressão de Japp tornou-se desolada.

— Tem razão ... Mas, não sei por que, tenho a impressão de que ele ainda está vivo.

Poirot assentiu. — Também acho que ele está vivo. Mas será que conseguiremos encontrá-lo a tempo? Como você, meu caro Japp, eu também não acreditava que ele pudesse ser mantido escondido por tanto tempo.

O apito soou, e todos nós embarcamos apressadamente. Lentamente, aos solavancos, o trem deixou a estação. Foi uma estranha viagem. Os homens da Scotland Yard se reuniram. Mapas do norte da França foram abertos, dedos ansiosos acompanharam os percursos de estradas, fixando-se nas aldeias. Cada homem tinha sua teoria particular. Poirot não exibiu sua loquacidade habitual. Ficou sentado o tempo todo, com uma expressão que me fazia pensar numa criança desconcertada. Conversei com Norman, a quem achei extremamente interessante e divertido. Quando chegamos a Dover, o comportamento de Poirot divertiu-me intensamente. Ao embarcarmos no navio, o homenzinho agarrou-se desesperadamente em meu braço. O vento soprava furiosamente.

— Mon Dieu! — murmurou ele. — Isso é terrível!

— Tenha coragem, Poirot. Você vai conseguir. Irá encontrá-lo. Tenho certeza absoluta.

— Ah, mon ami, está se equivocando quanto à minha emoção. É esse

mar atroz o que me perturba! O mal de mer... é um sofrimento horrível!

— Ah ... — murmurei, um tanto desconcertado.

Sentimos a primeira pulsação dos motores, e Poirot gemeu, fechando os olhos.

— O major Norman tem um mapa do norte da França. Não gostaria de examiná-lo?

Poirot sacudiu a cabeça, impacientemente.

— Não, não! Deixe-me em paz, meu amigo. O estômago e o cérebro devem estar sempre em harmonia. Laverguier criou um método excelente para evitar o mal de mer. Você aspira ... e expira ... lentamente ... virando a cabeça da esquerda para a direita e contando até seis entre cada respiração.

Deixei-o empenhado em seus esforços de ginástica e saí para o convés. Ao nos aproximarmos do porto de Boulogne-sur-Mer, em velocidade reduzida, Poirot reapareceu, impecável e sorridente, anunciando-me, num sussurro, que o método de Laverguier novamente funcionara "às mil maravilhas". O indicador de Japp ainda estava traçando percursos imaginários em seu mapa.

— Isso é bobagem! O carro partiu de Boulogne-sur-Mer... E neste ponto eles saíram da estrada principal. Minha ideia é que transferiram o primeiro-ministro para outro carro. Está percebendo tudo agora?

— Vou verificar em todos os portos — declarou o detetive alto. — Aposto dez contra um como tentaram levá-lo num navio.

Japp meneou a cabeça.

— Seria óbvio demais. Além disso, mandaram fechar imediatamente todos os portos.

O dia estava começando a romper quando desembarcamos. O major Norman tocou o braço de Poirot e disse: — Há um carro militar à sua espera ali, senhor.

— Obrigado, monsieur. Mas, no momento, não pretendo sair de Boulogne-sur-Mer.

— Como?

— Isso mesmo. Não tenho a menor intenção de deixar Boulogne-sur-Mer agora. Vamos ficar neste hotel, à beira do cais.

Poirot seguiu as palavras com a ação, pedindo e conseguindo um quarto particular. Nós três o seguimos, perplexos, sem compreender coisa alguma. Subitamente, ele nos disse: — Não é assim que um bom detetive deve agir ... não é isso o que estão pensando? Já sei. Um bom detetive deve mostrar intensa energia, correr de um lado para outro, prostrar-se numa estrada

poeirenta para procurar marcas de pneus através de uma lentezinha. E deve também recolher pontas de cigarro e fósforos usados. É isso o que pensam, não é mesmo? — Os olhos de Poirot nos desafiavam. — Mas eu, Hercule Poirot, digo-lhes que não é nada disso! As verdadeiras pistas estão dentro ... aqui! — E bateu na testa, dramaticamente, antes de continuar: — A rigor, eu não precisaria ter saído de Londres. Teria sido suficiente para mim ficar sentado tranquilamente em meus aposentos. Tudo o que importa são as pequenas células cinzentas que estão aqui dentro. Secretamente, silenciosamente, elas vão cumprindo sua parte, até que de repente peço um mapa, ponho um dedo num lugar determinado e digo: o primeiro-ministro está aqui! E é isso mesmo! Com método e lógica, pode-se conseguir qualquer coisa! Esta corrida frenética para a França foi um erro ... é brincar de esconde-esconde, como crianças. Porém, neste momento, embora possa ser tarde demais, vou começar a trabalhar de maneira correta, aqui dentro. Silêncio, meus amigos, por gentileza.

E durante cinco longas horas o homenzinho ficou sentado no quarto do hotel, imóvel, piscando como um gato, com os olhos verdes faiscando e tornando-se cada vez mais verdes.

O homem da Scotland Yard estava obviamente desdenhoso, o major Norman estava entediado e impaciente, eu próprio descobri que o tempo passava com uma lentidão cansativa e exasperante. Finalmente, levantei-me e fui até a janela, procurando não fazer barulho. Aquilo estava se transformando numa farsa. Eu me mostrava secretamente preocupado por meu amigo. Se ele tivesse mesmo que fracassar, eu preferiria que fracassasse de uma maneira menos ridícula. Pela janela, fiquei observando um barco atracar, arrotando colunas de fumaça para o ar. Subitamente, fui despertado de meus devaneios pela voz de Poirot, bem perto de mim: — Mes amis, vamos começar!

Virei-me. Uma transformação extraordinária ocorrera em meu amigo. Seus olhos faiscavam de excitação, e o peito estava estofado ao máximo.

— Tenho sido um imbecil, meus amigos! Mas finalmente estou vendo a luz do dia!

O major Norman encaminhou-se apressadamente para a porta.

— Vou chamar o carro.

— Não há necessidade. Não vou usá-lo. Graças a Deus o vento amainou.

— Está querendo dizer que pretende ir a pé, senhor?

— Não, meu jovem amigo. Não sou São Pedro. Prefiro atravessar o mar de barco.

— Atravessar o mar?

— Exatamente. Para trabalhar com método, deve-se começar do início. E o início deste caso foi na Inglaterra. Portanto, vamos voltar para a Inglaterra.

Às três horas, estávamos novamente na plataforma de Charing Cross. Poirot ignorou firmemente todos os nossos protestos e reiterou incontáveis vezes que começar pelo início não era um desperdício de tempo, mas a única maneira de se agir corretamente. Durante a travessia, ele conferenciou em particular com Norman, que enviou inúmeros telegramas, ao chegarmos a Dover. Com os passes especiais apresentados por Norman, ultrapassamos todas as barreiras rapidamente e fizemos a viagem em tempo recorde. Em Londres, um carro da polícia estava à nossa espera, com policiais à paisana. Um deles entregou uma folha de papel datilografada a meu amigo. Ele respondeu ao meu olhar inquisitivo: — É uma relação dos pequenos hospitais a oeste de Londres. Telegrafei de Dover pedindo a lista.

Atravessamos rapidamente as ruas de Londres. Entramos na Bath Road. Passamos por Hammersmith, Chiswick e Brentford. Comecei a perceber nosso objetivo. Passamos por Windsor, a caminho de Ascot. Senti o coração disparar. Ascot era o lugar onde vivia uma tia de Daniels. Estávamos atrás dele e não de O'Murphy! Paramos diante do portão de uma propriedade bem cuidada. Poirot saltou e tocou a campainha. Percebi que seu rosto se franzia em perplexidade, tendo diminuído o brilho radiante que o iluminava. Era evidente que ele não estava muito satisfeito. Atenderam ao chamado. Poirot foi introduzido na casa. Voltou logo depois, e entrou no carro, sacudindo a cabeça. Minhas esperanças começaram a se desvanecer. Já passava de quatro horas. Mesmo que encontrássemos provas que incriminassem Daniels, de que adiantaria isso, a menos que ele pudesse arrancar de alguém o local exato da França em que estavam escondendo o primeiro-ministro?

A viagem de volta a Londres foi interrompida algumas vezes, para que o carro se desviasse da estrada principal. Paramos umas poucas vezes em pequenos prédios, que não tive a menor dificuldade em reconhecer como hospitais rurais. Poirot passava apenas uns poucos minutos em cada prédio. A cada parada, a segurança dele ia se tornando cada vez maior. Ele sussurrou alguma coisa para Norman, que respondeu:

— Se virarmos à esquerda, vamos encontrá-los à espera, junto da ponte.

Entramos numa estrada secundária. À luz fraca do fim da tarde, avistei um segundo carro, esperando à beira da estrada. Era ocupado por dois homens à paisana. Poirot saltou e foi falar com eles. Depois, partimos novamente, na direção norte, e o outro veículo seguiu logo atrás. Era

evidente que nosso objetivo era um dos subúrbios ao norte de Londres. Paramos finalmente diante de uma casa alta, um pouco recuada da rua. Norman e eu ficamos no carro. Poirot e um dos detetives foram até a porta da casa e tocaram a sineta.

Uma criada impecável abriu a porta. O detetive falou: — Sou da polícia e tenho um mandado para revistar a casa.

A moça soltou um gritinho, e uma mulher alta e bonita, de meia-idade, apareceu por trás dela, no vestíbulo.

— Feche a porta, Edith! Devem ser ladrões!

Mas Poirot enfiou rapidamente o pé no vão da porta e ao mesmo tempo soprou um apito. Num instante, os outros detetives correram para a casa e invadiram-na, fechando a porta. Norman e eu ficamos esperando no carro durante cerca de cinco minutos, amaldiçoando nossa inatividade forçada. Finalmente, a porta se abriu novamente e os homens saíram, escoltando três prisioneiros, uma mulher e dois homens. A mulher e um dos homens foram levados para o segundo carro. O outro homem foi conduzido até nosso automóvel pelo próprio Poirot. — Tenho que ir com os outros, meus amigos. Mas tomem muito cuidado com esse cavalheiro. Não o conhecem, não é mesmo? Eh bien, deixem-me apresentá-lo ... M. O'Murphy!

O'Murphy! Eu estava boquiaberto quando o carro arrancou. O'Murphy não estava algemado, mas não imaginei que fosse tentar escapar. Ele ficou sentado no carro, olhando fixamente para a frente, como se estivesse atordoado. Seja como for, Norman e eu poderíamos facilmente dominá-lo. Para minha surpresa, continuamos a seguir para o norte. Não íamos voltar para Londres! Fiquei perplexo. Subitamente, quando o carro diminuiu a velocidade, descobri que estávamos perto do Aeródromo de Hendon. Percebi imediatamente a ideia de Poirot. Ele pretendia chegar à França de avião. Era uma boa ideia, mas não das mais práticas. Um telegrama chegaria muito mais depressa. O tempo era tudo. Poirot deveria deixar para outros a glória pessoal de salvar o primeiro-ministro. Ao chegarmos, o major Norman saltou do carro e um homem à paisana tomou seu lugar. Ele conferenciou com Poirot por alguns minutos e depois afastou-se rapidamente. Saltei também e segurei o braço de Poirot.

— Meus parabéns, companheiro! Já lhe revelaram o esconderijo? Mas acho que deve mandar imediatamente um telegrama para a França. Chegará atrasado se quiser ir pessoalmente.

Poirot fitou-me em silêncio, com uma expressão curiosa, por um longo tempo, antes de finalmente dizer: — Infelizmente, meu amigo, há certas coisas que não podem ser enviadas por telegrama.

O major Norman voltou nesse momento, acompanhado por um jovem oficial vestido com o uniforme da força aérea.

— Este é o capitão Lyall, que irá levá-lo para a França. Ele pode partir imediatamente.

— Será necessário um agasalho, senhor — disse o jovem piloto. — Se quiser, posso emprestar um casaco.

Poirot estava consultando seu enorme relógio e murmurou para si mesmo: — Ainda há tempo ... foi por bem pouco ... — Depois, levantou a cabeça e fez uma reverência para o jovem piloto, dizendo: — Agradeço-lhe, monsieur, mas não serei eu o seu passageiro, e sim este cavalheiro aqui.

Ele se afastou para o lado enquanto falava, e um vulto emergiu da escuridão. Era o segundo prisioneiro, que fora no outro carro. Quando a luz incidiu no rosto dele, deixei escapar uma exclamação de surpresa. Era o primeiro-ministro!

— Pelo amor de Deus, contem-me logo toda a história! — gritei, impaciente, quando Poirot, Norman e eu voltávamos de carro para Londres. — Como eles conseguiram trazê-lo de volta secretamente para a Inglaterra?

— Não havia necessidade de trazê-lo de volta — respondeu Poirot, secamente. — O primeiro-ministro nunca saiu da Inglaterra. Foi sequestrado na viagem de Windsor para Londres.

— O quê?

— Vou esclarecer tudo. O primeiro-ministro estava em seu carro, com o secretário ao lado. Subitamente, um chumaço de algodão com clorofórmio foi comprimido contra o seu rosto...

— Mas por quem?

— Pelo astucioso poliglota, o capitão Daniels. Assim que o primeiro-ministro ficou inconsciente, Daniels pegou o tubo de comunicação e ordenou ao motorista que virasse à direita. O'Murphy obedeceu, sem desconfiar de nada. Alguns metros adiante, naquela estrada quase deserta, havia um carro parado, aparentemente enguiçado. O motorista fez sinal para que O'Murphy parasse. O'Murphy diminuiu a velocidade. O estranho se aproximou. Daniels inclinou-se para fora da janela. Provavelmente com a ajuda de um anestésico instantâneo, como éter acético, foi repetido o mesmo esquema do clorofórmio. Em poucos segundos, dois homens inconscientes foram transferidos para o outro carro, e uma dupla de substitutos tomou o lugar deles.

— Impossível!

— Pas du tout! Será que nunca viu os artistas de music hall imitando

celebridades com uma maravilhosa precisão? Nada é mais fácil do que caracterizar uma personalidade pública. O primeiro-ministro da Inglaterra é mais fácil de imitar do que o Sr. John Smith, de Clapham, por exemplo. Quanto a O'Murphy, ninguém iria mesmo prestar muita atenção a ele, pelo menos até a partida do primeiro-ministro. A essa altura, o substituto de O'Murphy já teria desaparecido. Ele seguiu de Charing Cross diretamente para o ponto de encontro com seus amigos. Entrou ali como O'Murphy, saiu como um homem inteiramente diferente. Assim, O'Murphy desapareceu, deixando uma trilha convenientemente suspeita.

— Mas o homem que se disfarçou de primeiro-ministro foi visto por uma porção de pessoas!

— Não foi visto por ninguém que o conhecesse particular ou intimamente. E Daniels procurou evitar ao máximo possível o contato com os outros. Além do mais, ele estava com um curativo no rosto, e qualquer coisa de estranho em sua atitude poderia ser atribuída ao choque resultante do atentado contra sua vida. O Sr. MacAdam sempre teve problemas de garganta, e procura poupar a voz ao máximo possível, antes de fazer qualquer discurso importante. Era muito fácil manter a fraude até a chegada à França. Ali, seria impraticável e impossível. E foi por isso que o primeiro-ministro desapareceu. A polícia deste país correu para o outro lado do canal da Mancha, e ninguém se deu ao trabalho de examinar cuidadosamente os detalhes do primeiro atentado. Para reforçar a ilusão de que o sequestro ocorrera na França, Daniels foi amordaçado, amarrado e cloroformizado, de maneira convincente.

— E o que aconteceu com o homem que desempenhou o papel do primeiro-ministro?

— Ele se livrou de seu disfarce. Poderia ser preso, juntamente com o falso motorista, como uma personagem suspeita. Mas ninguém sequer sonharia em suspeitar de sua verdadeira participação no drama e ele acabaria sendo solto, por falta de provas.

— E o que aconteceu com o verdadeiro primeiro-ministro?

— Ele e O'Murphy foram levados diretamente para a casa da "Sra. Everard", em Hampstead, a suposta "tia" de Daniels. Na verdade, ela é Frau Bertha Ebenthal, e há algum tempo que a polícia estava à sua procura. É um presentinho valioso que estou fazendo à polícia... sem falar de Daniels! Ah, foi um plano astucioso! Mas ele não contava com a inteligência e a astúcia de Hercule Poirot!

— Creio que se deve desculpar meu amigo por esse momento de vaidade. Quando foi que começou a suspeitar realmente da verdade,

Poirot?

— Quando comecei a trabalhar da maneira certa... de dentro! Não conseguia enquadrar direito os detalhes do primeiro atentado. Só comecei a perceber tudo quando concluí que o resultado prático fora o fato de o primeiro-ministro ter ido para a França com o rosto parcialmente coberto! E depois que visitei todos os hospitais de campo entre Windsor e Londres, verificando que ninguém que correspondesse à minha descrição fizera um curativo no rosto na referida manhã, então tive certeza! Depois disso, foi uma simples brincadeira de criança para uma mente como a minha!

Na manhã seguinte, Poirot mostrou-me um telegrama que acabara de receber. O lugar de origem não estava indicado, e também não tinha assinatura. Dizia apenas: "A tempo".

Ao final da tarde, os jornais vespertinos publicaram um amplo noticiário sobre a Conferência Aliada. Ressaltaram especialmente a espetacular ovação ao Sr. David MacAdam, cujo discurso inspirado causou uma impressão profunda e duradoura.

FIM

IX

O desaparecimento do Sr. Davenheim

POIROT E EU ESPERÁVAMOS NOSSO VELHO AMIGO, o inspetor Japp, da Scotland Yard, para o chá. Estávamos sentados à mesa, aguardando a chegada dele. Poirot acabara de endireitar cuidadosamente as xícaras e os pires, que a senhoria tinha o hábito de jogar descuidadamente sobre a mesa, ao invés de colocá-los direito. Bafejou em seguida sobre o bule de metal e poliu-o com o lenço de seda. A chaleira estava no fogo, e, a seu lado, havia uma pequena panela esmaltada, contendo um pouco de chocolate, espesso e doce, que agradava mais ao paladar de Poirot do que a coisa que ele descrevia como "o veneno inglês".

Soou uma batida lá embaixo, e, pouco depois, Japp entrou na sala, apressadamente.

— Espero não ter chegado atrasado — disse ele, depois de nos cumprimentar. — Demorei porque estava conversando com Miller, encarregado do caso Davenheim.

Fiquei atento. Havia três dias que os jornais praticamente não falavam em outra coisa a não ser no estranho desaparecimento do Sr. Davenheim, sócio majoritário de Davenheim Salmon, conhecidos banqueiros e financistas. No último sábado, ele saíra de casa, e nunca mais fora visto desde então. Pensei em arrancar algumas informações interessantes de Japp, e por isso comentei: — Pensava que fosse quase impossível alguém "desaparecer" hoje em dia.

Poirot deslocou ligeiramente uma travessa com pão e manteiga e disse incisivamente: — Seja mais exato, meu amigo. O que está querendo dizer com "desaparecer"? A que classe de desaparecimento está se referindo?

— Quer dizer que os desaparecimentos são classificados e rotulados? — indaguei, com uma risada.

Japp sorriu. Poirot franziu o rosto para nós dois.

— Mas claro que são! Há três categorias principais. A primeira, e a mais comum, é o desaparecimento voluntário. A segunda, tão injuriada, é a da "perda de memória" ... rara, mas às vezes genuína. A terceira é o assassinato, e o sumiço mais ou menos bem-sucedido do corpo. Está se referindo a todas essas categorias ao falar na impossibilidade de execução?

— Eu diria que sim. Uma pessoa pode perder a memória, mas alguém

acabaria por reconhecê-la ... especialmente no caso de um homem tão conhecido como Davenheim. E não se pode fazer com que um corpo desapareça em pleno ar. Mais cedo ou mais tarde, sempre acaba sendo descoberto, escondido em algum lugar ermo, metido num tronco oco. E o assassinato será descoberto. Da mesma forma, o contador fugitivo ou o homem que abandona a esposa está condenado a ser encontrado, nesta época do telégrafo sem fio. Ele pode querer escapar para um outro país, mas os portos e estações ferroviárias estarão vigiados. E quanto à possibilidade de se esconder neste país, suas feições e aparência serão conhecidas de qualquer leitor de jornal. Ele está enfrentando a civilização moderna.

— Está cometendo um erro, mon ami. Não está levando em consideração o fato de que um homem que decidiu dar cabo de outro, ou de si mesmo, num sentido figurado, pode ser aquele caso raro, um homem de método. Pode empregar na tarefa inteligência, talento, uma atenção meticulosa aos detalhes. Num caso desses, não vejo motivo para que ele não possa frustrar os esforços da polícia.

— Mas não a você, não é mesmo? — disse Japp jovialmente, piscando para mim. — Ele não conseguiria enganá-lo, hein, M. Poirot?

Poirot esforçou-se, sem um mínimo de sucesso, em parecer modesto.

— A mim também! Por que não? É verdade que abordo tais problemas como uma ciência exata, com uma precisão matemática, o que, infelizmente, parece ser uma raridade nesta nova geração de detetives!

Japp sorriu, comentando: — Não penso assim. Miller, o homem que está encarregado do caso, é um detetive dos mais hábeis. Pode estar certo de que ele não irá deixar passar nenhuma pegada, cinza de charuto, nem mesmo uma migalha de pão. Tem olhos que vêem tudo.

— A mesma coisa acontece, mon ami, com o pardal de Londres. Mesmo assim, eu não iria pedir a esse passarinho que resolvesse o problema do Sr. Davenheim.

— Ora, M. Poirot, está querendo negar o valor dos detalhes como pistas?

— Absolutamente. Tais coisas podem ser muito úteis, à sua maneira. O perigo é a possibilidade de assumirem uma importância indevida. A maioria dos detalhes é insignificante, apenas um ou dois são valiosos e vitais. É no cérebro, nas pequenas células cinzentas — e bateu na testa, num gesto típico —, que devemos confiar. Os sentidos podem nos enganar. Devemos procurar a verdade dentro ... e não fora.

— Está querendo insinuar, M. Poirot, que poderia resolver um caso sem

sair de sua cadeira?

— Exatamente... desde que os fatos estejam à minha disposição. Considero-me um consultor especializado.

Japp deu uma palmada no joelho.

— Macacos me mordam se eu não aceitar seu desafio! Aposto cinco libras como não pode descobrir o paradeiro do Sr. Davenheim, vivo ou morto, antes de transcorrida uma semana.

Poirot pensou um momento.

— Eh bien, mon ami, aceito a aposta. Le sport é a paixão de vocês, ingleses. Agora... vamos aos fatos.

— No último sábado, como sempre fazia, o Sr. Davenheim pegou o trem do meio-dia e quarenta da Estação Vitória para Chingside, onde fica sua magnífica propriedade rural, chamada The Cedars. Depois do almoço, deu uma volta pelo terreno, dando diversas instruções aos jardineiros. Todos confirmam que a atitude dele era absolutamente normal, o comportamento habitual. Depois do chá, o Sr. Davenheim foi até a sala particular da esposa e avisou que ia dar um passeio a pé até a aldeia, aproveitando para despachar algumas cartas. Acrescentou que estava esperando a chegada de um tal Sr. Lowen, numa visita de negócios. Se Lowen aparecesse antes de sua volta, deveria ser levado ao escritório, para esperar um pouco. O Sr. Davenheim saiu de casa pela porta da frente, desceu tranquilamente pelo caminho, cruzou o portão... e nunca mais foi visto. A partir desse momento, desapareceu inteiramente.

— Ah, um probleminha dos mais interessantes! — murmurou Poirot. — Mas continue, meu bom amigo.

— Cerca de quinze minutos depois, um homem alto e moreno, de bigode preto, tocou a campainha da porta da frente e explicou que tinha um encontro marcado com o Sr. Davenheim. Disse que se chamava Lowen. De acordo com as instruções do banqueiro, foi conduzido ao escritório. Quase uma hora se passou. O Sr. Davenheim ainda não tinha voltado. Finalmente, o Sr. Lowen tocou a sineta e declarou que não podia esperar mais, pois tinha que pegar o trem de volta para Londres. A Sra. Davenheim pediu desculpas pelo atraso do marido, que parecia inexplicável, pois sabia que ele estava esperando o visitante. O Sr. Lowen lamentou o desencontro e foi embora. Como todo mundo sabe, o Sr. Davenheim simplesmente não voltou. No início da manhã de domingo, a polícia foi avisada, mas não conseguiu chegar a nenhuma conclusão. O Sr. Davenheim parecia ter literalmente desaparecido em pleno ar. Não estivera na agência dos correios, não fora visto na aldeia. Na estação, tinham certeza de que ele não

partira em nenhum trem. Seu próprio carro não tinha deixado a garagem. Se tivesse alugado um carro para apanhá-lo em algum lugar isolado, parece quase certo que a essa altura o motorista já teria se apresentado para revelar tudo o que soubesse, tendo em vista a vultosa recompensa que foi oferecida por qualquer informação. É verdade que houve uma corrida de cavalos em Entfield, que fica a cerca de oito quilômetros de distância. Se o Sr. Davenheim tivesse ido a pé até essa estação, poderia ter passado despercebido no meio da multidão. Mas, desde então, sua fotografia e uma descrição minuciosa já foram publicadas em todos os jornais, sem que ninguém pudesse dar qualquer informação. É claro que recebemos muitas cartas, de todas as partes da Inglaterra, mas todas as pistas até agora resultaram em nada. Na manhã de segunda-feira, houve uma descoberta sensacional. No escritório do Sr. Davenheim, por trás de uma portière, há um cofre, que tinha sido arrombado e saqueado. As janelas estavam devidamente trancadas por dentro, o que parece excluir a possibilidade de se tratar de um ladrão comum, a menos que um cúmplice no interior da casa tenha trancado tudo depois. Por outro lado, como o domingo fora um dia de confusão e caos na casa, é provável que o roubo tenha sido cometido no sábado, sendo descoberto apenas na manhã de segunda-feira.

Poirot interveio nesse momento, dizendo secamente: — Précisément. E ele já foi preso, ce pauvre M. Lowen?

Japp sorriu.

— Ainda não. Mas está sob vigilância permanente.

Poirot assentiu.

— Tem alguma ideia do que levaram do cofre?

— Verificamos essa questão com o sócio minoritário da firma e com a Sra. Davenheim. Aparentemente, havia uma quantidade considerável de títulos ao portador e uma vultosa soma em dinheiro, decorrente de uma transação recente. Todas as joias da Sra. Davenheim também eram guardadas no cofre. Nos últimos anos, a compra de joias tornara-se quase uma paixão para o Sr. Davenheim. Dificilmente se passava um mês sem que ele comprasse alguma joia rara e de alto custo para a esposa.

— Ao todo, um roubo e tanto — comentou Poirot, pensativo. — E o que me diz de Lowen? Sabe-se por acaso de que negócio ele ia tratar com Davenheim naquela tarde?

— Ao que parece, os dois não mantinham um relacionamento dos melhores. Lowen é um especulador em pequena escala. Apesar disso, parece que já tinha aplicado alguns golpes em Davenheim, no mercado. Pelo que sei, os dois nunca se haviam encontrado pessoalmente. O encontro

naquela tarde seria para tratar de alguns interesses comuns na América do Sul.

— Quer dizer que Davenheim tinha negócios na América do Sul?

— Creio que sim. A Sra. Davenheim mencionou inclusive que o marido passou todo o outono em Buenos Aires.

— Davenheim tinha algum problema na vida doméstica? Marido e mulher mantinham um bom relacionamento?

— Eu diria que sua vida doméstica era tranquila e rotineira. A Sra. Davenheim é uma mulher simpática, embora não muito inteligente. Talvez se possa classificá-la como insignificante.

— Nesse caso, não devemos procurar a solução do mistério por esse lado. Davenheim tinha inimigos?

— Tinha muitos rivais no mercado financeiro, e é certo que diversas pessoas, sobre as quais levou a melhor em negócios, não tinham motivo para querer-lhe bem. Mas não se conhece ninguém que pudesse chegar ao ponto de liquidá-lo. E se isso por acaso aconteceu, onde está o corpo?

— É justamente essa a questão. Como Hastings disse, os cadáveres têm o hábito de aparecer, mais cedo ou mais tarde, com uma persistência fatal.

— Por falar nisso, um dos jardineiros diz ter visto um vulto contornando a casa, na direção do roseiral. As portas do escritório dão para o roseiral, e o Sr. Davenheim frequentemente entrava e saía por esse caminho. Mas o jardineiro estava bem longe, trabalhando nuns canteiros de pepinos, e não pôde dizer com certeza se era ou não seu patrão. Também não pôde determinar a hora com precisão. Deve ter sido antes das seis horas, já que os jardineiros normalmente param de trabalhar a essa hora.

— E quando o Sr. Davenheim saiu de casa?

— Por volta das cinco e meia.

— O que existe além do roseiral?

— Um lago.

— Com uma casa de barcos?

— Isso mesmo. Dois pequenos botes são guardados na casa de barcos. Está pensando em suicídio, M. Poirot? Pois não me importo de dizer que Miller já providenciou tudo para que o pequeno lago seja dragado amanhã. Por aí pode perceber o tipo de homem que ele é!

Poirot sorriu debilmente e virou-se para mim: — Hastings, por favor, passe-me o exemplar do Daily Megaphone que está ali em cima. Se não me engano, há uma fotografia excepcionalmente nítida do homem desaparecido.

Levantei-me e fui buscar o jornal. Poirot examinou a fotografia

atentamente.

— Hum, hum ... — murmurou ele, pensativo. — Os cabelos são um tanto compridos e ondulados, o bigode é espesso, a barba, pontuda e as sobrancelhas, densas. Olhos escuros?

— Exatamente.

— Os cabelos e a barba começando a ficar grisalhos?

O inspetor assentiu.

— E então, M. Poirot, o que tem a dizer? Tudo claro como o dia?

— Ao contrário, o caso parece-me extremamente obscuro.

O homem da Scotland Yard ficou visivelmente satisfeito. Mas Poirot acrescentou, placidamente: — O que me dá grandes esperanças de resolvê-lo.

— Hein?

— Sempre considero um bom sinal um caso obscuro. Se uma coisa está clara como o dia... eh bien, desconfie! Alguém deve ter providenciado para que fosse assim.

Japp sacudiu a cabeça, quase compassivamente.

— Cada um com sua fantasia. Mas não é nada ruim ver claramente o caminho à nossa frente.

— Pois eu não vejo — murmurou Poirot. — Fecho os olhos... e penso.

Japp suspirou.

— Tem uma semana inteira para pensar.

— E irá informar-me de toda e qualquer novidade... como, por exemplo, o resultado dos trabalhos do infatigável inspetor Miller, o homem dos olhos de lince?

— Claro! Isso faz parte do acordo!

Acompanhei Japp até a porta, ocasião em que ele me disse: — Não acha que é uma vergonha? É como roubar uma criancinha! Não pude deixar de concordar, com um sorriso.

Ainda estava sorrindo quando voltei à sala, e Poirot imediatamente me disse: — Eh bien! Está se divertindo à custa de Papa Poirot, não é mesmo? — Sacudiu o dedo em minha direção e acrescentou: — Não confia em suas células cinzentas? Ah, não fique tão confuso! Vamos discutir esse pequeno problema... ainda incompleto, é verdade, mas já apresentando alguns pontos extremamente interessantes.

— O lago! — exclamei, sugestivamente.

— E, muito mais que o lago, a casa de barcos!

Fitei Poirot atentamente. Ele estava sorrindo, à sua maneira indecifrável. Senti que, por enquanto, seria inteiramente inútil tentar

arrancar-lhe qualquer coisa. Não recebemos notícia alguma de Japp até a noite seguinte, quando ele veio nos visitar, por volta das nove horas. Percebi imediatamente, por sua expressão, que trazia alguma notícia importante. Poirot disse: — Eh bien, meu amigo, está tudo bem? Não venha me dizer que descobriram o corpo do Sr. Davenheim no lago, porque não acreditarei.

— Não encontramos o corpo, mas descobrimos suas roupas ... roupas idênticas às que ele estava usando naquele dia. O que acha disso? — Outras roupas desapareceram da casa?

— Não. O criado do Sr. Davenheim foi bastante positivo a esse respeito. E há mais: prendemos Lowen. Uma das criadas, que tem como função trancar as janelas dos quartos, declarou ter visto Lowen encaminhar-se para o escritório, através do roseiral, por volta das seis e quinze. Ou seja, aproximadamente dez minutos antes de ele ir embora da casa. — E o que o próprio Lowen disse sobre isso?

— A princípio, negou que tivesse sequer saído do escritório. Mas a criada foi categórica, e então ele fingiu que havia esquecido que saíra por um momento para examinar uma espécie rara de rosa. Uma explicação muito fraca! E surgiram novas provas contra Lowen. O Sr. Davenheim sempre usava um grosso anel de ouro, com um diamante solitário, no dedo mínimo da mão direita. Pois esse anel foi empenhado em Londres, na noite de sábado, por um homem chamado Billy Kellett. Ele já era conhecido da polícia. No outono anterior, passou três meses na cadeia por ter roubado o relógio de um homem. Parece que tentou empenhar o anel em nada menos de cinco lugares, antes de finalmente consegui-lo. Depois, embriagou-se inteiramente, atacou um guarda e foi preso por isso. Fui com Miller até a delegacia da Bow Street para falar com Kellett. Ele já estava bastante sóbrio, e não me importo de admitir que precisamos deixá-lo apavorado, insinuando que poderia ser acusado de homicídio. E ele acabou nos contando a história toda, que é das mais estranhas. "Esteve na corrida de Entfield no sábado, embora eu deva dizer que o negócio dele parece ser mais bater carteiras do que apostar. Seja como for, Kellett estava sem sorte e teve um péssimo dia. Seguiu a pé pela estrada, na direção de Chingside. Sentou-se na vala à beira da estrada, para descansar um pouco, antes de entrar na aldeia. Alguns minutos depois, avistou um homem avançando pela estrada, na direção da aldeia. 'Um sujeito de pele escura, com um bigode imenso, um grã-fino da cidade', foi a descrição que ele fez. Kellett estava meio escondido da estrada por uma pilha de pedras. O homem parou de repente, olhou para um lado e outro da estrada, constatou que

estava aparentemente deserta, depois tirou um pequeno objeto do bolso e jogou-o no mato. E seguiu adiante, na direção da estação. O objeto arremessado no mato fez um clique metálico ao cair, o que despertou a curiosidade do farrapo humano que estava na vala. Ele foi ver o que era, procurou um pouco, e acabou descobrindo o anel.”

— Essa é a história de Kellett. É claro que Lowen nega tudo veementemente, e é claro, também, que não podemos absolutamente confiar na palavra de um homem como Kellett. Não é impossível que ele tenha encontrado Davenheim num trecho deserto da estrada, acabando por roubá-lo e matá-lo.

Poirot sacudiu a cabeça.

— É extremamente improvável, mon ami. Ele não teria condições de dar sumiço no corpo. A esta altura dos acontecimentos, já teria sido encontrado. Em segundo lugar, a maneira aberta como empenhou o anel torna bem improvável a possibilidade de que ele tenha assassinado para consegui-lo. Em terceiro lugar, o ladrão sorrateiro raramente é assassino. Em quarto lugar, como ele está na prisão desde sábado, seria coincidência demais que pudesse dar uma descrição tão acurada de Lowen.

Japp assentiu.

— Não estou dizendo que você não esteja certo. Não obstante, será impossível convencer um júri com base no depoimento de um ladrão reincidente. O que me parece estranho é que Lowen não tivesse encontrado um meio mais inteligente de se livrar do anel.

Poirot deu de ombros.

— Ora, se o anel fosse encontrado nas vizinhanças, sempre se poderia alegar que fora o próprio Davenheim quem o deixara cair.

— Mas por que tirar o anel do corpo? — indaguei.

— Pode ter havido uma razão para isso — explicou Japp. — Um pouco além do lago, há um pequeno portão que dá acesso ao morro. E a menos de três minutos de caminhada, chega-se imaginem a quê? ... A um forno de cal!

— Santo Deus! — exclamei. — Está querendo dizer que a cal que destruiu o corpo não iria afetar o metal do anel?

— Exatamente.

— Tenho a impressão de que isso explica tudo. Mas que crime horrível! Por consenso tácito, ambos nos viramos e olhamos para Poirot. Ele parecia estar imerso em seus pensamentos, com as sobrancelhas unidas, como se fizesse um supremo esforço mental. Senti que sua grande inteligência estava finalmente se manifestando. Quais seriam suas primeiras palavras? Não ficamos em dúvida por muito tempo. Com um suspiro, Poirot relaxou-

se, virou-se para Japp e perguntou: — Tem alguma ideia, meu amigo, se o Sr. e a Sra. Davenheim ocupavam o mesmo quarto? Sua pergunta parecia tão ridiculamente inadequada que, por um momento, eu e o homem da Scotland Yard ficamos aturdidos, no mais completo silêncio.

Depois, Japp deu uma risada e disse: — Essa não, M. Poirot! Pensei que fosse sair com alguma coisa surpreendente e sensacional. Quanto à sua pergunta, devo dizer que não tenho a menor ideia.

— Mas poderia descobrir? — indagou Poirot, com uma estranha persistência.

— Certamente ... se está mesmo querendo saber.

— Merci, mon ami. Eu agradeceria se não esquecesse.

Japp ficou olhando para ele, desconcertado. Mas Poirot parecia ter esquecido inteiramente nossa presença. Dali a pouco, o inspetor sacudiu a cabeça tristemente e murmurou para mim: — Pobre coitado! A guerra foi demais para ele! — E, com essas palavras, Japp retirou-se.

Como Poirot continuasse mergulhado em seus devaneios, peguei um pedaço de papel e, para me distrair, comecei a escrever. Não demorou muito para que a voz dele me despertasse de meus próprios devaneios. Poirot parecia novamente ativo e alerta.

— Que faites-vous là, mon ami?

— Estava anotando o que me parecem ser os pontos de maior interesse no caso.

— Está se tornando metódico... finalmente!

O tom de Poirot era de aprovação, e não consegui disfarçar minha satisfação.

— Quer que eu leia?

— Claro!

— "Um: tudo aponta para Lowen como o homem que arrombou o cofre. Dois: ele tinha motivos de ressentimento contra Davenheim. Três: mentiu em sua declaração inicial de que não saíra do escritório em momento algum. Quatro: a se aceitar como verdadeira a história de Billy Kellett, Lowen está inegavelmente incriminado." — Fiz uma pausa e depois indaguei: — O que acha, Poirot?

Eu estava absolutamente convencido de que anotara todos os fatos de importância vital. Mas Poirot fitou-me com uma expressão compassiva, meneando a cabeça gentilmente.

— Mon pauvre ami! Mas é preciso desculpá-lo, pois não possui o talento! Jamais seria capaz de perceber o detalhe realmente importante! Além disso, seu raciocínio é falso.

— Como assim?

— Vamos analisar os quatro pontos que você destacou. Um: o Sr. Lowen não poderia saber que teria uma oportunidade de abrir o cofre. Foi à casa para um encontro de negócios. Não poderia saber de antemão que o Sr. Davenheim estaria ausente, tendo ido à aldeia despachar uma carta, o que lhe permitiu ficar sozinho no escritório.

— Mas ele não poderia ter aproveitado a oportunidade, mesmo sem estar esperando por isso? — E as ferramentas necessárias? Os cavalheiros da City não costumam ir a toda parte munidos de pés-de-cabra, na expectativa de que se lhes depare uma boa oportunidade. E não seria possível arrombar aquele cofre com um canivete, bien entendu!

— E o que me diz do segundo ponto?

— Escreveu que Lowen tinha um ressentimento contra o Sr. Davenheim. Mas, na verdade, ele conseguiu algumas vezes levar a melhor sobre o outro. E presumivelmente tais transações foram normais no mercado financeiro. Seja como for, não se costuma guardar ressentimento contra um homem que se consegue superar. O inverso é mais plausível. Qualquer ressentimento que pudesse haver, seria lógico que fosse da parte do Sr. Davenheim.

— Mas não pode negar que ele mentiu ao declarar que em nenhum momento havia saído do escritório, não é mesmo?

— Não. Mas não podemos esquecer que ele devia estar apavorado. Lembre-se de que tinham acabado de encontrar no lago as roupas do homem desaparecido. É claro que, como sempre, ele teria agido melhor se contasse logo a verdade.

— E o quarto ponto?

— Esse, sim. Se a história de Kellett é verdadeira, Lowen está inequivocamente implicado. E é justamente isso o que torna o caso tão interessante.

— Quer dizer que acertei pelo menos em um fato vital?

— Talvez... mas ignorou inteiramente os dois pontos mais importantes, aqueles que realmente constituem a chave para solucionar todo o mistério.

— E que pontos são esses?

— Primeiro: a paixão do Sr. Davenheim, nos últimos anos, pela compra de joias. Segundo: sua viagem a Buenos Aires no outono passado.

— Está querendo brincar comigo, Poirot!

— Ao contrário, meu amigo, estou falando seriamente. Ah, sacré tonnerre, (*consagrado trovão,*) só espero que Japp não se esqueça da pequena missão de que o encarreguei! Mas nosso inspetor, aderindo ao

bom humor, não havia esquecido. E na manhã seguinte, por volta das onze horas, chegou um telegrama para Poirot. A pedido dele, abri a mensagem e a li: "Marido e mulher ocupavam quartos separados desde inverno passado".

— Aha! — exclamou Poirot. — E agora estamos em meados de junho! O caso está resolvido!

Fiquei olhando para ele, aturdido.

— Por acaso tem dinheiro no banco de Davenheim Salmon, mon ami?

— Não. Por quê?

— Porque eu o aconselharia a retirá-lo ... antes que seja tarde demais.

— O que está esperando que aconteça?

— Espero um grande estouro dentro de alguns dias... talvez antes. O que me faz lembrar que devemos retribuir à cortesia do telegrama de Japp. Arrume-me um lápis e um formulário de telegrama, por gentileza. Voilà! "Aconselho retirar qualquer dinheiro depositado na firma em questão." Isso vai deixar o bom Japp intrigado! Os olhos dele vão ficar arregalados... muito arregalados! Ele não compreenderá absolutamente nada, até amanhã... ou depois de amanhã!

Fiquei cético. Mas, na manhã seguinte, não pude deixar de prestar tributo à extraordinária capacidade de meu amigo. Em todos os jornais, a manchete era a espetacular bancarrota do banco de Davenheim. A luz da situação financeira do banco, o desaparecimento do famoso financista assumia características totalmente diferentes. Antes que terminássemos o café da manhã, a porta se abriu e Japp entrou, quase correndo. Na mão direita trazia um jornal e na esquerda, o telegrama de Poirot, que jogou em cima da mesa, diante do meu amigo.

— Como soube, M. Poirot? Como diabo pôde prever que isso iria acontecer?

Poirot sorriu, placidamente.

— Ah, mon ami, depois que recebi seu telegrama, passei a ter certeza! Desde o começo, o roubo do cofre pareceu-me um tanto extraordinário. Joias, uma quantia vultosa em dinheiro, títulos ao portador, tudo tão convenientemente preparado para... para quem? O bom M. Davenheim era um desses homens que costumam cuidar primeiro de si mesmos, como se diz por aí. Pareceu-me quase certo que estava tudo preparado... para ele mesmo! E havia também sua paixão, nos últimos anos, pela compra de joias. Que simplicidade excepcional! Os fundos que ele desviou foram convertidos em joias, sendo provavelmente substituídos por duplicatas forjadas. Assim, acumulou uma fortuna considerável, que iria desfrutar sob

outro nome, no devido tempo, quando os perseguidores estivessem totalmente despistados. Quando já estava tudo pronto, ele marcou um encontro com o Sr. Lowen (que cometera no passado a imprudência de se atravessar no caminho do grande homem), arrombou o cofre, deixou instruções para que levassem o visitante a seu gabinete e foi embora ... para onde? — Poirot parou de falar e estendeu a mão para um ovo cozido. Franziu o rosto e comentou: — É realmente insuportável que cada galinha tenha de pôr ovos de tamanhos diferentes! Que simetria se pode ter assim à mesa? Mas pelo menos deviam separá-los na loja!

— Não se preocupe com os ovos — disse Japp, impaciente. — Que as galinhas os ponham quadrados, se assim o quiserem! Diga-nos para onde foi o nosso homem depois que saiu de The Cedars ... se é que sabe!

— Eh bien, ele foi direto para seu esconderijo. Ah, esse M. Davenheim pode ter alguma deformação em suas células cinzentas, mas não se pode negar que elas são de primeira qualidade!

— Sabe onde ele está escondido?

— Claro que sei! E é um plano dos mais engenhosos!

— Pelo amor de Deus, diga logo de uma vez!

Poirot recolheu cuidadosamente todos os fragmentos de cascas do seu prato e colocou-os na taça de ovo, pondo a outra metade da casca, agora vazia, por cima. Concluída essa pequena operação, contemplou o resultado com um sorriso de satisfação e só depois nos fitou, com uma expressão radiante.

— Vamos, meus amigos, afinal ambos são inteligentes. Façam a si mesmos a pergunta que me fiz. "Se eu fosse esse homem, onde iria esconder-me?" O que me diz, Hastings?

— Tenho a impressão de que eu não tentaria nenhuma fuga espetacular. Continuaría em Londres, no próprio local dos acontecimentos, andando de metrô, de ônibus. Sou capaz de apostar dez contra um como não seria reconhecido. Há uma surpreendente segurança no meio da multidão.

Poirot virou-se para Japp com uma expressão inquisitiva. E o homem da Scotland Yard respondeu: — Não concordo. Eu trataria de escapar o mais depressa possível... pois seria a única chance de ficar impune. Teria tempo suficiente para preparar tudo de antemão, cuidadosamente. Teria um iate à minha espera e partiria imediatamente para algum canto esquecido do mundo, antes que começasse o clamor público.

— Ambos olhamos para Poirot, e Japp acrescentou: — E você, o que faria?

Por um momento, Poirot permaneceu em silêncio. Depois, um sorriso curioso estampou-se em seu rosto. — Meus amigos, se eu quisesse esconder-me da polícia, sabem onde iria me ocultar? Numa prisão!

— O quê?

— Estão procurando M. Davenheim a fim de metê-lo na prisão. Assim, jamais pensariam em verificar se ele já não está numa prisão!

— Como assim?

— Você me disse que Mme Davenheim não é uma mulher muito inteligente. Não obstante, creio que, se a levasse à delegacia da Bow Street e a confrontasse com Billy Kellett; ela certamente iria reconhecê-lo! Apesar de ele ter raspado a barba e o bigode, ter desbastado as sobrancelhas espessas e cortado o cabelo bem rente. Uma mulher quase sempre reconhece o próprio marido, mesmo quando o resto do mundo se deixa enganar.

— Billy Kellett? Mas ele já é conhecido da polícia!

— Eu não disse que Davenheim era um homem muito esperto? Preparou seu álibi com bastante antecedência. Não esteve em Buenos Aires no outono passado... mas sim criando a personagem chamada Billy Kellett, passando três meses na cadeia, a fim de que a polícia não desconfiasse de coisa alguma, quando chegasse o momento. Não se esqueçam de que estavam em jogo uma fabulosa fortuna e também a liberdade pessoal dele. Valeu a pena preparar tudo tão meticulosamente. Só que ...

— Qual o problema, Poirot?

— Eh bien, depois que ele passou a usar barba postiça e uma peruca, tendo que se maquiar para se parecer consigo mesmo... tornou-se passível de ser descoberto. Não podia correr o risco de continuar a partilhar o mesmo quarto de madame, sua esposa. E você, Japp, descobriu para mim que, nos últimos seis meses, ou desde a suposta volta dele de Buenos Aires, os dois ocupavam quartos separados. Foi a partir desse momento que tive certeza absoluta. Todos os fatos se ajustavam. O jardineiro, que teve a impressão de avistar o patrão contornando a casa, estava certo. M. Davenheim foi até a casa de barcos, vestiu as roupas de "vagabundo", que evidentemente tinham sido mantidas ocultas dos olhos de seu criado, jogou as outras no lago e iniciou a execução de seu plano. Empenhou o anel abertamente, depois agrediu um guarda e conseguiu chegar em segurança ao refúgio da Bow Street, onde ninguém jamais sonharia em ir procurá-lo!

— Mas isso é impossível! — murmurou Japp.

— Peça a Mme Davenheim para fazer o reconhecimento — sugeriu meu amigo, sorrindo.

Na manhã seguinte, havia uma carta registrada ao lado do prato de Poirot. Ele a abriu, e, dentro do envelope, havia uma nota de cinco libras. Meu amigo franziu a testa.

— Ah, sacré! Mas o que vou fazer com isso? Estou com remorso. Ce pauvre Japp! Ah, tenho uma ideia! Vamos almoçar juntos nós três! Isso me consola. Foi realmente fácil demais. Estou até envergonhado. Eu, que não roubaria uma criança ... mille tonnerres! Mon ami, o que deu em você para começar a rir tanto?

FIM

X

A aventura do nobre italiano

POIROT E EU TIVEMOS MUITOS AMIGOS E CONHECIDOS bem pouco convencionais.

Entre eles, posso citar um vizinho nosso, o Dr. Hawker, um médico. Ele tinha o hábito de visitar-nos de vez em quando, de noite, para conversar com Poirot, cujo gênio admirava intensamente. Homem franco e confiante, o médico não se incomodava em manifestar sua admiração por alguém cujos talentos eram tão diferentes dos seus.

Numa noite em particular, em princípios de junho, ele apareceu por volta das oito e meia e logo se lançou a uma conversa animada sobre o tema bastante ameno da predominância do envenenamento por arsênico nos crimes. Cerca de um quarto de hora havia se passado quando a porta da sala foi subitamente aberta e uma mulher visivelmente aturdida entrou.

— Oh, doutor, estão à sua procura! Mas que voz terrível! Provocou-me um calafrio! Reconheci imediatamente a visitante: era a srta. Rider, a governanta do Dr. Hawker. O médico era solteiro e vivia numa casa velha e lúgubre, a alguns quarteirões de distância. A srta. Rider, uma mulher geralmente plácida, estava naquele momento extremamente nervosa.

— Que voz terrível é essa de que está falando? Quem está me procurando? Qual é o problema?

— Foi pelo telefone, doutor. Atendi ... e uma voz falou: "Socorro... socorro, doutor. Eles me mataram!" E depois a voz pareceu sumir. "Quem está falando?", perguntei. "Quem está falando?" A resposta foi um mero sussurro, e tive a impressão de ouvir "Foscatine" ou algo parecido, e "Regent's Court".

O Dr. Hawker deixou escapar uma exclamação de espanto.

— O conde Foscatini! Ele mora num apartamento no Regent's Court. Tenho que ir imediatamente. O que terá acontecido?

— É um paciente seu? — indagou Poirot.

— Tratei-o de uma pequena doença há algumas semanas. É italiano, mas fala inglês perfeitamente. Bem ... tenho que me despedir, M: Poirot. A menos que ... — O Dr. Hawker hesitou.

Sorrindo, Poirot disse: — Já sei o que está pensando, doutor. Terei o maior prazer em acompanhá-lo. Hastings, por gentileza, vá providenciar um táxi para nós.

Os táxis são sempre difíceis quando se está com pressa e mais se precisa deles. Mas finalmente consegui arrumar um, e seguimos para Regent's Park. O Regent's Court era um prédio de apartamentos novo, na St. John's Wood Road. Fora construído recentemente e dispunha dos serviços mais modernos. Não havia ninguém no saguão. O médico apertou impacientemente a campainha do elevador e dirigiu-se ansiosamente ao ascensorista: — Apartamento 11, conde Foscatini. Soube que houve um acidente lá.

O homem ficou surpreso.

— Não sei de nada. O Sr. Graves, o empregado do conde Foscatini, saiu há cerca de meia hora e não disse nada.

— O conde está sozinho no apartamento?

— Não, senhor. Dois cavalheiros estão jantando com ele.

— Como são eles? — indaguei, ansiosamente.

Já estávamos no elevador, subindo rapidamente para o segundo andar, onde ficava o apartamento 11.

— Não os vi pessoalmente, senhor, mas ouvi dizer que eram estrangeiros.

O ascensorista puxou a porta de ferro, e saímos para o patamar. O apartamento 11 ficava em frente. O médico tocou a campainha. Não houve resposta. Podíamos ouvir a campainha retinir lá dentro. O médico tocou outra vez e mais outra. Ouvíamos o retinir da campainha, mas nenhum sinal de vida recompensou o esforço insistente.

— O caso está parecendo ser muito sério — murmurou o Dr. Hawker. Virando-se bruscamente para o ascensorista, perguntou: — Existe alguma chave-mestra para esta porta?

— Há uma no escritório do gerente, lá embaixo.

— Pois vá buscá-la. E acho melhor aproveitar para também chamar a polícia.

Poirot aprovou a providência com um aceno de cabeça. O homem não demorou a voltar, acompanhado pelo gerente.

— Poderiam dizer-me, cavalheiros, o que significa tudo isso?

— Claro! Recebi um telefonema do conde Foscatini dizendo que tinha sido atacado e estava morrendo. Pode compreender agora por que não há tempo a perder... se é que não chegamos tarde demais.

O gerente entregou imediatamente a chave-mestra. Abrimos a porta e entramos no apartamento. Passamos primeiro para um pequeno vestíbulo, quadrado. Uma porta à direita estava entreaberta. O gerente indicou-a com um aceno de cabeça. — Ali é a sala de jantar.

O Dr. Hawker entrou na frente e nós o seguimos. Deixei escapar uma exclamação de espanto ao avistar a cena que estava à nossa espera. A mesa redonda, no centro da sala, ainda exibia os remanescentes de uma refeição. Três cadeiras estavam empurradas para trás, como se seus ocupantes tivessem acabado de se levantar. No canto, à direita da lareira, havia uma grande escrivaninha, à qual estava sentado um homem ... ou o que fora um homem. Sua mão direita ainda segurava a base do telefone, mas ele tombara para a frente, atingido por um violento golpe na cabeça, desfechado por trás. A arma do crime estava ali perto. Uma estatueta de mármore jazia no lugar onde fora deixada, às pressas, com a base manchada de sangue. O Dr. Hawker não levou mais de um minuto para examinar o corpo.

— Está morto. A morte deve ter sido quase instantânea. Fico até admirado de ele ter conseguido chegar ao telefone. É melhor não mexer no corpo até a chegada da polícia.

Por sugestão do gerente, demos uma busca no apartamento, mas o resultado já era previsto. Não era provável que os assassinos pudessem estar escondidos ali, quando tudo o que tinham de fazer era abrir a porta e sair. Voltamos para a sala de jantar. Poirot não nos acompanhara na busca. Encontrei-o examinando atentamente a mesa redonda, no centro da sala. Fui postar-me a seu lado. Era uma mesa de mogno, envernizada. Um vaso de rosas decorava o centro, e esteiras brancas, rendadas, repousavam sobre a superfície reluzente. Havia uma travessa de frutas, mas os três pratos de sobremesa não tinham sido tocados. Havia também três xícaras de café, com restos no fundo, duas de café puro e a terceira de café com leite. Os três homens haviam tomado vinho do Porto, e a garrafa, pela metade, estava diante do prato do meio. Um dos homens fumara charuto, os outros dois, cigarros. Uma caixa de casco de tartaruga e guarnições de prata, contendo charutos e cigarros, estava sobre a mesa, aberta.

Enumerei todos esses fatos para mim mesmo, mas fui forçado a admitir que não contribuía em nada para esclarecer a situação. Imaginei o que Poirot estaria vendo naquelas coisas para se mostrar tão interessado, e acabei perguntando-lhe.

— Não está entendendo, mon ami. Procuo algo que não estou vendo.

— E o que é? — Um erro, até mesmo um erro pequeno, da parte do assassino.

Avançando rapidamente até a pequena cozinha adjacente, Poirot deu uma olhada e meneou a cabeça. Virou-se em seguida para o gerente e disse: — Monsieur, gostaria, por gentileza, que me explicasse o modo como são

servidas as refeições.

O gerente foi até uma pequena portinhola na parede.

— Este é o serviço de elevador, que vai até a cozinha, no alto do prédio. Pode-se fazer o pedido pelo telefone, e os pratos são baixados por este elevador, um de cada vez. Os pratos sujos e as travessas são enviados da mesma maneira. Assim, os moradores não precisam ter preocupações domésticas, e ao mesmo tempo evitam a incômoda publicidade de sempre jantarem num restaurante. Poirot assentiu.

— Isso significa que os pratos e travessas usados aqui esta noite estão lá em cima, na cozinha. Permite que eu suba até lá?

— Claro, se assim o deseja! Roberts, o ascensorista, irá levá-lo até lá e apresentá-lo. Mas receio que não vá descobrir coisa alguma que possa ser interessante. A cozinha cuida de centenas de pratos e travessas, e todos são misturados.

Mas Poirot permaneceu firme, e visitamos juntos a cozinha, interrogando o homem que recebera o pedido do apartamento 11. — O pedido foi para três pessoas: soupe julienne, files de sole normande, tournedos e um soufflé de arroz. A que horas? Por volta das oito. Não, infelizmente todos os pratos e travessas já foram lavados. Estava pensando em impressões digitais, não é mesmo?

— Não exatamente — respondeu Poirot, com um sorriso enigmático. — Estou mais interessado no apetite do conde Foscatini. Ele se serviu de todos os pratos?

— Claro. Mas não posso dizer o quanto comeu de cada um. As travessas estavam sujas e os pratos, vazios. Isto é, à exceção do soufflé de arroz. Deixaram uma boa quantidade dele.

— Ah! — exclamou Poirot, parecendo bastante satisfeito com a informação.

Ao descermos para o apartamento, meu amigo comentou, em voz baixa: — Decididamente, estamos lidando com um homem metódico.

— Está se referindo ao assassino ou ao conde Foscatini?

— Não resta a menor dúvida de que o conde Foscatini era um homem metódico. Depois de implorar socorro e anunciar sua morte iminente, desligou cuidadosamente o telefone, pondo o fone no gancho.

Olhei para Poirot. Suas palavras e suas últimas perguntas sugeriram-me uma ideia súbita.

— Desconfia de veneno, Poirot? Será que o golpe na cabeça foi apenas uma simulação?

Poirot limitou-se a sorrir. Entramos no apartamento e descobrimos que

o inspetor de polícia já chegara, acompanhado por dois guardas. Pareceu ficar ressentido com nossa presença, mas Poirot tratou de acalmá-lo, mencionando nosso amigo da Scotland Yard, o inspetor Japp. Assim, recebemos uma permissão relutante para permanecer no apartamento. E foi muita sorte que isso tivesse acontecido, pois menos de cinco minutos depois um homem de meia-idade entrou correndo no apartamento, aparentando profundo desespero e nervosismo.

Era Graves, o criado e mordomo do falecido conde Foscatini. A história que ele tinha para contar era sensacional. Na manhã anterior, dois homens tinham ido visitar seu patrão. Eram italianos, e o mais velho, com cerca de quarenta anos, disse chamar-se signor Ascanio. O mais jovem era um rapaz bem-vestido, com cerca de vinte e quatro anos.

O conde Foscatini estava obviamente esperando pela visita e imediatamente mandara Graves sair, para cumprir alguma missão sem maior importância. Nesse momento, o criado fez uma pausa em sua narrativa e hesitou um momento. Acabou admitindo que, curioso quanto ao objetivo do encontro, não obedecera imediatamente à ordem, demorando-se mais do que o necessário, num esforço para ouvir alguma coisa da conversa. Mas falavam em voz tão baixa que ele não teve muito sucesso. Porém, deu para ouvir uma ou outra palavra, o suficiente para entender que alguma proposta monetária estava sendo discutida e que a base era uma ameaça. A discussão não fora absolutamente amigável. Ao final, o conde Foscatini alterara ligeiramente a voz, e Graves ouvira nitidamente as seguintes palavras: "Não tenho tempo para continuar a discutir o assunto neste momento, cavalheiros. Se quiserem jantar comigo amanhã à noite, às oito horas, poderemos retomar a discussão". Com receio de ser descoberto escutando a conversa, Graves tratou de se retirar, apressadamente, a fim de cumprir a missão de que o patrão o incumbira. Naquela noite, os dois homens haviam retornado pontualmente às oito horas. Durante o jantar, conversaram sobre assuntos superficiais, como política, o tempo e o mundo teatral. Depois de pôr na mesa o vinho do Porto e servir o café, Graves recebera do patrão o aviso de que poderia tirar folga o resto da noite.

— Esse era um procedimento habitual dele quando recebia convidados? — perguntou o inspetor.

— Não, senhor, não era. Foi isso o que me fez pensar que o conde ia tratar de algum assunto muito sério e fora do comum com aqueles dois cavalheiros.

Graves não tinha mais nada a contar. Saíra por volta das oito e meia e encontrara um amigo, que o acompanhara ao Metropolitan Music Hall, na

Edgware Road. Ninguém vira os dois homens se retirarem, mas a hora do crime foi fixada com toda a precisão, às oito e quarenta e sete. Um pequeno relógio fora derrubado da escrivaninha a pelo braço do conde Foscatini, parando nessa hora, o que se ajustava ao telefonema de pedido de socorro que a srta. Rider recebera. O médico da polícia examinou o corpo, que foi colocado em seguida no sofá. Vi o rosto do conde Foscatini pela primeira vez, a pele azeitonada, o nariz comprido, o exuberante bigode preto, os lábios vermelhos e cheios, ligeiramente repuxados, deixando à mostra dentes muito brancos. Não era um rosto dos mais simpáticos. Fechando seu caderninho de anotações, o inspetor disse: — O caso parece bastante claro. A única dificuldade será encontrar esse signor Ascanio. Será que o endereço dele não estaria na carteira de documentos do falecido? Como Poirot dissera, o falecido conde Foscatini era um homem metódico. O inspetor encontrou, escrita numa letra pequena e impecável, a informação que desejava: "Signor Paolo Ascanio, Grosvenor Hotel". O inspetor foi falar ao telefone e depois virou-se para nós, com um sorriso.

— Bem a tempo. Nosso amigo italiano já estava saindo para pegar o trem que o levaria à costa, de onde tomaria um barco para o continente. Bem, acho que não temos mais nada a fazer aqui. É um caso horrível, mas bastante claro. Aposto como foi uma dessas vendetas italianas.

Assim dispensados, tratamos de descer. O Dr. Hawker estava bastante excitado.

— Como o início de uma novela, hein? Uma coisa realmente emocionante! Eu não acreditaria, se lesse a história! Poirot não fez nenhum comentário. Estava pensativo. Mal falara durante a noite inteira.

Dando-lhe uma pancadinha no ombro, Hawker perguntou: — O que diz o mestre dos detetives? Não precisa pôr em funcionamento suas pequenas células cinzentas neste caso, não é mesmo?

— Acha que não?

— O que mais há para se explicar?

— Há, por exemplo, o problema da janela.

— A janela? Mas estava trancada! Foi uma das coisas que notei. Ninguém poderia sair por ali.

— E por que notou especialmente a janela? — O médico pareceu ficar desconcertado, e Poirot apressou-se em explicar: — Estou me referindo às cortinas. Não estavam puxadas, o que é um tanto estranho. E há também o problema do café. Era um café muito forte.

— E o que isso significa?

— Café muito forte e o fato de quase não terem comido o soufflé de

arroz ... o que isso pode significar?

— Uma combinação das mais exóticas — disse o médico, rindo. — Está caçoando de mim, M. Poirot.

— Jamais faço isso. Hastings pode confirmar que estou falando sério.

— Mesmo assim, não tenho a menor ideia do ponto aonde está querendo chegar, Poirot — confessei. — Por acaso desconfia do criado? Acha que ele poderia estar mancomunado com a quadrilha e pôr algum narcótico no café? Mas a polícia vai verificar o álibi dele, não é mesmo?

— Sem dúvida, meu amigo. Mas é o álibi do signor Ascanio o que me interessa.

— Acha que ele tem um álibi?

— Justamente isso o que me preocupa. Não tenho a menor dúvida de que logo saberemos de tudo a esse respeito.

O Daily Newsmonger colocou-nos a par de todos os acontecimentos subsequentes. O signor Ascanio foi preso e acusado do assassinato do conde Foscatini. Negou sequer conhecer o conde, declarou que nem chegara perto do Regent's Court na noite do crime ou na manhã anterior. O homem mais jovem desaparecera inteiramente. O signor Ascanio chegara sozinho ao Grosvenor Hotel, dois dias antes do crime, vindo do continente. Fracassaram todos os esforços para localizar o segundo homem. Ascanio, no entanto, não chegou a ser levado a julgamento. Nada menos que o próprio embaixador da Itália apresentou-se e declarou no inquérito policial que Ascanio estivera em sua companhia na embaixada, das oito às nove horas daquela noite. O prisioneiro foi solto. Naturalmente, muitas pessoas acharam que o crime era político e estava sendo deliberadamente abafado.

Poirot demonstrara o maior interesse pelo caso. Mesmo assim, fiquei surpreso quando ele me informou subitamente, uma manhã, que estava esperando um visitante para as onze horas e que não era outro senão o próprio Ascanio.

— Ele deseja consultá-lo?

— Du tout, Hastings. Eu é que desejo consultá-lo.

— Sobre o quê?

— Sobre o assassinato no Regent's Court.

— Pretende provar que ele foi o culpado?

— Um homem não pode ser julgado duas vezes pelo mesmo homicídio, Hastings. Procure ter um pouco de bom senso. Ah, deve ser o nosso amigo que está tocando.

Alguns minutos depois, o signor Ascanio foi introduzido na sala. Era um homem baixo e magro, com uma expressão furtiva nos olhos. Ficou de pé,

lançando-nos olhares desconfiados.

— M. Poirot?

Meu pequeno amigo bateu de leve no próprio peito.

— Sente-se, signore. Recebeu meu bilhete. Estou decidido a chegar ao fundo desse mistério. E, de certa forma, pode ajudar-me. Vamos começar. Na companhia de um amigo, visitou o falecido conde Foscatini na manhã de terça-feira, dia 9... O italiano fez um gesto furioso.

— Não visitei ninguém! Jurei no tribunal...

— Précisément... (*Precisamente...*) e tenho a leve impressão de que jurou em falso.

— Está me ameaçando? Ora, não tenho nada a temer de você! já fui absolvido!

— Exatamente. E como não sou um imbecil, não é com a força que o estou ameaçando... mas sim com a publicidade. Publicidade, entende? Vejo que a palavra não lhe agrada. já imaginava que não lhe agradaria. Minhas impressões são extremamente valiosas para mim. Vamos, signore, sua única chance é ser franco comigo. Não estou querendo saber que indiscrições o trouxeram à Inglaterra. Já sei que veio expressamente para falar com o conde Foscatini.

— Ele não era nenhum conde — resmungou o italiano.

— Também já verifiquei que o nome dele não consta do Almanaque de Gotha. Mas isso não tem maior importância. O título de conde é frequentemente útil na profissão de chantagista.

— Estou percebendo que é melhor dizer tudo, com toda a franqueza. Parece que sabe muita coisa.

— Tenho utilizado minhas células cinzentas com algum proveito. Vamos, signor Ascanio, diga a verdade: visitou o falecido na manhã de terça-feira, não é mesmo?

— Visitei-o. Mas não estive lá na noite seguinte. Não havia necessidade. Vou contar-lhe tudo. Uma determinada informação, a respeito de um homem de grande destaque na Itália, caiu em poder desse canalha. Ele exigiu uma vultosa quantia, em troca dos documentos. Vim à Inglaterra para tratar do assunto. Marquei um encontro naquela manhã. Um dos jovens secretários da embaixada acompanhou-me. O conde mostrou-se mais cordato do que eu esperava, embora a quantia que eu lhe paguei tivesse sido realmente vultosa.

— Perdoe a interrupção, mas pode dizer-me como efetuou o pagamento?

— Em notas italianas, de valor relativamente pequeno. Paguei na hora.

Ele me entregou os documentos comprometedores. E nunca mais tornei a vê-lo.

— Por que não declarou tudo isso quando foi preso?

— Na posição delicada em que eu me encontrava, tinha de negar qualquer associação com o homem.

— Como então pode explicar os acontecimentos da noite seguinte?

— Posso apenas imaginar que alguém se fez passar por mim. Pelo que ouvi dizer, não encontraram o dinheiro no apartamento.

Poirot fitou-o atentamente e sacudiu a cabeça, murmurando: — Estranho... Todos nós temos as pequenas células cinzentas. E são bem poucos aqueles que sabem como usá-las. Muito bom dia, signor Ascanio. Acredito em sua história. É praticamente o que eu já tinha imaginado. Mas precisava confirmar.

Depois de se despedir do visitante com uma mesura, Poirot voltou a refestelar-se em sua poltrona, sorrindo. — E então, M. le capitaine Hastings, o que acha do caso?

— Creio que Ascanio está certo... alguém se fez passar por ele.

— Ah, mon Dieu, será que você nunca vai usar o cérebro que o bom Deus lhe deu? Procure lembrar-se de algumas palavras que eu disse ao deixar o apartamento, naquela noite. Fiz uma referência ao fato de as cortinas não estarem corridas. Estamos no mês de junho. Ainda há claridade às oito horas. A luz do dia só começa a desaparecer cerca de meia hora depois. Ça vous dit quelque chose? Percebo que algo começa a acontecer dentro de sua mente. Tenho a impressão de que algum dia ainda chegará lá. Mas vamos continuar. O café, como eu disse, estava muito forte. Os dentes do conde Foscatini eram excepcionalmente brancos. O café mancha os dentes. Podemos deduzir, assim, que o conde Foscatini não costumava tomar café. Contudo, havia café nas três xícaras. Por que alguém haveria de simular que o conde Foscatini tomara café, quando isso não acontecera? Meneei a cabeça, totalmente desconcertado.

— Vamos, mon ami, faça um esforço. Vou ajudá-lo. Qual a prova de que dispomos de que Ascanio e seu amigo, ou talvez duas outras pessoas passando por ambos, estiveram no apartamento naquela noite? Ninguém os viu entrar, ninguém os viu sair. Temos apenas o depoimento de um único homem e um punhado de objetos inanimados.

— Como assim?

— Estou me referindo a facas, garfos, travessas e pratos vazios. Ah, mas foi uma ideia das mais inteligentes! Graves é ladrão e assassino, mas que homem metódico! Ouviu uma parte da conversa pela manhã, o suficiente

para compreender que Ascanio ficaria numa situação difícil, constrangedora, e que não poderia defender-se devidamente. Na noite seguinte, por volta das oito horas, diz ao patrão que o estão chamando ao telefone. Foscatini senta-se, estende a mão para o telefone. Por trás, Graves golpeia-o com a estatueta de mármore. Depois, liga rapidamente para a copa e pede jantar para três! O jantar chega, ele põe a mesa, suja os pratos, garfos, facas, *etc.* Mas precisa também livrar-se da comida. Não apenas é um homem inteligente, como também possui um estômago amplo e resistente. Mas depois de comer três tournedos, o soufflé de arroz é demais para ele. Chega até mesmo a fumar um charuto e dois cigarros, a fim de completar a ilusão. Ah, mas foi tudo espetacularmente meticoloso e metódico! Depois, moveu os ponteiros do relógio para as oito e quarenta e sete e jogou-o ao chão, fazendo-o parar. A única coisa que não fez foi baixar as cortinas. Mas, se tivesse havido um jantar de verdade, as cortinas teriam sido baixadas assim que a claridade começasse a diminuir. Tudo preparado, Graves saiu apressadamente, mencionando os visitantes ao homem do elevador, na passagem. Foi até uma cabine telefônica e, mais ou menos às oito horas e quarenta e sete minutos, ligou para o nosso Dr. Hawker, murmurando as palavras agonizantes do patrão. O plano dele era tão hábil que ninguém se deu ao trabalho de perguntar se houve algum telefonema do apartamento 11 nessa ocasião.

— Exceto Hercule Poirot, não é mesmo? — indaguei, sarcasticamente.

— Nem mesmo Hercule Poirot — disse o meu amigo; sorrindo. — Mas vou perguntar agora. Tenho que provar minha teoria para você primeiro. Mas vai ver como estou certo. E depois provarei a Japp, a quem já fiz uma insinuação, para que possa prender o respeitável Graves. Será que ele já gastou muito dinheiro?

Poirot estava certo. Ele sempre está, com todos os diabos!

FIM

XI

O caso do testamento desaparecido

O PROBLEMA QUE NOS FOI APRESENTADO PELA SRTA. VIOLET MARSH provocou uma mudança agradável em nossa rotina de trabalho. Poirot recebera um bilhete brusco e objetivo, solicitando um encontro. Marcara-o para as onze horas do dia seguinte. Ela chegou pontualmente, uma jovem alta, bonita, vestida com simplicidade, mas impecavelmente, e com uma atitude segura e prática. Era obviamente uma jovem que tencionava afirmar-se por si mesma no mundo. Não sou um grande admirador do tipo que se costuma chamar de nova mulher. Assim, apesar de sua aparência, não me senti particularmente predisposto a seu favor. — O assunto que me trouxe aqui é de natureza um tanto incomum, M. Poirot — disse ela, depois de acomodarse numa cadeira. — É melhor eu começar pelo princípio e contar-lhe toda a história.

— Como achar melhor, mademoiselle.

— Sou órfã. Meu pai era um de dois irmãos, filhos de um pequeno fazendeiro de Devonshire. A fazenda era muito pobre, e o irmão mais velho, Andrew, emigrou para a Austrália, onde se saiu muito bem e acabou se tornando bastante rico, através de especulação imobiliária. O irmão mais moço, Roger (meu pai), não possuía a menor inclinação para a vida agrícola. Conseguiu adquirir um pouco de instrução, por sua própria conta, arrumando um emprego como escriturário numa firma pequena. Casou-se com uma jovem de nível social ligeiramente superior. Minha mãe era filha de um artista pobre. Papai morreu quando eu tinha seis anos. Mamã seguiu-o para a sepultura quando eu estava com catorze anos. Meu único parente vivo era o tio Andrew, que voltara recentemente da Austrália e comprara uma pequena propriedade, Crabtree Manor, em seu condado natal. O tio Andrew foi excepcionalmente bondoso com a filha órfã do irmão. Levou-me para viver em sua companhia e tratou-me como se fosse sua própria filha. "Crabtree Manor, apesar do nome pomposo, não passa de uma velha fazenda. A agricultura estava no sangue de meu tio, que se interessava profundamente por modernos métodos agrícolas. Embora me tratasse bondosamente, tinha certas ideias peculiares e profundamente arraigadas sobre a educação das mulheres. Ele mesmo era um homem de pouca ou nenhuma instrução, embora possuísse uma astúcia

extraordinária. Não dava muito valor ao que chamava desdenhosamente de conhecimento livresco. Opunha-se especialmente à educação das mulheres. Na opinião dele, as moças deveriam aprender apenas as tarefas domésticas e alguma função numa fazenda, tendo o mínimo possível de instrução. Propôs-se criar-me de acordo com esses princípios, para meu extremo e amargo desapontamento. Rebelei-me abertamente. Sabia que possuía bastante inteligência e não tinha a menor vocação para os serviços domésticos. Meu tio e eu tivemos muitas discussões ásperas a respeito do assunto. Embora fôssemos ambos afeiçoados um ao outro, éramos também teimosos. Tive sorte de ganhar uma bolsa de estudos, e, até certo ponto, consegui vencer por mim mesma. A crise irrompeu quando decidi ir para Girton. Tinha algum dinheiro próprio, deixado por minha mãe, e estava determinada a tirar o melhor proveito possível dos talentos que Deus me deu. Tivemos uma discussão longa e decisiva. Meu tio apresentou-me os fatos francamente. Não tinha outros parentes e tencionava tornar-me a sua única herdeira. Como eu disse antes, ele era um homem muito rico. Mas se eu insistisse em minhas ideias moderninhas, não deveria esperar nada dele. Mantive a educação, mas fiquei firme. Disse que seria sempre profundamente afeiçoada a ele, mas tinha que levar minha própria vida. E assim nos separamos. "Pensa que é muito inteligente, menina", foram as últimas palavras dele. "Não tenho nenhum conhecimento livresco, mas qualquer dia desses vou empenhar minha inteligência contra a sua. E vamos ver o que irá acontecer." Isso aconteceu há nove anos. Depois disso, passei diversos fins de semana com meu tio. Nosso relacionamento sempre permaneceu amistoso, embora as opiniões dele não se alterassem. Ele nunca fez qualquer referência ao fato de eu ter me matriculado numa universidade, nunca mencionou o diploma que conquistei. Nos três últimos anos, a saúde de meu tio foi se tornando gradativamente pior, e ele finalmente morreu, há um mês. Estou chegando agora ao motivo de minha visita, M. Poirot. Meu tio deixou um testamento incomum. Crabtree Manor e todos os seus bens ficarão à minha disposição por um ano, a partir da data de sua morte ... "Durante esse período, minha esperta sobrinha deve demonstrar sua inteligência. Ao final desse período, ficando comprovado que minha inteligência é superior à dela, a casa e o resto da vasta fortuna passarão para diversas instituições de caridade."

— O Sr. Marsh foi um pouco duro, mademoiselle, já que é sua única parenta.

— Não vejo a coisa por esse ângulo. O tio Andrew advertiu-me com toda a franqueza; eu é que escolhi meu caminho. Já que não estava disposta a

atender aos desejos dele, meu tio tinha toda a liberdade de deixar seu dinheiro para quem lhe aprouvesse.

— O testamento foi elaborado por um advogado?

— Não. Foi escrito num desses formulários impressos de testamento. Assinaram como testemunhas o homem e a mulher que vivem na casa e serviam ao meu tio.

— Há alguma possibilidade de se anular esse testamento?

— Eu nem mesmo tentaria.

— Acha então que o testamento contém um desafio da parte do seu tio?

— Exatamente.

— Realmente a interpretação que se pode fazer comentou Poirot, pensativo. — Em algum lugar daquela casa antiga, seu tio escondeu uma grande quantia em dinheiro ou possivelmente um segundo testamento, dando-lhe o prazo de um ano para demonstrar sua inteligência e descobri-lo.

— Exatamente, M. Poirot. E estou lhe fazendo o elogio de pressupor que sua inteligência seja superior à minha..

— É muita gentileza de sua parte, srta. Marsh. Minhas células cinzentas estão à sua disposição. Já deu uma busca na casa?

— Apenas superficial. Mas tenho muito respeito pela capacidade inegável do meu tio ao afirmar que não será um trabalho fácil.

— Trouxe o testamento ou uma cópia?

A srta. Marsh estendeu um documento para Poirot, que o leu rapidamente, sacudindo a cabeça.

— Este testamento foi feito há três anos. A data foi 25 de março e a hora também está indicada: onze da manhã. O que é bastante sugestivo, pois restringe o campo de busca. Não resta a menor dúvida de que é outro testamento o que teremos de procurar. Tal documento pode ter sido elaborado até mesmo meia hora depois, e deve cancelar este. Eh bien, mademoiselle, o problema que me apresentou é dos mais atraentes. Terei o maior prazer em resolvê-lo. Mesmo reconhecendo que o seu tio era um homem de grande capacidade, as células cinzentas dele não podiam ter a mesma qualidade que as de Hercule Poirot! (Realmente, a vaidade de Poirot é por demais clamorosa!) — Felizmente, não estou tratando de nenhum outro caso neste momento. Hastings e eu partiremos para Crabtree Manor esta noite. O casal que trabalhava para o seu tio está lá, não é mesmo?

— Está, sim. O sobrenome deles é Baker.

Na manhã seguinte, iniciamos a busca propriamente dita. Tínhamos

chegado na noite anterior. O Sr. e a Sra. Baker haviam recebido um telegrama da srta. Marsh e estavam à nossa espera. O casal era simpático: o homem, enrugado e de faces rosadas; a esposa, uma mulher de vastas proporções, com a tradicional calma de Devonshire.

Fatigados pela viagem de trem e pelo estirão de quase catorze quilômetros desde a estação, estávamos tão cansados que fomos diretamente para a cama, depois de um jantar constituído de galinha assada, bolo de maçã e creme de Devonshire. Ao acordar, serviram-nos um excelente desjejum, e estávamos agora sentados numa pequena sala, revestida de madeira, usada como escritório e sala de estar pelo falecido Sr. Marsh. Encostada numa parede, havia uma escrivaninha de tampo corrediço, atulhada de papéis, impecavelmente arrumados e classificados. Uma grande poltrona de couro apresentava indícios inconfundíveis de que fora o lugar de repouso predileto do seu dono. Na parede do lado oposto, havia um sofá grande, revestido de chita. O banco junto à janela também era coberto de chita, já desbotada, de um padrão antiquado.

— Eh bien, mon ami — disse Poirot, acendendo um dos seus cigarros —, temos que definir nosso plano de campanha. Já fiz um rápido levantamento da casa, mas estou convencido de que alguma pista será encontrada nesta sala. Teremos que examinar os documentos da escrivaninha com todo o cuidado. Evidentemente, não espero encontrar o testamento ali, mas é possível que algum papel aparentemente sem importância possa ocultar a pista para o esconderijo. Primeiro, porém, temos que obter uma pequena informação. Toque a sineta, por gentileza.

Obedeci. Enquanto esperávamos, Poirot ficou andando de um lado para outro, olhando ao redor com uma expressão de aprovação.

— Esse Sr. Marsh era um homem metódico. Veja como os papéis estão impecavelmente arrumados e classificados. E a chave de cada gaveta tem seu rótulo ... assim como a chave da cristaleira. E veja a precisão com que toda a porcelana está arrumada! É de sensibilizar o coração de qualquer um! Não há nada aqui que possa ofender a vista... Fez uma pausa abrupta, quando sua atenção foi atraída pela chave da própria escrivaninha, à qual estava afixado um envelope sujo. Poirot franziu o rosto, retirando-a da fechadura. No envelope estavam rabiscadas as palavras "Chave da escrivaninha de tampo corrediço", numa letra irregular, muito diferente das inscrições impecáveis encontradas nas outras chaves.

— Uma estranha anotação — comentou Poirot, ainda de rosto franzido. — Eu poderia jurar que aqui não temos mais a personalidade do Sr. Marsh. Mas quem mais esteve na casa? Somente a srta. Marsh ... a qual, se não me

engano, também é uma jovem metódica e ordeira.

Baker apareceu na porta, atendendo a nosso chamado.

— Pode fazer o favor de buscar a senhora sua esposa, e responder a algumas perguntas?

Baker retirou-se e voltou logo depois, acompanhado pela Sra. Baker, que enxugava as mãos no avental e exibia uma expressão radiante. Em poucas palavras, Poirot explicou o objetivo de sua missão. Os Bakers prontamente se declararam dispostos a cooperar.

— Não queremos ver a srta. Violet sem aquilo a que tem direito — disse a mulher. — Seria horrível se tudo fosse para os hospitais.

Poirot começou a fazer suas perguntas. O Sr. e Sra. Baker recordavam-se perfeitamente de terem sido testemunhas do testamento. Baker recebera antes a ordem de ir buscar dois formulários impressos de testamento na aldeia vizinha.

— Dois? — indagou Poirot, abruptamente.

— Isso mesmo, senhor. Acho que era uma medida de precaução, no caso de o Sr. Marsh estragar um ... e foi justamente o que aconteceu. Assinamos um ...

— A que horas foi isso?

Baker coçou a cabeça, mas a esposa foi mais rápida: — Eu tinha acabado de pôr no fogo o leite para o chocolate das onze horas. Não se lembra? Estava todo derramado em cima do fogão, quando voltamos à cozinha.

— E depois?

— Deve ter sido uma hora mais tarde. Fomos chamados novamente. "Cometi um erro e tive que rasgar o testamento", disse o velho patrão. "Vão ter que assinar de novo." E nós assinamos. O patrão deu então um bom dinheiro para cada um e disse: "Não deixei nada para vocês no meu testamento, mas todos os anos, enquanto eu viver, receberão um dinheiro assim, para terem um pé-de-meia depois que eu morrer". E nunca se esqueceu de fazer isso.

Poirot pensou um momento.

— Depois que assinou pela segunda vez, lembra-se do que o Sr. Marsh fez?

— Foi até a aldeia para pagar ao homem da papelaria.

Isso não parecia muito promissor. Poirot tentou outra coisa. Mostrou a chave da escrivania e perguntou: — Essa é a letra do Sr. Marsh?

Talvez eu tenha apenas imaginado, mas a verdade é que tive a impressão de que Baker hesitou um momento antes de responder: — Sim, senhor.

"Ele está mentindo", pensei. "Mas por quê?"

— O Sr. Marsh por acaso alugou esta casa? Houve estranhos aqui nos últimos três anos?

— Não, senhor.

— Nenhum visitante?

— Só a srta. Violet.

— Nenhum estranho esteve nesta sala?

— Não, senhor.

— Está esquecendo aqueles operários, Jim — recordou-lhe a esposa.

— Operários? — repetiu Poirot, virando-se para a mulher. — Que operários?

A Sra. Baker explicou que, cerca de dois anos e meio antes, alguns operários haviam estado na casa, para fazer consertos. Mostrou-se bastante vaga a respeito dos consertos. Parecia achar que tudo não passara de um capricho do falecido Sr. Marsh, e que as obras, no fundo, haviam sido desnecessárias. Os operários haviam passado algum tempo no escritório, mas ela não sabia dizer o que tinham feito ali, já que o Sr. Marsh não deixara nenhum dos dois entrar no aposento durante as obras. Infelizmente, não se recordava do nome da firma contratada, sabendo apenas que era de Plymouth.

Assim que os Bakers se retiraram, Poirot disse, esfregando as mãos: — Estamos progredindo, Hastings. É evidente que ele fez um segundo testamento e depois chamou os operários de Plymouth para construírem um esconderijo apropriado. Ao invés de perdermos tempo levantando as tábuas do assoalho e batendo nas paredes, vamos direto para Plymouth.

Com algum esforço, conseguimos obter a informação que procurávamos. Depois de algumas tentativas, localizamos a firma que o Sr. Marsh contratara. Os empregados da firma eram todos antigos, e foi fácil encontrar os dois homens que tinham trabalhado sob as ordens do Sr. Marsh. Recordavam-se perfeitamente daquele trabalho. Entre diversos pequenos reparos, haviam levantado um dos tijolos da antiga lareira, fazendo uma cavidade por baixo. O tijolo fora novamente ajustado, de tal forma que não se podia perceber nada. Comprimindo-se o segundo tijolo, a partir da extremidade, acionava-se uma alavanca, que levantava tudo, deixando à mostra a cavidade. Fora um trabalho muito complicado, pois o velho se mostrara bastante exigente. Nosso informante era um homem chamado Cohan, alto, esquelético, de bigode grisalho. Parecia ser um sujeito inteligente.

Voltamos bastante animados a Crabtree Manor. Trancando a porta do

escritório, tratamos de utilizar o conhecimento recém-adquirido. Era impossível distinguir qualquer marca nos tijolos. Mas quando apertamos o segundo tijolo, da maneira indicada, uma cavidade profunda ficou imediatamente à mostra. Ansiosamente, Poirot enfiou a mão no interior do buraco. Subitamente, sua expressão passou da exultação complacente para a consternação. Retirou a mão, que segurava apenas um fragmento de papel chamuscado. A não ser por aquilo, a cavidade estava vazia.

— Sacré! — gritou Poirot, furioso. — Alguém deve ter estado aqui antes de nós! Examinamos ansiosamente o fragmento de papel. Não havia a menor dúvida de que era o resto do que procurávamos. Ainda se podia ver uma parte da assinatura de Baker, mas não havia a menor indicação de quais tinham sido os termos do testamento. Poirot ficou de cócoras. Sua expressão teria sido cômica, se não estivéssemos tão abalados.

— Não estou compreendendo — murmurou ele. Quem destruiu este testamento? E qual seria o objetivo deles?

— Dos Bakers?

— Por quê? Nenhum dos testamentos deixa qualquer coisa para eles, e é mais provável que sejam mantidos pela srta. Marsh se ela ficar com Crabtree Manor, em vez de esta passar a ser propriedade de um hospital. Que proveito alguém poderia tirar da destruição do testamento? Os hospitais se beneficiariam, é verdade, mas não se pode desconfiar de instituições desse tipo.

— Talvez o velho tenha mudado de ideia e tenha ele mesmo destruído o testamento.

Poirot levantou-se, limpando a poeira da calça, com o cuidado habitual.

— É bem possível, Hastings. Eis uma observação das mais sensatas. Bem, nada mais temos a fazer aqui. Já fizemos tudo o que um mortal poderia fazer. Tivemos sucesso no embate de inteligência com o falecido Andrew Marsh. Mas, infelizmente, a sobrinha dele nada irá ganhar com nosso sucesso. Seguindo imediatamente para a estação, conseguimos pegar um trem para Londres, embora não fosse o expresso.

Poirot estava triste e insatisfeito. Eu estava muito cansado e cochilei. Subitamente, quando estávamos começando a sair de Taunton, Poirot soltou um grito estridente.

— Vite, Hastings! Acorde e pule! Vamos, estou dizendo para pular logo! Antes que eu tivesse alguma ideia do que acontecia, estávamos parados na plataforma, sem chapéu e sem nossas valises, enquanto o trem desaparecia na noite. Fiquei furioso.

Mas Poirot não me deu a menor atenção, gritando para si mesmo: — Ah,

que imbecil que tenho sido! Três vezes imbecil! Nunca mais vou me gabar de minhas pequenas células cinzentas!

— Já é alguma coisa — murmurei, irritado. — Mas pode explicar-me por que saltamos aqui?

Como sempre acontecia quando estava imerso em uma de suas ideias, Poirot não me deu a menor atenção.

— Não levei em consideração o homem dos livros... o homem da papelaria! Mas ... onde? Onde? Não importa, pois não posso estar errado! Temos que voltar imediatamente! Era mais fácil fazer do que dizer. Conseguimos pegar um trem para Exeter, onde Poirot alugou um carro. Chegamos a Crabtree Manor de madrugada. Não vou descrever o espanto dos Bakers quando finalmente conseguimos acorda-los. Sem dar a menor atenção a ninguém, Poirot seguiu direto para o escritório.

— Fui imbecil não apenas três, mas trinta e seis vezes! E agora, meu amigo; atenção! Indo até a escrivaninha, Poirot pegou a chave e tirou o envelope que estava afixado. Fiquei olhando para ele, aturdido. Será que meu amigo estava esperando encontrar um imenso formulário de testamento dentro daquele envelope tão pequeno? Com extremo cuidado, Poirot abriu o envelope, alisando-o. Depois, acendeu o fogo e aproximou da chama a superfície lisa, interior, do envelope. Em poucos minutos, algumas letras começaram a aparecer. — Olhe só, mon ami! — gritou Poirot, triunfante.

Eram apenas umas poucas linhas, declarando sucintamente que o Sr. Marsh deixava tudo o que possuía para a sua sobrinha, Violet Marsh. Estava datado de 25 de março, meio-dia e meia, levando as assinaturas, como testemunhas, de Albert Pike, confeitoiro, e Jessie Pike, doméstica.

— Mas tal testamento é legal, Poirot?

— Pelo que sei, não há nenhuma lei que proíba que se escrevam testamentos com tinta invisível. A intenção do testador é clara, e a beneficiária é sua única parenta viva. Ah, mas a esperteza dele! Previu todos os passos que alguém daria na procura do testamento desaparecido ... todos os passos que eu, um imbecil, dei! Comprou dois formulários de testamento, fez os criados assinarem duas vezes, depois saiu com o testamento escrito com tinta invisível na parte interna de um envelope sujo, levando também a caneta-tinteiro com sua tinta especial. Sob algum pretexto, fez com que o confeitoiro e a esposa assinassem por baixo de sua própria assinatura. Depois, prendeu o envelope na chave da escrivaninha e riu, satisfeito. Se a sobrinha descobrisse o estratagema, estaria justificando a vida que escolheu e a instrução esmerada, tendo todo o direito de

desfrutar de seu dinheiro.

— Mas ela realmente não conseguiu descobrir, não é mesmo? Parece-me um tanto injusto, Poirot. Na realidade, o velho venceu.

— Claro que não, Hastings! Acho que você já não está mais raciocinando direito. A srta. Marsh demonstrou toda a sua inteligência e o valor de uma instrução superior para as mulheres ao entregar o problema aos meus cuidados. Procure sempre o especialista para resolver seus problemas! Ela provou assim que tinha todo o direito ao dinheiro ! Às vezes me pergunto o que o velho Andrew Marsh teria pensado a esse respeito ...

FIM

XII

A dama de véu

HÁ ALGUM TEMPO QUE POIROT VINHA SE TORNANDO CADA VEZ MAIS INSATISFEITO e inquieto. Não tivéramos recentemente nenhum caso interessante, nada em que meu pequeno amigo pudesse exercitar sua inteligência e seus extraordinários poderes de dedução. Naquela manhã, ele largou o jornal com um impaciente "Tchah!", uma de suas exclamações prediletas, que soava exatamente como um gato espirrando.

— Eles me temem, Hastings! Os criminosos da sua Inglaterra me temem! Quando o gato está à espera, os ratos não mais aparecem à procura do queijo!

— Tenho a impressão de que a maioria nem mesmo sabe de sua existência — comentei, rindo.

Poirot lançou-me um olhar de censura. Ele sempre imagina que o mundo inteiro está pensando e falando em Hercule Poirot. Não restava a menor dúvida de que ele conquistara uma respeitável reputação em Londres, mas eu não podia acreditar que sua existência semeasse o terror no mundo do crime.

— O que me diz daquele roubo de joias em plena luz do dia, na Bond Street, Poirot?

— Um excelente coup — respondeu meu amigo, com um ar de aprovação.

— Mas não é na minha linha. Pas de fmesse, seulement de l'audace! (*Nenhuma sutileza, somente audácia!*) Um homem quebra a vitrine de uma joalheria com a bengala e pega diversas joias. É imediatamente agarrado por respeitáveis cidadãos. O guarda se aproxima. O ladrão é apanhado em flagrante, com as joias nas mãos. É conduzido à delegacia, e só então se descobre que as joias não passam de imitações. Ele entregara as verdadeiras a um cúmplice, um dos cidadãos respeitáveis antes mencionados. O homem vai para a prisão, é verdade; mas, ao sair, terá uma considerável fortuna à sua espera. Foi um golpe dado com imaginação. Mas eu poderia ter feito melhor. As vezes, Hastings, lamento minha disposição moral. Até que seria agradável trabalhar contra a lei, para variar.

— Ânimo, Poirot. Você sabe perfeitamente que é único em seu campo.

— Mas o que tenho para fazer em meu campo de atividade?

Peguei o jornal.

— Eis aqui o caso de um inglês que morreu misteriosamente na Holanda.

— É o que sempre dizem... e mais tarde se descobre que o homem simplesmente comeu peixe estragado e que sua morte foi perfeitamente natural.

— Ora, se está querendo apenas reclamar e resmungar, então continue de braços cruzados!

— Tiens! — disse Poirot, que fora até a janela e olhava para a rua. — Lá está o que se costuma chamar, nas novelas, de "uma dama envolta por um véu impenetrável". Está subindo os degraus, aperta a campainha... vem consultar-nos. Eis a possibilidade de algum caso interessante. Quando se é jovem e bonita como ela, não se cobre o rosto com um véu a não ser que haja algum motivo muito sério. Um minuto depois, a visitante foi introduzida na sala. Como Poirot dissera, seu rosto estava de fato oculto por um véu. Era impossível distinguir-lhe as feições, até que ela levantou o véu preto de renda espanhola. Descobri então que a intuição de Poirot mais uma vez estava certa; a jovem era excepcionalmente bonita, de cabelos louros e grandes olhos azuis. Pelas roupas simples, mas caras, deduzi imediatamente que pertencia à camada superior da sociedade.

— Estou com um problema terrível, M. Poirot disse a jovem, em voz suave e musical. — É até difícil acreditar que possa ajudar-me. Mas ouvi falar coisas tão maravilhosas a seu respeito que vim procurá-lo para suplicar que faça literalmente o impossível. É a minha última esperança.

— O impossível sempre me atrai, mademoiselle. Continue, por favor. — A visitante hesitou, e Poirot acrescentou: — Mas deve ser franca. Não deve me ocultar absolutamente nenhuma informação.

— Está certo, terei confiança absoluta no senhor. Já ouviu falar em Lady Millicent Castle Vaughan? Fiquei imediatamente interessado. Alguns dias antes fora anunciado o noivado de Lady Millicent com o jovem duque de Southshire. Ela era a quinta filha de um casal irlandês sem dinheiro, e o duque de Southshire era considerado um dos melhores partidos da Inglaterra. — Pois eu sou Lady Millicent. Deve ter lido a notícia do meu noivado. Eu deveria ser neste momento uma das moças mais felizes do mundo. Mas... oh, M. Poirot, estou com um problema terrível! Há um homem... um homem terrível, chamado Lavington, que... nem sei como contar! Há uma carta que escrevi... tinha apenas dezesseis anos na ocasião... e ele... ele...

— Uma carta que escreveu para esse Sr. Lavington?

— Oh, não... não foi para ele! Para um jovem soldado ... de quem eu gostava muito ... e que morreu na guerra ...

— Compreendo — murmurou Poirot, bondosamente.

— Foi uma carta tola e um tanto indiscreta. Mas, no fundo, não tinha nada demais, M. Poirot. Mas havia frases que... que podem ter uma interpretação diferente.

— Estou entendendo. E essa carta foi cair em poder do Sr. Lavington?

— Exatamente. E agora ele está ameaçando enviá-la para o duque, a menos que eu lhe pague uma quantia vultosa, que me é inteiramente impossível obter.

— Ah, mas que porco imundo! — exclamei, impulsivamente. — Perdoe-me, Lady Millicent.

— Não seria melhor confessar tudo ao seu futuro marido?

— Não me atrevo a isso, M. Poirot. O duque é um homem peculiar, ciumento e desconfiado, propenso a acreditar sempre no pior. Romperia o noivado no mesmo instante.

— Hum, hum ... — murmurou Poirot, com uma carranca expressiva. — E o que deseja que eu faça, milady?

— Achei que poderia pedir ao Sr. Lavington que viesse conversar com o senhor. Eu lhe diria que o autorizei a discutir o assunto por mim. Talvez conseguisse reduzir as exigências dele.

— Ele já revelou a quantia que está querendo?

— Vinte mil libras ... o que é totalmente impossível para mim! Duvido muito que eu pudesse sequer obter mil libras.

— Talvez pudesse tomar algum dinheiro emprestado com o pretexto de seu casamento iminente... mas duvido que conseguisse arrumar sequer a metade dessa quantia. Além do mais ... eh bien, repugna-me a ideia de que tenha de pagar alguma coisa, por menos que seja! Pode estar certa de que o talento de Hercule Poirot derrotará seus inimigos! Mande esse Sr. Lavington me procurar. Acha possível que ele traga a carta consigo? A jovem sacudiu a cabeça.

— Não creio. É um homem muito cauteloso.

— Tem certeza de que ele está realmente de posse da carta?

— Ele a mostrou para mim quando fui a sua casa.

— Foi à casa dele? Isso foi uma grande imprudência, milady.

— Acha? Mas eu estava desesperada. Pensei que minhas súplicas pudessem comovê-lo.

— Oh, là, là! Os Lavingtons deste mundo não se comovem com súplicas. Ao contrário, ele deve tê-las apreciado, por mostrarem quanta importância

atribui ao documento. Onde mora esse cavalheiro de fino trato?

— Em Buona Vista, Wimbledon. Fui até lá depois que escureceu ... — A jovem fez uma pausa, enquanto Poirot soltava um grunhido. E depois continuou: — Declarei que iria contar tudo à polícia, mas ele se limitou a rir, de uma maneira horrível, zombeteira. E disse: "Não tenho nada a opor, minha cara Lady Millicent. Faça o que achar melhor".

— Não é um caso para a polícia — comentou Poirot.

— E aquele homem horrível acrescentou, M. Poirot: "Mas acho que é inteligente o bastante para saber que isso não é o melhor para a senhora. Veja, aqui está sua carta, nesta pequena caixa chinesa!" Pegou a carta, para que eu pudesse vê-la. Tentei apanhá-la, mas ele foi mais rápido. Dobrou-a e, com um sorriso repulsivo, tornou a guardá-la na caixa. E disse: "Posso lhe assegurar que a carta estará perfeitamente segura aqui. E a própria caixa fica guardada num lugar tão difícil que jamais a encontrará". Olhei para o pequeno cofre, na parede, mas o homem sacudiu a cabeça, rindo. "Tenho um cofre melhor do que esse", disse ele. Oh, mas que homem abominável! Acha que poderá ajudar-me, M. Poirot?

— Tenha fé em Papa Poirot. Haverá de encontrar um jeito.

Aquelas palavras tranquilizadoras não custavam nada, pensei, enquanto Poirot galantemente acompanhava nossa cliente até a porta, mas parecia-me que se tratava de um osso duro de roer. E foi o que falei a Poirot, quando ele voltou.

Meu pequeno amigo assentiu, tristemente. — Tem razão, mon ami. Infelizmente, a solução não salta aos olhos. Esse Sr. Lavington está com a faca e o queijo nas mãos. No momento, não consigo imaginar nenhum meio de derrotá-lo. O Sr. Lavington foi procurar-nos naquela mesma tarde. Lady Millicent dissera a verdade ao descrevê-lo como um homem repulsivo. Senti uma comichão na ponta dos pés, tão intenso era o meu desejo de expulsá-lo a pontapés. A atitude dele era arrogante. Desdenhou as sugestões de Poirot, demonstrou que estava no controle absoluto da situação. Não pude deixar de sentir que meu amigo não parecia estar em sua melhor forma. Dava a impressão de estar abatido e desanimado.

Ao pegar o chapéu, Lavington disse: — Ao que parece, cavalheiros, não conseguimos progredir muito. A situação é a seguinte: vou reduzir o preço, já que Lady Millicent é uma jovem tão encantadora. Sorriu zombeteiramente, antes de acrescentar: — Aceitarei dezoito mil libras. Vou viajar hoje para Paris, pois tenho um pequeno negócio a tratar por lá. Estarei de volta na terça-feira. A menos que o dinheiro seja pago até a noite de terça-feira, a carta será enviada ao duque. Não me digam que Lady

Millicent não tem condições de obter o dinheiro. Alguns de seus amigos teriam o maior prazer em fazer um empréstimo a uma jovem tão encantadora... se ela souber pedir da maneira certa! Fiquei com o rosto vermelho de raiva e dei um passo à frente. Mas Lavington saíra rapidamente da sala, ao pronunciar as últimas palavras.

— Deus do céu! — gritei. — É preciso fazer alguma coisa! Parece que está muito desanimado, Poirot!

— Você tem um coração excelente, meu amigo... mas suas células cinzentas estão num estado lamentável. Não tenho o menor desejo de deixar o Sr. Lavington impressionado com minha capacidade. Quanto mais pusilânime ele me julgar, melhor será.

— Por quê?

— É curioso que eu tenha manifestado o desejo de trabalhar pelo menos uma vez contra a lei, pouco antes de Lady Millicent chegar... — murmurou Poirot.

— Está pensando em invadir a casa dele, durante sua ausência?

— Às vezes, Hastings, seus processos mentais são surpreendentemente rápidos.

— E se ele levar a carta para a França?

Poirot meneou a cabeça.

— Isso é extremamente improvável. É evidente que ele possui em sua casa um esconderijo que julga absolutamente inviolável.

— E quando... quando vamos invadir a casa de Lavington?

— Amanhã de noite. Partiremos daqui por volta das onze horas.

Quando a hora se aproximou, eu já estava devidamente preparado. Vestira um terno escuro e pegara um chapéu também escuro, de aba caída. Poirot fitou-me com uma expressão afetuosa e sorridente.

— Estou vendo que se preparou realmente para o papel, Hastings. Vamos pegar o metrô para ir até Wimbledon.

— Não vamos levar coisa alguma conosco? Nem mesmo ferramentas para arrombar a casa?

— Ora, meu caro Hastings, Hercule Poirot não adota métodos tão grosseiros.

Retraí-me, pois me sentia repellido. Mas minha curiosidade fora despertada. Queria ver como Poirot faria para entrar na casa. Já era meia-noite quando entramos no pequeno jardim suburbano de Buona Vista. A casa estava inteiramente às escuras e silenciosa. Poirot foi direto a uma janela, nos fundos da casa, levantou-a sem fazer barulho e fez-me sinal para que entrasse. — Como sabia que esta janela estaria aberta? — sussurrei,

pois a coisa me parecia realmente fantástica.

— Porque serrei o ferrolho esta manhã.

— Mas é impossível!

— Ao contrário, meu amigo, foi muito simples. Vim aqui esta manhã, apresentei um cartão fictício e um dos cartões oficiais do inspetor Japp. Disse que fora mandado, por recomendação da Scotland Yard, para instalar alguns ferrolhos à prova de ladrões, que o Sr. Lavington desejava que fossem colocados durante sua ausência. A governanta recebeu-me com o maior entusiasmo. Ao que parece, houve aqui duas tentativas recentes de roubo, embora nada levassem de valor. Evidentemente, nossa pequena ideia já tinha ocorrido a outros clientes do Sr. Lavington. Examinei todas as janelas, fiz meu pequeno preparativo, proibi as empregadas de tocarem nas janelas até amanhã, alegando que estavam ligadas a um alarma elétrico, e depois fui embora.

— Você é realmente maravilhoso, Poirot!

— Ora, mon ami, foi tudo muito simples. E, agora, vamos ao trabalho! As criadas dormem no segundo andar, e assim haverá pouco risco de despertá-las.

— O cofre deve estar embutido em algum ponto da parede, não é mesmo?

— Cofre? Nem pense nisso! O Sr. Lavington é um homem inteligente. Deve ter imaginado um esconderijo muito mais engenhoso do que um simples cofre. Afinal, um cofre é sempre a primeira coisa em que todo mundo vai procurar.

Iniciamos uma busca sistemática. Mas, depois de algumas horas a vasculhar a casa, nada conseguimos encontrar. Percebi sintomas de raiva acumulando-se no rosto de Poirot.

— Ah, sapristi! Será que Hercule Poirot vai ser derrotado? Vamos ficar calmos. Vamos refletir. Vamos raciocinar. Vamos... enfim!... usar nossas pequenas células cinzentas!

Poirot parou um momento, franzindo as sobrancelhas em concentração. E não demorou muito para que surgisse em seus olhos o brilho verde que eu tão bem conhecia.

— Mas tenho sido um imbecil! A cozinha!

— A cozinha? Mas isso é impossível, Poirot. E as criadas?

— Exatamente! É justamente isso o que diriam noventa e nove pessoas em cem! E por isso mesmo a cozinha é o lugar ideal para um esconderijo. Afinal, está cheia de utensílios domésticos. En avant, para a cozinha! Segui-o, inteiramente cético. Fiquei observando, enquanto Poirot revirava cestas

de pão, levantava tampas de panelas, metia a cabeça dentro do forno. Ao final, cansado de observá-lo, voltei para o escritório. Eu estava convencido de que ali, somente ali, encontraríamos o cache. Dei uma busca meticulosa, notando que já eram quatro e quinze e que em breve o dia começaria a raiar. Depois, voltei para a cozinha. Fiquei espantado ao descobrir que Poirot estava dentro do depósito de carvão, para a ruína total de seu terno claro. Ele fez uma carranca ao me ver e comentou: — Tem razão, meu amigo. É contra todos os meus instintos arruinar de tal forma minha aparência. Mas o que posso fazer?

— Mas Lavington não poderia ter escondido a carta debaixo do carvão, não é mesmo?

— Se usasse melhor seus olhos, teria reparado que não é o carvão o que estou examinando.

Só então notei que, atrás da pilha de carvão, havia uma prateleira sobre a qual se encontravam empilhadas algumas achas. Poirot estava removendo-as rapidamente, uma a uma. Subitamente, soltou uma exclamação.

— Sua faca, Hastings! Entreguei-a a ele, sem entender nada. Poirot enfiou a lâmina na madeira e inesperadamente a acha se abriu ao meio. Fora serrada com precisão, e uma cavidade havia sido feita no meio. Foi dessa cavidade que Poirot tirou uma caixinha de madeira, de fabricação chinesa.

— Meus parabéns! — gritei, levado pelo entusiasmo.

— Quietos, Hastings! Não fale tão alto assim. E agora vamos embora, antes que o dia amanheça.

Enfiando a caixa no bolso, ele pulou por cima da pilha de carvão. Parou um momento, a fim de limpar as roupas da melhor forma possível. Saímos pelo mesmo caminho por que havíamos entrado e caminhamos rapidamente para casa.

— Mas que esconderijo extraordinário! — comentei.

— Porém, também era perigoso. Afinal, uma das criadas poderia ter pegado aquela acha para pô-la na lareira.

— Em julho, Hastings? Além do mais, estava no fundo da pilha. Um esconderijo dos mais engenhosos. Ah, lá está um táxi! E agora vamos para casa, para um bom banho e um sono reparador!

Dormi até tarde, depois das emoções da noite. Quando finalmente acordei e fui para a sala de estar, pouco antes de uma hora da tarde, fiquei surpreso ao encontrar Poirot, refestelado na poltrona, com a caixa chinesa aberta a seu lado, lendo tranquilamente a carta. Sorri-me afetuosamente e

bateu de leve no papel que segurava.

— Lady Millicent estava certa. O duque jamais teria perdoado esta carta. Contém alguns dos termos de afeição mais extravagantes que já vi.

— Ora, Poirot, acho que não deveria ler essa carta comentei, um tanto irritado. — É o tipo de coisa que não se faz.

— Mas está sendo feito por Hercule Poirot — respondeu meu amigo, imperturbável.

— E há mais outra coisa, Poirot. Acho que não deveria ter usado ontem o cartão oficial de Japp. Isso não faz parte das regras do jogo.

— Só que eu não estava empenhado em jogo algum, Hastings, mas sim em resolver um caso.

Dei de ombros. Não se pode argumentar com opiniões definitivas.

— Estou ouvindo passos na escada — disse Poirot.

— Deve ser Lady Millicent.

Nossa cliente entrou na sala com uma expressão ansiosa, que imediatamente se transformou em satisfação, ao ver a carta e a caixa nas mãos de Poirot.

— Oh, M. Poirot, que coisa maravilhosa! Como a conseguiu?

— Por métodos um tanto repreensíveis, milady. Mas tenho certeza de que o Sr. Lavington não irá me processar. Esta é a sua carta, não é mesmo?

Lady Millicent examinou rapidamente a carta.

— É, sim! Oh, não sei como lhe agradecer! É um homem maravilhoso! Onde estava escondida?

Poirot contou-lhe tudo.

— Como foi inteligente, M. Poirot! Ela pegou a caixa que estava na mesa e acrescentou: — Vou guardar isto, como souvenir.

— Esperava, milady, que me permitisse ficar com a caixa ... também como souvenir.

— Espero mandar-lhe um souvenir muito melhor... no dia do meu casamento. Irá descobrir que não sou absolutamente ingrata, M. Poirot.

— O prazer de prestar-lhe um pequeno serviço é muito mais importante que um cheque. Assim, permita que eu fique com a caixa.

— Oh, não, M. Poirot, não posso concordar com isso! — gritou a jovem, rindo. — Tenho de guardar essa caixa como recordação!

Ela estendeu a mão para a caixa, mas Poirot se antecipou. Pôs a mão sobre a caixa e disse, com a voz subitamente mudada: — Não vou permiti-lo.

— Como assim? — A voz de Lady Millicent também mudara subitamente, tornando-se um pouco mais ríspida.

— De qualquer maneira, minha cara, permita pelo menos que eu retire o resto do conteúdo. Como pode observar, a cavidade original foi reduzida à metade. Na parte de cima, está a carta comprometedora; e embaixo ...

Poirot fez um gesto rápido e depois estendeu a mão para a frente. Na palma, estavam quatro pedras grandes e faiscantes e duas pérolas brancas, imensas.

— Se não estou enganado, são as pedras que foram roubadas outro dia na Bond Street — murmurou Poirot. — Japp poderá nos confirmar isso.

Para meu espanto, Japp saiu nesse momento do quarto de Poirot, que disse a Lady Millicent, polidamente: — Creio que se trata de um velho amigo seu.

— Por Deus, fui apanhada em flagrante! — gritou Lady Millicent, mudando inteiramente de atitude. — Ah, seu demônio velho e esperto!

E olhou para Poirot, com uma expressão de raiva e respeito quase afetuosa.

— Acho que desta vez chegou ao fim da linha, minha cara Gertie — disse Japp. — Não imaginava revê-la tão cedo. E já agarramos também seu companheiro, o cavalheiro que esteve aqui outro dia, dizendo chamar-se Lavington. Quanto ao verdadeiro Lavington, aliás Croker, aliás Reed, foi o homem esfaqueado outro dia lá na Holanda. Qual foi o membro da quadrilha que o atacou? Pensavam que ele estivesse com a mercadoria, não é mesmo? Mas acontece que não estava. Traiu-os direitinho... escondendo as joias em sua própria casa. Mandaram dois sujeitos revistarem a casa, mas nada foi encontrado. Resolveram então armar um estratagema para usar M. Poirot. E, num golpe de sorte surpreendente, ele conseguiu encontrar as joias.

— Gosta um bocado de falar, hein? — disse a ex-Lady Millicent. — Calma, calma, não precisa nada disso. Pode deixar que irei quietinha. Ninguém pode dizer que não sou uma perfeita dama!

Assim que eles se retiraram, quando eu ainda estava aturdido demais para dizer qualquer coisa, Poirot explicou: — Os sapatos estavam errados, Hastings. Tenho feito algumas pequenas observações a respeito de sua nação inglesa. E uma dama, uma dama de verdade, é sempre exigente e cuidadosa com seus sapatos. As roupas podem estar em péssimo estado, mas ela estará sempre bem calçada. Contudo, essa lady que aqui se apresentou tinha roupas elegantes e caras, mas sapatos ordinários. Não era provável que você ou eu já tivéssemos visto pessoalmente a verdadeira Lady Millicent. Ela esteve muito poucas vezes em Londres, e a jovem que nos veio procurar tinha uma semelhança superficial com ela. Como eu

disse, foram os sapatos que inicialmente despertaram minhas suspeitas. Depois, a história dela... e o véu... não acha que eram um pouco melodramáticos? A caixa chinesa, com a falsa carta comprometedora, deveria ser do conhecimento de toda a quadrilha. Mas a acha foi uma ideia particular do próprio Sr. Lavington. Eh, par exemple, Hastings, espero que não vá novamente ferir meus sentimentos, como fez ontem, ao dizer que sou conhecido das classes criminosas. Ma foi, eles até mesmo querem me contratar quando têm algum problema no qual já fracassaram!

FIM

XIII

A mina perdida

LARGUEI O TALÃO DE CHEQUES COM UM SUSPIRO e comentei: — É curioso, mas parece que nunca consigo diminuir meu saque a descoberto.

— E isso não o perturba? — indagou Poirot. — Se acontecesse comigo, eu não conseguiria dormir a noite inteira.

— É que você deve manter sempre um saldo considerável.

— Tenho um saldo de exatamente quatrocentas e quarenta e quatro libras e quarenta e quatro pence — informou meu amigo, com alguma complacência. — Não acha que é uma cifra extraordinária?

— O gerente de seu banco deve ser um homem de muito tato. Evidentemente, conhece sua paixão pelos detalhes simétricos. Mas o que me diz de investir umas trezentas libras nos campos petrolíferos de Porcupine? A perspectiva, pelo que se pode ler nos jornais de hoje, é de que pagarão cem por cento de dividendos no próximo ano.

— Não é para mim — disse Poirot, sacudindo a cabeça. — Não gosto do que é sensacional. Prefiro o investimento seguro, prudente, les rentes.

— Nunca fez um investimento especulativo?

— Não, mon ami. E os únicos títulos que possuo e que podem ser assim considerados são catorze mil ações das Minas da Birmânia Ltda.

Poirot fez uma pausa, com o ar de quem esperava ser encorajado a continuar. Não me fiz de rogado e disse: — É mesmo?

— E não gastei nenhum dinheiro para adquiri-las. Nada disso. Ganhei-as como recompensa pelo exercício de minhas pequenas células cinzentas. Não gostaria de ouvir a história?

— Claro que gostaria!

— Essas minas estão situadas no interior da Birmânia, a mais de trezentos quilômetros de Rangum. Foram descobertas pelos chineses no século XV e exploradas até a época da Rebelião Maometana, sendo finalmente abandonadas em 1868. Os chineses extraíram minério rico em chumbo e prata da camada superior do sedimento, ficando apenas com a prata e deixando grandes quantidades de escória de chumbo. Claro que isso foi imediatamente descoberto, assim que se iniciaram os trabalhos de prospecção na Birmânia. Mas como as antigas escavações estavam cheias de refugos e água, todas as tentativas de se descobrir a fonte do minério

falharam. Os grandes grupos mineiros despacharam expedições para a área, que em vão realizaram inúmeras escavações. Finalmente, o representante de um desses grupos mineiros foi informado da existência de uma família chinesa que ainda possuía, segundo se dizia, um registro completo da situação e da posição das minas. O chefe da família chamava-se Wu Ling.

— Mas que página fascinante de romance comercial! — exclamei, num súbito impulso.

— Não é mesmo? Ah, mon ami, podem-se ter romances sem jovens de beleza inigualável e cabelos dourados... não, não, estou enganado; são os cabelos ruivos os que mais o excitam! Está lembrado...

Antes que Poirot pudesse dizer mais alguma coisa, apressei-me em interrompê-lo: — Por favor, continue a contar a história.

— Eh bien, meu amigo, esse Wu Ling foi imediatamente procurado. Era um comerciante de prestígio, bastante respeitado na província onde vivia. Admitiu prontamente que possuía os documentos em questão e declarou-se disposto a negociar sua venda. Mas recusou-se a tratar com quaisquer outros que não os diretores da corporação. Finalmente, ficou acertado que ele iria à Inglaterra, para uma reunião com a diretoria da corporação. Wu Ling viajou para a Inglaterra no Assunta, que atracou em Southampton numa manhã fria e nevoenta de novembro. Um dos diretores, o Sr. Parson, seguiu para Southampton, a fim de esperar o navio. Mas o trem atrasou consideravelmente, por causa do nevoeiro. Quando ele finalmente conseguiu chegar, Wu Ling já desembarcara e seguira de trem para Londres. O Sr. Pearson voltou para Londres bastante aborrecido, já que não tinha a menor ideia do lugar onde o chinês se hospedara. Mais tarde, nesse mesmo dia, Wu Ling telefonou para o escritório da companhia. Estava hospedado no Russell Square Hotel. Sentia-se um pouco indisposto depois da viagem, mas assegurou que estaria em perfeitas condições para comparecer a uma reunião da diretoria no dia seguinte. A reunião da diretoria foi marcada para as onze horas. Às onze e meia, como Wu Ling ainda não tivesse aparecido, o secretário telefonou para o Russell. Foi informado de que o chinês saíra com um amigo por volta das dez e meia. Tudo indicava que ele deixara o hotel com a intenção de comparecer à reunião. Mas a manhã chegou ao fim sem que ele tivesse aparecido. Era bem possível que tivesse se perdido, já que não conhecia Londres. Porém, tarde da noite, ele ainda não tinha voltado ao hotel. A essa altura, alarmado, o Sr. Pearson comunicou o desaparecimento à polícia. No dia seguinte, também não houve o menor sinal do chinês desaparecido. Mas, ao

anoitecer, foi encontrado um corpo no Tâmis. Era o desventurado Wu Ling. Nem no corpo nem na bagagem havia o menor sinal dos documentos relativos às minas. Foi nessa altura, mon ami, que entrei no caso. O Sr. Pearson procurou-me. Embora profundamente chocado com a morte de Wu Líng, sua principal preocupação era recuperar os documentos, que haviam sido o motivo da visita do chinês à Inglaterra. A principal preocupação da polícia, como não podia deixar de ser, era encontrar o assassino. A recuperação dos documentos era uma consideração secundária. O Sr. Pearson desejava que eu colaborasse com a polícia, embora trabalhando no interesse da companhia. Aceitei o caso imediatamente. Era evidente que havia dois campos de busca abertos à minha frente. De um lado, eu poderia procurar entre os funcionários da companhia que estavam a par da chegada do chinês; de outro, poderia procurar entre os passageiros do navio, que talvez tivessem tomado conhecimento de sua missão em Londres. Comecei pelo segundo, que me pareceu um campo mais restrito. Nisso, minha opinião coincidiu com a do inspetor Miller, que estava encarregado do caso. Trata-se de um homem inteiramente diferente do nosso amigo Japp: presunçoso, grosseiro, simplesmente insuportável. Juntos, interrogamos os oficiais do navio. Não tinham muito o que contar. Wu Ling praticamente não se envolvera com os outros passageiros durante a viagem. Só tivera um contato maior com dois outros passageiros: um europeu arruinado, chamado Dyer, que mais parecia um urso e tinha uma péssima reputação; e um jovem bancário, Charles Lester, que estava voltando de Hong Kong. Tivemos sorte de obter fotografias de ambos. A essa altura, parecia não haver a menor dúvida de que, se um dos dois estava implicado no crime, só podia ser Dyer. Sabia-se que ele andara envolvido com uma quadrilha de chineses e, por isso tudo, era o suspeito mais provável. Nossa próxima providência foi visitar o Russell Square Hotel. Mostramos uma fotografia de Wu Ling, que foi prontamente reconhecido. Apresentamos em seguida a fotografia de Dyer. Mas, para nosso desapontamento, o recepcionista declarou taxativamente que não fora aquele homem que aparecera no hotel na manhã fatídica. Num súbito impulso, mostrei a fotografia de Lester. E ficamos espantados quando o recepcionista imediatamente o reconheceu. — Foi esse o cavalheiro que apareceu aqui por volta das dez e meia e pediu para falar com o Sr. Wu Ling — declarou o recepcionista do hotel. — Logo em seguida, os dois saíram juntos. O caso estava progredindo rapidamente. Nossa próxima providência foi interrogar o Sr. Charles Lester. Ele nos recebeu prazerosamente, declarou-se desolado com a morte prematura do

chinês e colocou-se inteiramente à nossa disposição, para ajudar no que fosse possível. Contou-nos uma estranha história. Combinara com Wu Ling que o iria procurar no hotel, às dez e meia da manhã. Wu Ling, no entanto, não aparecera. Em vez disso, o criado dele se apresentou, explicando que o patrão tivera de sair e se oferecendo para conduzi-lo ao lugar onde ele se encontrava naquele momento. Sem desconfiar de nada, Lester concordou. O chinês chamou um táxi. Seguiram na direção das docas. Subitamente, Lester desconfiou que alguma coisa estava errada, mandou o táxi parar e saltou, ignorando os protestos do criado. Assegurou-nos que isso era tudo o que sabia. Aparentemente satisfeitos, agradecemos e nos despedimos. Não demoramos a verificar que a história dele era um tanto inexata. Para começar, Wu Ling não se apresentara com nenhum criado, nem no navio nem no hotel. Depois, o motorista de táxi que conduzira os dois homens, naquela manhã, apresentou-se à polícia. Declarou que Lester não deixara o táxi no meio do caminho, como nos dissera. Ao contrário, o chofer levava os dois a uma casa de péssima reputação, em Limehouse, no coração de Chinatown. A casa era relativamente bem conhecida como um antro de fumadores de ópio. Os dois homens entraram. Cerca de uma hora depois, o inglês, a quem ele identificou pela fotografia, saiu sozinho. Estava pálido, parecia estar passando mal. Ordenou ao motorista que o levasse à estação do metrô mais próxima. Investigamos a situação de Charles Lester e descobrimos que, apesar de sua excelente reputação, estava bastante endividado e tinha uma paixão secreta pelo jogo. É claro que não tínhamos perdido Dyer de vista. Afinal, havia uma ligeira possibilidade de que ele tivesse se apresentado como o outro homem. Mas verificamos que isso era inteiramente impossível. Seu álibi para o dia em questão era absolutamente incontestável. É claro que o proprietário do antro de ópio negou tudo, com uma fleuma oriental. Nunca vira Wu Ling nem Charles Lester. Os dois cavalheiros não tinham entrado em seu estabelecimento naquela manhã. Além do mais, a polícia estava inteiramente equivocada: jamais se havia fumado ópio ali. Suas negativas, apesar de bem-intencionadas, em nada contribuíram para ajudar Charles Lester. Ele foi preso pelo assassinato de Wu Ling. Demos uma busca em seus pertences, mas não descobrimos o menor sinal dos documentos relativos às minas. O proprietário do antro de ópio também foi preso, mas uma batida em seu estabelecimento nada revelou. O zelo da polícia não foi recompensado nem mesmo por um único pacote de ópio. Durante todo esse tempo, o Sr. Pearson estava ficando cada vez mais apreensivo e nervoso. Foi visitar-me, e ficou andando de um lado para outro da sala, lamentando-se ansiosamente.

— Mas não pode deixar de ter alguma ideia, M. Poirot! — disse ele. — já tem algumas ideias, não é mesmo?

— Claro que tenho ideias — respondi, cautelosamente. — Mas é justamente esse o problema. Quando se tem ideias demais, todas levam numa direção diferente.

— Por exemplo? — insinuou ele.

— Por exemplo: o motorista do táxi. Temos apenas a palavra dele de que levou os dois homens até aquela casa. Isso é uma ideia. Há outras. Por exemplo: será que os dois se dirigiram realmente àquela casa? Não poderiam ter deixado o táxi parado ali na frente, ter atravessado a casa, saído por outra porta e ido a algum outro lugar? O Sr. Pearson pareceu ficar impressionado com essa possibilidade, mas disse: — E não faz nada a não ser ficar sentado aqui, pensando? Será que não podemos fazer coisa alguma? — Era um homem muito impaciente.

— Monsieur — falei, com toda a dignidade —, não é do feitio de Hercule Poirot sair correndo de um lado para outro pelas ruas mal-afamadas de Limehouse, como um cachorro vira-lata. Fique calmo. Meus agentes estão em ação. No dia seguinte, eu já tinha notícias para ele. Os dois homens haviam realmente passado pela casa investigada pela polícia, mas o verdadeiro objetivo deles fora uma pequena pensão junto ao rio. Haviam sido vistos entrando ali, e depois Lester saíra sozinho. E não pode imaginar o que aconteceu então, Hastings. Uma ideia despropositada dominou o Sr. Pearson. Queria porque queria que fôssemos a essa pensão, para investigarmos pessoalmente. Argumentei e supliquei, mas ele não quis me atender. Falou em disfarçar-se, sugeriu até mesmo que eu... que eu deveria... hesito em confessá-lo, Hastings... mas ele insinuou que eu deveria raspar o bigode! Isso mesmo, rien que ça! Ressaltei-lhe que era uma ideia ridícula e absurda. Não se pode destruir impensadamente algo que é extremamente bonito. Além do mais, argumentei, será que um cavalheiro belga de bigode não poderia querer conhecer a vida e fumar ópio tanto quanto outro, sem bigode? Eh bien, ele acabou cedendo nesse ponto, mas continuou a insistir na execução de seu projeto. Apareceu-me novamente naquela noite. Mon Dieu, mas que figura! Usava o que dizia ser uma jaqueta de marinheiro, estava com o queixo sujo, a barba por fazer; tinha no pescoço um cachecol imundo, uma verdadeira ofensa ao olfato. E o pior de tudo você não pode imaginar, Hastings: ele estava se divertindo imensamente com a aventura! Não há a menor dúvida de que os ingleses são todos doidos! Ele fez algumas alterações em minha própria aparência, com minha permissão. Pode-se argumentar com um maníaco? E finalmente

partimos. Afinal, eu não poderia deixá-lo ir sozinho, um menino usando uma fantasia!

— Fez muito bem em acompanhá-lo, Poirot.

— Mas deixe-me continuar. Chegamos à tal casa. O Sr. Pearson falava um inglês dos mais estranhos. Fingia ser homem do mar, chamava os outros de "marujos", falava em "portaló" e não sei mais o quê. Era uma sala pequena e baixa, repleta de chineses. Comemos alguns pratos exóticos. Ah, Dieu, mon estomac! — Nessa altura da narrativa, Poirot fez uma pausa, apertando ternamente a referida parte de sua anatomia.

— Depois, apareceu-nos o proprietário, um chinês que se desmanchou em sorrisos diabólicos.

— Vocês, cavalheiros, não gostam da comida daqui, não é? — disse ele. — Vieram para o que gostam mais, não é? Querem agora um cachimbo, não é? O Sr. Pearson desferiu-me um violento pontapé por baixo da mesa. (Para completar o disfarce, ele estava até usando botas de marinheiro!) E disse: — Acho que é uma boa ideia, John. Vamos em frente. O chinês sorriu e levou-nos por uma porta, depois para um porão. Abriu um alçapão, descemos alguns degraus e chegamos a uma sala cheia de divãs e almofadas, tudo muito confortável. Deitamo-nos, e um garoto chinês tirou-nos as botas. Foi o melhor momento da noite. Depois, trouxeram os cachimbos de ópio e fingimos fumar, adormecer e sonhar. Mas quando ficamos a sós, o Sr. Pearson chamou-me baixinho e imediatamente começamos a rastejar pela sala. Entramos em outra sala, onde havia algumas pessoas dormindo. Seguimos adiante, até ouvirmos dois homens conversando. Ficamos escondidos atrás de uma cortina, escutando. Estavam falando de Wu Ling.

— O que aconteceu com os papéis? — disse um dos homens.

— O Sr. Lester ficou com eles — respondeu o outro, que era chinês. — Disse que ia guardá-los num lugar seguro, onde a polícia não pudesse encontrá-los. — Mas ele foi agarrado pela polícia — disse o primeiro. — Porém, vão acabar soltando o Sr. Lester. A polícia não tem certeza de que foi ele. Os dois conversaram mais um pouco, sem dizer nenhuma outra novidade. Depois, quando parecia que vinham em nossa direção, tratamos de voltar para nossa sala. Depois de alguns minutos, Pearson disse: — Acho melhor sairmos daqui o mais depressa possível. Este lugar não é dos mais saudáveis.

— Tem toda a razão, monsieur — concordei. — Já nos entregamos a esta farsa por muito tempo. Conseguimos finalmente escapar dali, pagando caro pelo ópio que não tínhamos fumado. Assim que deixamos Limehouse

para trás, Pearson soltou um longo suspiro. — Estou contente por ter saído daquele lugar — disse ele. — Mas valeu a pena, porque agora temos certeza. — Tem toda a razão — concordei. — E imagino agora que não teremos muita dificuldade em descobrir o que estamos querendo ... depois da mascarada desta noite. — E não houve realmente a menor dificuldade — concluiu Poirot, subitamente. Aquele final abrupto parecia tão extraordinário que fiquei olhando para ele, aturdido, em silêncio, por um minuto. Só depois é que perguntei: — Mas ... mas onde estavam os documentos? — No bolso dele... tout simplement.

— Mas no bolso de quem? — Do Sr. Pearson, clair! — Percebendo meu espanto, Poirot acrescentou, suavemente: — Ainda não percebeu? O Sr. Pearson, como Charles Lester, estava bastante endividado. O Sr. Pearson, como Charles Lester, gostava de jogar. E teve a ideia de roubar os documentos do chinês. Encontrou-se com Wu Ling em Southampton, veio com ele para Londres e levou-o diretamente para Limehouse. Era um dia enevoado, o chinês não podia perceber direito para onde estava indo. Imagino que o Sr. Pearson tivesse o hábito de ir até lá fumar ópio e por isso tinha inúmeros amigos chineses. Não creio que tivesse inicialmente a intenção de assassinar Wu Ling. Sua ideia era fazer com que um dos seus amigos chineses passasse por Wu Ling e recebesse o dinheiro pela venda dos documentos. Mas, para a mente oriental, era muito mais simples matar Wu Ling e jogar o corpo no rio. Os cúmplices chineses de Pearson seguiram seus próprios métodos, sem o consultar. Imagine o desespero que deve ter dominado Pearson. Alguém poderia tê-lo visto no trem com Wu Ling, e um assassinato é muito mais grave do que um simples sequestro. "A salvação dele dependia do chinês que estava se fazendo passar por Wu Ling no Russell Square Hotel. Se o corpo não fosse descoberto antes do tempo, talvez conseguisse escapar. Provavelmente Wu Ling lhe tinha falado que combinara encontrar-se com Charles Lester no hotel. Pearson compreendeu que esse era o caminho para desviar as suspeitas de si mesmo. Charles Lester seria a última pessoa a ser vista em companhia de Wu Ling. O chinês impostor recebeu ordens de se apresentar a Lester como o criado de Wu Ling, devendo levá-lo o mais depressa possível para Limehouse. Ali, provavelmente, ofereceram um drinque a Lester. O drinque devia conter alguma droga. Quando Lester saiu, uma hora depois, não podia deixar de ter uma ideia muito vaga e nebulosa sobre o que acontecera. Foi por isso que, ao saber da morte de Wu Ling, perdeu inteiramente a coragem e negou que sequer tivesse chegado a Limehouse. E, com isso, ele fez justamente o jogo de Pearson. Mas este se contentou? Absolutamente!

Estava apreensivo com minha atitude e decidiu tornar ainda mais patente a culpa de Lester, não deixando a menor margem a dúvidas. Por isso, providenciou aquela mascarada. Eu deveria engolir a isca com anzol e tudo. Não acabei de dizer que ele parecia um menino fantasiado, brincando de charadas? Eh bien, desempenhei meu papel. Ele voltou para casa no maior regozijo. Mas, pela manhã, o inspetor Miller foi bater à sua porta. Os documentos foram encontrados em seu poder. Era o fim da linha para Pearson. Amargurado, ele se lamentou pela ousadia de ter tentado representar uma farsa diante de Hercule Poirot! Só houve realmente uma única dificuldade em todo o caso. — E qual foi? — indaguei, curioso.

— Foi convencer o inspetor Miller! Mas que animal! Ele é ao mesmo tempo teimoso e imbecil! E, no final, foi ele que acabou ficando com todo o crédito pela solução!

— O que é lamentável, Poirot.

— Mas não se pode dizer que eu não tenha tido minhas compensações. Os outros diretores das Minas da Birmânia Ltda. deram-me catorze mil ações da empresa, como uma pequena recompensa por meus serviços. Nada mau, hein? Mas, em matéria de investir dinheiro, Hastings, eu lhe peço que seja sempre conservador. As notícias que lemos nos jornais podem não ser verdadeiras. Os diretores da Porcupine... podem perfeitamente ser outros senhores Pearsons!

FIM

XIV

A caixa de bombons

ESTAVA UMA NOITE HORRÍVEL. Lá fora, o vento uivava furiosamente e a chuva batia em rajadas violentas contra as janelas. Poirot e eu estávamos sentados diante da lareira, com as pernas estendidas na direção do fogo revigorante. Entre nós estava colocada uma mesa pequena. Do meu lado da mesa havia um grogue quente, cuidadosamente preparado. Do lado de Poirot, havia uma xícara com uma mistura espessa e forte de chocolate, que eu não beberia nem que me dessem cem libras. Poirot pegou a xícara de porcelana rosa e tomou um gole da beberagem, suspirando, contente.

— *Quelle belle vie!* — murmurou ele.

— Tem toda a razão. É um mundo dos melhores. Aqui estou eu, com um bom emprego, como não podia querer melhor. E aí está você, famoso...

— *Oh, mon ami!* — protestou Poirot.

— Mas você é realmente famoso, Poirot. E com toda a justiça, diga-se de passagem. Quando penso em sua longa sucessão de triunfos espetaculares, não posso deixar de ficar espantado. Não acredito que tenha sofrido um fracasso!

— Só um doido ou um palhaço poderia afirmar que jamais conheceu o fracasso.

— Falando sério, Poirot: alguma vez já fracassou?

— Inúmeras vezes, meu amigo. O que você queria? *La bonne chance* nem sempre pode estar do nosso lado. Muitas vezes fui chamado quando já era tarde demais. Em outras ocasiões, certos homens, que trabalhavam com o mesmo objetivo, conseguiram chegar na minha frente. Por duas vezes, fui acometido por doença, quando estava próximo do sucesso. É preciso aceitar as derrotas assim como as vitórias, meu amigo.

— Não era a isso que eu estava me referindo, Poirot. Queria saber se alguma vez já fracassou inteiramente num caso, por sua própria culpa.

— Ah, estou entendendo! Quer saber se eu alguma vez já banquei um idiota rematado, não é mesmo? Uma vez, meu amigo ... — Poirot fez uma pausa, enquanto um sorriso pensativo se insinuava em seu rosto, antes de acrescentar: — Isso mesmo, houve uma ocasião em que fui um idiota rematado.

Empertiguei-me abruptamente na cadeira.

— Sei que está mantendo um registro de meus pequenos sucessos, mon ami. Deve acrescentar mais uma história à sua coletânea... a história de um fracasso!

Poirot inclinou-se para a frente e colocou mais uma acha de lenha na lareira. Depois de limpar meticulosamente as mãos no pano de pó pendurado num prego ao lado da lareira, tornou a recostar-se e começou a contar a história.

— A história — começou Poirot — aconteceu na Bélgica, há muitos anos. Foi na ocasião em que havia uma terrível luta na França entre a Igreja e o Estado. M. Paul Déroulard era um famoso deputado francês. Todos sabiam, um desses segredos de polichinelo, que havia uma pasta ministerial à sua espera. Ele era um dos membros mais encarniçados do partido anti-católico. Não restava a menor dúvida de que, quando subisse ao poder, teria que enfrentar uma violenta oposição. Sob muitos aspectos, era um homem peculiar. Embora não bebesse nem fumasse, não era tão escrupuloso em outras coisas. Creio que compreende, Hastings, *c'étaient des femmes... toujours des femmes!* Casara-se alguns anos antes com uma jovem de Bruxelas, que levava um dote considerável. Não resta a menor dúvida de que o dinheiro foi extremamente útil na carreira dele, já que sua família não era rica. É verdade que, por outro lado, ele podia intitular-se "monsieur le baron", se assim o desejasse. Não tiveram filhos, e a esposa morreu dois anos depois, em consequência de uma queda de escada. Entre as propriedades que deixou para o marido, estava uma casa na Avenue Louise, em Bruxelas. Foi nessa casa que ocorreu a morte súbita de Déroulard, que coincidiu com a renúncia do ministro cuja pasta ele deveria herdar. Todos os jornais publicaram longas reportagens sobre a carreira de Déroulard. Sua morte, inteiramente inesperada, logo depois do jantar, foi atribuída a uma parada cardíaca.

— Nessa ocasião, mon ami, como já sabe, eu era membro da força policial belga. A morte de M. Déroulard não me interessou particularmente. Como também sabe, sou um bon catholique, e a morte dele parecia-me das mais apropriadas. Três dias depois, quando eu acabara de entrar em férias, recebi uma visitante em meu apartamento. Era uma dama, oculta por trás de um véu impenetrável, mas obviamente muito jovem. Percebi imediatamente que se tratava de uma jeune-fille tout à fait comme il faut.

— É M. Hercule Poirot? — perguntou ela, em voz baixa e suave.

Fiz uma reverência.

— O detetive? Fiz outra reverência, dizendo: — Sente-se, por favor, mademoiselle.

Ela se sentou e puxou o véu para o lado. Seu rosto era encantador, mas estava visivelmente afetado pelas lágrimas, como se alguma ansiedade pungente a atormentasse.

— M. Poirot, soube que neste momento está de férias. Assim sendo, poderá aceitar um caso particular. Espero que compreenda que não desejo chamar a polícia.

Sacudi a cabeça firmemente.

— Receio que esteja me pedindo algo impossível, mademoiselle. Embora de férias, ainda sou da polícia.

Ela se inclinou para a frente, ansiosamente.

— Écoutez, monsieur! Tudo o que lhe peço é que investigue. E tem toda a liberdade de comunicar à polícia o resultado de suas investigações. Se aquilo em que acredito for verdade, precisaremos de toda a engrenagem da lei para fazer justiça.

Tal declaração situava o caso sob uma luz inteiramente diferente, e coloquei-me a seu serviço sem mais delongas. Um ligeiro rubor surgiu no rosto dela.

— Eu lhe agradeço, monsieur. Vim pedir-lhe que investigue a morte de M. Paul Déroulard.

— Comment? — exclamei, surpreso.

— Monsieur, nada tenho em que me basear... além do meu instinto de mulher. Mas estou convencida, absolutamente convencida, de que M. Déroulard não teve morte natural!

— Mas os médicos...

— Os médicos podem enganar-se. Ele era um homem forte e saudável! Ah, M. Poirot, eu lhe suplico que me ajude...

A pobre criança estava quase fora de si. Queria até se ajoelhar diante de mim. Tratei de confortá-la da melhor forma que pude.

— Vou ajudá-la, mademoiselle. Tenho quase certeza de que seus temores são infundados, mas mesmo assim investigarei o caso. Antes de mais nada, gostaria que me dissesse quem são as pessoas que vivem na casa.

— Há as empregadas, Jeannette e Félicie, e Denise, a cozinheira. Denise está há muitos anos no emprego, as outras duas são simples camponesas. Há ainda François, mas ele é um empregado muito antigo. Eu e a mãe de M. Déroulard também moramos na casa. Meu nome é Virginie Mesnard, e sou uma prima pobre da falecida Mme Déroulard. Vivo com a família há mais de três anos. São essas as pessoas que moram na casa. Mas, na ocasião, havia também dois hóspedes.

— E quem eram?

— M. de Saint-Alard, um vizinho de M. Déroulard na França, e o sr. John Wilson, um amigo inglês.

— Ambos ainda estão na casa?

— O sr. Wilson está, mas M. de Saint-Alard foi embora ontem.

— E qual é sua ideia, Mlle Mesnard?

— Se for até a casa daqui a pouco, já terei providenciado alguma história para explicar sua presença. Acho melhor apresentá-lo como alguém ligado ao jornalismo, de alguma forma. Direi que veio de Paris, trazendo um cartão de apresentação de M. de Saint-Alard. Mme Déroulard tem uma saúde precária e não prestará muita atenção aos detalhes.

Sob o pretexto engenhoso de mademoiselle, fui admitido na casa. Depois de uma rápida entrevista com a mãe do deputado falecido, uma senhora maravilhosamente ativa e aristocrática, embora obviamente de saúde precária, fui autorizado a examinar a casa inteira.

Não sei, meu amigo (continuou Poirot), se é capaz de imaginar as dificuldades da missão de que me haviam incumbido. M. Déroulard morrera três dias antes. Se sua morte fora de fato criminosa, só havia uma possibilidade: poison! E eu não tinha a menor possibilidade de ver o corpo, não havia a menor possibilidade de examinar o meio pelo qual o veneno poderia ter sido administrado. Não havia pistas, falsas ou verdadeiras. Será que o homem fora realmente envenenado? Teria sido simplesmente uma morte natural? Eu, Hercule Poirot, sem nada em que me basear, tinha que tomar uma decisão.

Primeiro, interroguei as empregadas. Com a ajuda delas, reconstituí todos os acontecimentos daquela noite. Dispensei uma atenção especial à comida servida no jantar e à ordem em que foi servida. A sopa fora tirada de uma terrina pelo próprio M. Déroulard. Em seguida, houvera um prato de costeletas e depois um de galinha. E, finalmente, compotas. Todos os pratos foram colocados na mesa e servidos pessoalmente por M. Déroulard. Por esse lado, mon arai, não havia a menor possibilidade. Era impossível envenenar uma pessoa sem envenenar também todas as outras! Depois do jantar, Mme Déroulard se retirara para seus aposentos, acompanhada por Mlle Virginie. Os três homens tinham ido para o escritório de M. Déroulard. Haviam conversado amigavelmente por algum tempo. Súbita e inesperadamente, o deputado caiu no chão. M. de Saint-Alard saiu correndo e mandou François buscar um médico. Disse que era certamente apoplexia. Quando o médico chegou, já não foi mais possível fazer coisa alguma por M. Déroulard. O sr. John Wilson, a quem fui apresentado por Mlle Virginie, era

o que se podia chamar de um inglês típico, corpulento e de meia-idade. Seu relato, feito numa mistura de francês e inglês, foi substancialmente o mesmo.

— Déroulard ficou subitamente com o rosto muito vermelho e caiu no chão.

Não havia mais nada a se descobrir por esse lado. Fui para o local da tragédia, o escritório. A meu próprio pedido, deixaram-me sozinho. Até aí, eu ainda não encontrara coisa alguma que pudesse confirmar a teoria de Mlle Virginie. Não podia deixar de pensar que não passava de ilusão. Evidentemente, ela acalentara uma paixão romântica pelo falecido, o que não lhe permitia encarar o caso por um prisma racional. Não obstante, dei uma busca meticulosa no escritório. Era possível que tivessem colocado uma seringa hipodérmica na cadeira do falecido, de maneira a aplicar-lhe uma injeção fatal. Era mais do que provável que a picada minúscula passasse despercebida. Mas não descobri nenhum indício que pudesse confirmar essa teoria. Sentei-me na cadeira, com um gesto de desespero, dizendo em voz alta: — Enfim, desisto! Não há a menor pista! Tudo está perfeitamente em ordem! No momento em que acabei de pronunciar essas palavras, meus olhos se fixaram numa grande caixa de bombons que estava numa mesa próxima. Senti o coração disparar. Podia não ser uma pista para a morte de M. Déroulard, mas era pelo menos algo que não se podia considerar normal. Levantei a tampa. A caixa estava cheia, parecia intacta. Não faltava um único bombom. Mas isso só contribuiu para que eu achasse a coisa ainda mais estranha. O detalhe que me atraiu a atenção, Hastings, foi o fato de que a caixa propriamente dita era rosa, enquanto a tampa era azul! Encontrasse frequentemente uma fita azul numa caixa rosa e vice-versa. Mas uma caixa de uma cor com tampa de outra... não, decididamente, ça ne se voit jamais! Eu ainda não podia perceber que utilidade esse pequeno detalhe poderia ter no esclarecimento do caso, mas estava disposto a investigá-lo, já que se tratava da única coisa fora do comum. Toquei a campainha, chamando François. Perguntei-lhe se o falecido patrão gostava de bombons. Um sorriso triste se estampou no rosto de François.

— Para dizer a verdade, monsieur, ele adorava bombons. Tinha sempre uma caixa em casa. Acho que era porque nunca tomava vinho. — E, no entanto, esta caixa não foi tocada, não é mesmo? — indaguei, levantando a tampa.

— É uma caixa nova, comprada no dia da morte do patrão, já que a outra estava quase acabando.

— Quer dizer que a outra caixa acabou no dia em que ele morreu?

— Exatamente, monsieur. Encontrei-a vazia pela manhã, e joguei-a fora.

— M. Déroulard costumava comer bombons a todas as horas do dia?

— Geralmente só os comia depois do jantar, monsieur.

Comecei a enxergar as coisas com alguma clareza.

— Será que poderia ser discreto, François?

— Se for necessário, monsieur.

— Bon! Neste caso, quero que saiba que sou da polícia. Pode localizar-me a outra caixa?

— Sem a menor dúvida, monsieur. Deve estar ainda na lata de lixo.

François retirou-se. Voltou minutos depois, com um objeto coberto de poeira. Era exatamente igual à caixa que estava no gabinete, com uma única diferença: a caixa propriamente dita era azul, enquanto a tampa era rosa. Agradei a François, recomendei-lhe novamente que nada revelasse e deixei a casa da Avenue Louise.

Fui visitar o médico que atendera M. Déroulard. Não foi uma entrevista fácil. Ele se entrincheirou por trás de uma muralha de fraseologia erudita. Mas tive a impressão de que não estava tão seguro a respeito do caso quanto queria aparentar. Quando consegui finalmente desarmá-lo um pouco, ele comentou: — Tem havido muitas ocorrências desse tipo. Um súbito acesso de raiva, uma emoção violenta... depois de um copioso jantar, c'est entendu ... o sangue sobe à cabeça e... pronto! Temos mais uma vítima!

— Mas M. Déroulard não teve nenhuma emoção violenta.

— Não? Pelo que eu soube, ele estava tendo uma violenta discussão com M. de Saint-Alard.

— Por que os dois iriam discutir?

— C'est évident! — O médico deu de ombros e acrescentou: — M. de Saint-Alard não era um católico dos mais fanáticos? A amizade entre os dois estava sendo destruída pela questão entre a Igreja e o Estado. Não se passava um só dia sem que discutissem. Para M. de Saint-Alard, M. Déroulard era quase como se fosse o Anticristo.

Era uma revelação inesperada e deu-me o que pensar.

— Só mais uma pergunta, doutor: seria possível introduzir uma dose fatal de veneno num chocolate?

— Acho que sim. Ácido prússico puro poderia ser introduzido num bombom, se não houvesse possibilidade de evaporação. Poderia ser engolido sem que a pessoa percebesse. Mas não parece ser uma suposição das mais prováveis. Um bombom cheio de morfina ou estriknina ... — O médico fez uma careta antes de continuar: — Uma só mordida seria suficiente, M. Poirot. O incauto morreria quase instantaneamente.

— Obrigado, monsieur le docteur.

Retirei-me. Em seguida, fui interrogar os farmacêuticos, especialmente os estabelecidos nas proximidades da Avenue Louise. É muito bom ser da polícia. Obtive a informação que desejava sem maiores dificuldades. Somente um dos farmacêuticos vendera veneno para a casa em questão. Tinham sido algumas gotas de sulfato de atropina, que Mme Déroulard usava nos olhos. A atropina é um veneno poderoso. No momento, fiquei exultante. Mas os sintomas de envenenamento por atropina são muito parecidos com os da ptomaína. Não tinham a menor semelhança com o caso que eu estava investigando. Além do mais, a receita era antiga. Mme Déroulard sofria de catarata em ambos os olhos havia muitos anos.

Eu já ia me afastando, desanimado, quando o farmacêutico me chamou: — Um momento, M. Poirot! Estou lembrando agora que a moça que aqui esteve comentou que precisava ir a outro farmacêutico a fim de comprar alguma coisa para o inglês. Talvez isso lhe permita descobrir o que está procurando.

E realmente o descobri, graças a minha posição oficial. No dia anterior à morte de M. Déroulard, outro farmacêutico aviara uma receita para o sr. John Wilson. Não era nada de mais, simples tabletes de trinitrina. Perguntei se podia ver algum desses tabletes. O farmacêutico mostrou-os, e senti o coração bater mais depressa ... pois os pequenos tabletes pareciam de chocolate!

— Isso é veneno?

— Não, monsieur.

— Pode descrever-me os efeitos?

— Serve para baixar a pressão sanguínea. É receitado para algumas formas de distúrbios do coração, como angina pectoris, por exemplo. Alivia a tensão arterial. Na arterioesclerose ...

Interrompi-o bruscamente: — Ma foi! Isso não me diz nada. Essa droga faz com que o rosto da pessoa fique vermelho?

— Claro.

— E se eu comesse dez ou vinte desses tabletes ... o que aconteceria?

— Eu não o aconselharia a tentar — respondeu o farmacêutico, secamente.

— Mesmo assim, diz que não é veneno?

— Há muitas coisas que não são consideradas veneno, mas podem matar uma pessoa.

Deixei a farmácia, exultante. Finalmente parecia estar no caminho certo! Sabia agora que John Wilson dispusera dos meios para cometer o crime.

Mas será que teria algum motivo? Ele viera à Bélgica a negócios e fora hospedado por M. Déroulard, a quem conhecia apenas ligeiramente. Em princípio, não havia nenhum meio de a morte de Déroulard beneficia-lo. Além disso, descobri também, através de investigações na Inglaterra, que havia alguns anos ele sofria dessa forma de doença do coração bastante dolorosa conhecida como angina. Portanto, não havia nada de anormal em estar de posse daqueles tabletes. Não obstante, eu estava convencido de que alguém fora mexer na caixa de bombons, abrindo primeiro, por engano, a que estava cheia. Depois, pegara a outra caixa, removera toda a parte interior do último bombom e colocara ali o máximo possível de tabletes de trinitrina. Os bombons eram grandes, podiam conter perfeitamente de vinte a trinta tabletes. Mas quem teria feito isso? Havia dois hóspedes na casa. John Wilson tinha os meios; Saint-Alard, o motivo. Não se esqueça de que ele era um fanático, e não há fanático pior que o religioso. Será que ele encontrara alguma maneira de se apoderar da trinitrina de John Wilson? Ocorreu-me outra pequena ideia. Ah, você sorri de minhas pequenas ideias! Por que Wilson ficara sem trinitrina? Certamente deveria ter trazido um suprimento adequado da Inglaterra. Fui novamente visitar a casa da Avenue Louise. Wilson não estava, mas conversei com a moça que arrumava o quarto dele, Félicie. Perguntei-lhe imediatamente se não era verdade que o sr. Wilson perdera um vidro há algum tempo. Ela respondeu, com a maior ansiedade, que era verdade, que inclusive fora responsabilizada por isso. O cavalheiro inglês pensara que ela quebrara o vidro e ficara com medo de confessar. Mas ela, Félicie, nem sequer tocara nele. Certamente fora Jeannette... sempre bisbilhotando onde não devia ...

Tratei de estancar seu fluxo de palavras e me retirei. Já sabia tudo o que precisava saber. Restava-me agora obter as provas necessárias. Tinha certeza de que não seria fácil. Eu podia estar absolutamente convencido de que Saint-Alard tirara o vidro de trinitrina de John Wilson, mas teria que obter provas para convencer os outros. E não tinha nenhuma para apresentar! Mas não importava. Eu sabia... e isso era o mais importante.

— Lembra-se de nossa dificuldade no caso de Styles, Hastings? Eu também sabia de tudo, mas levei bastante tempo para descobrir o último elo que iria incriminar o assassino. Solicitei uma entrevista com Mlle Virginie. Ela foi procurar-me imediatamente. Pedi-lhe o endereço de M. Saint-Alard. Uma expressão ansiosa se estampou em seu rosto.

— Por que deseja saber, monsieur?

— É absolutamente necessário, mademoiselle.

Ela parecia desconfiada, apreensiva.

— Ele nada poderá dizer-lhe. É um homem cujos pensamentos não estão neste mundo. Mal percebe o que está acontecendo a seu redor.

— É possível, mademoiselle. Não obstante, era um velho amigo de M. Déroulard. Talvez possa nos dar informações úteis... coisas do passado... velhos ressentimentos ... antigos casos de amor ... A jovem corou e mordeu levemente o lábio.

— Como quiser... mas... mas... tenho certeza agora de que me enganei. Foi muito generoso ao atender meu pedido, mas eu estava na ocasião bastante transtornada... profundamente abalada. Compreendo agora que não há mistério algum para ser esclarecido. Abandone o caso, por favor, monsieur.

Fitei-a atentamente.

— Mademoiselle, às vezes é difícil para um cachorro farejar um cheiro. Mas a partir do momento em que consegue farejá-lo, nada no mundo poderá fazer com que se desvie da pista. Isto é, se for um bom cachorro. E eu, mademoiselle, eu, Hercule Poirot, sou um excelente perdigueiro! Sem dizer mais nada, ela se retirou. Voltou alguns minutos depois, com o endereço escrito num pedaço de papel. Deixei a casa. François estava me esperando do lado de fora. Parecia nervoso.

— Alguma novidade, monsieur? — Ainda não, meu amigo.

— Ah, pauvre M. Déroulard! Também penso como ele. Não gosto dos padres. É verdade que jamais diria isso nesta casa. As mulheres são tidas devotas ... o que talvez seja uma boa coisa. Madame est très pieuse... et Mlle Virginie aussi. *(A senhora é muito piedosa... e a srta. Virginie também.)* — Mlle Virginie? Ela também era "três pieuse"? — Recordei-me, pensativo, do rosto apaixonado e abalado pelas lágrimas que vira naquele primeiro dia.

Tendo obtido o endereço de M. Saint-Alard, não perdi tempo. Fui até as proximidades de seu château, nas Ardentes, mas passaram-se alguns dias antes que conseguisse encontrar um pretexto para visitá-lo. Acabei entrando na casa, imagine como?, como um encanador, mon ami! Não foi difícil providenciar um pequeno vazamento de gás no quarto dele. Saí para buscar minhas ferramentas e tomei a precaução de só voltar numa hora em que sabia que não seria incomodado. Não vou dizer que soubesse exatamente o que estava procurando. Mas tinha certeza de que não teria a menor possibilidade de encontrar o que era realmente importante. Saint-Alard jamais correria o risco de guardá-lo.

Mesmo assim, quando encontrei um pequeno armário trancado, acima do lavatório, não pude resistir à tentação de ver o que havia lá dentro. Era

uma fechadura simples, fácil de abrir. Não tive a menor dificuldade. O armário estava repleto de vidros. Examinei-os, um a um, com as mãos trêmulas. E, de repente, soltei um grito. Imagine só, meu amigo, que eu tinha nas mãos um pequeno frasco com o rótulo de um farmacêutico inglês. E nele estavam escritas as seguintes palavras: "Tabletes de trinitrina. Tomar um, quando necessário. Sr. John Wilson".

Controlei minha emoção, fechei o pequeno armário, meti o vidro no bolso e continuei a consertar o vazamento de gás. Afinal, não se pode deixar de ser metódico. Depois, deixei o chateau e peguei o primeiro trem para meu país. Cheguei a Bruxelas tarde da noite. Pela manhã, estava escrevendo um relatório para o *préfet (prefeito)* quando recebi um bilhete. Era da velha Mme Déroulard, e me convocava para um encontro imediato na casa da Avenue Louise.

François abriu-me a porta.

— Madame la barone está a sua espera.

Conduziu-me aos aposentos dela. Mme Déroulard estava sentada, imponente, numa poltrona. Mlle Virginie não estava presente.

— M. Poirot, acabei de saber que não é o que declarou. É um oficial da polícia.

— Exatamente, madame.

— Veio a esta casa para investigar as circunstâncias da morte de meu filho?

— Exatamente, madame.

— Ficaria agradecida se pudesse dizer-me o que já descobriu.

Hesitei um momento.

— Primeiro, madame, eu gostaria de saber como descobriu minha verdadeira identidade.

— Por intermédio de alguém que não está mais neste mundo.

As palavras dela e a maneira solene como as pronunciou provocaram-me um calafrio. Por um momento, não fui capaz de dizer nada.

— Portanto, monsieur, peço-lhe que me diga exatamente o que já descobriu em suas investigações.

— A investigação está encerrada, madame.

— E meu filho ... ?

— Foi morto deliberadamente.

— Sabe por quem?

— Sei, madame.

— E quem foi?

— M. de Saint-Alard.

A velha senhora sacudiu a cabeça.

— Está enganado. M. Alard é incapaz de um crime assim.

— Tenho todas as provas.

— Peço-lhe mais uma vez que me conte tudo.

Desta vez obedeci, relatando todas as etapas que me haviam levado à descoberta da verdade. Ela ouviu atentamente. Ao final, assentiu e disse: — Foi tudo exatamente como disse, exceto uma coisa. Não foi M. de Saint-Alard quem matou meu filho. Fui eu, sua própria mãe.

Fiquei atordoado. Ela continuou a menear a cabeça, gentilmente.

— Foi ótimo eu tê-lo chamado. E foi a providência do bom Deus que levou Virginie a me contar o que fizera, antes de partir para o convento. Quero que preste toda a atenção, M. Poirot. Meu filho era um homem diabólico. Perseguia a Igreja. Levou uma existência de pecado mortal. E arrastou outras almas para a lama. Mas houve algo pior do que isso. Certa manhã, quando eu saía do meu quarto, aqui nesta casa, avistei minha nora parada no alto da escada. Estava lendo uma carta. Vi meu filho se aproximar dela, por trás, silenciosamente. Um rápido empurrão, e ela caiu, batendo a cabeça nos degraus de mármore. Já estava morta quando a pegaram. Meu filho era um assassino, e eu, sua mãe, era a única que sabia disso.

Fechou os olhos por um momento.

— Não pode imaginar, monsieur, a minha agonia, o meu desespero. O que deveria fazer? Denunciá-lo à polícia? Não podia fazer isso. Era meu dever, mas minha carne era fraca. Além do mais, será que acreditariam em mim? Há algum tempo que minha visão vinha enfraquecendo cada vez mais. Diriam simplesmente que eu me enganara. Mas a consciência não me deu sossego. Ao manter silêncio, também eu era uma assassina. Meu filho herdara o dinheiro da esposa, e tudo lhe saía bem. Agora, estava para ganhar uma pasta no ministério. E havia Virginie. A pobre criança, linda, naturalmente devota, estava fascinada por meu filho. Ele possuía um estranho e terrível poder sobre as mulheres. Vi o que estava para acontecer. Nada podia fazer para evitá-lo. Ele não tinha a menor intenção de se casar com Virginie. E chegara o momento em que ela estava preparada para ceder-lhe tudo. Foi então que compreendi o que deveria fazer. Ele era meu filho. Eu lhe dera a vida. Era responsável por ele. Meu filho matara o corpo de uma mulher, agora ia matar a alma de outra! Fui ao quarto do sr. Wilson e peguei o vidro de tabletes. Ele dissera certa ocasião, rindo, que os tabletes podiam matar um homem. Fui em seguida para o gabinete e abri a grande caixa de bombons que sempre ficava em cima da

mesa. Por engano, abri uma caixa nova. A outra também estava em cima da mesa. Só restava um bombom. Isso simplificava a coisa. Ninguém mais comia, a não ser meu filho e Virginie. Eu a manteria ocupada ao meu lado naquela noite. Tudo transcorreu conforme eu planejara ... Fez uma pausa, fechando os olhos novamente. Logo tornou a abri-los, e acrescentou: — Estou em suas mãos, M. Poirot. Disseram que não me restam muitos dias de vida. Estou disposta a responder por meu ato perante o bom Deus. Devo fazê-lo também aqui na terra?

Hesitei um momento e depois disse, para ganhar tempo: — Mas o vidro vazio, madame! Como foi parar em poder de Monsieur Saint-Alard?

— Quando ele foi se despedir de mim, monsieur, meti o vidro no bolso dele. Não sabia como iria livrar-me daquele vidro. Estou tão fraca que praticamente não posso andar sem a ajuda de alguém. Se descobrissem o vidro vazio em meus aposentos, isso iria certamente despertar suspeitas. Quero que compreenda, monsieur... — Fez uma breve pausa, empertigando-se, antes de arrematar: ... que não tinha a menor ideia de lançar suspeitas sobre Monsieur Saint-Alard. Isso jamais passou-me pela cabeça. Pensei que o valete dele iria encontrar o vidro vazio e jogaria fora, sem pensar mais no caso.

Baixei a cabeça e murmurei: — Claro que compreendo, madame.

— E qual é a sua decisão, monsieur?

A voz dela era firme e forte, a cabeça estava mais erguida do que nunca. Levantei-me.

— Madame, tenho a honra de desejar-lhe muito bom dia. Fiz algumas investigações... e fracassei! O caso está encerrado!

Poirot ficou em silêncio por algum tempo, murmurando em seguida: — Ela morreu apenas uma semana depois. Mademoiselle Virginie passou pelo noviciado e fez os votos. É esta a história, meu amigo. Não posso deixar de reconhecer que meu papel não foi dos melhores.

— Mas a rigor, não se pode considerar que foi um fracasso, Poirot. O que mais você poderia ter pensado, nas circunstâncias?

— Ah, sacré, mon ami! — gritou Poirot, animando-se subitamente. — Será que não percebe? Mas eu fui trinta e seis vezes idiota! Minhas células cinzentas absolutamente não funcionaram! O tempo todo eu tive a verdadeira pista em minhas mãos!

— Que pista? — *A caixa de bombons!* Não percebe? Alguém, com a visão perfeita, poderia cometer um erro daqueles? Eu sabia que Madame Déroulard sofria de catarata, por causa das gotas de atropina. Somente uma pessoa naquela casa não podia perceber que estava repondo as tampas

trocadas. Foi a caixa de bombons que me lançou na pista. E, no final, acabei não entendendo o verdadeiro significado! "Além disso, minha psicologia também foi falha. Se Monsieur Saint-Alard fosse o criminoso, jamais iria guardar o vidro incriminador. A descoberta do vidro em seu poder era uma prova de inocência. Eu já sabia, informado por Mademoiselle Virgínie, que ele era um homem extremamente distraído. No todo, foi um caso lamentável. Você é a única pessoa a quem já o contei. Uma velha senhora comete um crime de maneira tão simples e inteligente que até eu, Hercule Poirot, sou completamente enganado. Sapristi! É melhor até nem pensar neste caso! Esqueça-o! Ou melhor, não o esqueça. E se algum dia achar que me estou tornando por demais presunçoso ... o que não é provável, mas pode acontecer...

Disfarcei um sorriso e Poirot acrescentou: — Eh bien, meu amigo, basta dizer-me "Caixa de bombons". Combinado?

— Negócio fechado!

— Mas, no final das contas, foi uma boa experiência — murmurou Poirot, pensativo. — Eu, que indubitavelmente possuo o melhor cérebro da Europa na atualidade, posso dar-me ao luxo de ser magnânimo!

— Caixa de bombons — falei, gentilmente.

— Pardon, mon ami?

Olhei para o rosto inocente de Poirot, inclinado em minha direção, com uma expressão inquisitiva. Senti um aperto no coração. Sofrera muitas vezes nas mãos dele. Mas eu também, embora não possuísse o melhor cérebro da Europa, podia dar-me ao luxo de ser magnânimo.

— Nada — menti. E acendi novamente o cachimbo, sorrindo para mim mesmo.

FIM